



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montagne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

BIBLIOTHECA D'A PROVINCIA

CARNEIRO VILELLA

NOEMIA

QUARTO MILHEIRO

RECIFE
EMPRESA D'A PROVINCIA
rua Quinze de Novembro, 49 e 51 e caes da Regeneração, 42, 44 e 44 A

1894

PRIMEIRA PARTE

A CALUMNIA

I

Estava em festa o engenho do coronel Eça de Mello. Desde a vespera que uma azáfama extraordinária reinava na casa de vivenda reproduzindo-se nas senzalas e pondo todo o pessoal de casa e de campo n'uma actividade fóra do commum.

Não motivavam essa azáfama desusada os trabalhos da moagem, porque estava-se a 23 de Dezembro e desde o dia 20 que o engenho pejava em fêrias, como era costume do seu proprietario, para commemorar as festas do Natal.

Mas originava-se todo esse reboiço do facto, não de ser o dia seguinte a vespera do consagrado por toda a Christandade como natalicio do Redemptor da humanidade, mas de coincidir elle com o anniversario da filha do senhor do engenho, a gentil Noemia, e constituir por isso a epocha annual de maior regosijo e de maiores festas naquella opulenta propriedade rural.

Dissemos opulenta propriedade e de proposito o fizemos, porque o engenho do coronel Eça de Mello, situado poucas leguas apenas da capital, á margem de uma das nossas vias ferreas e á pequena distancia de nma das suas estações, para a qual poder-se-hia ir até a pé, estava montado de forma excepcional e, ostentando uma prosperidade digna de inveja, poderia quasi julgar-se uma fabrica de assucar modelo, tendo, como tinha sahido, havia poucos annos, da habitual rotina em que se mantinham ainda os seus competidores.

Passa-se esta historia naquelles tempos, nos quaes os sentimentos humanitarios e a voz da civilisação ainda não tinham despertado os corações brazileiros e, por isso, não se havia tambem lavado ainda do coração da patria, após a brilhante campanha do abolicionismo, a nodoa negra da escravidão, que os nossos maiores nos haviam legado como uma herança vergonhosa da colonia.

O trabalho livre ainda não havia substituido o trabalho

escravo e, por isso, imposto de alguma forma á nossa agricultura roneira e rotineira os melhoramentos que a vão hoje revigorando, como mesmo que a fazendo renascer e prosperar, não obstante os mil impecilhos que tolhem-lhe a expansão, sendo o principal d'elles o estado precario, lastimoso, assustadiço e dissolvente da politica, que influe sobre todos os ramos de actividade e que se reflecte em todas as cousas da patria.

As usinas não tinham ainda importado os seus processos modernos nem aberto ao plantio, á cultura, á moagem da canna e ao fabrico do assucar os novos e largos horisontes, que hoje se descortinam, transformando todo o antigo sistema.

Naquelles tempos, pois, todo o engenho que se afastasse dos moldes usuaes, tornava-se, só por esta excepção, uma fabrica extraordinaria, digna de todos os respeitoes, precursora, como era, dos melhoramentos que já hoje a ninguem espantam, porque com elles todos estão familiarisados.

Estava justamente nesse caso o engenho do Coronel Eça de Mello : digamos, porém, desde já que não fôra isto devido ao seu proprio impulso, mas sim ao impulso espontaneo de uma intelligencia vigorosa e de um braço forte, que o acaso puzera ao seu dispor, como se verificará no decurso desta historia, veridica aliás até nas suas mais insignificantes minudencias.

Se não fosse essa intelligencia, esse braço espontaneo, que o acaso, providencialmente talvez, lhe puzera ao alcance fazendo-os influir no seu animo, arrastando-o nos seus committimentos e fazendo-o partilhar do seu enthusiasmo, o Coronel Eça de Mello nunca teria tido a lembrança de sahir dos limites estreitos da rotina em que havia sempre labutado e em que labutavam e labutariam ainda por muito tempo os seus companheiros e collegas ; porque o Coronel não era homem de grandes luzes, desconhecia todos os processos modernos do ramo de vida que explorava e, digamos desde já, pelo seu espirito e pela cultura d'elle não era homem para por si só se metter em grandes empreendimentos.

Descendente directo de uma abastadissima familia de agricultores, o Coronel Eça de Mello nunca sahira de seu matto, como elle mesmo costumava dizer, só frequentando a cidade : em moço, quando as exigencias do pai ou do seu negocio o obrigavam, e depois de homem e casado, quando a isto o forçou a educação de sua unica filha.

Em todas essas vezes, porém, nunca se pôde amoldar ao viver cidadão, sendo que de todas ellas trazia para seu engenho uma especie de tedio, que elle procurava justificar pela corrupção dos costumes, de que fôra sempre testemunha e com

o qual não se conformava a sua natureza impolluta, demais a mais, desenvolvida por uma educação severa, severa até o rigorismo.

Eça de Mello apparentava um character sem jaça, nobre e altivo, mas ao mesmo tempo impressionavel, violento no primeiro impúlso, embora capaz de ceder ao depois ao raciocinio, ao proprio raciocinio unicamente, e não ás suggestões ou imposições estranhas.

Apezar d'isto e talvez por isto mesmo, a sua mocidade, sem ter sido tempestuosa, pois lh'o vedava a educação, não fôra de todo isenta de alguns peccados, desses a que a sociedade capitula apenas de veniaes, embora a honra muitas vezes os encare com mais rigor e os condemne com toda a razão.

Desses feitos, porém, o que aliás fôra levado por amizades pouco escolhidas, conservava elle uma recordação dolorosa, uma especie de remorso que o perseguia incessantemente, dando motivo talvez a que o seu character se tivesse tornado no que era agora.

De uma de suas façanhas de moço, sobretudo, occorrida na capital, ha uns vinte e tantos annos, quando elle por lá teve de demorar-se maior espaço de tempo, ficara-lhe uma recordação eterna, que por muito tempo fôra o seu martyrio e que ainda agora o torturava como um espinho que houvesse ficado na sua consciencia.

Essa sua rapazeada ficára ignorada por toda a familia e mesmo por todo o mundo, a excepção de um amigo intimo e leal, que della fôra confidente, e isto mesmo por circumstancias fortuitas, como a leitora verá mais tarde, quando as peripecias deste drama intimo impuzerem a sua revelação como uma fataldade inevitavel.

Depois, Eça de Mello perdera seus pais e, como debalde tivesse procurado sanar o mal que havia feito, n'um momento de desvario, casára-se aos trinta annos, por amor, com uma prima affastada e pobre, que se tornou para elle desde logo, além de uma companheira fiel, um auxiliar poderosissimo.

Viveu, portanto, completamente feliz durante dez annos, lastimando sómente que o céo não houvesse de todo abençoado a sua união.

No fim desse tempo, porém, teve a suprema ventura de ver nascer-lhe uma filha, ao mesmo tempo que esse acontecimento vinha amargurar-lhe a existencia, causando a morte daquella que era a alegria do seu lar.

Desde então concentrára Eça de Mello todos os affectos e ternura do seu coração naquella filha, que o céo lhe concedera como uma consolação, embora lhe estivesse a avivar

saudades a cada momento e a tornar-lhe mais pesados os cuidados do futuro.

Por ella e para ella vivia ; e si, apezar de bastante rico, esforçava-se ainda em accumular capitaes sobre capitaes, tornando-se um dos primeiros proprietarios ruracs da sua terra, erasómente para que aquelle futuro, que tanto cuidado lhe dava, pudesse desenvolver-se aos pés de sua filha como um mar de rosas, tão certo estava elle que é a fortuna que proporciona todos os bens, todos os gosos, toda a felicidade material, emfim, o que não deixa de concorrer para que a felicidade moral seja menos difficil e, uma vez obtida, seja de todo completa.

E a espera desse futuro, a que elle talvez já não assistisse em vista dos seus cincoenta e cinco a sessenta annos, procurava tornar para sua filha o presente o mais agradavel possível, enchendo-a de mimos, cercando-a de commodos, fazendo-lhe da vida quasi que uma festa continua.

Era justamente por isto que o seu engenho se achava todo alvoraçado naquelle dia 23 de Dezembro.

No dia seguinte Noemia faria annos, e seu pai, como aliás era de costume inveterado, aproveitava a occasião e o pretexto para, festejando com todo o esplendor o seu decimo oitavo anniversario, lhe patentear mais uma vez os thesouros de sua ternura, ao mesmo tempo que ostentava os recursos da sua fortuna, a prosperidade do seu engenho e a magnificencia de sua casa.

II

A festa deveria ser deslumbrante e exceder ás anteriores, a julgar pelos preparativos extraordinarios que se faziam e para os quaes se haviam reunido os esforços e a boa vontade de todos quantos faziam parte do innumero pessoal do engenho, desde o mais graduado até o mais humilde.

Os escravos, querendo surprehender o *senhor velho* e a *sinhá moça*, como chamavam de preferencia, haviam cortado folhas de palmeira, de dendêzeiro, em grande cópia, e no logar mais occulto da senzala teciam grandes festões, com os quaes, durante a madrugada, pretendiam levantar arcos triumpheaes desde a porteira principal do cercado até o portão de ferro que fechtava o gradil de um jardim, por onde era preciso atravessar para chegar á escadaria da varanda da *casa grande*, isto é, da casa de vivenda, jardim que continha as flores mais raras e estava a cargo exclusivo de Noemia.

Outros escravos, porém, os mais moços, davam a ultima de mão aos balões de côres, destinados a illuminarem o edificio e as suas dependencias, sob a direcção intelligente e affectuosa de um mancebo, a quem ouviam com attenção e pareciam obedecer com particular contentamento.

Merece este mancebo uma ligeira descripção, por isso que tem de representar importante papel em todo este drama, além de ser como que a alma da propriedade do coronel Eça de Mello. E' elle justamente a intelligencia robusta e o braço forte, que a providencia poz ao serviço do coronel, e aos quaes o seu engenho devia todos os seus melhoramentos, toda a prosperidade de que gosava.

Com vinte e tres annos apenas, e de estatura pouco além de mediana, tinha um porte tão grave e um ar habitualmente tão melancolico, que captava a sympathia de quantos o viam, ao mesmo tempo que impunha respeito a quantos sob as suas ordens trabalhavam.

No seu rosto de um moreno pallido, um pouco descarnado, duas cousas sobresahiam e prendiam logo a attenção de quem o encarava: a fronte espaçosa e alta, coroada por cabellos pretos ligeiramente crespos, e os olhos vivos e brilhantes, incisivos, prescrutadores, sombreados por longas pestanas negras, que lhe davam uma expressão de languidez quasi

feminina, amortecendo quasi sempre a luz excessiva das pupilas.

E não obstante essa mocidade attestada pela maciez da cutis e pelo pequeno bigode, antes buço, que lhe sombrea o labio superior; não obstante essa tristeza continua que parece formar o fundo do seu character, a physionomia desse mancebo revela uma masculinidade potente, trahe um espirito prompto em suas resoluções, indica que pertence a um homem de acção. E isto mesmo já tinha elle mostrado por mais de uma vez.

Quem era elle, emfim? Pertencia á familia? Não. Como viera então a fazer parte do pessoal do engenho e sobretudo como adquirira alli a ascendencia que todos acceitavam e que ninguém pretendia contestar?

E' o que vamos dizer em poucas palavras, aproveitando a occasião para dar esclarecimento sobre um outro personagem que, sem fazer parte do pessoal do engenho, todavia a elle se achava ligado pelos laços da maior intimidade e quasi que pela communidade de interesses.

O engenho do coronel Eça de Mello constituia um verdadeiro latifundio e, dispondo de terras extensissimas, era dividido em diversos sitios, que o seu proprietario cedia a escolhidos lavradores para os explorarem com a pequena lavoura uns e outros com o proprio plantio da canna, que o senhor do engenho moia mediante a meiação, como era uso então, como ainda hoje se pratica, embora em alguns logares por uma porcentagem menos onerosa.

Em um d'esses sitios, o melhor d'elles, e que pela sua extensão e qualidade de terras talvez pudesse por si só constituir um pequeno engenho, morava actualmente o Dr. Pedro Honorio, antigo cirurgião do exercito, reformado no posto de major, depois de ter prestado relevantes serviços nos hospitacs de sangue durante a guerra do Paraguay.

Filho de uns antigos lavradores do pai de Eça de Mello, Pedro Honorio, antes de seguir a carreira da medicina e das armas, nascido e creado naquelles mesmos logares, relacionara-se com o menino e depois com o moço Eça de Mello, cimentando assim a convivencia da infancia e da mocidade entre os dois uma amizade sincera e robusta, que nunca mais desmentio-se, concorrendo o tempo e a propria ausencia, que o antagonismo das respectivas profissões impunha por mais de uma vez, para tornal-a mais profunda e mais estreita.

Havia dois annos apenas que o Dr. Pedro Honorio, a instancias de Eça de Mello por um lado e por outro instado pela propria vontade, viera estabelecer-se alli e alli se entregara ás doçuras da vida do campo sem deixar comtudo de clinicar pela redondeza, prestando os seus serviços ao rico e ao po-

bre, tanto nos engenhos visinhos onde os seus honorarios não eram regateados, como nas cabanas e mocambos, onde muitas vezes debaixo da receita elle deixava a importancia dos remedios, da dieta e muitas vezes o salario do trabalhador durante a semana.

Em pouco tempo, pois, relacionara-se com todos do lugar, grandes e pequenos, tornando-se tão bemquisto e procurado, até para os negocios alheios á sua profissão, que muitas vezes o coronel Eça de Mello, que era incontestavelmente o homem de mais prestigio e influencia alli, lhe dizia sorrindo :

—Meu caro Doutor : você está me solapando o poder e desta fórma acabo por encher-me de ciúmes. Mas tome cuidado, porque os meus ciúmes são terríveis.

lamo-nos esquecendo de acrescentar uma circumstancia : o Dr. Pedro Honorio era padrinho de Noemia, bem como a sua mulher era a madrinha, dedicando ambos á menina uma ternura maternal, o que não deixava de tornar mais solida e affectuosa a amizade dos dois velhos.

Quasi da mesma idade de Eça de Mello, Pedro Honorio apresentava a mesma robustez de formas e a mesma exuberancia de saude. Era alto, espigado, ostentando todo o garbo militar de que sempre fizera gala no corpo de saude, a que pertencera : usava barbas inglezas e tinha a physionomia mais sympathica, que é possível imaginar, apesar dos seus cabellos grisalhos, cortados á escovinha, e das suas sobrancelhas espessas, que, por mais que elle quizesse não podiam encobrir nem modificar a bondade do seu olhar, como o seu bigode farto não encobria nem modificava a expressão habitualmente meiga da sua bocca.

Ora, a presença no engenho daquelle mancebo, que deu occasião a estes esclarecimentos, era devida, pura e simplesmente, ainda que de uma forma indirecta, ao Dr. Pedro Honorio.

Ainda este não viéra estabelecer-se nas terras de Eça de Mello e clinicava na cidade, onde abrira o seu consultorio, logo depois de reformado, quando um dia pela manhã o senhor de engenho recebeu uma carta, que o poz em alvoroço, não só a elle, como á Noemia, então de quinze annos, e á toda a casa.

Apenas lida a carta, chamara a mulata velha e de confiança, antiga ama da menina, que exercia as funções de mordoma sob as ordens de sua joven senhora, e ordenou-lhe que preparasse o quarto dos hospedes, recommendando-lhe que empregasse nisto mais zelo e mais cuidado do que das outras vezes, e dando ao mesmo tempo providencias exceptionaes, que despertaram na menina a mais viva curiosidade.

—Vamos ter hospedes, papai?—perguntou ella, passando os braços pelo pescoço do coronel com uma meiguice encantadora.

—Vamos—respondeu elle, dando-lhe um beijo na fronte, e envolvendo-a n'um olhar de ternura, o que aliás acontecia sempre que os dois se approximavam.

—E quem são ? eu conheço?—continuuou ella.

—Um, conheces : é o teu padrinho...

—Bravo ! bravo !—interrompeu-o Noemia, batendo palmas e inundando-se-lhe os olhos de alegria—ha mais de dois mezes que o não vejo !... E o outro quem é ?

—Que outro ?—perguntou o velho sorrindo.

—O outro hospede, papai disse : um é o teu padrinho : logo ha outro : quem é ?

—Não sei.

—Papai não sabe... ou não quer dizer ?

—Não sei, serio ! olha : queres ler a carta de teu padrinho ?

—Eu ? para que ? basta o que papai disse.

—Só sei que é um doente.

—Doente?... coitado. Quem será ?

—Algum amigo do Doutor.

O dialogo ficou então por alli : e Noemia, ainda que um pouco pensativa, correu ao encontro da mãe Anna—a mulata que lhe servira de ama—e pôz-se a ajudal-a no preparo do quarto dos hospedes.

A' tarde, meia hora antes da chegada do trem de ferro á estação, que se avistava da casa de vivenda, o coronel mandou apparelhar o carro e deu ordem para que elle fosse esperar os passageiros que viessem para o engenho.

Apenas o carro seguiu o seu destino, o coronel sentou-se em sua espreguiçadeira á espera, e Noemia, mais impaciente e curiosa, munio-se de um pequeno binoculo e postou-se na varanda, perlustrando toda a estrada.

Porfim, ouviu-se o apito da locomotiva : appareceu o trem, passou com a rapidez do raio por defronte do cercado do engenho... foi diminuindo a carreira e parou defronte da estação. Noemia assestou o binoculo e pouco depois deu um gritozinho de alegria :

—Lá está o padrinho, papai : apeiou-se agora mesmo na plataforma.

O coronel ergueu-se, postou-se ao lado da filha, e formando com a mão direita uma pala sobre os olhos, concentrou toda a attenção no lugar onde os vagons despejavam passageiros.

—Não distingo nada—disse elle no fim de algum tempo —dá-me o binoculo.

Recebeu o binoculo das mãos da menina e continuou a observar.

—Com effeito—disse logo—o compadre apeiou-se e dá a mão a uma pessoa que vai descendo agora... é sem dúvida o seu doente, que, por algum tempo, vai também ser nosso.

—Quem é, papai! conhece-o?

—Não lhe vejo bem as feições, porque vem embrulhado n'uma especie de chale. Apoia-se agora ao braço do Doutor e parece andar com difficuldade. Deve estar bastante doente.

E como a filha fizesse um gesto, o coronel passou-lhe o binoculo, e foi sentar-se de novo na espreguiçadeira, certo de que mais cedo ou mais tarde a sua curiosidade, si a tinha, seria satisfeita.

Noemia, essa é que não poderia apparentar tão grande paciencia. Assestou de novo o binoculo e continuou nas suas observações.

—Entraram na Estação, papai... O doente parece ser um rapaz...

—Um rapaz?... porque?—perguntou o velho sorrindo da observação—viste-lhe o rosto?

—Não: mas vi-lhe o corpo: é franzino....

O coronel deu uma risada.

—Pode ser um velho magro—disse elle.

—Pode ser—respondeu a menina com indifferença.

Mas acrescentou logo com animação:

—Lá sahiram da Estação e vão tomando o carro.. Agora, vio-o bem, papai: é um rapaz, mas está pallido... pallido... O padrinho entrou e fallou com o bolieiro...

—Ouviste o que elle disse?—inquerio o velho, sorrindo a socapa e com malicia.

—Oh! papai! está cassuando commigo!—replicou a menina com um momo cheio de facerice.

E depois acrescentou poisando o binoculo na balaustrada da varanda:

—O carro partio, mas vem de vagar... de vagar...

—Ora, eis ahí o que disse o teu padrinho!—sorriso o velho, puxando a filha para si com um movimento de carinho—daqui a pouco saberemos quem é o doente do compadre.

III

Vinte minutos depois, o carro parava defronte da escadaria, que dava entrada para a casa de vivenda, e delle se apeavam o Dr. Pedro Honorio e o seu doente.

Como observára Noemia, era este um mancebo de mediana estatura, bastante delgado e extremamente pallido, apresentando mais fraqueza do que soffrimento.

Apenas se havia elle apeado, com certo custo e auxiliado pelo Doutor, o coronel apressou-se em descer a escadaria, e offerecendo seu braço, ajudou-o a subir com todo o cuidado e vagarosamente.

Neste interim, Noemia, que estivera observando curiosamente, correu para o quarto dos hospedes e, transportando alguns travesseiros para a sala, accomodou-os em uma espreguiçadeira, transformando-a, n'um ápice, em leito macio e aconchegado.

Quando o doente chegava ao ultimo degráo da escadaria e entrava na varanda, já ella estava á porta da sala e dizia com solicitude :

—Para cá, papai ; já arrumei uma cadeira, onde o Senhor (indicando o doente) poderá descansar alguns instantes.

O velho coronel seguiu o conselho da menina e com pouco o doente installava-se na espreguiçadeira. Ao sentar-se, volveu á menina um olhar de agradecimento e expressara ao velho a sua gratidão, murmurando com voz fraca e cansada :

—Obrigado, Senhor...

—O coronel Eça de Mello, de que lhe fallei—disse o Doutor, em fórma de apresentação—um amigo ás direitas, como os costumô ter.

E depois, voltando-se para o coronel :

—Contava tanto com Você, que não esperei a resposta da minha carta—disse.

—E fez bem—respondeu-lhe o coronel com franqueza e gravidade—Você bem sabe que nesta casa manda tanto como eu.

Dando depois á phisionomia um ar de bondade e solicitude, voltou-se para o rapaz e foi perguntando com um sorriso :

—E o nosso doente como fez a sua viagem ?

—Bem—respondeu este com fadiga.

O Doutor aproximou-se d'elle e tomou-lhe o pulso conscienciosamente.

—Regular... regularissimo, embora muito fraco—disse, porfim—agora espero que a febre não volte e, si não voltar, daqui ha dias vel-o-hemos convalescente e, pouco depois, completamente bom. O que é preciso é ajudar a cura... Nada de desanimo e nada de tristezas.

O rapaz sorriu suavemente.

—Si depender de mim... murmurou elle.

—Porque não ha de depender?—sorriu tambem o Doutor —o Senhor é um homem e os homens fazem o que querem.

—Quando Deus os deixa fazer—suspirou o moço.

Neste momento, Noemia, que havia sahido, sem que ninguem o reparasse, voltava á sala acompanhada de um moleque, que trazia uma salva de prata com calices e garrafas—Vendo-a, o coronel foi ao seu encontro, exclamando alegremente :

—A minha dona de casa não se esquece de nada !

E, voltando-se para o Doutor, perguntou-lhe :

—Oh ! compadre ! não acha bom que o nosso doente tome qualquer coisa ?

—Um calice de vinho do Porto—respondeu o medico.

Noemia apressou-se em encher o calice, e o coronel o apresentou ao doente, que o bebeu vagarosamente, agradecendo-lhe ao depois.

—E meu padrinho, não quer ?—inquerio a menina com um sorriso.

—Sem dúvida, sem dúvida !—respondeu-lhe o medico—com tanto que seja servido por tuas mãozinhas.

A menina não se fez esperar, e Pedro Honorio esvasiou o calice de um só trago.

Enfretanto, o coronel acercava-se do doente e inqueria d'elle si estava a seu gosto, ou si não prefereria tomar desde logo conta do seu quarto e accommodar-se ainda melhor. O rapaz agradeceu-lhe com doçura e accrescentava :

—Estou pelo que o Doutor e o Senhor coronel quizerem.

O medico foi de opinião que o doente se conservasse onde estava, uma vez que se sentia bem alli, tanto mais quanto a presença das pessoas da casa o podia distrahir.

Sentaram-se todos ao redor do doente, observando-lhe o coronel que não fizesse cerimonia alguma e que, por consequencia, pedisse o que quizesse, fazendo-se de casa e pondo-se a seu gosto : demais, estava doente, e os doentes têm direito a todas as condescendencias, são dignos de todas as regalias.

O mancebo sorria-se e agradecia com effusão tantas amabilidades, de que era alvo, lançando a culpa dos incommo-

dos que causasse ao bom do Doutor, que lhe havia imposto, como principal medicamento para sua molestia, a mudança de logar e os ares do campo.

—Está o Senhor no campo—interrompia-o o Doutor—apezar das suas objecções e repugnancias. Verá agora que eu tinha razão em tudo quanto lhe dizia, principalmente quando lhe affirmava que nenhum incommodo causaria ao meu amigo e compadre o coronel Eça de Mello. Conhece um engenheiro?

O rapaz sorriu-se.

—Conheço alguns—respondeu elle—bem sabe que a minha profissão...

—Ah! é verdade!—interrompeu-o o Doutor—mas este conhece?

—Não, Senhor.

—Pois é um engenheiro... o Senhor verá, quando estiver mais forte e puder dar os seus passeios a cavallo. O que lhe affianço é que nada satisfaz mais ao meu amigo e compadre do que mostrar a sua propriedade, as suas caunas, as suas roças, os seus bois...

Neste ponto foi o Doutor interrompido pela voz argentina da afilhada.

—Sabe, padrinho? a minha novilha preta teve uma bezerrinha... E' linda e está esperta!

—A novilha ou a bezerra?—perguntou o Doutor com toda a seriedade.

—A bezerrinha—respondeu a menina com toda a ingenuidade—olhe, vou mandar buscar-a para o padrinho ver... e vou também buscar o meu rosilho... deu outro dia um tope que está manquejando. Eu quero que o padrinho o veja.

—Para que? perguntou o coronel, olhando de esguelha para o compadre, que estava quasi a rebentar de riso.

—Ora, papai! para que ha de ser? para receitar. O padrinho não é medico militar?

Sem querer, a linda Noemia fizera um epigramma. O medico disparou na gargalhada, no que foi acompanhado pelo coronel e até mesmo pelo doente.

Meio enfiada com a hilaridade, sem que achasse no que havia dito motivo para isto, Noemia sentio-se corar excessivamente e sahio da sala a correr, como uma criança.

Na sala ficaram sómente os homens, rindo ainda e comentando a ingenuidade da menina. De repente, o Dr. Pedro Honorio bateu na testa como um homem que se recorda:

—Ora, vejam só! exclamou elle—nem sequer me lembrei ainda de lhe dizer o nome do nosso doente.

—Nem eu lh'o perguntei—observou sorrindo o coronel—é um doente e um hospede... Qualquer que seja o seu nome,

qualquer que seja a sua posição, qualquer que seja a sua família, uma vez que foi Você quem o trouxe, encontrará nesta casa agasalho, tratamento, cuidados e amizade.

—Obrigado—murmurou o mancebo commovido—chamo-me Felix Modesto, Sr. coronel: sou serralheiro e não tenho familia...

—Como! não tem familia?

—Não—confirmou o doente com tristeza—não conheci ou antes, nunca tive pai... Uma vez que me abriu as portas de sua casa com toda a confiança, embora sob a garantia de um amigo honrado e bom não devo ter para o Senhor segredo algum, nem mesmo isto, que aliás occulto a todo o mundo, não por orgulho ou por querer passar por mais do que sou, mas para poupar á memoria de minha mãe supposições que a cobririam de vergonha.

O coronel adiantou-se para elle e estendeu-lhe a mão com toda a nobreza do seu caracter.

—Garde o seu segredo, mancebo: não lh'o pergunto, nem quero que m'o diga. Basta que lhe seja doloroso, para tornar-se digno de todo o acatamento... para ser sagrado para mim. A esse respeito, pois, não precisa accrescentar nem uma palavra mais... Fallemos, portanto, de outra cousa.

O doente havia segurado as mãos do coronel, e apertava-as com affecto. Ouvia-o quasi admirado da sua nobreza de sentimentos e, quando elle terminou, debalde procurou palavras com que exprimir o seu reconhecimento. Poude apenas balbuciar:

—Com effeito, Sr. coronel, o não ter tido pai e o ter perdido minha mãe são as duas unicas dores que acabrunham o meu coração.

—Sendo a ultima o que lhe produziu essa molestia—observou o Doutor.

E, mudando de tom, accrescentou:

—Mas basta de recordações dolorosas e de cousas commoventes! O que é preciso agora é cuidar da saude. A noite se approxima... a febre não appareceu e, portanto, vamos cuidar de tomar algum alimento.

Eram seis horas da tarde e, como se adivinhasse as intenções ou tivesse ouvido as palavras do Doutor, Noemia assomou á porta e atravessou a sala, passou o braço pelos hombros do pai e murmurou-lhe com um carinho encantador:

—Papai, o jantar está na mesa e mãe Anna está perguntando si o doente quer um caldo.

—Um caldo e o mais que appetecer—disse o Dr. Pedro Honorio com autoridade—mas ha de servir-se no seu quarto. Vamos.

IV

O nosso doente foi desde logo installado no seu quarto, onde o servio em lhosamente a velha mãe Anna, que de molo proprio se offereceu para se pôr ao seu serviço, hypothecando ao Doutor e ao coronel todo o seu zelo e sollicitude naquelle myster de enfermeira, que aliás não era novo para ella, habituada como estava a tratar de todos os doentes do engenho.

A' mesa do jantar, onde só se achava a familia, o Dr. Pedro Honorio aproveitou a opporlunidade para completar os seus esclarecimentos a respeito do doente e hospede, e fez-lhe os maiores e calorosos elogios, elogios que, por partirem d'elle, avultavam de valor aos olhos do coronel, que fazia do seu amigo e compadre o mais elevado conceito, considerando-o até como um prototypo de probidade e de honradez.

Felix Modesto era um rapaz bastante intelligente e act vo, que viêra ao mundo, como muitos outros, em consequencia da falta de uma pobre rapariga, sem dúvida bastante ingenua e bastante credula para não saber repellir as insinuações perfidias e as promessas vãs de um seductor, que, depois de haver gosado, a havia abandonado sem piedade.

Não conhecera, *não tivera pai*, como elle mesmo dizia, e do autor provavel dos seus dias nunca lhe fallára sua mãe senão vagamente e isto mesmo com azedas palavras de recriminação, exprobrando-lhe sempre mais o abandono, em que a deixára, do que a mesina seducção que a fizera mãe.

A' custa de muito trabalho, n'uma vida de honestidade e de sacrificios continuos, conseguira educar seu filho nos principios mais severos da dignidade, e aos oito annos puzera-o como aprendiz no Arsenal de Marinha, onde Felix Modesto se dedicou ao officio de serralheiro. Em pouco tempo fez taes progressos e revellou tão boas qualidades, que se tornou o predilecto dos seus mestres e o orgulho da officina. Cresceu, desenvolveu-se e tornou-se quasi um homem. Foi então que a guerra do Paraguay tocou no seu periodo agudo, o governo, para encher os claros das suas fileiras, teve de lançar mão até dos operarios do Arsenal. Felix Modesto, que tinha ainda sua mãe em cujas mãos depositava todo o producto do seu trabalho e a quem dedicava uma affeição acima

do commum, recebeu ser violentamente separado della para seguir para a campanha, e por isso despedio-se do Arsenal.

Não levou muito tempo, porém, sem emprego, e entrou para uma das nossas fundições, onde se conservava ainda trabalhando como um mouro, trabalhando mesmo além das suas forças e mediante um salario, que pouco mais seria do que uma miseria, e do qual ainda assim elle tirava os meios de subsistencia para si e para sua mãe, não velha já, mas alquebradissima pelo muito labutar e pelos muitos desgostos, que eram como que as consequencias inevitaveis da sua falta primitiva.

Havia tres mezes pouco mais ou menos, o operario perdera sua mãe, que era a sua unica familia, a sua unica afeição, alento e ariño da sua mocidade e este golpe inesperado prostrava-o de subito, como si tudo se lhe tivesse desabado ao seu redór. Uma tristeza illimitada apoderara-se de todo o seu ser, transformando-se depressa n'um desanimo invencivel e fatal. A tristeza moral de um lado e o cansaço physico do outro, pelo muito trabalho a que se entregava, produziram-lhe afinal a molestia a que elle agora succumbia, especie de febre lenta e minaz, a que o Doutor de balde dava rudes combates, havia quasi um mez, desde que, a pedido do dono da fundição, o fôra ver na humilde casa que elle occupava a poucos passos da officina.

Depois de esgotar quasi os recursos da sciencia, interessado no curativo do rapaz, não só por elle proprio, de quem tinha todas aquellas optimas informações e pelo qual já se achava tomado da mais decidida sympathia, mas tambem pela gravidade do caso e natureza da molestia, o Doutor resolveu fazer o mudar de habitação e, como recurso ultimo e desesperado, pô-lo sobre a : cção salutar dos ares do campo.

Mas ahí apresentava-se uma grave difficuldade. O rapaz era pauperrimo, a officina reduzira-lhe o salario a uma terça parte, sob o pretexto de que elle não trabalhava, e essa mesma terça parte lhe era adjudicada mais como uma esmola, do que como um subsidio a que elle tivesse um direito incontestavel. Como fazel-o, pois, sahir da capital? como proporcionar-lhe casa e vida no campo, onde o passadio é mais dispendioso, mais difficil, principalmente para as pessoas naquella condição?

Foi então que o Doutor lembrou-se da amizade leal e da caridade inexgotavel do seu amigo, o velho coronel Eça de Mello c, apezar da reluctancia do doente, escreveu-lhe a carta, que o coronel recbbera aquella manhã, e trouxera, sem cerimonia e cheio de confiança, para o seu engenho aquelle cliente, que afinal nada lhe renderia, mas pelo qual se interessava com todas as forças.

O coronel ouvira todas essas informações com a fronte contrahida, não pela contrariedade, mas pela atenção profunda, que lhe mereciam todas as palavras do amigo. Por vezes sentira-se commovido e mais ainda quando a travessa Noemia interrompia o informante com alguma exclamação, que lhe arrancava a compaixão e traduzia todas as boas qualidades de sua alma, todos os bons instinctos do seu coração.

Repetio ainda uma vez que o Doutor havia fei o muito bem, e inspirado subitamente por uma sympathia reflexiva, tomou no íntimo o compromisso de completar a obra do medico, dando a mão áquelle rapaz, que o acaso trouxera ao seu encontro. E, si até então era seu proposito dar ao doente todo o cuidado que o seu estado reclamava, dali em diante esse cuidado ia-se tornar mais solícito.

Felix Modesto, accommodado no seu novo quarto, sentia-se n'um bem estar confortativo, que seria absoluto, si não fossem as saudades cruciantes de sua mãe morta e o desgosto perpetuo que lhe causava a ausencia de uma familia, o que lhe imprimira á physionomia, e desde os mais verdes annos, uma melancolia constante e profunda.

A febre, como previra o Doutor, não voltou naquella noite e nem nas outras. O rapaz podia, pois, considerar-se livre de perigo e deveria entrar desde logo em franca convalescença, o que realmente succedeu, graças ao conforto, com que o cercaram e á boa alimentação que lhe foi pouco a pouco restaurando as forças, alentando o espirito e robustecendo-lhe a saude.

Dois dias depois da sua chegada, o Dr. Pedro Honorio julgou inutil a sua permanencia no engenho e retirou-se para a cidade, onde o chamava a sua clinica. Felix Modesto ficou, portanto, a cargo unicamente do coronel e, valha a verdade, deu-se tão bem, que, dias depois, já fazia parte da sua mesa, tomava logar nas suas palestras de familia e sorria-se quasi feliz, ouvindo os discursos ingenuos, assistindo ás travessuras encantadoras de Noemia.

E, de melhora em melhora, foi indo tão rapidamente que, pouco depois, estava em estado de passeiar pela horta, pelo cercado, até que um dia, a convite do seu velho hospedeiro, montou a cavallo e acompanhou-o ao serviço do cito. O coronel aproveitou a monção e fez-lhe as honras de todo o engenho, desde os partidos cultivados até as terras por cultivar, desde as capoeiras até as mattas, desde os riachos até o açude.

O engenho era então d'agua, copeiro: mas nem sempre a agua lhe era sufficiente para os gastos, o que obrigava o coronel a fazer uma tomada no rio corrente, o que prejudica-

va os seus vizinhos e por mais de uma vez levantara reclamações justas e até mesmo violentas.

Felix Modesto observava tudo com uma atenção profunda e reflectida, como si estivesse estudando o terreno e reunindo os dados precisos para resolver algum problema rural, ou pôr em pratica algum plano amadurecido.

Ao apearem-se, quasi á tarde, ao pé da escadaria, o coronel voltou-se para o mancebo e perguntou-lhe cheio de orgulho :

—Então?... o que diz do meu engenho ?

—E' um grande engenho—respondeu-lhe o mancebo firmemente...

—O melhor da Provincia—interrompeu o velho.

—Mas ha ainda muita coisa a fazer nelle, Sr. Coronel—concluiu o mancebo placidamente.

—Como?! exclamou o coronel estupefacto.

—Subamos e vamos conversar a este respeito—disse o mancebo sorrindo—vou dizer-lhe francamente o que eu faria deste engenho, si elle fosse meu.

O coronel não poudé deixar de franzir a testa, suppondo impertinencia a pretensão do seu hospede, e entregando ao estribeiro as redeas do cavallo, subio appressadamente a escadaria, fazendo ao mancebo um gesto para que o acompanhasse.

Sentaram-se á varanda, e o coronel exclamou logo :

—Ora vamos a ver as suas idéas. O que faria o Senhor deste engenho, si elle fosse seu ?

—Simplesmente uma fabrica modelo, Sr. coronel.

E então, tomando a palavra e pouco a pouco se deixando entusiasmar pela magnitude das proprias idéas, o intelligente moço começou a expor todo um plano de reforma, que tinha por fim substituir a velha rotina, adoptando os melhoramentos modernos, unicos que poderiam dar á lavoura toda a prosperidade de que tanto necessitava e da qual aliás estava tão affastada unicamente pelo emperramento systematico dos proprios que della hauriam riqueza e o bem estar.

O engenho era d'agua, mas o seu açude era pequeno, ao passo que as suas matas eram grandes. O primeiro passo a dar seria substituir a força motora ; trocar a agua pelo vapor, pois que a pujança e rapidez deste compensava e até excedia á economia daquella.

As terras eram extensissimas, compostas de varzeas na sua maioria, e para arroteal-as com todo o proveito, extrahindo dellas o maximo producto, eram insufficientes as enchadas, demorando o trabalho do braço humano. Urgia empregar o arado.

E, ao passo que a cultura da canna era como que a base

das operações productivas do engenho, não deviam ser esquecidos os outros ramos da agricultura ou da lavoura, de fôrma que ao senhor do engenho, quando abandonasse uma cousa, não faltasse outra, mas sim pudesse elle lançar mão de tudo para augmentar as suas rendas.

O rapaz fallara com tanta convicção, expuzera o seu plano e os seus projectos com tanta clareza e precisão, que o velho coronel acabou por enthusiasmar-se totalmente. Nesta noite não dormio e passou-a toda a discutir consigo mesmo os meios de realisar as idéas do seu hospede.

No dia seguinte teve uma larga conferencia com Felix Modesto e o resultado della foi tomar o mancebo ao scu serviço, dando-lhe carta branca para pôr em pratica todos os seus projectos e reformas.

E foi assim que o mancebo melancolico, que presidia a confecção dos balões para a illuminação da casa de vivenda no anniversario de Noemia, veio a fazer parte do pessoal do engenho do coronel Eça de Mello.

Felix Modesto não illudiu as esperanças do velho coronel. Apenas restabeleceu-se de todo e se sentio bastante forte, partio para a cidade, munido de plenos poderes, e foi direito á fundição, de onde sahira operario e aonde voltava freguez.

Fez as suas despedidas, regularisando escrupulosamente as suas contas, e depois encommendou á casa os machinismos mais aperfeiçoados para a montagem do engenho, conforme o plano que elle imaginara e fizera adoptar pelo coronel. Exigiu a maxima brevidade em tudo e deixou desde logo apalavrado o engenheiro mechanico da casa para se encarregar dos assentamentos das machinas e do mais que fosse necessario no engenho.

Munio-se depois dos instrumentos aratorios, cujo emprego pretendia introduzir e voltou para o engenho, mais animado do que nunca. Emfim, a sua actividade achara um campo vasto aonde se desenvolvesse e com o seu trabalho e a sua intelligencia podia pagar a divida de gratidão que contrahira, ou suppunha ter contrahido para com o coronel.

Naquelle anno a safra do engenho seria tirada ainda consoante á rotina; mas, do anno seguinte em diante, a reforma estaria de todo concluida e o fabrico do assucar, tornando-se menos demorado e menos complexo, daria resultados es-pantosos.

Entretanto, as roçagens, cavagens e plantagens começaram desde logo a ser feitas sob o novo plano e pelo systema mais aperfeiçoado e productivo. Com es-anto, seguido de satisfação não disfarçada, quasi de enthusiasmo, vio o coronel desde logo que, no mesmo espaço de tempo e com o mesmo pessoal com que até então mal pudera plantar trezentos carros de canna, achava-se com uma safra de perto de seiscentos... quasi o duplo

Felix Modesto triumphava: mas não queria ficar a meio caminho. Enquanto plantava a canna, fazia, no tempo proprio, largos roçados de milho, de mandioca, de batatas, aproveitando até os logares excessivamente baixos e alagadissimos para a sementeira do arroz. Ao mesmo tempo introduzia a cultura do cacáo-eiro e, pelas ladeiras, que não se pres-tavam ao plantio da canna, plantava milhares e milhares de

caféeiros, ao abrigo de outros tantos pés de mamona, que, tendo crescimento mais rapido do que aquelles, lhe prestavam a sua sombra enquanto necessaria, sem deixarem contudo de augmentar, com as suas sementes, a fonte de rendas do agricultor.

O enthusiasmo do coronel não tinha limites : e ao passo que a sympathia, que lhe inspirara o mancebo, se transformava em amizade solida e sincera, esta se ia tambem transformando em admiração.

Apezar de todo o trabalho e attenção que reclamavam esses multiplos e successivos melhoramentos, Felix Modesto ainda achou meios e teve tempo de juntar ao util o agradável. Embellezou e augmentou a horta, tornando-a mais regular e, para regalo unicamente de Noemia, construiu na frente da casa de vivenda um formosissimo jardim, fechado por um gradil de ferro com o seu competente portão cheio de arabescos bronzeados.

O engenho passava por uma transformação completa, que só se ultimou no anno seguinte, com a substituição da roda d'agua pelo volante do vapor, das fôrmas de barro pelas turbinas a vacuo.

Felix Modesto executara á risca o seu programma e cumpriu todas as promessas deslumbrantes que fizera ao coronel. Seria difficil, porém, dizer qual delles dois estava mais satisfeito ou si julgava mais feliz. Para satisfação e felicidade de ambos accrescia que, por esse tempo, o Dr. Pedro Honório, fatigado dos bulícios da cidade e instado pelo compadre, procurara as doçuras do campo, vindo occupar o sitio, em que actualmente morava, tornando-se assim lavrador, sem comtudo deixar de ser medico.

Noemia, que, pouco depois do restabelecimento de Felix Modesto, tinha ido para o collegio, onde completava a sua educação, fôra dada por prompta e regressara definitivamente ao engenho, ficando surpresa e encantada com a transformação radical que encontrou. O jardim, sobretudo, encheu-a de jubilo e não houve expressões de agradecimento que dirigisse ao mancebo, redobrando de consideração e de estima para com elle.

Felix Modesto havia-se tornado o homem necessario de engenho. Pela sua actividade, zelo e persistencia no trabalho, emfim, por todas as qualidades moraes, de que dava provas todos os dias, apoderara-se da estima e da confiança, não só do coronel, como tambem de todos.

Eça de Mello não poderia mais passar sem elle : quasi que estava dominado, consultava o rapaz em todos os seus negocios, até naquelles mais intimos e que diziam respeito á familia. Felix Modesto quasi que fazia parte della.

Entretanto, ao voltar Noemia para o engenho, elle proprio, com um tacto e uma delicadeza admiravel, ponderou ao coronel que era necessaria a sua mudança da casa de vivenda, onde até então estivera, para uma que lhe fosse propria.

E á ista da sua insistencia, cedeu o velho, e em menos de um mez foi edificado um pequeno chalet, a pouca distancia da *casa grande*, e para elle transportou-se o mancebo com todos os seus livros e utensilios.

Todavia o coronel não consentio que fizesse economia propria, ficando desta forma o mancebo a frequentar a casa quotidianamente, pelo menos nas horas de refeições, unicas aliás que elle não dedicava ao trabalho ou ao estudo.

Parece, pois, que Felix Modesto devia ser o homem mais feliz do mundo. Não o era, porém. A belleza, o espirito e a graça de Noemia haviam produzido o seu effeito, e o mancebo não pudera furtar-se á sua fascinação inconsciente. Felix Modesto amava a filha do senhor de engenho, amava-a loucamente, mas, no fundo do seu coração, sem que ella o soubesse ou suspeitasse, sem que se atrevesse a dizer-lh'o.

Na sua posição e perante os principios da sua consciencia, esse amor parecia-lhe um attentado e confessal-o um crime de monstruosa ingratição.

Quem era elle? um filho de pais incognitos. Quem era Noemia? a herdeira de um nome illustre, a descendente de uma familia, em cujos annaes não havia uma nodoa.

Por isso recalrava elle no fundo do coração esse amor que nunca teria consequencias, que deveria viver ignorado, e isto augmentava ainda mais a sua melancolia, já por outras causas tão profunda.

Dadas estas explicações, que eram indispensaveis, reatemos o fio da nossa narrativa e assistamos a festa esplendida que o coronel Eça de Mello offerencia á sua filha para comemorar o seu anniversario.

VI

Apezar de ser a vespera do dia consagrado, a casa de venda já se achava cheia de gente. O coronel não fazia convites, mas preparava-se, e apenas se approximava o dia da festa de Noemia, os parentes e amigos accorriam de todos os lados, certos de que já eram esperados. Alguns antecipavam-se até, e dois ou tres dias antes invadiam o engenho sob o pretexto de ajudarem o preparativos.

A este numero pertenciam os amigos mais intimos, as tias mais velhas, as primas mais moças e algumas raparigas mais pobres, filhas de lavradores, com as quaes Noemia mantinha as relações mais cordiaes e assiduas, e que se antecipavam a instancias da propria menina.

A casa pode-se dizer que estava cheia portanto, e o dia passara-se todo entre a lufalufa dos preparativos, os risos das moças e as conversas dos velhos, o que tudo se pode resumir n'uma só phrase: uma completa alegria.

Por volta das quatro horas—minutos antes da chegada do trem—Felix Modesto transmittio a ordem do coronel para que se aparelhassem o carro e todos os cavallos disponíveis, seguindo para a estação á disposição de quem quer que se dirigisse para o engenho.

Ao partirem os cavallos, o coronel chamou o estribeiro e perguntou-lhe :

—Levas tambem *Passarinho* ?

Passarinho era o cavallo mais formoso da sna estribaria, mas tambem o mais ardego, mais fogoso e mais passarinheiro : cavallo no qual raros montavam e estes mesmos sabe Deus com que sustos.

Sob a resposta affirmativa do escravo, o coronel recomendou-lhe :

—Vê a quem o entregas e não te esqueças de prevenir ao cavalleiro... sobretudo que não lhe toque com o chicote.

Os cavallos seguiram o seu destino, e, mal chegavam á estação, approximou-se o trem e apeiou um numero grande de passageiros, entre senhoras e homens, alguns vindos da cidade e outros apenas de logares circumvisinhos : Noemia assestou o binoculo, que pouco se demorou deante de seus olhos, passando de mão em mão e de olho a olho, entre todas as moças que a cercavam e enchiam a varanda, dando-lhe

ao longe a apparencia de um painel das almas, conforme observou um dos velhos parentes do coronel.

Com pouco o trem partio, e todos aquelles novos hospede, uns a carro, outros a cavallo e alguns a pé, tomaram o caminho do engenho n'uma confusão agradável e pittoresca. De repente, destacam-se do grupo geral dois cavalleiros, dos quaes um parecia fazer esforços para seguir o outro.

Neste momento o binoculo estava nas mãos de Noemia, que exclamou logo cheia de susto :

— Ih ! Jesus !... lá *Passarinho* tomou o freio nos dentes... Quem será o desgraçado que vem nelle ?!

Tanto bastou para que todas as atenções se concentrassem naquelle ponto e para que todos os corações palpitassem unanimes, presentindo uma desgraça.

Cavillos e cavalleiros approximavam em carreira vertiginosa, mas conhecia-se que, si o da frente não podia dominar o animal, em que montava, o segundo guiava o seu com toda a pericia, fazendo-o correr apenas para acompanhar o outro, na previsão talvez de amparal-o ou pelo menos soccorrel o no acto de cahir.

Ao enfrentarem a porteira do cercado, que felizmente estava escancarada, Noemia soltou novamente uma exclamação :

— O de detraz é o Sr. Horta...

Ao ouvir este nome, Felix Modesto franziu instinctivamente os supercilios e tomou um ar cheio de inquietação e de contrariedade.

— E o da frente ? perguntou o coronel.

— Não conheço— respondeu a menina.

E passou a uma prima o binoculo já inutil nas suas mãos, porque os cavalleiros achavam-se em frente do jardim, onde o ultimo se apejava de um salto correndo para o outro, que sacudido na sella como um manequim desengonçado, de olhos esbugalhados e pallido, agarrava-se ás crinas do cavallo sem saber o que fizesse.

O animal vendo-se perseguido, e sentindo ao mesmo tempo baterem-lhe nas ancas os dois estribos, que haviam voado dos pés do cavalleiro, deu dois galões formidáveis e, atravessando o terreiro, foi entrar na estribaria, em cuja portada bateu o chapéo do cavalleiro, saltando-lhe da cabeça e indo rolar a dez passos de distancia.

Felix Modesto, de um salt, havia descido a escadaria e correu para a estribaria, onde presumia encontrar o cavalleiro desconhecido totalmente espatifado.

Ao approximar-se da porta, porém, sahio-lhe este ao encontro, á procura do chapéo e, embora pallido ainda, appa-

rentando calma e tranquillidade. A' pergunta solicita que lhe fez o mancebo, respondeu elle sorrindo com fatuidade :

—Fui eu mesmo que quiz vir assim.

—O Senhor mesmo?!...—Exclamou Felix Modesto estupefacto.

E accrescentou logo com rapidez :

—Eu suppunha que o cavallo tivesse tomado o freio nos dentes.

—Qual!—retrucou-lhe o desconhecido com ares de sufficiencia—quem tomou o freio nos dentes fui eu.

—Ah!—murmurou o mancebo, reparando então no seu interlocutor e quasi reprimindo uma risada.

Neste momento, porém, approximou-se o outro cavalleiro, e Felix Modesto, cumprimentando com certa friza, affastou-se em direcção á casa de vivenda, onde relatou fielmente o seu dialogo, pondo desde logo todas as moças de aleatêa.

No entanto o desconhecido sacudia-se com o lenço, endireitava o laço da gravata, equilibrava as pontas do collete e, acompanhado pelo outro, entrava no jardim e dirigia-se para a casa.

Era um rapaz bastante moço e de estatura acanhada, ainda que admiravelmente proporeionada. Bastante alvo— neste momento ainda um pouco pallido—ostentava tres cousas formidaveis : um bigode de guias muito finas e encêradas ; um *pince-nez* de aros de ouro e uma basta cabelleira cheia de caracões, por baixo de um chapêo de côpa alta, de feltro, branco com um largo e comprido véo de gase verde claro enrolado acima das abas, mas com as pontas soltas a voarem-lhe pelas costas.

Trajava paletot frack, e calças estreitas de cãchemira côr de flor de alicerim cortada ou antes bordada de losangos côr de chocolate, collete de gurgurão preto com salpicos doirados, camisa de chita de riscados encarnados e tinha por gravata uma manta furta-côr. Calçava sapatinhos de verniz, de entrada baixa, sobre meias de seda escarlata, e do bolço esquerdo do frack deixava sahir as duas pontas de um lenço de igual fazenda e de igual côr. Calçava luvas de pellica preta e trazia na mão esquerda uma bengalinha flexivel e quasi imperceptivel pela finura.

Ao vel-o, as moças não puderam cohibir o riso, apezar de Noemia lhes recommendar maliciosamente toda a seriedade. O coronel olhava meio espantado para os seus velhos parentes e um delles chegou até a perguntar a Felix Modesto :

—O Senhor pôde me dizer que bicho é aquelle ?

Mas os dois hospedes vinham se approximando e subiam a escadaria, desta vez o rapaz da cabelleira atraz e o outro

na frente. O coronel foi-lhes ao encontro com toda a amabilidade e consideração :

— Seja bem vindo, Sr. Horta. Pode gabar-se de que o Senhor e o seu companheiro pregaram-nos um susto formidável.

— Ora, coronel !—começou o recém-vindo—por tão pouco ?

—O moleque não lhe prevenio das manhas daquelle cavallo ?

—E a proposito de cavallo, coronel...—continuou o mesmo homem—peço-lhe licença para apresentar-lhe aqui o meu amigo, o Doutor...

—Cazuzinha, creado de V. S.—interrompeu o rapaz do véo verde, tirando o chapéo e se inclinando.

Noémia havia se approximado e não pôde se ter sem que perguntasse :

—Cazu...

—...zinha, zinha, minha Senhora—concluiu o rapaz com uma mesura—Cazuzinha, um cre do humilde de V. Exc.

O riso abafado que fazia tremer todos os labios, ameaçava irromper em gargalhadas. A um gesto do coronel, os dois recém-chegados entraram na varanda e se sentaram, formando os mais circumstantes em roda, presos da mais viva curiosidade.

O Sr. Horta proseguio, julgando do seu dever dar mais amplos esclarecimentos :

—E' um rapaz que veio ha pouco da Europa, onde aprendeu...

E voltando-se vivamente para o amigo, interpellou-o :

—Homem, o que aprendeste tu na Europa ?

—Ora !—respondeu o rapazola cheio de fatuidade e endireitando o *pince-nez*—o que havia de ser ? Aprendi muito, muitissimo. Estive em Londres, em Pariz, em Berlim, em Amsterdam, em Vienna, em Milão, em Roma, em Napoles, em S. Petersburg, em Madrid, em...

— Em toda a parte, emfim !—interrompeu-o um velho, ao passo que Noémia murmurava ao ouvido de uma prima :

— No Cairo, em Malta, em Nazareth, no Egypto !...

O Sr. Horta retomara a palavra :

—Diz bem o meu amigo : esteve em toda a parte e trouxe de lá uma carta de engenheiro... bacharel... medico... que sei eu ? uma carta...

Voltou-se de novo para o amigo e perguntou-lhe com toda a seriedade :

—Uma carta de que, homem ? Em que é Você formado, Cazu ?

—Eu... eu... eu...—gagueijou o rapaz, mas accrescentou

logo risonho—a fallar a verdade, eu mesmo não sei! A minha carta é escripta em allemão.

Desta vez ninguem se poudo conter, e as gargalhadas estouraram na varanda, como estoura no ar uma girandola de foguetes.

O proprio coronel, apezar da sua gravidade habitual, não poudo eximir-se ao contagio da hilaridade e, estendendo a mão ao rapazola, exclamou alegremente:

—Nem sabe como estimo conhecê-lo! o Senhor irá longe... muito longe, principalmente si se entregar à politica.

—Tenciono, mas é entrar para o corpo diplomatico— respondeu o rapaz com vivacidade—o Senhor não avalia a queda que eu tenho para a diplomacia...

—Sem dúvida!—adiantou-se Noemia cumprimentando-o—possuindo uma carta em allemão...

E de repente, mudando de tom:

—Falla esta lingua?—perguntou à queima-roupa.

—Não, Senhora—respondeu Cazuzinha com toda a ingenuidade—nunca pude lhe conhecer nem sequer as letras do alphabeto. É uma garatuja impossivel!

As gargalhadas renovaram-se e ninguem saberia até que ponto teriam chegado, si não chamasse a attenção de todos a caravana de novos hospedes que vinha se approximando.

Cazuzinha confundio-se então naturba-multa, reparando; contudo, que o Horta se approximava de Noemia, mas sem ter notado, entretanto, que—unico d'entre todos—um moço pallido e melancolico, que estava encostado a uma das columnas da varanda, não havia feito côro com as gargalhadas, e parecia não tirar os olhos de cima d'elle e do seu amigo.

VII

Com effeito, Felix Modesto não perdera de vista os dois amigos ; e desde que elles haviam entrado que o digno manco assumira um ar cheio de reservas e de desconfianças, á semelhança de quem, presentindo um perigo ou a aproximação de um inimigo, se prepara para redobrar de vigilancia.

O pedante de bigodinho encerado e basta cabelleira de caracões, logo ao primeiro relance d'olhos, fôra julgado e condemnado no seu fôro íntimo, embora o visse pela primeira vez. Mas o outro ? Era claro que já se haviam encontrado, e que entre os dois se passara qualquer cousa que os distanciava. E si alguém os observasse bem, notaria que, si de todo não havia nos seus olhos e respectivos uma animosidade franca e declarada, evitavam-se cuidadosamente, mas sem ostentação.

É de facto assim era. Felix Modesto e Horta conheciam-se de ha muito, desde o tempo em que ambos eram empregados na mesma fundição, um como director da officina, e o outro como simples operario.

Alexandre Horta era filho do Rio de Janeiro, onde frequentara a escola polytechnica até o quarto anno. Soffrera então uma reprovação, que elle classificava de injusta e, por isso, abandonara o curso, entregando-se durante algum tempo á bilhonagem da côrte, na convivencia dos botequins e das casas de tavolagem.

Seu pai, um velho portuguez, que tinha um armazem de xarque, informado da vida vadia do filho, para corrigil-o suspendeu-lhe o subsidio ao principio, e depois embarcou-o para a Europa, ameaçando-o com a maldição paterna symbolisada n'um testamento que o não conlemplava—Alexandre era filho natural não reconhecido—se elle de lá não voltasse com um diploma fosse lá do que fosse.

Alexandre não desgostou de viajar, mas desgostar-se-hia muito si a ameaça do pai se tivesse de realizar, e elle se visse por isso privado, não do seu nome, mas da sua herança. O velho portuguez passava então por ter alguma fortuna.

Por consequencia, Alexandre não tratou unicamente de divertir-se na Europa, o que aliás não lhe seria muito facil

pois muito limitado era o credito que seu pai alli lhe concedia ; ao chegar na Inglaterra, entrou para uma fabrica de fundição e, graças aos seus estudos de engenharia, em pouco tempo adquirio alguma pratica e com ella obteve uma carta de engenheiro mechanic. Era intelligente, activo, esperto e, quando queria, incansavel trabalhador.

Munido já da carta scientifica, recebeu a noticia de que seu pai se achava gravemente doente, e partio de novo para o Rio de Janeiro, com a esperança, ou melhor, com a certeza de que desta vez transformaria a maldição paterna na mais solida e segura das benções : n'uma herança.

Parece, porém, que o destino tomara a peito zombar do nosso engenheiro mechanic, porque, ao chegar á patria, a primeira cousa que soube, por ter indagado, foi que o velho portuguez havia morrido e, o que peor era, morrido *ab intestato*.

Não reconhecera o filho... não quizera ou não tivera tempo para isto. O consul portuguez arrecadara o seu espolio e Alexandre, sem pai e sem herança, vio de repente esboroarem-se todos os seus sonhos, como bolhas de sabão que ao sopro de uma criança despedaça na sua a censão. Estava, pois, pobre e só no mundo. Deu balanço ás suas finanças e, de tudo com que poderia contar, só encontrou nas algibeiras seiscentos mil réis, o que era pouco para brilhar na sociedade, e o seu diploma de engenheiro mechanic, o que era muito para viver em qualquer parte.

Não quiz, porém, ficar na côrte, onde era muito conhecido, e onde a cada passo lançavam-lhe em rosto o esquecimento de seu pai, avivando-lhe a lembrança da sua pobreza, e por isso tomou um vapor e dirigio-se para o Norte. Desembarcou na Bahia, e teve a fortuna de empregar-se logo n'uma fundição. Mas pouco tempo depois, metteu-se n'uma alhada grossa e, sob ameaça de morte, não teve outro remedio senão fugir da noite para o dia.

Foi então que veio para Pernambuco, onde teve ainda a felicidade de achar collocação facil e prompta. A fundição, em que trabalhava Felix Modesto, precisava de um gerente tecnico, e Alexandre Horta foi contratado. Havia tres annos, pois, que geria o estabelecimento com intelligencia e actividade, a completo aprazimento dos seus proprietarios.

Desta epocha datavam o conhecimento e as relações do gerente e do operario, do engenheiro mechanic e do serralheiro, mas não é dessa epocha que principiou a tal ou qual antipathia, que parecia separar os dois actualmente. A frieza das relações entre os dois começou pouco depois de serem iniciados os trabalhos de transformação, porque passou

o engenho, justamente quando se assentavam os novos machinismos.

Os leitores não de estar lembrados de que foi a fundição, a que pertencera, que Felix Modesto fizera todas as encomendas, contratando desde logo o seu engenheiro para os respectivos assentamentos e mais trabalhos technicos necessarios.

Ora, no tempo proprio, e apenas todas as ferragens e machinas se acharam no engenho, Alexandre Horta para ahi se transportou com uma turma de operarios, á frente dos quaes collocou-se desde logo o seu antigo companheiro. Como era de direito, o coronel hospedou em sua casa o engenheiro e, durante os mezes, que duraram os trabalhos, o tratou, como se costuma dizer, á vella de libra, tratamento a que Alexandre Horta correspondeu aliás com um procedimento exemplar, revelando-se então um homem de fina educação, um perfeito cavalheiro.

Alexandre, porém, sondara a casa, farejara a fortuna enorme do coronel e desde então sentira despertarem-se em sua alma todos os sonhos da ambição; concebera um projecto audacioso e, consoante, pautara a sua conducta, que todavia nada lhe custava.

Sabia que o coronel tinha uma filha unica, portanto, uma herdeira de fazer arregalar os olhos, mas não lograra ainda pôr-lhe a vista em cima, ignorando que Noemia, por esse tempo, estava ainda no collegio, concluindo a sua educação.

Em uma noite, pois, após o trabalho, que findara tarde, enfiou, o seu braço pelo do antigo operario e alfastou-se com elle pelo campo a fóra, a pretexto de tomar um pouco de ar. Ao chegarem ao pé de um riacho, que se quebrava em cachoeira, dividindo o cercado ao meio, sentaram-se sobre uns lagedos e começaram a conversar sobre cousas indifferentes.

Pouco a pouco a palstra tornou-se mais intima, mais expansiva... Alexandre contou diversos episodios da sua vida de academico, algumas rapazeadas da sua vida de bilontra e, porfim, passando por alto o esquecimento do pai, despejou nos ouvidos do operario todas as amarguras que sentia pela perdas das suas illusões... todo o fel que lhe instillava no coração a sua pobreza e a consequente necessidade de trabalhar.

—Um casamento rico é o que me convinha—concluiu elle com um suspiro.

E depois, sem transição, com voz insinuante, continuou para o companheiro:

—Este coronel é muito rico e tem uma filha unica que, com certeza, terá, ao casar-se, um dote magnifico. Já a vio?

Felix Modesto sentio-se esremecer, máo grado seu. Poz-se logo de sobre aviso, mas comtudo respondeu :

— Já.

— E é bonita ?—continuou Alexandre Horta.

— E' uma criança... tem apenas quinze a dezesseis annos—respondeu ainda o operario.

— Ora... com essa idade já muitas são mães !—observou o engenheiro, com um riso de galhofa, que ao operario desagradou completamente, obrigando-o a contrahir as sobrançelhas e a fazer um gesto brusco.

Alexandre, ou pela escuridão da noite ou pela absorpção dos proprios pensamentos, não percebeu a impressão que havia produzido e continuou no mesmo tom:

— O que me parece é que este coronel é ciumento de todos os diabos... Estou aqui, ha quasi dois mezes, e ainda não puz os olhos na menina...

Felix Modesto levantou-se bruscamente.

— Nem ha de vel-a—disse elle com arrebatamento desusado—está ainda no collegio e só sahirá d'elle daqui a um anno ou mais.

E, deixando o engenheiro, encaminhou-se para o engenho.

Alexandre seguio-o com a vista por algum tempo e, quando não o percebeu mais pela muita escuridão, deu uma risada alegre, mas contida :

— Onde fui cahir eu !—murmurou depois do riso—terá o rapaz os mesmos projectos que eu tenho ? Tinha sua graça se viessemos a ser rivaes.

Dizendo isto, espichou-se a fio comprido no lagedo e entregou-se ao tumultuar phantastico dos seus pensamentos esperançosos, emquanto apprehensivo, cheio de angustias, quasi assustado, Felix Modesto caminhava apressadamente para a casa de vivenda.

Foi desta noite em diante que entre os dois cahio aquelle véo de frieza e que no espirito do mancebo começou a germinar a desconfiança, que só mais tarde teria de receber uma plena confirmação.

Entretanto, as cousas não ficaram nisto unicamente, e ainda de outra vez Alexandre Horta deveria pôr a descoberto os seus projectos, dando razão e arrhas á reserva e desconfiança do operario.

Findara o trabalho ; os machinismos estavam todos montados e deveriam funcionar opportunamente, tendo sido excellentes as experiencias feitas e seguras as garantias dadas pelo engenheiro.

Nenhuma razão o retinha mais no engenho e Alexandre Horta despedio-se do coronel, que quiz gratifical-o fidalga-

mente, ao mesmo tempo que lhe offerecia a sua amizade e a sua casa: mas, o engenheiro graciosamente accitou este offerecimento com effusão, e repellio com todo o orgulho a gratificação em especie, como offensiva á sua dignidade. Não houve razões a que attendesse, e como o coronel insistisse, resolveu-se a fazer-lhe a concessão de distribuir com os operarios a alludida gratificação.

Este procedimento inesperado captivou ainda mais o coronel, que do engenheiro ficou fazendo desde então um alto conceito, e Alexandre conseguira, pois, impor-se ao animo do senhor do engenho, e foi sob os melhores auspicios e por entre os mais vivos protéstos de amizade e „quasi gratidão, que partio para a cidade.

Felix Modesto, vendo-o retirar-se, e retirar-se sem ter visto Noemia uma só vez, respirou desafogadamente, como si lhe houvessem tirado um peso de cima do coração. Chegou o tempo da safra, porém, e o engenheiro, sob o falso pretexto de verificar si os apparelhos funccionavam com a precisa regularidade, appareceu espontaneamente no engenho eahi demorou-se dois dias. Desta vez não conseguiu ver ainda a filha do coronel, porque não haviam começado as férias do seu collegio. Mas, ao retirar-se, o coronel affectuosamente o convidou para a festa usual do dia 24 de Dezembro—anniversario de Noemia—e o engenheiro, intimamente lisongeiado, prometteu não esquecer a data e o convite, considerando a sua presença como um dever de obediencia.

Com effeito, não faltou no dia aprazado, e então pela primeira vez vio aquella por quem, mesmo sem a ver, já suspirava. Apesar de ser ainda uma criança, Noemia o fascinou: e o engenheiro, de si para si, protestou tornar em realidade o que até então não passara de desejo. Durante os dias que durou a festa, cercou Noemia das mil attentões, com que um apaixonado discreto costuma attestar a sua idolatria e por todos os modos possiveis procurou insinuar-se no animo e no coração do coronel.

Este, que já lhe dera a amizade, deu-lhe então toda a confiança. Alexandre Horta tornou-se desde então um commensal, e raro era o mez em que não tirasse um domingo para passal-o em companhia do velho, com grande regosijo deste, e maior desapontamento de Felix Modesto, que via o curso que iam tomando as cousas e começava a temer que Noemia, vindo definitivamente para o engenho, ingenua e inexperiente, se deixasse illudir pelas apparencias do amor, como seu pai illudido estava pelas apparencias da amizade.

No anno seguinte, a volta definitiva da menina realisou-se e Alexandre Horta teve então occasião de vel-a quasi sem-

pre, travando com ella relações de intimidade, de familiaridade até, ás quaes, todavia, não era alheio o respeito mais completo.

Apezar de tudo, porém, não estava muito adiantado nas suas pretensões, porque, si algumas vezes queria insinuar no espirito e no coração da moça alguma das suas esperanças, ella o desnorteava logo ou com alguma resposta ingenua de mais ou com algum olhar severo de reprimenda, conforme o humor de que se achasse possuida no momento.

Felix Modesto não deixara de observar tudo isto e intimamente sentia-se satisfeito, sem que, contudo, essa satisfação lhe affrouxasse a vigilancia ou fizesse diminuir a desconfiança natural e instinctiva.

Alexandre Horta não era tão ingenuo nem tão credulo, que dêsse credito ás respostas excessivamente ingenuas da menina, nem tão tímido e medroso que se assustasse com os seus olhares olympicos de indignação e de reprimenda. Presumia muito do seu physico e muito mais do seu espirito, para attribuir a si a indiferença de Noemia. E, si ella não lhe alentava as esperanças, si não lhe aceitava as homenagens, a causa não podia ser outra senão porque o seu coração já se achava occupado por algum amor, por algum devaneio de donzella desoccupada e rica.

Seria Felix Modesto o heróe desse devaneio, o paladino desse amor? Alexandre Horta observara os dois attentamente e, por muito cordiaes e familiares que fossem as suas relações, por isso mesmo talvez, nada encontrou no procedimento de ambos que autorisasse tão absurda supposição. Noemia não desceria a amar um ser alheio, simples assalariado de seu pai; nem o antigo operario, quasi laçao agora, se atreveria a levantar os olhos para ella. Quem seria, portanto?

Resolveu tirar a limpo essa suspeita e, depois de ter indagado astnciosamente de alguns escravos da casa sem o minimo resultado, lembrou-se de interrogar a esse respeito o seu antigo companheiro,

Por isso, de uma das vezes em que fôra passar o dia no engenho, mostrou-se muito intimo de Felix Modesto e, no momento favoravel, installado no seu chabet, iniciou uma longa conversação a respeito da familia do coronel, principalmente a respeito de Noemia, por quem se pintou um admirador respeitoso e dedicado.

—E' mais encantadora do que eu pensava—exclamou elle no auge do enthusiasmo—e feliz, muito feliz será aquelle que chegar a possuir o seu amor!

E, como Felix Modesto nada lhe respondesse, proseguio n'um tom confidencial:

—Parece-me até impossível que alguém já não lhe tenha feito estremeecer o coração... Naturalmente Você que é de casa deve saber alguma coisa a esse respeito.

—Eu?—exclamou o antigo operario como que offendido —o que quer o Senhor que eu saiba?

—Quem é o namorado de Noemia.

Felix Modesto tomou um ar serio e concentrado :

—Não tem nenhum, Sr. Horta —disse elle lentamente.

E depois acrescentou com mais lentidão ainda, e n'um tom que deixava transparecer a coiza de que se achava possuido :

—E quando o tivesse, isso não importava a mim, nem ao Senhor... Noemia tem pai e é a este que compete sondar o coração, descobrir os segredos e encaminhar o destino de sua filha.

—Mas, meu amigo...

—Mudemos de assumpto, Sr. Horta; mudemos de assumpto ou obriga-me a deixá-lo só.

O engenheiro mordeu os beiços com despeito, mas leu nos olhos do rapaz que a sua resolução era inabalavel.

Em vez de mudar de assumpto, preferio affastar-se d'elle : e dahi por diante o antagonismo dos dois se tornou ainda mais pronunciado.

VIII

A nova caravana veio dar ao engenho uma nova animação. Compunha-se ella de pessoas intimas da circumvisinhança e de outras da cidade, d'entre as quaes convém destacar a familia do correspondente do coronel, o Commendador Martinho, cuja filha fôra condiscipula de Noemia no collegio e com ella mantinha as mais cordiaes e sinceras relações de amizade.

Era uma linda moreninha de dezenove annos, travessa, espirituosa e possuidora de dois olhos negros lindissimos, cheios de luz e mais cheios ainda de malicia.

Apenas apeiou-se do carro e respondeu com um sorriso ao cumprimento que o coronel lhe dirigio, atirou-se nos braços da amiga, cobrindo-a de beijos com uma alegria delirante.

Depois, relanceiou os olhos por todos os circumstantes, abrangendo-lhes as physionomias de uni só golpe e, fitando nas pupillas da amiga um olhar malicioso e ao mesmo tempo interrogativo, segredou-lhe ao ouvido de mansinho :

—Não vejo aqui o principal.

—O principal ? — interrogou Noemia, fingindo-se admirada, mas deixando errar nos labios um sorriso que nada tinha de innocente.

— Faze-te sonsa ! — continuou a outra. — Bem sabes que para nós, em todas as festas e em todos os logares, ha sempre uma cousa que é a principal, para a qual tudo o mais não passa de accessorio. E' como nas peças de theatro, nas quaes ha um heróe, de quem todos os outros são comparsas.

Noemia sorria-se, mas contiuvava a fingir nada entender. Então a amiga tomou-lhe o braço, arrastou-a para o fim da varanda, que se conservava como que despovoada e, imprimindo-lhe um beijo sobre as faces, murmurou como um cicio de abelha que acaba de sugar o mel de uma flôr encantadora :

—Não vejo o Sr. Daniel.

Noemia sentio invadir-lhe as faces uma onda purpurina, mas, retribuindo o beijo e sorrindo meigamente, retorquiu-lhe com mysterio :

—Só vem amanhã.

E ambas, depois, entreolhando-se com uma malicia que

encerrava um mundo de revelações, enlaçadas, risonhas, alegres, felizes, abandonaram a zona deserta da varanda e atiraram-se ao turbilhão das conversas, das palestras e dos projectos de diversão, que cada hospede apresentava, para fazer esquecer as horas da tarde e as da noite.

Ao entrarem na zona povoada, a primeira pessoa ou coisa que deu-lhes em vista, foi o minuscuro amigo do Alexandre com o seu bigode encerado, o seu *pince-nez* de vidraça e a sua enorme cabelleira de caracões, repartida ao meio e res-sendente de perfume.

Eugenia—era a filha do Commendador—estacou de subito, reprimindo uma gargalhada, e perguntou á amiga vivamente :

—Quem é aquelle typo ?

—Aquelle typo... eu sei lá ! é a primeira vez que vem aqui : trouxe-o um amigo nosso, o engenheiro que assentou as machinas do engenho... Si o visses quando elle chegou...

E, intermeiando a sua narrativa de ditos espirituosos, que provocavam as risadas da amiga, contou-lhe a chegada do Dr. Cazuzinha, a sua apresentação e citou-lhe até as suas palavradas.

—Tomo-o á minha conta—exclamou a travessa morena—e não o largo mais... Apresenta-m'o.

Dito e feito. Noemia rompeu o circulo dos hospedes, com a liberdade e semceremonia de que abusam as moças bonitas, e foi direita ao rapazola :

—Doutor, quero apresentar-lhe minha amiga mais intima... D. Eugenia Martinho, que apenas o vislumbrou...

—Ficou talvez eclypsada!—exclamou o rapaz fitando nella o *pince-nez*...

Noemia mordeu os labios, estrangulando uma risada, e Eugenia, affectando seriedade, corrigio-o com viveza :

—Eclypsada, não : deslumbrada.

E voltando-se para a amiga, continuou n'um tom interrogativo e cheio de interesse :

—E o Senhor chama-se... ?

—Cazuzinha!—apressou-se em responder o rapaz—Cazuzinha, um creado humilde de V. Exc.

—Pois, S.. Dr. Cazuzinha—retorquiu-lhe a moça com amabilidade—creio que me sinto orgulhosa com o seu conhecimento. Foi a minha boa estrella quem me trouxe hoje ao engenho de Noemia...

—A mim foi o Alexandre Horta—retrucou-lhe o rapaz com toda a seriedade—e, si tenho a honra de, neste momento, depôr aos pés de V. Exc. o meu coração e a minha alma, só a elle o devo.

Era de mais. Noemia e Eugenia já não podiam conter-se... Tomaram por pretexto o dito sem graça de um circumstante, que estava mais proximo, dispararam na gargalhada e fugiram para o outro lado.

—Impagavel! é impagavel!—ia murmurando a moreninha.

Ao passo que Cazuzinha, seguindo-a com os olhos, resmungava tambem cheio de fadiga e de alegria :

—Está cahidinha de todo!... e é um peixão! Hei de indagar si o Comendador possui fortuna.

E como si de véras estivesse convencido da paixão súbita que havia inspirado e, demais a mais, pretendendo dar demonstração de que não ficara insensível ao encontro, esqueceu-se do grupo, ante o qual se exhibia conscienciosamente e foi debruçar-se á balaustrada da varanda, pensativo e melancólico, tendo, porém, préviamente procurado um lugar, de onde pudesse ser visto pela filha do Comendador.

Esta e Noemia sempre enlaçadas pela cintura, ao fugirem, deitam de rosto com Alexandre Horta, que propositalmente parecia ir-lhes ao encontro, com o sorriso nos labios e prompto para aproveitar a occasião e a oportunidade em algum dos quintos madrigaes, que tinha sempre engatilhados, quando se approximava de Noemia.

A presença da travessa moreninha não o perturbou, mas a ladina filha do coronel furtou-se-lhe á emboscada, interrompendo-o logo ás primeiras palavras com a apresentação da sua amiga. Forçoso foi ao engenheiro prestar a attenção devida ao novo conhecimento, e desta vez ainda pôde Noemia eximir-se á necessidade de dar alguma resposta digna ou de lançar mão de algum dos seus olhares de indignação olympica e m gestosa.

Ao afastarem-se, Eugenia murmurou :

—Foi este sujeito que trouxe para aqui o Cazuzinha ?

—Foi.

—Parece-me estar apaixonado por ti, Noemia.

—Assim m'ó tem dado a entender.

—Pois confesso-te, que não me agrada aquella cara...

—Comtudo, é um homem muito amavel.

—Pode ser... mas não sei porque, faz-me lembrar aquella fabula que nós traduziamos no collegio...

—Qual ?

—A do lobo feito pastor.

—Mas o que tenho eu a temer d'elle ?

—Eu sei lá!... tudo, talvez. Desconfia elle por acaso dos teus amores com...

—Psio ! falla baixo, Eugenia.

—Pois sim—continuou a moreninha, baixando a voz—
desconfia?

—Si ninguem o sabe!

—E eu?

—Ah! tu és outra cousa: foste a minha confidente e eu
não tenho segredos para ti.

—Obrigada. Em todo caso acautela-te delle: o seu
olhar pareceu-me máo.

Haviam chegado á extremidade da varanda. De repen-
te Eugenia exclamou, fazendo um brusco movimento:

—Ah!... voltemos.

—Voltemos? porque?—inquirio a amiga admirada, não
da exclamação, mas do movimento que a acompanhara, bem
como da subita pallidez que invadira as faces da donzella.

E immediatamente cheia de sustos, interpelleu-a com ca-
rinho:

---O que tens? sentes-te incommodada?

---Não!--respondeu a moreninha com voz sumida e tré-
mula por uma inexplicavel commoção.

Noemia olhou ao redor como para procurar a causa da-
quella rapida mudança e, fitando a amiga de soslaio, deixou
errar pelos labios um imperceptivel sorriso de malicia.

Encostado a um dos esteios da varanda, Felix Modesto,
sempre com o seu ar synpathicamente melancolico e profun-
damente triste, estava contemplando as duas amigas.

Seria por causa delle, que se operara aquella subita mu-
dança na attitude, até então travessa, da filha do Coman-
dador?

E' certo que não era a primeira vez que ella via o mance-
bo, pois, por diversas já o tinha encontrado quando vinha
passar dias no engenho. Conversara com elle por mais de
uma occasião e sobre mais de um assumpto, durante horas
inteiras, e tivera oportunidade de apreciar-lhe a intelligen-
cia e o espirito, julgando-o afinal pelo seu justo valor.

E' preciso não esquecer que Felix Modesto pertencia ao
numero daquelles homens raros, que nas menores palestras,
nos entretenimentos mais insignificantes, acham meio e mo-
do de desenvolver idéas uteis, sem perderem tempo nem pa-
lavras com banalidades ou parvoices.

Mas, teria isto feito nascer no coração da moça algum sen-
timento mais terno do que a admiração, mais forte do que a
estima, algum sentimento, emfim, capaz de perturba-la?

Como quer que seja, Noemia fez-lhe a vontade: retroce-
deu com ella, dando costas ao mancebo; mas, apenas affasta-
ram-se as duas alguns passos, não teve mão em si e, ache-

gando-se ao ouvido da linda e commovida morena, sussurrou com uma inflexãozinha de despeito :

---Má ! eu não tenho segredos para ti, éntretanto, tu escondes de mim os teus segredos.

A moça não respondeu, mas apertou a mão de Noemia ao seio, como para que ella lhe sentisse as pulsações desordenadas e febris.

IX

O jantar havia findado e, si desde o começo reinara a mais franca jovialidade, essa jovialidade assumira as maiores proporções depois da sobremesa, graças á qualidade e á abundancia dos vinhos finos, que o coronel fazia garbo em possuir e mais garbo ainda em distribuir aos seus queridos hospedes.

Alexandre Horta tivera a astucia de sentar-se junto de Noemia, a quem prodigalisava as maiores attentões, e com quem conversava a miudo, com grande reparo de umas primas solteironas, que não perdiam a moça de vista, e com manifesto desgosto de Felix Modesto, que se offerecera para trinchar.

Logo ao sentarem-se á mesa, Noemia, olhando de esguelha a sua amiga, chamafa pelo rapaz e, designando duas cadeiras, lhe dissera com um sorriso :

—Sr. Felix, o Senhor senta-se aqui junto de Eugenia, afim de servil-a o melhor possivel. Entrego-a, pois, aos seus cuidados.

O mancebo, porém, escusara-se, affirmando que o coronel já lhe designara logar, tendo-lhe pedido que se encarregasse do trinchant. Iria, portanto, para uma das cabeceiras da mesa ; o que de veras o penalisava---disse elle---com um sorriso amavel dirigido á filha do Commendador.

—Então, arranja-se tudo—exclamou Noemia, sorrindo.— Eugenia muda tambem de logar...

—Mas,...—ia objectando a moça, sentindo-se corar.

—Perdão, flôr, quem manda aqui sou eu. Demais eu quero que não te falte nada.

E Eugenia sentou-se junto de Felix Modesto, que nem um só momento se descuidou della, preenchendo ao seu lado o logar de um perfeito cavalheiro. A moça que, ao principio, sentira-se acanhada, foi pouco a pouco readquirindo o sangue frio, até que porfim tornou-se perfeitamente senhora de si, reaparecendo-lhe no semblante a alegria natural, que o desassocego por momentos ensombrara.

Concorrera para isto, além da attitute correcta de Felix Modesto, o papel desfructavel que começou a fazer o Cazuzinha, para quem, afinal, convergiram todas as attentões, graças aos disparates que dizia e ás inconveniencias que accumulava.

O rapazola parecia estar sentado sobre pontas de allinetes, tão desinquieto e buliçoso se mostrava. Querendo a todo o transe dar mostras do seu espirito dirigia-se a torto e a direito para todos os lados, interpellava todas as pessoas, e tão depressa dava uma resposta desasada a uma senhora, como dirigia uma graça de mão gosto a uma negrinha que lhe mudava o prato.

O coronel avaliava-o pelo seu justo valor e havia tomado o seu partido, rindo-se a bandeiras despregadas, dando o exemplo da indulgencia e da jovialidade, muitas vezes até provocando-o directamente.

Um pouco antes da sobremesa, enquanto substituíam-se os talheres e accendiam-se os candelabros, o coronel voltara-se para o rapaz e interpellara-o :

—Sr. Dr....

—... Cazuzinha ! Cazuzinha, meu caro Sr. coronel ! Não quero que me chame de outra fórma,... pois *inter amicos non est geringonça*.

É escusado affirmar que o latim foi recebido com uma gargalhada geral, principalmente por parte das moças em cujo gôto cahia a *geringonça*, que foi unicamente o que ellas perceberam daquella missa.

—Pois, meu caro Dr. Cazuzinha—continuou o coronel—o Senhor, segundo nos disse, viajou muito pela Europa....

—Muito, muito.

—Conte-nos então algumas das suas impressões.

—Impressões?... nunca fiz nenhuma: não tenho geito para escrever livros...

Nova gargalhada acolheu estas palavras do impagavel Doutor, desta vez, porém, mais ruidosa por parte dos homens, valha a verdade. Cazuzinha não comprehendeu o motivo da hilaridade, ou antes attribuiu-a á muita graça com que dera a sua resposta. Continuou, pois :

—Da litteratura só me tenho occupado de um ramo... e assim mesmo com certa cerimonia... em doses homeopathicas.

— Ah ! o Senhor tambem é litterato ?

Cazuzinha puxou os collarinhos e endireitou o *pincez* :

—Litterato... não digo tanto—prosequio elle—não vale a pena sel-o neste paiz... E, demais, o que é um litterato ?

—No sentido lato ou no restricto?—perguntou um dos circumstantes.

— Heim !—exclamou Cazuzinha—sentido lato e restricto... Si eu percebo...

—Sebo !—resmungou um velhote, inclinando-se ao ouvido do coronel.

—... macacos me mordam—continuou Cazuzinha.— De sentidos, só conheço os cinco com que a natureza nos dotou, e entre estes nunca vi o sentido lato, nem o restricto.

—Nem eu---sussurrou uma matutinha, que estava ao lado de Eugenia---mas elle falla como um livro.

Eugenia fitou a matutinha, reprimindo uma risada; mas, formalisando-se logo, perguntou-lhe a queima roupa:

—A Senhora sabe ler?

---Eu, não: nunca aprendi.

—E' por isso que aquelle moço é um livro para a Senhora. Mas o Coronel havia tomado a palavra novamente:

—Em todo caso, a litteratura tem um ramo a que o Senhor se dedicou, E' a historia? o romance?...

—Qual, coronel! é a poesia.

—A poesia!... unh! tenho então a honra de ter um poeta á minha mesa?

—Bravo! bravo!—gritou Eugenia do seu canto—neste caso, recite-nos uma das suas poesias.

Cazuzinha sorrio-se cheio de vaidade, cumprimentou-a e levantou-se:

—Peço a palavra—disse elle para o coronel.

—Pois não—concedeu este com toda a amabilidade:

—E' a poesia?—indagaram diversas moças, principalmente a matutinha.

—Inedita—confirmou Cazuzinha.

E, fazendo um gesto largo, começou:

« O sol rubicundo e bello...

Felix Modesto inclinou-se um pouco para Eugenia e filou-lhe rapidamente. A moça fez um gesto de assentimento e bradou immediatamente:

—Suba na cadeira... suba na cadeira...

---Apoiado! apoiado!---gritaram diversas vozes masculinas, comprehendendo o alcance da idéa.

Cazuzinha não se fez rogar: subio á cadeira e de novo começou:

---Inedita:

O sol rubicundo e bello

« quando brilha é pr'a todo o mundo.

« Tanto illumina o cogumele,

« como o verme que está no fundo.

O coronel, mantendo uma seriedade imperturbavel, fez com a cabeça um movimento de approvação, e com um gesto da mão impoz um dique aos applausos que iam rebenatar.

Cazuzinha prose guiou subindo de diapasão.

--- A lua pudibunda e bella
 tanto brilha aqui, como acolá:
 « si é cheia, a luz nos revela,
 « si é nova, o escuro nos dá.

---Profundamente philosophico!---exclamou a filha do Comendador.

---V. Exc. me comprehende perfeitamente!---retorquiu-lhe o poeta--E subindo um ponto acima no enthusiasmo, chegou até o falsete....

---« Assim teus olhos, iracundos e bellos... »

« ---Iracundos ?---interrogou Eugenia.

---E bellos!---retrucou Cazuzinha--é por causa da rima.

---« meigos como a jurity,
 me enchem de anhelos
 e me fazem morrer por ti !

Desta vez o coronel não pôde conter a explosão. Os applausos foram unanimes, as gargalhadas homericas, tanto mais quanto, descendo da cadeira, o poeta perdeu o equilibrio e cahio sobre uma negrinha que trazia duas compoteiras de doces fazendo-as resvalar no chão, onde uma dellas ficou em pedaços.

Ao erguer-se, Cazuzinha, voltou-se para o coronel e exclamou todo vermelho :

—Não foi nada, coronel : eu pago... eu pago.

As gargalhadas rebentaram ainda maiores e ninguém sabe até onde iriam, si Alexandre Horta não corresse em socorro do amigo e o fizesse entrar em si, ao passo que o coronel lhe dizia com um sorriso :

---Acceito o pagamento, Doutor....

---Cazuzinha, Cazuzinha.

---... comtanto que seja d'uma especie : voltando muitas vezes a esta casa, e recitando-nos sempre alguma das suas bellas producções.

---Ineditas!---acrescentou Eugenia, que decididamente havia tomado o rapaz á sua conta.

---Ineditas---confirmou o coronel com toda a seriedade, trocando com amoça um olhar que era como uma gargalhada.

Poz-se então um ponto final no episodio, servio-se a sobremesa, e foram todos para a varanda, onde o café devia ser servido, e onde a queda do Cazuzinha ia dar motivo ainda a muita risota, a muitos commentarios, a muita alegria, emfim.

Mas, coitado ! a queda não devia ser o seu unico desastre naquella noite. Ao sahirem da sala, elle achou meios de se approximar de Eugenia, que aliás não evitava o encontro :

— Creia V. Exc.---disse elle, fitando-a---creia V. Exc. que aquella poesia inedita foi um improviso, que me inspirou a sua presença.

—Serio ?---retorquiu-lhe a moça, mordendo de leve os labios de coral---seria eu tão feliz que merecesse...

---V. Exc. para mim merece tudo...

Vinham-se approximando algumas pessoas, e Cazuzinha interrompeu-se sobresaltado :

---Mas, caluda !---sussurrou elle --não quero que ninguém descubra os segredos da minha alma.

E affastou-se discretamente, ao passo que a filha do Comendador abafava as risadas com o lenço e pensava lá consigo :

—Deixa estar que eu te ensino.

Correu á Noemia e poz-se a fallar-lhe de mansinho, porém por entre os risos mais francos e alegres. Noemia ouviu e rindo-se tambem. De repente exclamou :

—Não ; isso seria de mais.

—Qual !

—Poderia desconfiar.

—Que desconfie.

—E depois ?

—Depois ?... Espera...

Eugenia pensou durante alguns segundos e depois murmurou ao ouvido da amiga umas palavras, que provocaram-lhe a mais subita e franca das gargalhadas.

Separaram-se então e entraram ambas na varanda.

Servia-se o café. Eugenia apoderou-se de uma chavena e dirigio-se para Cazuzinha que, encostado á balaustrada da varanda, explicava a um rapaz o mecanismo dos sonetos.

—Quiz eu mesma vir servil-o—disse a moça com um sorriso encantador—acceita o café das minhas mãos ?

—Das suas mãos ?...—exclamou elle com enthusiasmo—até a cicuta de Holophernes...

E estendeu a mão para receber a chavena.

—De Holophernes ? !—objectou a moça quasi recuando de espanto...

Mas, de repente, deu um grito, que foi repetido pelo rapaz. Noemia passara correndo, dera inadvertidamente, sem dúvida, um encontrão no braço de Eugenia e a chavena, que esta apresentava, estremecera no pires e se derramara toda inteira nas calças de Cazuzza.

—O' que desgraça !—exclamou a moça mostrando-se envergonhada.

—As minhas calças novas!—suspirou Cazuzinha, desolado.

Noemia voltara-se com o grito :

—Não foi nada—disse ella, abafando o riso e trocando com a amiga um rapido olhar de intelligencia--o café não põe no-doa e eumando já laval-a.

—Mas, enquanto não se lava?...—suspirou ainda o pobre moço—como ficarei eu?

—Não lhe dê isso cuidado. Faça favor de vir commigo.

Noemia tomou familiarmente o braço do rapaz e levou-o para o interior da casa, onde encontrou desde logo a mãe Anna.

—Mãe Anna—disse ella, apparentando grande contrariedade—lave quanto antes a calça do Doutor e passe-lhe o ferro?

E assim recommendando, affastou-se lestamente.

—E isto levará muito tempo?—perguntou Cazuzinha á velha mulata.

—Qual, meu Senhor! amanhã de manhã está prompto.

—Amanhã de manhã? valha-me Deus! E durante esse tempo todo, de hoje até amanhã, como ficarei eu?

—Vosmecê?... de ceroulas.

—Só?

—E então? Ficará dormindo.

—Toda a noite? e desde já?

—Pois então? Por ora pode ficar no quarto dos hospedes trancado.

—Trancado?!

—Esperando o sono.

—Emquanto os outros se divertem! Mas é uma dos diabos!

—Lá isso é.

—E não se poderá arranjar umas calças emprestadas... ainda que sejam de brim? ainda que sejam pardas?

—Oxente, *sinhó* moço! Vosmecê quer se metter em calças pardas?

—Que remedio!

—Mas é que por aqui não ha ninguem do tamanho de Vosmecê.

—O tamanho não vem ao caso. Dobra-se o abainhado...

—Ah! sendo assim.....

—Arranja-se?

—Sem dúvida! Roupa é que não falta aqui, graças a Deus!

—Prefiro isto. Vim aqui para divertir-me e seria o diabo

si logo na primeira noite tivesse de passar trancado e dormindo: então agora que comecei a fazer uma conquista.

—Ah! Vosmecê já conquistou alguma moça?

—Eu cá sou assim: apenas appareço, é só escolher.

—E já escolheu?

—E então... Foi ella ver-me, foi cahir como um patinho...

—E, que mal pergunto, quem é ella?

—Isso é segredo... Mas me diga uma cousa: o Comendador, pai de D. Eugenia, é rico?

—Ihi! meu Senhor! dizem por ahi que até é podre.

—Podre?... podre como?

—Podre de rico.

—Ah!... então a filha deve ter por ahi um dote...

—Mais de cem contos.

—Hum!... Arranja-me! arranja-me as calças, minha velha: arranja-me que eu não quero perder nem um minuto nesta noite.

—Pois então Vosmecê vá para o quarto dos hospedes, tire esta calça que eu já lhe mando levar a outra lá.

—Assim é melhor. Onde é o quarto dos hospedes?

Mãe Anna chamou um moleque, e mandou-o guiar o rapaz. Este, apenas se achou no quarto, entregou a calça ennodada ao moleque e, em ceroulas, sentou-se n'uma cama a balançar as pernas n'uma impaciencia facil de comprehender-se.

Felizmente para elle o moleque não se demorou muito, e voltou trazendo-lhe diversas calças do coronel para elle escolher a que quizesse. Cazuzinha enfiou uma após outra e, com grave desgosto, se convenceu de que nenhuma lhe servia. O coronel era bastante alto e bastante gordo, gostando além disso de usar calças muito largas. Qualquer dellas ficava-lhe como uma saia.

O rapaz fazia todos os esforços para ageital-as ás suas proporções minúsculas, mas se conseguia encurtal-as dobrando-lhe um palmo no abainhado, não conseguia nunca tornal-as mais estreitas. Estava quasi a resignar-se... ficaria trancado... dormiria.

Mas n'isto ouviu os preludios de um piano e, ao mesmo tempo distinguio, junto á porta do quarto, a voz de Eugenia que dizia claramente:

—Tenha paciencia, meu Senhor, só danço com o Dr. Cazuzinha... A primeira contradança é delle... assim como a primeira walsa.

Em seguida, soou da sala a voz argentina de Noemia:

—Tirem pares, meus Senhores.

E logo depois:

—Quem é teu par, Eugenia ?

—O Dr. Cazuzinha .

—Onde está elle ?

—E verdade : onde está o Dr. Cazuzinha ?...

—Não sei.

—Vamos procural-o.

—Vamos ! vamos... Eugenia, procurar no quarto dos hospedes.

Era a voz de Noemia. Cazuzinha estava ainda em ceroulas deante do moleque e das calças do coronel. Estremeceu da cabeça aos pés, e tanto mais que o diabinho do moleque, correndo á porta e espreitando pelo buraco da fechadura, lhe dissera :

—Ih ! *sinhô* moço ! ahí vêm as moças todas.

Cazuzinha agarrou solfregamente a primeira calça que pôde, enfiou-lhe as pernas rapidamente, abotoou-a e, correndo á porta, deu um grito :

—Aqui estou eu !... quem é o meu lindo par ?

Uma estrondosa gargalhada acolheu a sua apparição. Nunca figura mais exotica e ridicula apparecêra n'uma sala.

X

A noite passou-se o mais agradavelmente possível. O coronel, o Commendador e outros convivas da mesma idade installaram-se n'uma salêta e engolpharam-se conscienciosamente no voltarete a dez mil réis a remissa, para divertir ; e os moços de ambos os sexos, em plena liberdade entregaram-se ainda mais conscienciosamente ás danças e, para variar, aos jogos de prendas. Quér n'uma diversão, quér n'outra, é excusado dizer que foi o heróe o nosso Cazuzinha, apezar das calças emprestadas em que estava afogado, ou talvez por isso mesmo.

Durante toda a noite Noemia houve-se de fórma que sempre pôz a sua amiga em contacto o mais possivelmente directo com Felix Modesto, ora fazendo-a dançar com elle, ora os collocando em posição de não se poderem perder de vista.

Decididamente, a gentil menina havia adivinhado o segredo da moreninha e, toda indulgencia e amizade, levava a peito patrocinar as suas secretas esperanças. Eugenia navegava, pois, n'um mar de rosas, bafejando-lhe o baixel da phantasia os mais bonançosos zephiros do amor. Perdera de todo o acanhamento do primeiro encontro e deixava-se levar ao impulso das mais doces illusões.

Felix Modesto, entretanto, não lhe dera motivo de esperanças, nem tão pouco parecera comprehender as intenções da filha do coronel. Rodeara a amiga desta de todas as atenções e agrados, dando sempre as maiores provas de cavalheirismo e de espirito, embora sem que por um momento só lhe abandonasse o seu ar habitual de melancolia—aquelle véo de tristeza dolorosa, que estava como que identificada com toda a sua pessoa.

E, quér dançando, quér conversando, quér jogando as prendas, quér servindo, não perdia nunca de vista o seu antigo companheiro de officina, principalmente quando este se approximava de Noemia e dirigia-lhe a palavra. Tambem Alexandre Horta não perdia uma só vasa. Firme no seu proposito, seguia á risca o seu programma e não se desviava uma só linha do plano de campanha que havia traçado, plano que tinha por fim a conquista do coração da menina, campanha em cujo término estava uma fortuna ; cuja victoria lhe abria as portas da felicidade pela posse de uma grande riqueza

com o contrapeso da posse de uma mulher encantadora. Ouro sobre azul.

Noemia, por sua parte, ou porque o galanteio fosse calculadamente mais aparente do que real, ou porque, entregue de todo ao prazer, arrebatada pelo seu genio alegre e folgazão, não tivesse outro proposito senão o de divertir a si e ás suas amigas, não se esquivou á sua assuidade, não o banio da sua intimidade, antes o aceitou por cavalheiro por mais de uma vez, e por mais de uma vez ella propria o chamou para o seu lado, recorreu ao seu concurso, correspondeu ás suas amabilidades. Não o fazia, é certo, por galanteria ou levandade, mas unicamente por excesso de confiança, por espontaneidade de indole, por instigação de alegria. Nem por outros motivos poderia ser.

Os seus convivas, porém, os que pertenciam ao seu sexo principalmente, é que não lhe conhecendo os segredos d'alma, nem as suas intenções, o não entendiam assim: e, propensos sempre a atirarem a primeira pedra, começaram a reparar na assidua consideração do engenheiro, ao principio, e depois, a murmurar baixinho, fingindo abafar uns risos, que seriam maliciosos, si não fossem simplesmente grosseiros.

Os desejos e intenções de Alexandre começaram tambem a realizar-se naquella noite. Tinha dado em vista e de alguma sorte conseguira comprometter aos olhos de todos a filha do coronel. Verdade é que, em face do seu procedimento amavel, amavel demais até relativamente a repulsa que sempre obtivera em todas as suas tentativas anteriores, para a obtenção de uma intimidade compromettedora, elle principiou a julgar que conseguira romper o gelo daquelle coração e insinuar-se nelle de alguma sorte.

Entretanto, além de Noemia só duas pessoas sabiam que semelhante resultado seria insensato. Eugenia, que possuia os segredos de sua amiga e Felix Modesto, que possuia os segredos de um ausente, segredos que talvez tambem fossem os da menina.

As festas do campo começam cedo, por isso tambem não acabam tarde... quando acabam.

A' meia noite, pois, dançava-se a ultima quadrilha, jogava-se a derradeira mão de voltarete e tomava-se o chá que deveria pôr o ponto final nos divertimentos daquelle noite— os quaes não haviam passado de um ensaio em familia dos que se teriam de realizar no dia seguinte e nos subsequentes, dentre os quaes convém desde já annunciar uma caçada nas mattas do engenho.

Uma hora depois da meia noite reinava, portanto, o silencio na casa de vivenda, interrompido apenas pela toada de um samba, que o coronel autorisara e que congregara na ul-

tima casa da senzalla'os escravos e os moradores mais divertidos do engenho. As portas da casa estavam todas fechadas e pelas frestas não se divisava uma só restea de luz, o que poderia indicar que o somno já se havia apoderado de todos os hospedes do coronel.

Assim não succedia, porém. Nem todos dormiam. No quarto dos hospedes, velava Alexandre Horta, entregue aos sonhos mais ardentes da sua phantasia, combinando talvez as peripecias do seu plano, ampliando ou fortalecendo os fios conductores do seu projecto.

Deitado em uma rede, furtara-se á conversação insipida e pedante de Cazuzinha e deixara todos os compauheiros adormecerem, fingindo elle proprio entregar-se ao somno mais profundo. Esteve assim muito tempo. Mas, depois, quando se convenceu que só elle velava, ergueu-se, pé ante pé, sahio do quarto, orientou-se na escuridão, pois conhecia toda a casa e, porfim, achando-se junto á porta da varanda, abrio-a e desceu para o jardim.

Com certeza não ia colher flôres áquella hora, porque contornou os canteiros com a rapidez cautelosa do ladrão nocturno: saltou o gradil de ferro com uma agilidade de rapaz e, contornando o edificio todo, entrou, usando do mesmo meio, por um pequeno portão de madeira, que abria para o pomar e sumio-se na sombra do arvoredo.

Para maior intelligencia do que se passa, convém aqui dar uma idéa mais ou menos exacta da topographia da casa de vivenda e suas dependencias.

Imagine-se um extenso parallelogrammo, com um dos lados completamente aberto, por onde passa a estrada de rodagem, separada delle por um cercado de estacas com a competente porteira.

Fazendo-lhe frente, na linha parallela, e justamente no meio, eleva-se a casa de vivenda, vasta construcção assobradada, de oito janellas e tres portas, com um terraço-alpendre, ou varanda sustentada por esteios facetados que occupa toda a sua extensão e para o qual se sóbe por uma unica escada de oito degrãos de pedra. Em frente á varanda, e tomando toda a largura da casa, de um angulo ao outro, estende-se o jardim, de que já fallámos, com o portão de ferro fundido, ornado de arabescos, o qual corresponde exactamente á escadaria por uma rua bastante larga e coberta de areia grossa.

A porta do centro ou principal e as tres janellas da esquerda, relativamente ao observador, dão para um salão, que communica por uma porta lateral para uma sala menor, de que o coronel Eça de Mello fez o seu gabinete de trabalho, tendo duas janellas para o oitão, e uma janella e uma porta

para a varanda, correspondendo estas a duas entradas para um grande quarto, que é onde elle dorme habitualmente.

Em seguimento a este ultimo quarto, para os fundos da casa, continuam-se outros com janellas para o pomar, os quaes são occupados : dois por Noemia e o ultimo, um pouco menor, pela mãe Anna e uma sua filha, mulatinha da mesma idade que Noemia, que era a sua irmã de leite, razão pela qual já havia recebido a carta de liberdade.

Estes quartos davam para outros, que communicavam directamente com a sala de jantar, que era o aposento mais vasto de toda a casa.

Voltando, porém, á frente da casa e seguindo da direita para a esquerda, temos em continuação a ella um muro de unsquarenta palmos com um gradil de madeira lavrada e um portão pequeno, que fecham o pomar por este lado.

Em seguimento ao muro, prolonga-se uma comprida linha de casinhas, como seu competente alpendre, que é a senzalla, sendo que a primeira dellas, a contar da casa de vivenda, é a unica que, além da porta da frente, tem outra no fundo, communicando directamente com o pomar. E' occupada por um casal de pretos velhos exclusivamente occupado com esta parte do engenho e serve ao mesmo tempo para se guardar nella os instrumentos e utensilios necessarios ao respectivo trabalho.

No extremo da senzalla, formando com ella um angulo recto, mas separada da casa por um espaço de vinte e cinco a trinta palmos, ergue-se a capellinha do engenho, bonita e alegre construcção, sem architectura definida, é certo, mas nem por isso menos elegante, com a sua porta pintada de verde, suas duas varandas de ferro, e a sua torre quadrada com o tecto pontegudo, onde se ostenta um gallo de ferro á feição de catavento.

Ao lado della, separado tambem por outros trinta palmos, levanta-se um lindissimo chalet, recentemente construido e constante, apenas, de tres salêtas e uma puchada para os fundos, onde ficam um quarto e uma pequena estribaria. E' neste chalet que mora Felix Modesto, em companhia de um moleque, que o senhor de engenho poz á sua disposição para servil-o e que não se occupa senão no tratamento do cavallo, que o digno rapaz preferio conservar junto de si para tê-lo sempre á mão a qualquer hora do dia ou da noite.

Cercado de janellas o chalet, Felix Modesto de sua casa propria pode vigiar por todos os lados os terrenos do engenho, tendo-se-lhe tornado predilecta a janella do seu quarto, do lado da capella, talvez por se avistar por ella as vidraças do quarto de Noemia... ou as do quarto do coronel.

Partindo da casa de vivenda, da esquerda para a direita,

encontra-se ao lado do salão principal um outro, sem comunicação para a varanda e em seguimento uma salêta, idêntica á do coronel, que tem janellas para a horta e que communica pelos fundos com dois grandes quartos, que são os dos hospêdes, dos quaes se passa para outros dois aolado, que directamente abrem para a sala de jantar.

Em continuação aos quartos dos hospedes, prolonga-se a construção para o fundo, contendo as outras dependencias da casa, como dispensa, cosinha, quartos de famulos, etc.

Na frente, um meio muro, semelhante em tudo ao do outro lado, fecha a horta, e serve de elo a uma casa pequena, onde mora um outro casal de pretos velhos, occupado exclusivamente na cultura dos legumes... Em seguimento, levanta-se a cocheira, onde se guarda o carro do coronel e os arreios e logo após a estribaria, vasto quadrilatero com janellas de grades de ferro, que contém trinta baias e pode accommodar cincoenta cavallos folgadamente.

Junto á estribaria abre-se uma larga porteira, que dá entrada para o curral das vaccas, com o seu competente estabulo, todo aberto, e um recanto fechado para o encerro dos bezerros durante a noite.

Finalmente, formando angulo com estalilha de construção e fazendo frente ao chalet e á capella, ergue-se imponente e magestoso nos seus pilares de alvenaria, macissos e redondos, o grande edificio do engenho com todas as suas dependencias.

Como Alexandre Horta no quarto dos hospedes, tambem duas pessoas velavam no quarto de Noemia: ella e a sua amiga de collegio. Ambas tinham mil e uma confidencias que trocaram, e tanto mais importantes e urgentes, quanto faziam quasi dois mezes que não se viam e, ao se encontrarem nesse dia, desde a tarde até áquella hora, não lhes fôra possível conversar em liberdade.

Aproveitavam os momentos agora e aproveitavam-n'os com soffreguidão e avidez, certas de que no dia seguinte teriam de partilhar com os outros convivas todos os seus instantes e atenções.

Os quartos pertencentes á donzella estavam cheios: as duas amigas, pois, deram tempo a que as suas companheiras adormecessem o mais profundamente possível e, depois, por excesso de cautela, sem dúvida, isolaram-se em uma das janellas, que abriam para o pomar e ahí começaram, á meia voz, n'um doce murmurio, que se confundia com o sussurrar do vento por entre a folhagem das laránjeiras em flôr.

Eugenia, sabendo que a amiga surprehendera o seu segredo, já delle não lhe fazia mysterio e, abrindo-lhe de par em par o coração, patenteava-lhe todo o thesouro de ternura, que elle continha, bem como todas as esperanças que o faziam palpitar.

Fôra no engenho que ella encontrara Felix Modesto, em uma das suas visitas habituaes e impressionara-a, sobretudo, o ar melancolico e triste do rapaz. Desta impressão, nasceu a sympathia, e desta sympathia um amor suave e ardente ao mesmo tempo.

—E elle te corresponde?—inquirio Noemia com um sorriso.

—Não sei—respondeu-lhe a amiga ingenuamente.

—Nunca t'o deu a entender?

—Nunca. Bem sabes que elle não é expansivo...

—Ao contrario até, é muito concentrado e discreto. Não obstante, estas cousas transparecem sempre, por mais que se as queira occultar, e as mais das vezes até quanto mais se escondem, tanto mais se mostram. Não tens percebido nada?

—Até aqui—nada. Hoje foi o dia em que o vi mais ale-

gre, mais expansivo e em que com elle troquei maior numero de palavras : e embora me tivesse tratado com uma amabilidade toda cavalheiresca, nem por isso pareceu-me que o seu coração tivesse por mim outro sentimento que não fosse o mais exagerado respeito.

—Então, não te disse nem uma palavra que, de longe ao menos, dêsse a entender...

—Nada, nada : já te disse.

—Neste caso é um ingrato bem difficil de contentar...

Eugenia exhalou um profundo suspiro de mágoa e voltou os olhos para o lado do chalet :

—E' alli que elle mora, não é ?

—E'—respondeu Noemia com um sorriso.

—Ah!—tornou a suspirar a filha do Commendador—tu és bem feliz, Noemia !

—Eu ? porque ? porque avisto daqui as janellas da casa do Sr. Felix ?

—Em primeiro logar por isto : depois porque o vês todos os dias...

—Si eu o amasse... seria com effeito uma felicidade...

—Si tu o amasses... Noemia—começou a moça com uma voz toda alterada.

—Não te interrompas, conclue : si eu o amasse, o que é que tinha ?

—Eu creio que te odiaria !—concluiu Eugenia com voz concentrada e quasi rancorosa.

Noemia deu uma risada.

—Então fica sabendo que não me odiarás nunca, porque não o amo, nem o amarei nunca. Tenho-lhe, apenas, uma grande estima, estima que cada vez se robustece mais, porque tambem cada vez aprecio mais as suas boas qualidades. Mas, só isso.

—Nem avalias como me fazem bem as tuas palavras, Noemia ! porque, queres que te confesse uma cousa ? Eu sou extremamente ciumenta.

—Já o eras no collegio.

—Hoje ainda sou mais. Conheço que o ciume é o meu lado máo e que, levada pelo ciume, eu seria capaz de commetter até crimes.

—Credo ! nem digas isto... Mas mudemos de assumpto. Enumeravas tu as causas da minha felicidade provavel, e creio que as não limitas ás duas que disseste : ver o Sr. Felix todos os dias e poder namorar as suas janellas... todas as noites—concluiu Noemia com um sorriso.

—De certo ; mas não te disse a principal—proseguiu a amiga com um sorriso melancolico.

—E é ?!

—Que tens a certeza de ser amada... Não te embates, como eu, na dúvida, vendo o momento em que o desengano que mata as illusões, me despedace o coração e... faça de mim nem sei o quê.

—Deixa-te dessas idéas negras, minha flôr! Tenho um presentimento de que serás muito feliz... talvez mais feliz do que eu.

Eugenia abalou a cabeça tristemente :

—Tu és amada!—suspirou ella—foste amada antes mesmo que o teu coração dêsse por isto.

Noemia sorriu-se.

—Sabes tanto a minha historia, como eu—disse ella.

Achegou-se mais á amiga, passou-lhe o braço pela cintura e mais baixinho ainda do que até então, começou a evocar as recordações da sua ventura.

Fôra ainda no tempo do collegio. Entre as suas companheiras havia uma, filha de seuhor de engenho, qual ella era, que tinha um irmão, que a ia visitar de quinze em quinze dias, aos domingos. Era elle um lindo mocetão, que cursava a Academia de Direito, proximo a receber o premio do seu tirocinio. Noemia vira-o uma vez sem prestar-lhe grande attenção. Depois, vira-o por diversas vezes successivas e não deixara de notar os olhares profundos e demorados, que elle lhe lançava, sem comtudo lhes dar grande importancia. Era ainda muito criança e muito simples para comprehender o que olhares assim querem dizer.

Neste interim, chegara o fim do anno e ella viera para o engenho passar as férias, como era de costume : e o irmão de sua companheira, si alguma vez occupava-lhe o pensamento, era apenas como uma recordação vaga, como a lembrança de um episodio de collegio.

Mas findas as férias, voltara de novo aos seus estudos—fôra no anno anterior—e de novo continuara a ver o irmão de sua condiscipula, que se fizera sua amiga. Tinha crescido, tinha se desenvolvido mais... e a par do desenvolvimento physico, desenvolvera-se tambem o espirito. O coração começava a sentir um fremito desconhecido, uma especie de anciedade indefinida, meio curiosidade e meio aspiração : um estado muito semelhante ao de quem está proximo de despertar.

Olhou para o mancebo—já então bacharel—com uma attenção misturada de receio, sentindo acanhamento e desassosiego quando os olhos d'elle a fitavam com insistencia. Notou, por este tempo, que as suas visitas á irmã se amiudavam, passando a terem logar todos os domingos. Essa frequencia acabou por interessal-a como uma distracção : e por fim Noe-

mia confessou a si mesma que achava o rapaz muito sympathico, muito elegante.

Não passava, nem passaria disto, porém, si o mancebo não se achasse de ha muito apaixonado e si não resolvesse dar um impulso á sua paixão. Já havia indagado da irmã quem era Noemia e, perfeitamente tranquillo por este lado, conseguiu interessal-a em seu favor.

N'um domingo, pois, após a visita habitual, a amiga de Noemia passou-lhe o braço pela cintura com um movimento de attracção e, levando-a a passeiar pelas ruas do jardim—o collegio tinha um jardim, cercado por uma grade, através da qual via-se a rua—perguntou-lhe depois de encaminhar bem a conversa :

—Tens reparado em meu irmão, Noemia ?

—Ora, desde o anno passado que o vejo todas as vezes que te vem visitar.

—Visitar-me ? Pensas então que elle vem cá só por minha causa ?

—E então ? por causa de quem ha de ser ?

—Pela tua tambem.

—Pela minha !—exclamou a menina, parando brusca-mente.

E, sem saber porque, sem poder comprehendel-o, e por isso, sem saber explical-o, sentio como que uma deliciosa commoção perturbar-lhe o coração. Si corou ou empallideceu, ser-lhe-hia impossivel dizer ; mas, comprehendeu, isso sim, que havia mudado de côr.

Não accrescentou mais cousa alguma á exclamação, que soltára como que arrancada pelo assombro ; e quando a amiga, meio assustada pelo effeito das suas palavras, perguntou-lhe :

—Mas o que tens tu ? sentes alguma cousa ?

...ella desenvencilhou-se-lhe do braço, fugio e foi esconder o rosto no seio de Eugenia.

—Tive agora uma vergonha !—murmurou ella á sua amiga.

—Vergonha ! porque ? conta-me.—pedio-lhe Eugenia, acariciando-a com meiguice.

Eram as duas maiores e mais unidas amigas do collegio. Noemia, pois, não se fez rogar e contou tudo á sua amiga. Esta ouvindo-a, sorrio e, filha da cidade, frequentadora já da sociedade e por isso com o seu tanto ou quanto de experiencia, adquirida nos salões de seu pai, replicou-lhe alegremente :

—Dou-te os meus parabens. O irmão de Rosinha é um bom partido, e si te ama com effeito...

Noemia interrompeu-a :

—O que é o amor?—perguntou ingenuamente—como é que se chama?

Eugenia sorriu-se novamente :

—Isto tu aprenderás por ti mesma.

—Mas o amor?—insistiu Noemia.

—E' uma... lingua, que se aprende sem mestre—respondeu-lhe a amiga, depondo-lhe dois beijos nas duas faces.

E não houve meios de tiral-a dahi.

No proximo domingo, á hora da visita, Noemia não appareceu, e á tarde, a irmã do nosso bacharel lhe murmurou ao ouvido n'um tom de maliciosa confidencia :

—Meu mano perguntou si tu estavas doente. Porque não appareceste?

Noemia não respondeu, porém sentio-se perturbada.

No domingo seguinte quiz esconder-se novamente. O rapaz infundia-lhe uma especie de terror, que ella não sabia como explicar : e comtudo, durante toda a semana não lhe sahira do pensamento, um só momento, occupando-o até, durante a noite, nos sonhos mais phantasticos. Quiz esquivar-se á sua presença, pois ; mas, a irmã delle attrahira-a a si e levará-a na sua companhia. Noemia nem uma só vez ergueu os olhos para o rapaz, e não obstante sentia-lhe o olhar magnetico e ardente, impregnava-se daquelle fluido delicioso que lhe entrava até o coração.

Pouco a pouco, porém, foi se tornando menos selvagem, mas'accessivel... indagou quem era o mancebo, onde morava... como se chamava... amou-o, emfim.

Chegava Noemia a esse ponto das suas recordações de collegio, quando parou subitamente, estendendo a cabeça para fóra da janella e fitando os olhos no portão de madeira do pomar.

—O que é?—inquirio Eugenia, volvendo tambem os olhos para lalli.

—Parece-me que vi um vulto saltar o portão.

—Um vulto?!... Ha ladrões por aqui?

—Não... Mas espera : o vulto se encaminha para aqui.

—Para aqui?...—exclamou a filha do Commendador, toda assustada --é melhor fecharmos a janella... Fecha, Noemia, fecha!...

—Espera... deixa-me ver se conheço quem é—retorquio Noemia.

—E' impossivel... está muito escuro : fecha, Noemia.

A filha do coronel debruçou-se ainda por um instante na janella, procurando penetrar com a vista as sombras espessas do arvoredado ; mas, instada pela amiga, compadecendo-se do seu susto, arreiou a vidraça e fechou as portas.

No mesmo momento soaram passadas no pomar e, pouco depois, um tropel de pessoas que corriam.

Noemia, apesar da opposição da amiga, abriu de novo as portas, ergueu um pouco a vidraça e inspeccionou todo o pomar. Não vio, porém, cousa alguma que a inquietasse. O silencio reinava em todo elle.

XII

Felix Modesto velava também.

Apenas se haviam todos recolhido, pouco depois da meia noite, aproximara-se elle do coronel e perguntara na fôrma do costume :

—V. S. ordena alguma cousa ?

O coronel sorria-lhe affectuosamente.

—O que tenho eu para ordenar-lhe, Felix ? Desde que Você veio para aqui e tomou conta do meu engenho, que eu nem sequer tenho o trabalho de pensar. Quando quero dar-lhe uma ordem, ou aconselhar-lhe alguma cousa, mal começo, vejo logo que a ordem, como si fosse adivinhada, já está cumprida, e que o meu pensamento foi de todo executado:

—Não faço mais que o meu dever.

—E' o que Você me responde sempre. E vendo-o, é que se comprehende que a cousa mais facil deste mundo é justamente o cumprimento do dever. Vá descansar.

E, batendo-lhe no hombro familiarmente, o coronel accrescentou mais affectuosamente ainda :

—E procure varrer do coração essa tristeza incompreensível que o acabrunha. Com os diabos ! meu amigo ; eu na sua idade era alegre como um garrote farto. Deixe as tristezas para quando chegarem as desillusões. Até amanhã, ou antes, até hoje mesmo.

O rapaz inclinou-se com respeito, e encaminhou-se directamente para o seu chalet.

—Alegre ! alegre !- ia elle murmurando pelo caminho— alegre, quando tenho no coração um amor que nunca terá compensação, uma saudade que nunca terá fim e uma vergonha que nunca se apagará !... A minha tristeza faz parte da minha natureza, e para tel-a não preciso esperar pelo tempo das desillusões... Desillusões ! por ventura preciso eu esperar por ellas ? Não são ellas o alimento da minha alma, não são ellas até que me dão a força necessaria para viver e para lutar ? Ellas e a lembrança de minha boa e infeliz mãe..

Chegara ao chalet : entrou pausadamente e passou desde logo á segunda salêta de que fizera o seu quarto de dormir. Tirou o paletot e o collete, sempre pensativo ; accendeu uma vela e sentou-se junto a uma pequena mesa que ficava entre as duas janellas, defronte do seu leito. Ahi ficou

os cotovellos e nas palmas das mãos afundou a fronte, engolphando-se n'uma meditação longa e profunda.

De repente, entumeceu-se-lhe o peito, algumas lagrimas borbulharam-lhe dos olhos e, com um suspiro prolongado, o mancebo murmurou :

—Minha mãe!... foste o unico amor que eu conheci... deves ser o unico amor, para que eu viva.

Abriu então o peito da camisa e tirou de dentro d'elle uma pequena caixinha, imitando charão lavrado, que, presa a um cordão de seda, lhe pendia do pescoço á semelhança de um amulêto. Tocou no fecho, e a caixinha abriu-se desde logo. Era um retrato daguerreotypo de mulher.

Felix Modesto fitou-o com ternura e com saudade :

—Minha pobre mãe! — murmurou sentidamente.

Contemplou-o por algum tempo, beijou-o depois com affectuosa veneração e, fechando-o depois, restituiu-o a seu logar, tal qual o avarento, que depois de saborear com avidéz os seus thesouros accumulados, os encerra de novo no esconderijo do seu cofre.

Todas as noites, mais ou menos, repetia-se esta scena. Felix Modesto não adormecia nunca sem primeiro dar o beijo filial no retrato de sua mãe. Era esta a sua devoção, era a sua oração nocturna, unica aliás a que dava credito e valor.

Cumprido esse dever do seu culto filial, dirigio-se para o leito; mas, a meio caminho, parou e retrocedeu. Aquelle era o seu culto divino... faltava-lhe cumprir a devoção do seu culto profano. Apagou a vela, abriu uma das vidraças e debruçou-se nella, fitando o quarto de Noemia, como o navegante fita a estrella que serve-lhe de norte.

No quarto da menina ficara accessa uma pequena lamparina, e essa luz tenue e vacillante foi sufficiente para trahir a presença das duas moças na janella. Felix Modesto, pela intercessão da luz, distinguio perfeitamente os contornos dos seus bustos e adivinhou desde logo que eram as duas amigas que alli estavam.

E tanto bastou para que se enlevasse n'uma muda contemplação, n'uma especie de adoração mysteriosa e desconhecida, que lhe fazia esquecer a vida e o mundo, até as proprias dores, proporcionando-lhe uma felicidade cheia de castas e doces volupias.

Estava elle assim, havia muito tempo, quando vio approximar-se, correndo, um moleque, que sahira do alpendre da senzalla.

—*Sinhô* Felix? *Sinhô* moço Felix! — chamava elle azafamado e como que abafando o som da voz.

—O que é?—inquirio o moço, subitamente arrancado ás doçuras da sua contemplação—o que ha?

—*Sinhô* moço, eu sabi do samba e ia ver si mainãe estava dormindo, quando vi um vulto saltar pelo portão e entrar lá no pomar.

—No pomar?!—perguntou o rapaz sobresaltado.

—Sim, *Sinhô*.

—Conheceste quem era?

—*Inhor*, não. Negro não era.

Felix Modesto galgou de um salto o parapeito da janella e achou-se no terreiro.

—Chama Pedro e Simeão... depressa!

O moleque partio como um raio para a casa, de onde sahiam os sons plangentes das violas e o sapatado cadencioso dos sambistas. Felix Modesto seguiu em linha recta para o portão do pomar e segundos depois, elle, os dois escravos, que foram chamados, e o moleque, penetravam ali pelo mesmo caminho, que momentos antes havia tomado Alexandre Horta.

Este, porém, que tinha a seu favor a sombra espessa dos arvoredos, presentio o movimento, vio os quatro vultos saltando pelo portão e esgueirou-se por entre as arvores, rodeiando o edificio pelos fundos. Apenas suppoz-se encoberto pelo angulo da casa, deitou a correr, tomou a direcção da horta, do lado opposto áquelle, de onde partira, saltou-lhe o portão, entrou no jardim, atravessou a varanda, e, depois de fechar a porta do salão, foi, pé ante pé, recolher-se no seu quarto.

A este tempo, Felix Modesto e os escravos percorriam todo o pomar, correndo e illudidos ás vezes pelo vulto de algum tronco, ou pelas pisadas de algum animal nocturno, que fugia. Rodeiaram assim toda a casa, mas, quando chegaram no portão da horta, já Alexandre Horta estava no quarto dos hoppedes, onde aliás não entrou com as cautelas com que havia sahido, despertando por isso alguns dos companheiros.

O primeiro delles foi o Cazuzinha, que sentou-se na cama e riscou um phosphoro indiscreto.

—Oh! oh!—exclamou elle vendo o amigo todo vestido e esbaforido—de onde vens tu!

—Caluda!--respondeu-lhe o engenheiro, levando o dedo aos labios, mas não de fórma que não fosse ouvido e visto pelas pessoas que houvessem acordado.

—Alguma aventura, hein, seu felizardo?—interpellou-o um rapaz, estendendo a cabeça de dentro dos lençóes.

O Cazuzinha riscou outro phosphoro, á luz do qual Alexandre Horta começou a se despir rapidamente.

—O certo é—observou outro rapaz, que tambem havia

acordado com o barulho—o certo é que vislumbrei hoje á noite, na porta da sala de jantar, uma mulatinha de cabellos crespos que não era nenhuma asneira.

O engenheiro deu uma gargalhada.

—Bôas noites, meus amigos : o que lhes peço é que não fallcm do que viram.

E, assim dizendo, meteu-se na cama e embrulhou-se no lençol.

O segundo phosphoro de Cazuzinha havia-se apagado : reinava a escuridão e dali ha pouco começou a reinar o silencio... um silencio relativo, pois não se deve levar em conta o sussurro das respirações nem os roncos dos dorminhôcos.

Lá fora também restabelecera-se o silencio. Os escravos accusavam o moleque de *inzoneiro*, este jurava pela cruz dos dedos que não se tinha enganado e Felix Modesto voltava para o seu chalet carrancudo, callado e apprehensivo. Vira fechar-se a vidraça do quarto de Noemia e desaparecer a tenue luz que a illuminava.

Entrou, portanto, em casa, pelo mesmo caminho por onde sahira, fechou a janella e deitou-se. De balde, porém, procurou conciliar o somno. O episodio do pomar não lhe sahia do espirito e este trabalhava acuradamente para lhe dar uma explicação. De repente estremeceu... occorrera-lhe uma idéa horrivel, inquietadora, dolorosa. Dar-se-hia o caso que as duas moças estivessem á janella propositalmente, e que o vulto desconhecido, que invadira o pomar, alli tivesse ido por causa de alguma dellas ? Por qual das duas, porém ? Seria Eugenia ? seria Noemia ?

Mas neste caso havia connivencia : quem seria, pois, o atrevido que ousara assim abusar da hospitalidade de uma casa respeitavel ?

Sem saber por que, sem poder explical-o, pela imaginação do mancebo perpassou a figura antipathica do engenheiro, e o abalo, o sobresalto que sentio, fizeram-no erguer-se do leito n'um desassocego inqualificavel, n'uma angustia pungentissima.

Abriu toda a casa e poz-se a passeiar pela sala com movimentos febris e desordenados, sem que conseguissem acalmar-o nem as frias emanações da madrugada, nem um reboiço desusado que se dava no terreiro, que enfrentava a casa de vivenda.

Innumeros vultos iam e vinham n'um trabalho mysterioso, carregando alguns grandes fardos e outros longos caibros, que descarregavam de distancia em logares que pareciam previamente designados.

Ouvia-se depois o surdo rumor das enxadas, cavando o

terreno, um murmurio de vozes meio abafadas e, em seguida, o farfalhar de folhas pelo chão.

A nada disto, porém, dava Felix Modesto a minima attenção... Nada o distrahia das suas angustias; nada o fazia parar no seu passeio febril.

Veio surprehendel-o assim o primeiro rosicler da manhã. Com os albores do dia, expiraram as ultimas notas do samba, e os sambistas, neio ebrios de alcool e ebrios de todo de prazer, correram ao terreiro e descarregaram os bacasartes, saudando a aurora do anniversario de Noemia, ao mesmo tempo que o sino da capella, tangido por mãos peritas, atirava de partido a partido, de quebrada em quebrada, de echo em echo, os sons festivos e alegres do repique.

Só então Felix Modesto pareceu despertar, como quem sai de um longo pesadelo. Vestio-se apressadamente e dirigio-se para a casa de vivenda.

XIII

Dispertava toda a natureza, para a qual o dia é sempre uma festa fecunda e abençoada. E em parte alguma se reveste ella de mais galas e louçanias do que no campo.

Ahi, ao balido saudoso das ovelhas, ao mugido plangente dos bezerrinhos presos, ao latido alegre dos cães e ao cacarejar ruidoso das aves domesticas, junta-se n'um accorde de orchestra inimitavel o cantico variado de myriades de passaros.

Tambem na casa de vivenda, despertavam todos e de pouco em pouco começaram a apparecer na varanda os grupos dos convivas, que já ahi encontraram o coronel desejando-lhe os bons dias. Chegaram por ultimo as moças e com ellas a alegria, a algazarra, a confusão.

De todos os labios partiam exclamações de surpresa e de alguns elogios e commentarios. E' que o cercado do engenho, do portão do jardim até a porteira, estava enfeitado com arcos de folhagem—simples e espontanea manifestação dos escravos do engenho. Adoravam Noemia e desta fórma se associavam á sua festa, querendo dar-lhe um testemunho de sua affeição.

A moça sentia-se commovida e enlevava-se na contemplação daquelles enfeites, julgando-os, quem sabe? os mais significados e mais gratos ao seu coração.

A sua contemplação, porém, foi interrompida por uma palavra do coronel:

—Vamos ao leite, meus Senhores.

Já os vaqueiros haviam soltado o gado e começavam a ordenhar as tourinas de focinhos estreitos e uberes enormes. As moças em bando, tendo Noemia á frente, saltaram pela escadaria e, n'uma carreira alegre e folgazã, se aproximaram do curral. Os homens seguiram o coronel, um pouco mais pacatamente, e com pouco saciaram-se todos de leite morno e espumoso. Cazuzinha tomou tres copos e declarou peremptoriamente que achava aquella bebida, assim pela manhã, muito melhor do que a cerveja.

Voltavam os convivas para a casa, quando Noemia irrompeu n'um grito de alegria:

—Lá vem o padrinho e a madrinha.

Acabavam de passar a porteira e encaminhavam-se por

debaixo dos arcos de folhagem duas pessoas a cavallo : um homem e uma senhora. Noemia e o coronel correram logo ao seu encontro.

—Chego á hora do leite !—exclamou o cavalleiro alegremente—o que quer dizer que chego de madrugada.

—Para meu padrinho não ha madrugadas : toda hora é boa, contanto que chegue—retrucou-lhe Noemia.

E correu para a Senhora, a quem beijou a mão fazendo-lhe mil festas.

—E a mim ? então a mim não se toma a benção !—exclamou o Dr. Pedro Honório com o seu sorriso expansivo e cheio de bondade

—Pois então ?—respondeu o coronel—Noemia é uma menina bem educada.

—Aqui estão, meu padrinho !—disse a moça aproximando-se d'elle —ande, abençõe a sua afilhada.

—Com a mão ? objectou-lhe o Doutor—nada ! cá a minha benção é por um systema mais moderno.

Inclinou-se sobre a sella, aproximou a moça de si com um gesto carinhoso e depositou-lhe na fronte um beijo casto e paternal.

Depois tirou do bolso uma caixinha de velludo e deu-a á moça :

—É uma teteia para as tuas bonecas—disse com um sorriso habitual.

—Ora, meu padrinho.

—Toma, anda : isto não te porá mais rica, nem me põe mais pobre.

—Obrigada, padrinho.

—Agora, põe-te a andar e va buscar-nos dois copos de leite, antes que aquella gente o beba todo.

—Seria preciso um exercito !—sorriu o coronel.

—E ainda assim com sêde, não é corpadre ?—observou a Senhora, fazendo andar o seu cavallo.

Pouco depois estavam todos reunidos na varanda e a madrinha de Noemia, no quarto desta, tirava a montaria, que havia vestido por cima do vestido.

—Oh ! madrinha !—murmurou a moça—Vosmecê não trouxe roupa ?

—Para que, menina ? por um dia só.

—Um dia só ?... Então Vosmecê pretende voltar hoje.

—Sem dúvida : tu bem sabes que eu não posso me affastar de casa... Quem é que cuidará das minhas gallinhas ? Eu só vim cá por ser o dia dos teus annos... E a proposito, já me ia esquecendo de te dar o que trouxe para ti...

E, tirando do bolso do vestido, entregou-lhe um embrulho bastante volumoso para o logar em que viera, ao mesmo

tempo que accrescentava com toda a pachorra, que era a sua qualidade predominante :

—Não é lá grande cousa... pois cada um dá o que tem e não é a mais obrigado. São umas rendinhas para as tuas camisas e uns bicos para os teus casacos... mas tudo feito por estas mãos, que te levaram á pia do baptismo.

Noemia sorriu-se e abraçou a boa da velha com todo o reconhecimento.

—Agora, arranja-me uma chicara de café... que tu bem sabes que não passo sem elle pela manhã.

—Vamos tomal-o na varanda, madrinha...

—Pois vamos... mas antes, dize-me cá : como vae a mãe Anna?... e a filha ? continúa a comportar-se bem ?

—Sempre. Vosinecê bem sabe que a Joanninha é muito sensata.

—Deus a conserve assim. O que é preciso é que o com-padre lhe arranje logo um casamento, porque isso de mulatinhas forras em casa, minha filha... nem te digo nada.

Haviam chegado á varanda, onde servia-se justamente o café, e a boa velha, sendo satisfeita, agarrou-se ao coronel, com quem começou uma interminavel conversação sobre as respectivas plantações.

Isto e o que queria Noemia era a mesma cousa. Deixou a madrinha entrelida com seu pai e foi tomar o braço da amiga inseparavel, que já áquella hora se achava ás voltas com o Cazuzinha.

Reinava então plena liberdade : haviam-se formado diversos grupos, consoante as affeições ou as sympathias, e cada um se entretinha como bem lhe aprazia. Aqui comparava-se a vida do campo e a vida da cidade ; alli tratava-se do amor e da mulher ; acolá referiam-se episodios ; além recon-tavam-se anedoctas ; e n'um grupo de velhos se discutia o jogo e a politica—duas cousas que se parecem tanto que até se podem confundir.

Nos grupos das moças, fallava-se de tudo... de tudo ao mesmo tempo, com essa tendencia pronunciada que ellas têm para o eclectismo.

Só tres pessoas se haviam isolado : Noemia de braço com Eugenia para um lado da varanda e Felix Modesto para o outro, de onde não perdia Alexandre Horta de vista, nem um momento sequer. Dir-se-hia que lhe queria arrancar da physionomia a confissão da escalada nocturna, pois o seu espirito, ou antes o seu instincto, persistia em julgar o engenheiro heróe daquella aventura.

O sol ia subindo no horisonte, não tardando muito que soassem oito horas. No canto da varanda, onde se haviam refugiado egoisticamente, as duas amigas conversavam en-

tremeiando de risos as palavras e Eugenia fazia notar á Noemia que esta não tirava os olhos do caminho, e a filha do coronel sorria e não negava.

Com effeito, parecia que ella ia se tornando impaciente e distrahida, suspirando ameadadas vezes e já quasi não dando attenção ao que a amiga lhe dizia.

N um dado momento, porém, o seu olhar illuminou-se e as faces tingiram-se de um suave carmin, que as tornaram mais fornosas. Eugenia volveu os olhos vivamente para a estrada e abafou uma exclamação, que seria difficil dizer si era de jubilo ou de malicia.

Destacavam-se no horisonte, mas já bastante perito para serem conhecidos, quatro vultos a cavallo: á frente uma amazona e um cavalleiro e mais atraz dois pagens, trazendo um pela arreiata uma novilha negra como um azeviche e lustrosa como um setim, e o outro tangendo um casal de carneiros brancos como o arminho e felpudos como um capucho de algodão.

Eugenia conheceu-os logo e, beliscando a amiga sorri-lhe com carinho :

—Ah! sonsinha!... é preciso ficares assim corada?

Nisto, approximou-se a Sra. D. Anna—a mulher do Dr. Pedro Honório—e perguntou ás moças, depois de ter olhado a estrada sem ver nada :

—Meninas, quem é que vem alli? Vejo uns vultos, mas não posso os conhecer...

—É o Dr. Daniel e sua irmã—respondeu Noemia.

—Ah! o Dr. Daniel! é um bello moço!...

E afastando se das moças, resmungou, porém de fórma, que ellas ouvissem :

—Si eu tivesse filha, desejaria casal-a com elle.

Eugenia deu uma cotovellada na amiga, acompanhada de um olhar significativo e Noemia reprehendeu-a :

—Está quieta!

—Mas tens nella uma... protectora.

—Psio!... caluda.

Os recémchegados approximavam-se e Noemia e o coronel desceram a escadaria para recebel-os á entrada do jardim.

XIV

Antes que o cavalleiro puzesse pé em terra, o velho coronel, todo risonho e affectuoso, ajudou a amazona a apeiar-se, erguendo-a gentilmente do silhão, como si fosse uma criança, e, emquanto Noemía a recebia nos braços e cobria-a de beijos retribuidos com ternura, apertava a mão a Daniel e perguntava-lhe :

—E D. Ursula?... porque não veio ?

—Minha mãe pede-lhe desculpas, coronel : está ainda um pouco adoentada, e por isso não cumpre hoje pessoalmente o dever de vir cumprimentar D. Noemia.

Dirigio-se immediatamente para a moça e estendeu-lhe a mão, que foi francamente aceita. Daniel felicitou-a então pelo seu anniversario, fallou-lhe com affecto, sem ostentação de intimidades, mas tambem sem affectações de acanhamento, e a moça retribuiu-lhe as felicitações com palavras de amizade, ditas n'uma franqueza confiante, com uma simplicidade encantadora.

Si Rosinha—a irmã de Daniel—não tivesse sido a confidente do irmão e si Eugenia não fosse a confidente de Noemia, assistindo áquelle encontro não suspeitariam que entre os dois existia um amor profundo e vehemente. E, que ambos guardavam mutuamente uma confiança illimitada, sentiam-se comprehendidos e animados e não precisavam de ruidosas ou apparentes expansões para demonstrarem que o mutuo affecto era sempre o mesmo, sincero, verdadeiro, legitimo, inalteravel.

Quasi ao mesmo tempo approximaram-se os dois criados, que traziam á dextra o casal de carneiros e a novilha. O coronel não se poude conter e exclamou enthiasmado, como bom entendedor :

—Bonito animal !

—E' uma insignificante lembrança que minha mãe pede á D. Noemia que tenha a magnanimidade de aceitar—disse Daniel naturalmente.

O coronel fez-lhe um gesto affectuoso de assentimento, Noemia agradeceu-lhe com um olhar e um sorriso e, dando dois passos para a novilha, perguntou :

—E' mansa ?

—Como um borrego—respondeu o rapaz—veja.

E, fazendo um gesto com a mão aberta, chamou graciosamente :

—Belbutina !.. aqui Belbutina !

A novilha, ergueu as orelhas, sacudio a cabeça alegremente, dando um mugido sonoro, veio lamber a mão que Daniel lhe apresentava. Noemia aproximou-se-lhe cheia de confiança, passou-lhe a mãozinha macia pelo lombo roliço n'uma carícia de criança e, sorrindo para o mancebo, assegurou-lhe com agrado :

—Vou fazer della a minha predilecta.

Rosinha fôra buscar o casal de carneiros—uns soberbos merinós—e apresentando-os a Noemia :

—Este presente é meu e de Daniel—disse ella—o meu é a ovelha e o de Daniel é o carneiro.

—E são tão mansos como a novilha—acrescentou o rapaz.

—Têm nome ?—perguntou Noemia graciosamente.

—Sem dúvida—respondeu o mancebo.

—Ah !—acrescentou Rosinha ingenuamente -- tu bem sabes, lá em casa todos os bichos são baptisados.

O coronel deu uma risada.

—Aposto que os padrinhos são a menina e o Daniel—disse elle.

—E o padre é o vaqueiro !—confirmou a moça, rindo-se tambem.

—E que nomes tiveram estes na pia ?—inquirio Noemia, fazendo côro na alegria.

—A ovelha chama-se *Esperança*...

—E o carneiro *Fé*...—interrompeu o coronel.

—Não, Senhor—obtemperou Rosinha—o carneiro chama-se *Amor*.

—*Amor* ?!

—Amor e esperança !—disse o coronel com lentidão—são dois nomes symbolicos... bastante appropriados para um casal... Quem teve essa idéa ? Aposto que foi o nosso caro Daniel.

O mancebo havia corado um pouco, meio enleiado ; mas, de repente, dominando a ligeira commoção, ergueu a cabeça e respondeu ao seu velho amigo com toda a segurança.

—Fui eu mesmo, coronel, e desde que os destinei para presente. Com effeito, o que é que se póde desejar e offerecer a uma Senhora, como a sua filha, a não ser o amor e a esperança, isto é : o resumo de todas as dedicações e a aspiração de todas as felicidades ?

Noemia não podia deixar de sentir-se um pouco perturbada. Para ~~disfarçar~~ a ~~subita~~ e ~~intempestiva commoção~~, deu

o braço á amiga, e foi-a arrastando comsigo pelas ruas do jardim, ao mesmo tempo que dizia :

—Eugenia está cá desde hontem, e deve estar impaciente por abraçar-te.

O coronel sorria ao discurso do rapaz e, enfiando o seu braço pelo delle, o foi guiando para casa, poucos passos atraz das duas moças. Na varanda, deixou-o inteiramente senhor de si.

Daniel cumprimentou as senhoras e os convivas e foi por estes acolhido com as mais ruidosas manifestações de agrado e sympathia. Todos, mais ou menos, o conheciam e apreciavam-n'o. O rapaz, porém, furtara-se aos excessos do sympathico acolhimento e, relanceiando os olhos para todos os lados, parecia procurar alguém. Porfim, divisou Felix Modesto, encostado com as costas para a balaustrada e dirigio-se apressadamente para elle.

—Estava te procurando, meu lyrio melancolico!—exclamou elle alegremente, abraçando o rapaz cordialmente.

Felix Modesto retribuiu-lhe o abraço com igual cordialidade, e os dois amigos—que o eram com sinceridade—começaram a conversar alegremente.

Daniel viera trazer á festa de Noemia um elemento novo e prestimoso. Ao inverso de Felix Modesto, dir-se-hia que elle era a encarnação da alegria, a personificação do prazer, mas, de uma alegria e de um prazer espirituoso, communicativo, saudavel, tendo, como tinha, a felicidade de inspirar sympathia apenas apparecia e de apoderar-se dos animos alheios apenas tinha fallado durante dois minutos.

Era alto, secco e perfeitamente elegante, com movimentos rapidos e adequados, o que de alguma sorte revelava a vivacidade do seu espirito, subordinada aos preceitos da mais severa educação. Alvo, com cabellos um pouco crespos, castanhos, e a meia cabelleira, como então se usava, bigodes naturalmente retorcidos e fartos, tinha olhos negros e rasgados, sombreados por longas pestanas, que amorteciam-lhe o fulgor.

De sua physionomia, sempre alegre, resumbrava um ar de franqueza, talvez um pouco rude, porém, em todo o caso, sincera e espontanea.

Era filho de um senhor de engenho, já fallecido, cujas terras limitavam com as do coronel Eça de Mello. Os dois vizinhos haviam sempre mantido as mais estreitas relações de amizade e visinhança e, depois da morte do pai de Daniel, estas relações continuaram as mesmas com elle e a sua mãe.

Ainda em vida do pai, o mancebo sentira-se com vocação para as lettras e matriculara-se na Academia de Direito, ten-

cionando seguir, depois do seu tirocinio academico, a carreira da magistratura. No seu quarto anno, porém, fallecera seu pai quasi repentinamente, o seu engenho—unico patrimonio da familia—ficou a cargo exclusivo de sua mãe, uma senhora muito respeitavel, mas completamente alheia aos trabalhos da agricultura, adiantada em annos e, de mais a mais, quasi succumbida pela perda do marido.

Daniel comprehendeu desde logo o perigo em que se achavam os seus interesses, que tambem eram os de sua mãe e os de sua irmã e, tendo-se formado, renunciou aos seus sonhos de elevação, para os quaes era a magistratura um pedestal naquelles tempos, como actualmente só o é a farda de soldado e recolheu-se ao engenho, adoptando facilmente a vida de agricultor.

Não fizera para isto, porém, um grande sacrificio, nem precisara violentar a sua vontade. Uma circumstancia, ao principio toda fortuita, porém, depois reflectidamente voluntaria, influio poderosamente para tornar-lhe agradavel a vida do campo e aceitavel a perda das suas illusões. Daniel, nas visitas, que fazia á sua irmã no collegio, vira a filha do coronel Eça de Mello e por ella se apaixonara perdidamente. Soube logo quem ella era e onde morava. Era uma visinhanha e filha de um amigo de seu pai ; e o amor acabou o que os interesses da familia haviam começado.

Noemia sahirá do collegio e viera para o engenho de seu pai. Daniel estabelecera-se definitivamente ao lado de sua mãe, e os dois namorados, graças á visinhança e á amizade de seus pais, continuaram a ver-se e a se encontrar constantemente.

Ha mais de um anno, pois, que durava esse idyllo discreto e inalterado, á espera apenas do momento opportuno em que pudesse transformar-se de sonho em realidade, de simples aspiração das almas em doce união dos corpos.

XV

O almoço foi servido ao meio dia em ponto, tendo sido as horas precedentes distrahidas e disfarçadas com diversões e palestras animadas.

Daniel travara conhecimento com o Dr. Cazuzinha e não o largara mais, divertindo-se immensamente com os seus disparates intempestivos, mas ingenuos. Cazuzinha, por seu lado, declarava que o rapaz era o mais alegre dos companheiros e tambem não o deixava, annunciando a todos que faria delle o seu melhor amigo, e até seu secretario, quando elle Cazuzinha fosse noineado ministro diplomatico em qualquercôrte da Europa.

—E eu que acccito !—exclamara Daniel—quem é que não quererá ser secretario de um tal ministro ?...

E as moças desde logo começaram a tratar o Dr. Cazuzinha por *Sr. ministro* ao mesmo tempo que, rindo-se ás gargalhadas, appellidavam o Dr. Daniel—*Sr. secretario*. Só esse episodio deu panno para as mangas e fez com que o almoço não parecesse demorado. Verdade é que muitos dos hospedes davam de vez em quando um passeio pela sala de jantar e desforravam-se da espera, illudindo as exigencias do estomago com as fructas e doces seccos que iam encontrando pelos aparadores, regados varias vezes com copinhos de cognac ou de licor.

Estavam, porém, todos á mesa, saciando o appetite nas iguarias succulentas do coronel e o almoço corria alegre na mais doce intimidade. Banidas a etiqueta e a cerimonia, conversava-se espirituosamente e com franqueza. Uma das moças fizera uma pergunta, cuja resposta se tornara difficil de formular : em que e como se passaria a tarde desse dia ? Dividiram-se logo as opiniões, aventaram-se diversas idéas e mais de dez projectos sollicitaram a honra de ser approvados.

—E' muita cousa para um programma só !—exclamou Daniel, no meio da algazarra—para realisar metade das idéas, que se acham na tela da discussão, seriam precisas vinte tardes e cada tarde de vinte horas. Não façamos como as nossas assembléas .. que perdem tempo e palavras com idéas inuteis e accumulam projectos impossiveis.

—Apoiado !—obtemperou um velho, sem dentes, que se esforçava a roer um osso do leitão.

—Tal qual !—continuou Daniel—não façamos como o amigo que acaba de apoiar-me e que está alli a perder o seu tempo com aquella costelleta, sem conseguir enviar para o estomago sequer uma migalha... façamos antes como o meu amigo o Doutor...

—Cazuzinha—atalhou o interpellado.

—...o Dr. Cazu...

—...zinha ! zinha !—bradou Noemia a rir, do seu lugar—não esqueça que elle não dispensa o diminutivo.

—Pois bem—proseguio Daniel imperturbavel—façamos antes como o meu amigo o Dr. Cazuzinha, que já comeu tres pratos de cangica e só ataca os solidos que se possam ingerir mais facilmente.

Uma gargalhada acolheu as ultimas palavras do orador, que estava longe de suppor este resultado e que, valha a verdade, ficou sem saber si os circumstantes riam-se dello ou das suas palavras. Mas as risadas cessaram de repente. Cazuzinha debruçara-se sobre a mesa e bradara com a sua voz mais forte de falsete :

—Tenho uma idéa ! tenho uma idéa !

—*O mons parturiens !*—exclamou Daniel enthiasmado.

E voltando-se para o coronel, interpellou-o com toda a seriedade :

—E dizem os impios, meu caro coronel, que Deus já não faz milagres !

—Mas, espere, Doutor !—interveio a Sra. D. Anna com toda sua pachorra—deixe o Sr. Cazuzinha expôr a sua idéa.

—Eu proponho—exclamou o rapaz minuscule—que, para se passar a tarde, corramos umas cavalhadas.

A parte feminina apoiou logo o projecto com applausos unanimes. Era o signal da sua passagem sem discussão.

—Coronel ?—perguntou Daniel com presteza e seriedade—a que horas é o jantar ?

—Isto é lá com a dona da casa—respondeu o velho, rindo-se e apontando para a filha.

Daniel voltou-se para a moça como si esperasse uma decisão.

—A's seis ou mesmo ás sete—disse Noemia sorrindo—emfim, ás horas que os Senhores quizerem.

—Neste caso—continuou Daniel alegremente—a proposta do meu nobre collega, o Dr. Cazuzinha...

—Collega ?... eu ?...

—Pois então ? O Senhor possui um titulo, um diploma scientifico...

—E em allemão !—observou o coronel.

—Embora não saiba em que ramo de sciencia lhe tenha elle conferido o gráo e as regalias de Doutor—proseguiu Daniel com toda a seriedade—e por isso mesmo, tanto pode ser formado em engenharia, como em medicina, como em theologia, como em direito... Consinta, pois, que o considere formado neste ultimo ramo de sciencia, e isto com tanto mais razão, quanto entre nós é a sciencia do direito que conta mais bachareis, que não sabem no que são formados. Aprovo plenamente, pois, a idéa do collega, que talvez pela primeira vez tenha tido uma idéa luminosa. Eu o felicito e o proclamo benemerito! Talvez a cavalhada seja a sciencia de que resa o seu diploma.

—Talvez ; mas, si o jantar é ás sete horas, quando poderá ella realisar-se ?

—Oh ! filho de Deus ! entre as cinco e as seis... servirá até para abrir-nos o appetite.

—Bravo ! bravo !

—Uma cavalhada é uma boa diversão—observou Alexandre Hortá—mas é preciso preparar o terreno...

—Oh ! meu Deus !—exclamou Daniel, interrompendo-o—e é o Senhor um engenheiro, que estaca assim diante de tão pequena difficuldade ? quem procura crear-nos obstaculos ?

—Não estaco, nem crio obstaculos : apresento apenas uma objecção e muito razoavel.

—Qual razoavel, meu caro Senhor !... Não é preciso occupar o seu teodolytho, nem nivellar terreno algum. O campo está prompto... aplainado pela propria natureza, e até supponho que é bastante macio para receber qualquer cavalleiro menos dextro, que tenha a velleidade de apalpar-lhe a gramma.

—E lanças ?—interrogou um rapaz, com ares de quem tinha mettido alguma n'África.

—E' verdade !—apoiou o Cazuzinha, desacoroçado e compungido—não temos lanças.

—Mas temos mattas—observou judiciosamente o coronel—temos mattas e não faltam sambaquins nas capoeiras.

—Sambaquins ?!—repetio Cazuzinha interrogando—o que é sambaquim, coronel ? é algum animal de caça ?

—Hum, hum ! que sujeito tolo !—resmungou a D. Anna ao ouvido da visinha.

Foi impossivel manter a seriedade. As risadas irromperam de todos os labios, tão espontaneas, tão contagiosas, que até o melancolico Felix Modesto tomou nellas parte activa.

Mas não ha nada que não tenha fim. A hilaridade cessou, afinal, embora o proprio Cazuzinha concorresse para prolongal-a, invectivando os circumstantes com a seguinte observação, em forma de desculpa :

— Não sei porque seriam da minha pergunta : todo o mundo sabe que estudei na Europa.

O coronel tomou então a palavra e complacientemente deu ao rapaz as explicações que a sua pergunta lhe exigia, demonstrando-lhe com clareza como dos rebentos dos santabaquins—varas leves, roliças e linheiras—se podiam improvisar as lanças para as alludidas cavalhadas.

— É o meu amigo Felix Modesto, com a sua habilidade é capaz de arranjar-as em menos de duas horas—additon Daniel.

— Pode contar commigo—confirmou o mancebo—daqui até a tarde, terão os Senhores lanças, argolinhas, postes fincados, e até... um cavallo de flexa, si o Dr. Cazuzinha quizer tomar parte na brincadeira.

O almoço tocara ao seu termo. Ergueram-se todos e, deste momento em diante, não se cuidou n'outra coisa senão nos preparativos para o divertimento da tarde.

Parliram escravos para a matta : Felix Modesto, Daniel, o Dr. Pedro Honorio e mais alguns rapazes tomaram conta do chalet, enquanto Noemia, Eugenia, Rosinha e outras moças esvasiavam os bahús e faziam provisão de fitas de todas as côres e larguras.

A's quatro e meia da tarde estavam enterrados dois postes no terreno fronteiro á casa de vivenda, atravessado o cordel e suspensa a argolinha de folha de flandres delicadamente retorcida. O coronel mandara collocar cadeiras na frente do jardim e as moças, impacientes, alegres, risonhas, commovidas umas, desconfiadas outras, todas, porém, curiosas do espectáculo, se alinhavam n'uma fila vistosa e encantadora. O coronel, o Dr. Pedro Honorio e o Comendador haviam sido eleitos juizes do campo e formavam um grupo á parte, sentados sob um gracioso docel de folhas entrelaçadas.

No campo, nessas festas intimas, em que reinava a simplicidade mais tocante e a alegria mais franca e cordial—como que expansões da mais pura innocencia--o que nas cidades seria um ridiculo sem nome, assume alli as proporções de uma cousa natural, que não provoca risos nem vexames. Um dos convivas havia se lembrado de que faltava no engenho uma trombeta para annunciar a entrada dos paladinos na liça. Lembrar-se, porém, da falta, e lembrar-se ao mesmo tempo do remedio, foi uma e a mesma cousa. Ainda não ia longe o seu tempo de criança... e crianças eram todos aquelles que iam alli se divertir. Cortou, pois, um dos mais compridos e grossos canudos de um mamoeiro, deu-lhe um corte de alto a baixo e immediatamente improvisou um instrumento de sopro, cujos sons agudos e estridentes imitavam perfeitamente os de uma corneta ou de um clarim.

Davam cinco horas no relógio da casa de vivenda, quando a trombeta improvisada estrugiu nos ares, tocando uma fanfarra marcial, e immediatamente desembocaram a galope, de detraz do engenho, vinte cavalleiros, divididos em dois grupos parallellos, de lança em riste, tendo á frente, um delles, Daniel e o outro, Felix Modesto. O grupo de Felix Modesto trazia por distinctivo tres pennas brancas nos chapéos: e o de Daniel tres folhas de um croton vermello.

Tanto bastou para que os acolhesse uma salva de palmas e para que os espectadores se dividissem em dois campos. Noemia e Eugénia pela primeira vez tornavam-se adversarias.

Os cavalleiros fizeram diversas evoluções em que mostraram a pericia de consummados piccadores, cumprimentaram os tres juizes e collocaram-se em linha de batalha. A trombeta resouu pela segunda vez, e Daniel, a quem coubera a sorte de correr a primeira lança, enristou-a com elegancia, cravou as esporas no murzello, affroxou-lhe as redeas e partio como um relampago. Quando esbarrou no fim da liça, uma salva de palmas saudou-lhe a gentilleza, enquanto a trombeta tocava uma fanfarra entusiastica. Na ponta da lança, que elle erguia, ficando o coto na ponta do pé direito, brilhava a argolinha arrebatada na carreira. Foi ella offercida a Noemia, que, no braço esquerdo do mancebo, atou uma fita da collecção que ella tinha no regaço.

Correu a segunda lança Felix Modesto, o campeão tão dextro como o outro, jogou a lança por cima do cordel, tirou com a mão a argolinha na passagem e aparou a lança novamente do outro lado. Novos applausos resoaram, e novamente a trombeta deu a sua nota estridente de alegria. O cavalleiro dirigio-se a galope para o grupo das senhoras... ia direito a Noemia... mas, a meio caminho, torceu redea e foi esbarrar deante de Eugénia, fazendo o cavallo quasi ajoelhar-se a poucos passos de distancia. Um olhar de Noemia havia-lhe designado a amiga e o mancebo cumprira submissamente a ordem desse olhar.

Eugénia sentio seu coração encher-se de uma doce commoção e foi com as mãos frias e tremulas que atou a fita no braço esquerdo do mancebo.

Depois destes dois correram os outros cavalleiros com mais ou menos successo, quando chegou a vez do Cazuzinha. O Doutor sem saber em que, teinara em fazer parte de um dos grupos e, por mais que o demovessem do proposito, pondo em dúvida os seus conhecimentos hippicos, elle a nada cedera, allegando que fôra sua a idéa da cavalhada...

—Mas o Senhor sabe montar?—perguntara-lhe Daniel como unico recurso.

—Si sei montar !!—respondera o rapaz com toda a vivacidade—pois saiba que eu sou formado em sciencia cavallar !!
E disse.

Minutos depois estava montado e, agarrado ás crinas do cavallo, fazia esforços inauditos para acompanhar os companheiros.

Chegara, pois, a sua vez de correr. Vio o signal, inclinou a ponta da lança para a frente, cravou as esporas no cavallo e partio... partio o cavallo, porque elle, no arranco que dera o animal, perdeu os estribos, virou para traz com as pernas para o ar e escorregou pela anca do cavallo, ficando estatellado no chão como um tamanduá á espera do cão do caçador.

Desataram todos na risada e riram-se ainda mais, quando o viram erguer-se de repente, agarrar a lança, que lhe saltara das mãos a poucos passos de distancia, e deitar a correr pela liça, ao mesmo tempo que gritava :

—Pega ! pega o cavallo que eu quero ensinal-o... pega ! pega !

Pouco depois as moças o rodeavam, lhe dando as condolencias.

—Ora ! o demonio do cavallo apanhou-me desprevenido —disse elle com toda a convicção.

—Qual !—retrucou-lhe Noemia com toda a seriedade — diga o que quizer; para mim o Senhor fez aquillo de proposito... para alegrar um pouco a cavalhada.

Cazuzinha sorrio-se enfatuado e dahi a minutos dizia a todo o mundo que dera aquella sorte de proposito.

—Tanto é verdade—acrescentava—que não quebrei o nariz nem nada mais.

Não tardava muito que soassem as sete horas, e o jantar fôra servido. Um pouco mais cerimonioso do que o almoço, em attenção aos novos hospedes que haviam chegado da cidade, notavelmente um reverendo capuchinho que fôra contratado por Eça de Mello para dizer a missa da meia noite: capella do engenho, nem por isso deixava de correr animado e alegre, graças á amizade, ou pelo menos conhecimento, que todos os convivas tinham entre si.

A' sobremesa ergueram alguns brindês, o que catão estava muito em moda, e desta vez não poudo o Cazuzinha exhibir nenhuma amostra do seu talento, porque o coronel prevenira Daniel e puzera á sua tutela o trefego Deutor. O que foi uma boa medida, pois sem ella é muito provavel que o Cazuzinha dissesse ou fizesse taes cousas, que o reverendo capuchinho se escandalisasse e até recusasse dizer a missa do gallo, sem comtudo renunciar ao subsidio da viagem e á indemnisação pela massada.

Durante o jantar, as ordens de Felix Modesto haviam sido executadas e quando os convivas voltaram á varanda—pouso sempre preferido—deslumbrou-os o espectáculo que tinham deante dos olhos. A fachada da casa de vivenda, o tecto da varanda, os alpendres da senzalla, a capella, o jardim, o chalet, o engenho, até os arcos de folhagem, tudo estava profusamente illuminado com balões variados na côr e no feitio. Tudo tinha um aspecto phantastico e brilhante. De repente rasgou os ares uma girandola de foguetes e estrugiram, na porteira, os sons entusiasticos de uma banda marcial. Era a philarmonica de um logarejo proximo, que vinha espontaneamente abrilhantar a festa de Noemia, ao mesmo tempo que concorreria para tornar mais solemne e mais brilhante a missa do Natal.

O coronel agradavelmente surprehendido foi recebê-la á entrada do jardim, e sendo ella composta toda do melhor pessoal do lugarejo, Noemia não perdeu a opportunidade de obsequial-a gentilmente.

Começaram as danças e nellas passou-se a noite até á hora em que o sino da capella vibrou o ar com os seus repiques de chamamento, e o reverendo capuchinho dirigio-se á sacristia para alli paramentar-se.

Soou a meia noite, foguetes e disparos de bacamarte annunciaram o anniversario do nascimento do Redemptor da Humanidade e a missa foi ouvida com esse respeito e devoção, que hoje já não se encontram nas cidades, mas que se refugiaram nos corações simples e rudes dos habitantes do campo.

Depois da missa voltaram todos à casa de vivenda. A lauta mesa do coronel havia sido renovada, mas desta vez sentava-se à ella quem queria. O capuchinho fez-lhe as honras em companhia de mais tres ou quatro pessoas, e depois retirou-se ao chalet de Felix Modesto, que este puzera graciosamente à sua disposição.

A festa não arreleceu por isto, antes redobrou de animação e brilhantismo. Continuaram as danças interrompidas e só terminaram quando, ao romper da manhã, o canção empallidecia todas as faces, prostrava todos os corpos e impunha a compenseção da quietude n'um somno reparador.

As moças retiraram-se aos seus quartos e os rapazes, que com ellas talvez pudessem resistir mais algum tempo, vendo-se abandonados, sentiram-se alquebrados e correram a restaurar as forças no valle dos lençoes, monologando saudades ao ouvido dos travesseiros.

Felix Modesto passara a noite antecedente em claro, trabalhara todo o dia, corraera a cavallo toda a tarde, dançara até áquella hora e, por maior que fosse a sua mocidade, por mais robusta que tivesse a sua constituição, não podia resistir e... nem resistia. Mão grãdo seu, as palpebras se lhe fechavam e uma lassidão enorme se apoderava de todo o corpo.

Não queria soccorrer-se ao quarto dos hospedes, onde iria achar-se em contacto com Alexandre Horta, não podia ir para o chalet, que havia cedido ao capuchinho, affirmando que alli ninguem o incommodaria, e tinha somno... era-lhe preciso dormir ainda que fosse algumas horas.

Lembrou-se então que, ao lado do banheiro, lá para o fim do pomar, uma touceira de maracujá-assú havia-se enramado pelas arvores de tal fórma, que fizera um pavilhão, quasi uma gruta impenetravel aos raios do sol. Dirigio-se immediatamente para lá: arranjou com as folhas seccas um leito macio e sufficiente; deixou-se cahir sobre elle e adormeceu profundamente.

A natureza reclamava o seu tributo, e durante as primeiras horas seria impossivel a Felix Modesto despertar, por maior que fosse o estrondo que resoasse aos seus ouvidos, por maior que fosse o esforço que fizesse. Quando muito as sensações exteriores se confundiriam com algum **pesadelo**, e este o prenderia ainda mais ao leito, acabrunhando-o.

Mas, depois o somno de chumbo foi se tornando mais leve ; passara de todo o cansaço physico e o mancebo se conservara deitado, mais por voluptuosa languidez do que por imperiosa necessidade. De repente despertou : parecia-lhe ouvir perto o sussurro de duas vozes conhecidas. Applicou o ouvido com attenção e, com effeito, as reconheceu sem muito custo. Partiam ellas da porta do banheiro, do qual o separava apenas o tecido emmaranhado da folhagem, como uma cortina transparente.

Eram duas as pessoas que conversavam, e o que diziam era tão interessante para Felix Modesto, que elle ergueu-se de mansinho, com todo o euidado para não fazer o minimo barulho, e se approximou, pé ante pé, de uma das frestas que as folhas do maracujazeiro faziam entre si. Vio então distinctamente Alexandre Horta e Cazuzinha, e vio sem receio de ser visto, porque enquanto estes se conservavam em plena luz, ficava elle immerso na sombra, na quasi eseuridão do caramanchel improvisado.

Alexandre Horta também se havia recolhido ao quarto dos hospedes em busca do descanso. Mas, que fosse mais robusto ou que estivesse mais preocupado, o certo é que dormio pouco, ou antes não dormio nada. Ergueu-se outra vez da sua cama, vestio-se e sahio para a varanda, que se achava então quasi deserta. Lembrou-se de tomar um banho para sacudir de todo o enfado, e desassombradamente dirigio-se para o banheiro, em cujas aguas já por vezes havia mergulhado e que, portanto, sabia perfeitamente onde ficava.

Estava dentro do tanque a receber os jorros que, como ducha, cahiam-lhe sobre a cabeça, quando á porta assomou outra pessoa. Era o Cazuzinha que vinha em busca do mesmo refrigerio. Dentro d'agua ainda encetaram os dois a sua palestra e escusado será dizer que versou ella sobre as occurrencias das duas noites e do dia anteriores.

Das occurrencias passaram ás pessoas, em eujas pelles cada um exerceu, a melhor, a sua mordacidade caustica e ferina, Cazuzinha com leviandade e Alexandre Horta com acrimonia. Era impossivel que Noemia lhes escapasse, mas a respeito della a conversação tomou um novo rumo.

—E' a primeira vez, desde que ehégamos aqui, que podemos fallar em liberdade—disse Alexandre Horta com aze-dume—por toda a parte parecia seguir-me o olhar inquisidor d'aquelle lacao do coronel.

—Qual lacao?—perguntou Cazuzinha ingenuamente.

—Quem ha de ser senão aquelle pelintraço, que já foi meu aprendiz e toma hoje uns ares de superioridade pela confiança que lhe dão.

—Ah ! o tal sujeitinho melancolico e romantico ?... Não sympathiso nada com elle.

—Nem eu, faz-me lembrar assim uma especie de cão de fila sempre agarrado ás saias da senhora.

—E parece até que ella gosta delle.

—Qual ! um filho das ervas ! ella faz lá caso delle. De quem ella faz caso, sei eu.

—De quem é ?—inquirio Cazuzinha mordido já pela curiosidade.

—Como ! já não te lembras do que eu te disse na cidade ?

—Ah ! percebo agora. Então é esta ?

—Sem tirar, nem pôr.

Haviam sahido já do banho e iam pouco a pouco se vestindo.

—E que tal a achas ?

—E' com effeito um peixão !—respondeu Cazuzinha com enthusiasmo—e sendo filha, como é, deste coronel, deve ter um dote de espavento.

—Trezentos contos.

—Heim ?!..

—E sem contar com a herança, pois é filha unica e o pai a adora.

—E' uma pechincha.

—Um thesouro !

Estavam ambos vestidos e encaminhavam-se para a porta, a cujas hobreiras se encostaram proseguindo na palestra.

—Mas queres que te diga uma cousa, Alexandre ; tu pedes estar apaixonado... pelo dote principalmente ; porém, ella, a fallar a verdade, parece que se importa tanto contigo como commigo.

—Como te enganas, pateta !... Não vistes como me tratou durante estas duas noites ?

—Como tratava os outros.

—Ahi é que está a sua finura. Não quer que se perceba o nosso amor.

—Então ama-te ? asseguras-me isto ?

—Com todas as veras. Tenho provas, que poderei mostrar-te, quando quizeres : flôres, presentes, uma trancinha de cabellos, até cartas.

—Cartas tambem ? oh ! quero vel-as : morro por ler uma carta de namoro.

—Nunca as leste ? e os teus conhecimentos ?

—São theoreticos, puramente theoreticos.

Cazuzinha exhalou um suspiro e proseguio com toda a sinceridade de sua alma :

—Pois a culpa não é minha ! Tenho escripto muitas car-

tas, muitas... mas respostas, nikles !... não recebo uma só. E, ás vezes, para cumulo de caiporismo, depois de escrever-lhe, não só não recebo resposta, como perco até a namorada.

Alexandre Hórta sorriu-se com fatua presumpção :

—Commigo dá-se o contrario. Foi até uma carta—um simples bilhetinho—que levou esta fortaleza de vencida.

—E ella, zaz ! respondeu-te logo ?

—Immediatamente... Fica certo de uma cousa Cazuzza...

—...zinha ! zinha, se faz favor.

—A mim não ha moça que resista.

—E's um conquistador !

—Mas esta é para bom fim. Como tem aquillo com que se compram os miellões, creio que desta vez o conquistado serei eu.

—Tendo as provas que tens... Mas as cartas ! eu só quero ver as cartas...

—Mostrar-t'as-hei quando quizeres. Mas não é isto só.

—Como ! tem mais alguma cousa ?

—Oh ! oh ! si tem e o melhor.

Alexandre torceu o bigode com arrogancia e, n'um tom mysterioso, accrescentou :

—Tem-me concedido as suas entrevistas...

Do seu esconderijo, Felix Modesto não perdia uma palavra do dialogo e, chegado a este ponto, perguntou a si mesmo um pouco inquieto :

—De quem fallarão elles ?

Ao mesmo tempo Cazuzinha exclamava maravilhado :

—Entrevistas !... onde ?

—A's vezes na janella, outras no pomar... e algumas no seu quarto.

—No seu quarto !... é impossivel !...

—Ainda ante-hontem á noite, depois que todos se recolheram...

Felix Modesto sentio um choque violento, estremeceu e deu dois passos para fóra do esconderijo.

—Oh ! Senhores ! quem diria ? ella que parecia uma santinha !

—Prometteu-me uma outra para hoje...

—A Noemia ?...

—A Noemia !

Felix Modesto irrompeu como um tigre enraivecido e de um salto collocou-se á frente dos dois homens.

Mente !—bradou elle para Alexandre Horta.

Cazuzinha recuou. O engenheiro empallideceu, mas interpellou-o com arrogancia :

—O que quer dizer isto ?

—Quer dizer que, ha meia hora, escuto a conversação infame que os Senhores sus'tentam e, a que respondo dizendo-lhe que mente ! mente ! mente como um miseravel que é !

—Sr. Felix Modesto !—retrucou Alexandre Horta, querendo apparentar calma e dignidade—o Senhor está fóra de si.

—Estou, sim ! estou como deve ficar todo o homera de bem que ouve um miseravel calumniar uma Senhora !

—Calumniar !—repetio o engenheiro com ironia.

—Calumniar, sim—insistio Felix Modesto, levando a mão à gola do paletó do contendor.

—Mas, meu amigo...—interveio Cazuzinha n um tom conciliador, porém, amedrontado.

Mas o mancebo não lhe deu attenção e prosequio, abalando o engenheiro :

—As cartas?... mostre-me essas cartas...

—Não as tenho aqui—respondeu Alexandre Horta com displante.

—Nunca as teve !... nunca as terá, sem dúvida ! Quanto á entrevista, é uma falsidade, é uma calumnia ainda mais infame. A filha do Sr coronel dorme em companhia de todas as Senhoras que se acham nesta casa... e os escravos ante-hontem rondaram o pomar... este Senhor mentio !

Tinha-se voltado para Cazuzinha e prosequio com vehemencia :

—E' a primeira vez que o Senhor vem a esta casa... Não conhece ainda D. Noemia... é uma mênina pura e casta... E, si continuar a frequentar esta casa hospitaleira, que sem o conhecer lhe abriu as portas, ha de verificar a verdade das minhas palayras e a infamia deste miseravel.

—Sr. Felix !—repellio Alexandre, apparentando soberbia.

—Miseravel ! sim !—repetio o moço encarando-o fixamente—mil vezes miseravel !

—E quem é o Senhor para fallar-me desta fórnica e neste tom ?—retrucou-lhe o engenheiro furioso—que direitos tem para tomar a defesa de uma mulher que eu amo e que me ama ?

—Mente, repito !

—Mentira ou verdade, creio que não lhe pagam para isto... insolente ! Conhece-me bem e sabe eu quem sou : e o Senhor o que é ? o lacaio de um engenho. Devia respeitar-me, pelo menos pela differença radical que ha entre nós : eu tenho uma posição e o Senhor não tem nenhuma.

—Senhor !...—exclamou o rapaz fóra de si e prompto a agredil-o.

Alexandre Horta recuou dois passos e fulminou-o com estas palavras, que accentuou com ironia mais que acerba :

—De certo. Eu tive um pai ; como se chamava o seu ? quem foi elle ?... como se chamava sua mãe !

Felix Modesto deu um grito e levou as mãos ao rosto, onde uma onda de rubor substituia-lhe a extrema pallidez.

—Minha mãe !—murmurou elle, estremecendo.

Alexandre Horta aproveitou a oportunidade, fez um gesto a Cazuzinha e sahiram ambos apressadamente do pomar.

Durante algum tempo Felix Modesto quedou-se como atordoado. Nunca lhe fôra atirada ás faces com tanta rudeza a vergonha do seu nascimento. As lagrimas subiam-lhe do coração ás palpebras e era com um esforço inaudito de vontade que elle conseguia impedir que ellas corressem. A dor e a magua que lhe ficaram, essas sim era-lhe impossivel sopitar

Porfim, retirou as mãos do rosto e lançou para os lados um olhar quasi desvairado, porém immensamente triste. Nem sequer havia dado pelo desaparecimento dos seus dois interlocutores. Mas, agora reconhecia que fôra melhor assim, porque, si continuasse a discussão, talvez não fosse senhor de si, talvez commettesse algum desatino, promovesse algum escandalo. Respirou o ar n'um longo hausto que confundio-se com um suspiro e lentamente tomou o caminho do seu chalet.

O capuch'inho ha muito que havia partido para a cidade, e Felix Modesto, acabrunhado, febril, n'um estado nervoso indescritivel, encerrou-se no seu quarto, buscando a solidão como um allivio, procurando no silencio o socego que fugia-lhe do espirito.

Mas de balde. Reproduzia-lhe a memoria a scena a que acabava de assistir, na qual tomara uma parte tão activa. Que ! seria aquelle o resultado de haver cumprido o seu dever ? Pois o mundo estava constituído de tal fórma anomala e injusta, que o cumprimento de um dever acarretasse a recompensa de um insulto, a magua de uma vergonha, a dôr e o soffrimento ? O insulto, desprezava-o elle : Alexandre Horta chamara-o *lacaio do engenho*... que lhe importava isto, porém ? O engenho era apenas o campo, em que se exercia a sua actividade ; o trabalho era tudo e esse nobilita e engrandece o homem, toda vez que seja honesto. E o seu trabalho intelligente e honesto, a sua actividade aproveitada e util tornavam-n'o mais senhor do engenho do que o proprio Eça de Mello. Lacaio do engenho ! talvez porque trabalhava alli e dalli auferia os lucros do seu esforço material e espirital nessa lucta perpetua pela vida. Mas neste caso,

tambem Alexandre era um laçaiio da fundição, como laçaiios são todos aquelles que trabalham neste mundo, como que alugando os seus prestimos e serviços.

Não ! não era isto o que doia, não era isto o que enchia o manco de vergonha. O que ferira-lhe a alma, como uma vibrante punhalada, fôra a allusão brutal á culpa de seus pais : o abandono do homem e a fraqueza da mulher. Sim, o que era elle afinal ? um filho sem pai e, portanto, sem nome... o filho de ninguem. Parecia-lhe que pelos labios ironicos e cynicos do engenheiro havia fallado o mundo inteiro—toda essa sociedade civada de preconceitos que ella mesma inventara em seu orgulho.

E sua mãe?... publicar o abandono de seu pae, não seria insultal-a em sua memoria, cobrir de vergonha a sua mocidade, embora a velhice lhe houvesse cercado com uma aureola de respeito, e as suas angustias maternas como que resgatado a falta commettida n'um momento de desvario, santificada pelo amor, filha talvez da seducção eobarde ou violenta ?...

Felix Modesto quasi que se arrependia de ter intervindo na conversa dos dois miseraveis hospedes do coronel. O que tinha ganho com aquillo ? um desgosto para si e um insulto para sua mãe. Destruir uma calumnia ? quem sabe si o teria conseguido.

Levou machinalmente a mão ao coração e tocou o talisman que o acompanhava sempre—a caixinha com o daguerreotypo de sua mãe. Abrio-a lentamente, fitou-o com ternura e por muito tempo ficou-se a contemplal-o. As lagrimas então lhe correram com abundancia.

—Ah ! minha bôa mãe ! foste talvez culpada, não compete a mim te julgar ou censurar-te, mas amar-te unicamente, como tu propria me amaste emquanto viva ! Não conheci meu pae... nunca me fallaste nelle, senão como de um ente, cuja lembrança procuravas varrer do teu espirito... nunca disseste-me o seu nome, porém, não te condemno. Pae e mãe foste tu só para mim... Por isso amo-te, amo-te e vennero-te !...

Collou os labios no retrato, e n'um longo beijo, humedecido pelas lagrimas, pareceu fundir toda a sua alma.

Entretanto, a tranquillidade não lhe havia voltado ao coração, e quando mais tarde vieram chamal-o para o almoço, elle mandou pedir desculpas ao coronel, affirmando que se achava incommodado. Não queria encontrar-se por emquanto com Alexandre Horta. Talvez que a scena havida entre elles determinasse a ausencia deste ultimo. Neste ponto enganava-se elle. O engenheiro tomara cynicamente o seu partido, e nem sequer lhe passou pela mente retirar-se,

tanto mais quanto tinha ainda muito o que fazer para levar ao termo os seus projectos.

Apenas soube-se do incommo do mancebo, o Dr. Pedro Honorio—que, á instancias do coronel e da afillhada, resolvera demorar-se mais dois dias em companhia da Sra. D. Anna—correu logo ao chalet do seu amigo.

—Então o que é isto?... temos macacão, como succede ás moças hystericas depois dos bailes e das danças?

Felix Modesto, surprehendido, restituiu o retrato de sua mãe ao seu esconderijo habitual.

—Ah! ah!—sorrio o doutor galhofeiramente—até que o apanho, seu maganão!. Um amuleto!... já vejo que temos feitiçaria, e onde ha feitiço ha mulher. Aposto que o seu incommo não passa de arrufos de namorado!... Pois olhe, de uns olhos sei eu que ficaram inquietos, quando o moleque disse que o Senhor estava doente.

Felix Modesto esboçou um sorriso contrafeito.

—Não tenho nada de mais, Doutor—disse elle simplesmente—a fadiga dessas noites talvez...

—Vejam os dentes.

Tomou-lhe o pulso por alguns minutos.

—Ligeiramente alterado... irregular—resmungou por entre os dentes.

Observou-lhe a physionomia e accrescentou:

—Está pallido e abatido. Dir-se-hia que passou por uma grande commoção... heim?

—Não tive commoção alguma.

—Sei que é discreto, meu amigo, mas ao padre, ao medico e ao amigo diz-se tudo.

—Não tenho o que dizer.

—Bem! com tanto que não lhe appareça alguma febre, é caso unicamente para algum calmante... e para algumas horas de repouso. Vou recorrer á pharmacia do coronel e cá lhe mandarei o remedio. O que Você está é muito nervoso... Até logo.

Momentos depois entrava um moleque com o calmante promettido, que o mancebo bebeu conscienciosamente e mais tarde um novo portador com uma bandeja, onde Noemia mandava-lhe o jantar.

Ao pôl-a sobre a mesa, o moleque dirigio-se ao rapaz com um sorriso de velhaco:

Sinhazinha mais Sinhá D. Eugenia mandam perguntar Vosmecê como está.

—Diga-lhes que estou quasi restabelecido e que lhes fico muito agradecido.

O moleque rio-se novamente, e ia a sahir, quando ao chegar á porta se voltou:

—Ahi vem *Sinhó* velho—disse.

Com effeito, apenas terminara o jantar, o coronel encarregou a filha das honras da casa e dirigio-se para o chalet. Estimava de véras o rapaz e não quôria demorar por mais tempo essa prova de estima e de amizade. Entrou e sentou-se familiarmente á cabeceira do leito, onde o mancebo se encostava.

—Não ! não se levante—dissera ao ver o movimento que este fizera para erguer-se—esteja a seu gosto.

O Doutor acompanhava-o e exclamou n'um tom reprehensivo :

—Como ! ainda não jantou ?

—Não tenho fome.

—Máo... Mas tenha, ou não tenha, quero eu que tome alguma cousa... um prato de sôpa e um calice de vinho com agua, pelo menos.

—Ora, vamos—acrescentou o coronel affavelmente—pelo que me disse o compadre, não é cousa de cuidado... Fadiga por excesso de trabalho... Vamos : é preciso seguir as prescripções do medico.

Felix Modesto sorriu-se brandamente :

—Nem era preciso medico para isto.

Insistir na recusa de alimentos seria pieguice : o rapaz o comprehendeu perfeitamente e, sem mais instancias, aproximou-se da mesa e do jantar.

No mesmo momento entrava Daniel com a sua alegria ruidosa e communicativa.

Na varanda estivera conversando durante alguns momentos com Noemia, n'uma doce intimidade, até que ella, notando a insistencia com que Alexandre Horta os observava e querendo desviar qualquer suspeita, pois guardava os seus affectos com um recato de avarento, perguntou suavemente :

—Não vae ver o seu amigo que está doente ?

—Seni dúvida, se me dá a sua licença... e promette não ter ciumes delle—respondeu o mancebo sorrindo e embebendo nos della o seu olhar cheio de chammas.

—Ciumes ? Não os tenho de ninguém ! Porém vá, vá depressa, para depressa voltar tambem.

Daniel seguiu immediatamente para o chalet, seguido de longe pelo olhar doce e meigo da donzella.

Ao mesmo tempo, Alexandre Horta franzia a testa com violencia e murmurava dentro d'alma :

—E' preciso que eu me apresse. Será aquelle individuo algum rival ?

O doente - si doença se podia chamar ao estado puramente nervoso em que se achava Felix Modesto—era de veras estimado por todos quantos frequentavam habitualmente o engenho do coronel ; de fórma que em pouco as visitas ao seu chalet tornaram-se quasi uma romaria, impulsionando a maioria dos convivas a amizade e o cuidado e a alguns daquelles, que menos o conheciam, o de cejo de lisongear por esse meio aos donos da casa, de quem aliás não ignoravam o interesse, a consideração e a sincera estima pelo mancebo.

O proprio Cazuzinha, cujo espirito trefego e superficial parecia dever estar isento dessas preoccupações de sentimento, não se pôde furtar á impressão geral, e, subtrahindo-se por momentos, á influencia attractiva dos olhares e da conversação feminina, foi tambem levar ao seu sympathico amigo—como elle o chamava já—o tributo dos seus euidados e o offerecimento dos seus prestimos.

Por alguns instantes as moças ficaram quasi que abandonadas—pois, raros convivas se dispensaram da visita ao enfermo e esses eram os velhos e somnolentos amigos da casa—e disto aproveitou-se Alexandre Horta para adiantar as suas pretensões, isto é : para dar algum impulso aos seus negocios, pois de negocio não passava a sua intitulada paixão pela filha do opulento coronel.

Noemia, logo após á debandada geral, formara um grupo encantador de alegria e de belleza, com as suas duas amigas Eugenia e Rosinha e matavam todas tres o tempo n'uma conversação intima, intermeiada de piscadellas d'olhos, cheias de malicia e de risadinhas abaçadas, cheias de mysterio. Nem por isto, porém, o engenheiro se julgou indiscreto, e do grupo gracioso approximou-se com toda a semceremonia de quem quer se impor, com toda a presumpção de quem se suppõe bemvindo e desejado.

Já de longe trazia nos labios um sorriso de triumpho, e as tres moças entreolharam-se rapidamente, como se communicando um mesmo pensamento e se promettendo um mutuo auxilio. E que ellas fallavam justamente do engenheiro e zombavam entre si da preferencia amorosa que elle já não escondia, da qual até mesmo parecia propositalmente dar as mais visiveis demonstrações.

Com tudo, receberam-n'o com a amabilidade, que lhes impunha a educação e, por instantes, Alexandre Hortá se suppoz o mais feliz e adorado dos mortaes. Um dos maiores e mais predilectos divertimentos das moças ricas e bonitas é se deixarem adorar com toda a complacencia, levando a crueldade ao ponto de não desacoroçoarem as esperanças nem as preferções, emquanto ellas podem se desvanecer sem perigo, para só o fazerem quando ellas, por muito enraizadas e desenvolvidas, ameaçam tornar-se um perigo e podem, repellidas, mergulhar um coração no pelago do desespero.

E tão bem manobraram ellas tres, mancommunadas e spirituosas, que o engenheiro, si já tinha esperanças, ficou dalli em diante tendo quasi que a certeza de que os seus affectos eram correspondidos. No que desejamos cremos facilmente, e com meia hora de palestra alegre Alexandre Hortá já nem se lembrava das suas apprehensões de ha pouco, nenhuma importancia ligava á lembrança de Daniel... Era incontestavel para elle que Noemia se havia impressionado com a sua assiduidade e isto o induziam as claras allusões de suas amigas, de cujas palavras elle não comprehendia o sentido occulto, de cujos sorrisos não percebia a malicia cruel, nem a zombeteira ironia.

A' conversa insidiosa e alegre só veio pôr um ponto de... suspensão a volta ruidosa dos convivas mais estroinas que, ao entrarem, foram logo bradando alegremente :

—Ora, não é nada ! o nosso Felix Modesto teve apenas um faniquito.

—E o seu estado de saúde em nada altera o programma das nossas festas... isto é : das festas de V. Exc. !—acrescentou Daniel, voltando-se para Noemia, a quem aproveitou a oportunidade para a envolver no mais apaixonado dos olhares.

Com effeito, assim era. A presteza com que o coronel o fôra visitar, a companhia dos demais convivas que procuravam á porfia dar-lhe um testemunho de estima e de consideração, de verdadeiro interesse, actuaram de tal fórma no espirito de Felix Modesto, fazendo derivar d'elle a impressão má que lhe haviam deixado as palavras asperas e crueis do engenheiro, que a tranquillidade foi pouco a pouco reassumindo o seu imperio e a sua sobreexcitação nervosa desapparecendo como por encanto.

Esse encanto era a distração. Mais que todos concorera para isto Daniel com a sua alegria ruidosa e expansiva, Daniel que, ao entrar, o fôra saudando logo com um chuveirô de pilherias e de allusões, cada qual mais spirituosa, cada qual mais animadora.

Realmente, Felix Modesto não estava doente. O incom-

modo não passara de um pretexto para não se encontrar imediatamente com Alexandre Horta : e persistir neste propósito depois das provas de consideração, que estava recebendo, depois da calma habitual, que lhe ia voltando, seria, além de ridículo, compromettedor. E o mancebo por cousa alguma do mundo quieria que o coronel, principalmente o coronel, soubesse, ou sequer suspcitasse, do que se havia passado, não por si—elle não tinha feito mais que o seu dever—mas pelo proprio decoro da casa, pela reputação da moça, para evitar, enfim, o escandalo, que infallivelmente dahi adviria

Só haveria o temer a indiscreção de uma pessoa, que era o Dr. Cazuzinha, cuja leviandade era evidente, mas para fazel-o calar, bastaria talvez uma palavra do mancebo. E para dizer-lhe esta palavra era-lhe indispensavel poder agir com toda a liberdade.

A' tardinha, pois, Felix Modesto deu-se por prompto e, afim de proval-o, tomou todas as disposições para a caçada que se devia realisar no dia seguinte ao romper do dia. Enquanto se occupava em dar as ordens necessarias e em distribuir os papeis, que cada um devia desempenhar no divertimento cynegetico, achou meios de apoderar-se do rapazola e de impor-lhe o silencio, conveniente sobre a scena, de que havia sido espectador.

O Dr. Cazuzinha desfez-se em mil protestos de discreção, jurando, porfim, que seria mudo como um tunulo,.. Tranquillo então de todo, Felix Modesto revestio-se de coragem para encarar de novo o engenheiro, dahi em diante seu inimigo, e fez a sua apparição na casa de vivenda.

Noemia recebeu-o com o alvoroço que lhe autorisava a intimidade e Eugenia com esse alegre e commovente acanhamento, que é um dos caracteristicos dos amores profundos e sinceros.

Durante o resto da tarde e á noite não se fallou n'outra cousa senão na caçada projectada. E, como os caçadores deviam madrugar, as diversões findaram cedo.

Antes da meia noite reinava o silencio em todo o engenho.

XIX

Valle estreito, pequeno, porém verdejante e alegre : dir-se-hia antes extensa e larga clareira de uma matta, coberta desse verde brilhante que é produzido pela primavera, ligeiramente aljofrado por essas gottas de orvalho que, aos primeiros raios do sol, scintillam como perolas e carbunculos de uma agua purissima.

Aqui e alli emergem da gramma rasteira e verde escura grossas touceiras de malmequer estrelladas de flores de um amarello gemma de ovo, e pequenos tufos de botões de ouro esmaltam o chão, cujo saibro barrento em raros logares forma largas manchas vermelhas, ou descobrem trilhadas em coleios e zig-zags caprichosos.

O horizonte é quasi fechado pela matta espessa que circunda o pequeno valle, logo no começo apenas capoeirão de arbustos e embaúbas que successivamente augmentam de vulto e de importancia, com os pés envoltos em revoltas touceiras de tiririca e capim-assú. Depois succedem-se as arvores, ainda pequenas e delgadas, para, porfim, darem logar aos troncos de madeiras de lei—soberbas imberibas linheiras, grandiosas sicupiras com assuas folhas miudas, e monstruosos visgueiros, cujas copas se abrem em forma de chapéo de sol, de onde oscillam os fructos pendentes de finos cipós, pelos quaes sependuram para comel-os, nas noites de lua, os juruparás e guandús.

De um dos lados a matta é menos fechada, menos extensa, formando apenas uma estreita facha de troncos e folhagens, através das quaes olhares exercitados vislumbram não muito longe as paredes caiadas da casa de vivenda, as dos fundos do engenho, e parte do extenso cercado coalhado de buis e de ovelhas, com o riacho que o atravessa pelo meio em todo o seu comprimento, ás vezes marulhando em cachoeira por sobre pedregulhos esverdeados e lisos, ás vezes referendo em caixões de espumas por entre os barrancos de suas margens estreitas e íngremes.

A matta começa logo ao pé de uma das porteiras do cercado e se abre, pouco depois, sobre o valle pittoresco, outra partido de canna, mas agora terreno em descanso á espera da hora em que o arado do lavrador o venha revolver

de novo e de novo arrancar-lhe o producto de sua seiva natural.

Do outro lado, além da matta, também ahí pouco grossa, prolonga-se um outro longo de terreno em ladeira—quasi rampa—cheia de bibéas, que vae terminar em um brejo lodacento e profundo, atravessado em um unico ponto por uma pontezinha tosca de tres páos, quasi ao rez d'agua e já bastante deteriorados pelas continuas enxurradas, que os tem abalado, constituindo por isso mais um perigo do que uma passagem, dando-se de mais a mais a circumstancia de estar este caminho de ha muito tempo condemnado.

Descendo essa especie de rampa, da orla da matta até o brejo, e subindo o brejo até a nova orla da floresta que se prolonga do outro lado impenetravel e sombria, a uma distancia de cento a cento e cincoenta passos da pontezinha, antes pinguela, corre um largo vallado—profundo fosso—destinado a impedir a passagem do gado, que tem no terreno aquem um reveso de solta destinado a refazel-o durante o verão, e que correria o riseo de, além, afundar-se nos perigosos atoleiros do brejo.

Em ponto algum esse vallado offerece passagem, por mais dextro e agil que seja quem o queira atravessar: apenas pelo lado da matta, onde começa, seria possível galgar-o e mesmo assim com bastante difficuldade pela cerca de páo a pique e pelos grandes brotos de espinhos que o obstruem.

A' direita e á esquerda desse terreno, bem como do pequeno valle de que já fallamos, prolonga-se a matta, emhastida, fechada, solemne, embora cortada em muitos lugares por largas picadas, abertas pelo arrasto das madeiras e em outros por estreitas veredas e atalhos, rasgados pelos pés dos caçadores.

No valle, quasi no centro, erguiam-se tres grandes gamelleiras, formando entre si um triangulo isosceles, e offerecendo larga e fresca sombra, sobre um arrelvado macio e compacto, como um tapete. Fôra este o ponto de reunião escolhido para os caçadores, ponto de onde partiram para as diversas esperas e emboscadas, e ponto para onde deveriam convergir e n qualquer caso, principalmente quando se aproximasse a hora de una e allação, que o coronel lhes mandara preparar e que alli lhes deveria ser servida. Para este fim, já se achavam arriados ao pé de uma das gamelleiras grandes cestas carregadas de iguarias e outras, de cujas bordas enegriam indiscretamente os gargalos de garrafas de diversas cores, tamanhos e feitio—tudo sob a guarda de alguns escravos que, a poucos passos de distancia, se divertiam a ver pastar os burros, que havim trazido aquellas car-

gas, ao mesmo tempo que formavam conjecturas acerca da caçada.

Era pouco mais de sete horas, e desde as quatro e meia da madrugada que os caçadores—quasi todos os convivas do coronel, excepção feita dos velhos e das senhoras—haviam abalado da casa de vivenda, a pé, sob a direcção de Daniel, que muito naturalmente fôra incumbido do commando geral. Na vespera, á tarde, despachara elle um portador ao seu engenho e este voltara á bocca da noite, trazendo-lhe a sua magnifica Lafoucheur de dois cannos, calibre 16, e os seus quatro cães de caça, soberbos especimens dessa raça de S. Paulo, a que os caçadores e entendidos ligam tanta importancia e cujas qualidades preconisam, fazendo-os equiparar aos cães inglezes.

O coronel, por sua parte, possuia tambem uma bôa matilha, que, por esta occasião se achava augmentada com os cães de caça de alguns dos seus moradores, que a seu convite se haviam associado á batida da matta.

A caçada, comtudo, não tinha objectivo especial. As mattas do engenho, segundo dizia-se, abundavam de caça de todo o genero ; pacas, tatús, cotias, quatis, guandús, porcos do matto e até viados. Qualquer que fosse o animal encontrado, seria bemvindo e bem aceito, comtanto que o divertimento se realisasse, e cada caçador tivesse occasião de ostentar a sua pericia. E' verdade que entre elles, havia alguns que nunca tinham sobraçado uma arma de fogo, nem feito uma pontaria, nem dado um tiro, nem mesmo entrado n'uma matta. Neste caso estavam Alexandre Horta e principalmente o Cazuzinha que nem por isso deixava de ser o mais influído, fazendo longas dissertações estapafurdias sobre as caçadas europeas, nas quaes affirmava ter tomado parte, praticando as mais incriveis, inauditas e inverosímeis façanhas. Por isso mesmo a caçada deveria tornar-se mais divertida.

Dentre os escravos e moradores do engenho alguns havia que eram verdadeiros caçadores—caçadores de profissão, vaqueanos naquellas mattas—e estes se encarregaram da direcção da matilha, do levantamento da caça e de outros detalhes que constituem como que o prologo das caçadas. As cinco horas, pois, haviam todos chegado ao ponto de reunião, então ponto de partida, e dahi foram distribuidos os postos, que cada um occupou com açodamento e essa tal ou qual commoção, que se apodera do individuo na pratica de qualquer acto que não seja habitual. Foram soltos os cães, os gritos de animação dos caçadores proromperam de todos os lados, acordando os echos da floresta. Desde então o silencio foi substituido pelo rumor, e gritos de homens e lati-

dos de cães encheram de vida e de animação áquelles recintos lobregos, onde a sombra e o mysterio reinavam commumente. Os caçadores, de ouvido attento e olhar activo, não tiravam o dedo dos gatilhos, e ao menor ruido, que escutavam, preparavam-se para desfechar a arma, prelibando desde logo o goso de entoar o grito de morte, o *halali* do triumpho. Mas o ruido era motivado por uma folha que cahia ou pela corrida insana de algum calangro desorientado e cheio de medo, burlando-se assim a expectativa do Nemrod, que não deixava de ficar desapontado.

Passou-se assim a primeira hora sem resultado algum: os cães continuavam sempre a trabalhar e os caçadores—os verdadeiros—a animal-os com constancia e persistencia. Nos simples amadores, naquelles que suppunham que uma caçada é cousa facil, e que lhes basta apparecerem para a caça ir-se-lhes metter na bocca da espingarda, o desapontamento já se ia transformando em canção e este em aborrecimento. Começaram por tornar-se desattentos, accenderam os charutos, acoravam-se nos troncos das arvores, pondo a arma em descanso ao lado ou aos pés, e alguns chegaram até a abandonar os seus postos de espera ou de emboscada, refluindo para o centro do valle, onde os cestos e as garrafas apresentavam-lhes um aspecto mais attrahente e agradavel, e onde o ar menos abafadiço e mais livre não lhes atirava pelo rosto nuvens e nuvens de mosquitos.

Com o canção veio a sêde e abriram-se as primeiras garrafas... começaram as primeiras palestras... Mas depois e de repente os latidos dos cães se approximavam, ouvíam-se ruidos desconhecidos ou característicos, estalidos de galhos despedaçados, resfolagar de animal perseguido...

—E' um viado!—gritava um dos desertores, pondo-se de pé.

—E' um porco do matto!—contestava um outro.

E todos precipitavam-se de novo para a orla da matta, onde se internavam de corrida á procura de seus postos, onde um novo desapontamento os esperava, onde a solidão transformava-lhes a expectativa em aborrecimento e a immobilitade continuava a fatigal-os.

Não se havia dado ainda um só tiro, e a não serem os latidos dos cães, que ora se approximavam, ora se affastavam, a não serem os brados constantes e quasi ininterruptos dos caçadores os animando e os pondo na batida dos animaes que já haviam levantado, ninguem diria que umas duas duzias de rapazes caçavam na floresta.

Os escravos, que estavam de guarda á collação, conversavam entre si:

—Caçada hoje está ruim—dizia um delles.

—Ah! ah!—ria-se um outro—a caçada é boa, os caçadores é que não prestam.

—Mas está lá *sinhó* moço Daniel, que sabe onde tem as ventas e *sinhó* moço Felix que não erra pontaria—contestava um outro.

E accrescentava logo com autoridade :

—Olha, elle para onde foi? Foi logo para o lado do brejo... *Seu* Felix bem sabe que é por ahi que sai viado, quando está acossado e quer ganhar a capoeira do outro lado...

—Anh! anh! e *sinhó* moço Daniel tambem sabe, e por isso tomou a outra banda...

Nesse momento os latidos dos cães se affastaram mais que nas outras vezes, indicando que elles tomavam a direcção da matta, que se prolongava pelo outro lado do brejo.

O preto, que havia fallado por ultimo, ergueu-se de subito e applicou o ouvido attentamente :

—Anh!—murmurou depois de alguns instantes—agora sim, temos caça! cachorro vae na batida... e é viado. Vae rodeiar matta, desce depois ladeira do outro lado... salta por riba de brejo e ganha capoeira...

—Ganha qual!—exclamou o outro com enthusiasmo—*sinhó* moço Felix está lá e viado cae varado pela bala de espingarda delle.

—Isso, sim!... mas daqui até lá tem tempo.

—Vamos espiar?—propoz um outro, de um modo consultivo, mas dando logo dois passos para a frente.

Os pretos dirigiram-se immediatamente para a parte da matta, que lhes encobria a rampa que ia dar ao brejo, mas a meio caminho pararam de subito, ouvindo o estrepito de uma cavalgata.

Da orla da matta, pelo lado, através do qual se avistavam as paredes do engenho e a maior parte do cercado, destacavam-se tres valtos a cavallo—tres elegantes amazonas—que foram logo reconhecidas, apenas emergiram da sombra dos arvoredos e receberam em cheio a luz vivificadora e brilhante do sol ao entrarem no terreno descoberto do valle.

Eram as tres amigas inseparaveis, que haviam phantasiado aquelle passeio e vinham tomar parte na caçada, presumindo dar-lhe mais realce e animação. Noemia, montada em *Passarinho*, mal podendo conter os impetos do animal fozoso e assomado, galopava na frente, seguida de perto pela irmã de Daniel, tão cavalleira como a amiga, e, a pequena distancia para traz esforçava-se Eugenia por acompanhá-las, tranzida de medo, mal segura, temendo cahir a cada instante.

Filha da cidade, na cidade encerra-la quasi sempre, si bem que muitas vezes tivesse vindo ao engenho do coronel, raras vezes ou quasi nunca havia montado a cavallo; ignorando por isso as mais comezinhas regras da equitação, a filha do Commendador enthusiasmada pelo passeio, que devia aproximá-la por alguns instantes de Felix Modesto, quizera, contudo, fazel-o a pé, á semelhança dos caçadores, allegando já a sua impericia no governo de um cavallo, já o medo que affirmava ser nella irresistivel.

Dissuadira-a disto, porém, Noemia e animara-a o proprio coronel, com approvação do Commendador, promettendo pôr á sua disposição o mais manso e andador dos seus animaes de sella.

Assim se fez, com effeito, e, ao principio, tendo sahido do portão do jardim a passo, Eugenia conseguiu dominar o seu terror, e não fez feia figura. Mas, ganhando o cercado, o cavallo de Rosinha adiantou-se, e o que montava Noemia, não admittindo precedencias, disparou á redea solta. A moça, amazona emerita, não se deu por achada e deixou-o ir á desfilá-la, guiando-o sempre com pericia e a proposito, embriagando-se pouco a pouco com as sensações daquella carreira quasi vertiginosa. Rosinha seguio-a de perto e o cavallo de Eugenia acompanhou os dois naturalmente. Não fosse elle tão macio e não houvesse Eugenia se agarrado ao

silhão com unhas e dentes, e talvez o passeio se lhe tornasse fatal pelo desastre de uma queda.

Tinham assim chegado ao valle sem incidente algum, felizmente, e junto ás tres gamelleiras esbarraram ellas por entre risos e galhofas. Noemia e Rosinha docemente coradas, mas Eugénia extremamente pallida e assustada. Apenas pararam os cavallos, esta saltou ao chão com uma presleza extraordinaria e bradou para as amigas, que lhe responderam com duas gargalhadas:

—Nunca mais! Em outra não caio eu.

—Mas, como has de aprender, senão montares?—perguntou Rosinha, rindo-se ainda.

—Prefiro não aprender—respondeu a moça, colhendo a amazona e deixando-se cahir sentada sobre a gramma—estou tão caçada que mal posso fallar.

—Pois, eu não ;—retrucou Noemia—seria capaz de apostar agora uma carreira.

—Isso és tu, que montas desde menina...

—E Rosinha?... tambem estás caçada?

—Eu?!... qual.

E, voltando-se para Eugénia, a irmã de Daniel perguntou-lhe com um sorriso:

—Não montas outra vez?

—Eu? replicou-lhe a filha do Commendador com um muchôcho—Deus me livre. Quando todos voltarem, voltarei a pé, com elles; mas, enquanto não chegar esse momento aqui ficarei descansando e socegada.

E accrescentou com convicção e muita graça:

—Quem de uma escapa, cem annos vive.

—Mas vão dar-te uma pateada, Eugénia.

—Que dêem!... antes quero isso, do que fazer papel de Cazuzinha.

As outras duas moças dispararam a rir, e Noemia depois, voltando-se para os escravos, que haviam voltado e se conservavam á distancia respeitosa, perguntou-lhes:

—Em que altura vae a caçada?... Mal oiço os cães

—Rodeiaram a malta e estão do outro lado do brejo—respondeu um dos pretos.—O viado não tarda a apparecer.

—Ah! levantaram um viado?—inquirio Rosinha vivamente.

—Acho que foi viado, *sinhá* moça: os cachorros de *sinhô* moço Daniel é que vão na frente.

—Você os vio?

—*Inhora*, não: mas conheço pelos latidos. O viado deve sahir no brejo... é o costume.

—Vamos ver?—exclamou Rosinha de repente.

—Vamos—respondeu Noemia com o olhar brilhante e as faces purpurinas—não queres vir, Eugenia?

—Não : estou muito cansada e esperarei aqui.

—Então até já.

As duas chicotearam os cavallos e Noemia partio como um furacão, em direcção à matta, que, como uma cortina, encobria a ladeira que ia dar ao brejo.

Apenas se tinham encoberto, da matta do lado irromperam diversos caçadores de armas na mão e passos apressados. Vinham na frente Daniel e Cazuzinha, seguidos de perto de Alexandre Horta e outros rapazes.

—Tomemos a frente !... tomemos a frente—gritava Daniel.

—Mas os nossos postos ?—objectou Cazuzinha.

—São inúteis agora—respondeu-lhe o rapaz apressadamente.

—Porque ?

—Não ouve os cães que trabalham do outro lado ? a caça vai sair-nos por alli—e apontava para o lado por onde se haviam sumido as duas moças—do outro lado do brejo... procurará transpor-o para internar-se nas capoeiras do lado, e é quando atravessar o terreno descoberto que havemos de atirar-lhe.

Haviam-se aproximado das gamelleiras, por cuja area tinham de passar forçosamente, e deram ahi com o vulto esbelto e gracioso de Eugenia, que ao vê-los se havia levantado.

—Oh ! D. Eugenia !—exclamou Cazuzinha, descobrindo-a—veio surprehender-nos ?

Os caçadores, por momentos distraihidos do proposito que levavam, approximaram-se da moça.

—Mas, veio só ?—inquirio Daniel depois de cumprimental-a.

—Não ; vieram tambem Noemia e sua irmã.

—E onde estão ?

—Foram por alli... foram assistir a morte do viado.

Neste momento, na direcção do logar que a moça indi-gitava, soou o estampido de um tiro...

—Ah !—bradou Cazuzinha, desapontado—lá atiraram. Quem seria ?

—Quem está daquelle lado é *sinhô* moço Felix—acudio pressuroso um dos escravos.

—Se foi o Felix—observou Daniel alegremente—temos caça : é pontaria que não erra.

Nesse instante, porém, soaram gritos angustiosos de socorro :

—Acudam ! acudam !

Eugenia empallidceu e os rapazes se assustaram... Os gritos repetiram-se :

—Acudam ! acudam !

—E' a voz de *sinhó* moço Felix—observou um escravo, com os olhos espantados...

—Vão ver ! vão ver !—supplicou Eugenia muito pallida e muito afflicta.

Os rapazes deitaram a correr para o lado da matta, de onde haviam partido os ultimos gritos. Mas, a meio caminho viram apparecer Felix Modesto que corria para elles desvairado :

—Soccorram-n'a ! depressa !—gritou-lhes o rapaz, quasi suffocado...

—O que foi ? o que é ?—perguntaram muitas vozes.

Felix Modesto mal podia articular as palavras. Extremamente pallido e agitado, com a espingarda na mão direita —uma magnifica Lafoucheur—em cujo cano chispavam-se-lhe os dedos, pdeu apenas balbuciar sumidamente

—Ah ! não tenho animo : vão vê-a... vão vê-a.

—Mas quem ? quem ?—interrogavam todos assustados.

—Ella... nem sei mesmo se a matei... ella... ella.

—Ella !

Eugenia approximou-se e agarrou-lhe a mão febricitante :

—Ella... quem ? quem ?

—Noemia.

Um grito agudo prorompeu de todos os labios. Eugenia cambaleou, quasi desfallecida e teria cahido si não a apanhasse o braco rapido do engenheiro. Ao mesmo tempo, Daniel, empallidecendo horrivelmente, dava um grito, que parecia antes um rugido.

—Mataste-a ?... desgraçado ?

—Não sei ! não sei !—respondeu Felix Modesto, levando as mãos ao rosto e estremecendo, cambaleando como um ebrio.

Mas Eugenia reagira sobre si mesma : erguera os olhos para os caçadores e bradou-lhes :

—Ainda estão ahí ? vamos vê-a... vamos.

Quiz tomar-lhes a dianteira... quiz guial-os, mas não pdeu, as pernas fraquearam e ella cahio de joelhos juntando as mãos sobre o peito, erguendo os olhos ao céu n'uma supplica, que era uma angustia, desatando em soluços, que eram echos do desespero.

Daniel e outros caçadores, seguidos dos escravos, precipitaram-se para a matta, onde rapidamente desapareceram. Felix Modesto tinha as pernas trémulas e fitava os olhos no espaço com a expressão extatica de um somnambulo. Alexandre Horta encostara-se ao tronco de uma das ga-

melleiras e devorava-o com a vista, impassivel na apparencia, mas como querendo arrancar-lhe da physionomia livida e transtornada o segredo daquella acção, a ultima palavra daquelle mysterio.

Cazuzinha approximou-se então de Felix Modesto e sacudiu-o como para o despertar.

—Si eu a matei...—murmurou o mancebo com desespero.

—Seria horrivel !...—replicou o rapazola—dias depois do seu anniversario... Mas diga-nos... conte-nos o que se passou.

Eugenia teve um estremecimento em todo o corpo... arastou-se de joelhos, pois não podia erguer-se, até junto do mancebo, agarrou-lhe a mão gelada e trêmula e implorou por sua vez :

—O que é que se passou ? conte.. conte-nos, Sr. Felix.

—Não sei si foi um pesadelo, si foi uma realidade... Eu estava no meu posto... sabia que as caças costumam a sahir por aquelle lado—começou o rapaz dolorosamente—e fui para alli esperar tranquillamente. Estava, já havia muito tempo, attento e com os olhos pregados na orla da matta do outro lado, onde notava o trabalho dos cães que se approximavam, quando ouvi do outro lado do vallado, na ladeira que vae dar ao brejo, o galope desenfreado de um cavallo... de dois cavallos. Volto os olhos para alli... que vejo, meu Deus !

Felix Modesto estremece com violencia... a sua commoção se accentua fortemente : mas continúa precipitando as palavras com voz estrangulada e olhar, onde se estereotypa o desvario.

—Não ! não era galope... era uma carreira vertiginosa... phantastica... louca ! Noemia já montada... pallida... com os olhos amedrontados... as mãos crispadas nas crinas do cavallo e as rédeas soltas, quebradas e o cavallo a toda a brida... furioso... correndo... dirigindo-se com uma rapidez incrivel para o brejo, para o brejo que contém em si atoleiros profundos, sorvedouros mortaes...

—Meu Deus !—gemeu Eugenia, estremecendo.

—Mais um passo .. mas um passo e estava tudo acabado... O cavallo teria se enterrado no lamaçal absorvente e Noemia... oh ! a morte seria certa naquelle logar. Dei um grito... o cavallo, em vez de parar, redobrou de furia... Eu quiz correr ao seu encontro... Era tarde ! era impossivel ! O vallado nos separava, impossivel de ser galgado.

Todos, que ouviam a narrativa seguiam-na com a mais viva commoção : Eugenia cobria o rosto com as mãos e

chorava, estremecendo a cada palavra. Felix Modesto proseguio açodadamente.

—Então tive uma idéa... subita... terrivel. A minha espingarda estava carregada... levei-a ao rosto... apontei a cabeça do animal desembestado... acompanhei-o por um momento em sua carreira... O coração pulava-me como uma onda tempestuosa... um suor gelado inundava-me todo o corpo... mas a mão não tremia, não!... Invoquei baixinho a alma de minha santa mãe... Deus, e disparei.

—Disparaste?—exclamou Cazuzinha como que assombrado.

—Ah!—gemicu Eugenia, sentindo-se desfallecer.

—Sim, disparei—concluiu o mancebo apressadamente — o cavallo dobrou os jarretes e cahio... Noemia pendeu sobre elle e rolou a seu lado pelo chão... Deu um grito de angustias...

Felix Modesto levou as mãos ao coração, como querendo apertal-o com violencia :

—E não sei.. não sei si a matei também.

Era enorme a sua angustia, era sem nome o seu desespero. Neste momento assomaram na orla da floresta os caçadores, tendo á sua frente Daniel com a filha do senhor do engenho nos braços, o corpo flacido nos seus braços e a cabeça pallida cahida sobre o seu hombro.

Eugenia deu um grito e achou forças para erguer-se. Correu immediatamente ao encontro do grupo. Felix Modesto sentio-se cambaleiar e encostou se ao tronco de uma das gamelleiras, mais pallido do que um cadaver, mais imovel do que uma estatua.

Gabriel transportou a moça para debaixo das gamelleiras, onde a sombra era mais espessa e onde a relva mais macia. Rosinha, que o acompanhava de perto, sentara-se no chão e fizera do collo um leito improvisado e carinhoso, onde Noemia foi recostada com todo o cuidado e precaução.

A anciedade pintava-se em todos os semblantes, uma palavra — uma pergunta — adejava em todos os labios, e ninguém tinha a coragem de pronuncial-a com receio da resposta. Porfim, Cazuzinho rompeu o silencio e perguntou rapidamente :

— Está morta?

— Não — respondeu Daniel, orgulhando-se do chão, onde se ajoelhara para depôr a joven no collo de sua irmã.

Felix Modesto sentio como passar-lhe um relampago pelos olhos e começou a sahir lentamente do seu extasis... respirava, vivia.

— Nem ferida? — inquirio Eugenia com anciedade, enquanto com as mãos trémulas tentava desacolcheteiar o corpinho da montaria.

— Nem ferida — tornou a responder Daniel com rapidez.

Felix Modesto deu um grito de alegria... um grito de alma que renasce :

— Salva !

E, como um louco, ebrio de delirio, sem saber talvez o que fizesse, precipitou-se para a moça, que estava apenas desmaiada, cahio de joelhos ao seu lado e tomando-lhe as mãos entre as suas, começou a chamal-a entre risos e lagrimas com uma voz repassada de ternura e de agonia :

— Noemia ! Noemia.

Duas pessoas sobresaltaram-se instinctivamente, fazendo dois movimentos desencontrados, que as approximaram por um instante. Eugenia recuara e Alexandre Horta avançara dois passos para a frente ; e foi o bastante para que os seus olhares se encontrassem, rapidos, incisivos, relampjeantos, como si entrelaçando n'um mesmo pensamento. Ambos haviam comprehendido, comprehendendo-se mutuamente. O amor profundo de Felix Modesto não era mais um mysterio para os dois. O engenheiro achava então a explicação de todo

o interesse e de muitas acções do mancebo... Na alma de Eugenia cavava-se uma ruga, que deixava ver um abysmo de ciumes.

Mas Alexandre Horta reprimio o seu primeiro movimento, franzindo a testa, concentrando o pensamento nos meios rapidos de levar avante o seu projecto : e Eugenia afastou-se lentamente, tornando-se desde então uma testemunha sombria, porém, na apparencia, indifferente.

De repente, Felix Modesto ergueu-se.

—O Doutor?—gritou elle para os caçadores—vão chamar o Dr. Pedro Honorio.

Daniel accrescentou :

—E ao mesmo tempo communicuem o occorrido ao coronel.

Immediatamente alguns caçadores tomaram a direcção do engenho... A um gesto de Felix Modesto, que havia readquirido o sangue frio, um escravo cavalgou o cavallo, em que viera Eugenia, e partio á desfilada.

Noemia continuava sem sentidos, extremamente pallida e com a cabeça cahida sobre o regaço de Rosinha.

Daniel approximou-se della e segurou-lhe nas mãos com anciedade :

—Oh ! meu-Deus!—murmurou elle angustiosamente — sempre pallida e gelada.

Alexandre Hortæ approximou-se lentamente por sua vez, observou a moça e replicou com apparente tranquillidade :

—Não é nada : um simples desmaio.

—Que pode ter consequencias desastrosas...—concluiu Daniel agoniado—Noemia?... Noemia?... Oh ! meu Deus, e o Doutor que não vem !

—Não te afflijas, Daniel—observou Rosinha, enxugando os olhos—si lhe deitassemos um pouco d'agua fria nas fontes... enquanto não chega o Doutor... Olhe, vá ver um pouco d'agua, Sr. Horta.

—Não, não ! eu mesmo vou—exclamou Daniel rapidamente—tem cuidado com ella, minha irmã... eu volto já.

E precipitou-se a correr para o lado do brejo.

Rosinha passou lenta e brandamente a mão pela fronte da moça, afastando-lhe os cabellos, que um suor gelado ahi collara.

—Acha que isto será cousa de cuidado, Sr. Horta?—inquirio ella com doçura na voz e susto no olhar.

—Não, minha Senhora—respondeu o engenheiro, se achegando pressuroso—é apenas um desmaio, proveniente, parte do terror, que devia ter sentido durante a carreira desen-

freiada do cavallo e parte da queda, a que foi arrastada, quando elle cessou de correr repentinamente.

Dois pretos se haviam approximado e contemplavam a senhora moça com um ar de interesse e piedade. Um delles murmurou então convictamente :

—E si não fosse *sinhô* moço Felix... Aquillo é que é homem ! aquillo é que é olho ! A bala entrou mesmo nos miolos do cavallo.

Neste momento, Noemia fez um movimento, offegou-lhe o collo e um suspiro escapou-se dos seus labios.

—Torna a si—observou Alexandre.

Dobrou um joelho em terra e, apertando uma das mãos da moça, murmurou suavemente :

—D. Noemia ?

A moça ouviu-o, porque um leve estremecimento percorreu-lhe todo o corpo ; abriu os olhos, que voltou para todos os lados, como sem consciencia do que via ; mas, de repente, sentou-se e inquirio como assustada :

—O que aconteceu ? o que foi que houve ?

—Não se assuste : nada foi—respondeu-lhe Alexandre—o seu cavallo ia desembestado... alguém vio-o, matou-o com um tiro e salvou-a.

—Ah ! sim—murmurou Noemia como recordando-se—fol isso, um tiro...

Alexandre continuou com interesse :

—Quem a visse naquelle estado, correndo aquelle risco, não podia, não devia deixal-a morrer.

—Recordo-me agora—disse Noemia, sahindo da abstracção em que estivera até então—o meu cavallo espantou-se e disparou, sem que eu pudesse contê-lo mais. Perdi então as redeas e a razão. Não via cousa alguma á roda de mim... nem á minha frente : não ouvia senão o vento a zunir nos meus ouvidos e sentia um terror inexplicavel... Teria sido atirada ao brejo, onde morreria infallivelmente, si não fosse...

Alexandre Horta interrompeu-a bruscamente :

—Mas nada soffreu, felizmente para a Senhora... e para mim !—acrescentou abaixando um pouco a voz—oh ! quasi enlouqueço de terror e desespero ! Si eu a estimo tanto !... si a...

Noemia interrompeu-o por sua vez suavemente :

—Obrigada, Sr. Horta—e estendeu-lhe a mão que elle havia largado, quando ella tornara a si de todo—obrigada ! não sei como lhe agradecerei esse interesse... nem como lh'o agradecerá meu pae.

—Como ?—sorriu o engenheiro, que lhe havia segurado a mão com soffreguidão e delicadeza—com essa mãosinha que terei a honra de solicitar-lhe hoje mesmo.

Rosinha estremeceu, máo grado seu, e fitou soffregamente os olhos no semblante de sua amiga.

—Com a minha mão?—inquirio Noemia cheia de espanto e com um movimento de recuo.

—De esposa—concluiu Alexandre Horta com voz profunda e incisiva—porque amo-a loucamente... e não desisti ainda de obter o seu amor.

Noemia sentia-se quasi que offendida...

—Senhor!—murmurou ella com dignidade, fulminando-o com o olhar.

E ao mesmo tempo atirava-se aos braços de Rosinha, como procurando ali um auxilio e um refugio.

Irrompia de um lado da matta Daniel, trazendo o chapéo cheio d'agua, e do outro precipitavam-se a galope, o coronel, o Dr. Pedro Honorio e diversos caçadores.

Dois gritos haviam soado ao mesmo tempo: um dos labios de Daniel e outro do coração de Eça de Mello.

—Noemia!—gritara o mancebo.

—Minha filha!—exclamara o coronel.

—Meu pae!—correspondera Noemia cheia de alegria.

E precipitou-se para o pae, que saltara do cavallo com a agilidade de um rapaz, e a recebia nos braços, cobrindo-a de carinhos e de beijos.

Antes de montar a cavallo no engenho, fôra inteirado de tudo, e encontrando a filha de pé, livre de todo o perigo, até mesmo do desmaio, não podia pôr um dique á sua alegria. De repente exclamou:

—Mas onde está elle... o nosso Felix?

Volveu os olhos para os lados e descobriu o mancebo, que procurava eclipisar-se por detraz dos convidados.

—Chegue-se para cá, Sr. Felix... approxime-se.

Dirigio-se elle proprio ao mancebo, segurou-o pelo braço e forçou-o brandamente a entrar no circulo dos convivas, levando-o até defronte de Noemia.

—Noemia—disse elle com dignidade e um certo orgulho—aperta esta mão... Não! abraça o Sr. Felix... foi elle quem te salvou.

—Elle?!...—exclamou a moça com um sorriso divino de gratidão e de amizade—oh! com todo o gosto, papae.

E, correndo para o mancebo, abraçou-o com todo desembaraço, sinceridade e gratidão.

Felix Modesto, extremamente commovido, agitado, tremulo, recebeu a moça nos seus braços, enquanto no intimo d'alma murmurava n'uma doce ebriedade:

—Oh! meu Deus! o que fiz eu para tamanha felicidade?
De repente, sentio vergarem-se-lhe os joelhos... ajoelhou,

tomou entre as suas a mão mimosa de Noemia e depositou nella um beijo ardente, repassado de amor e de respeito.

Alexandre Horta, de pé junto de Eugenia, cofiava o bigode com embaraço, olhando-a de esguelha, e ella, victima de um ciume atroz, preza de uma angustia sem nome, premia o seio, onde o coração estalava de amargura e de furor.

A volta para o engenho foi mais triste e menos animada do que era de esperar, á vista do desenlace favoravel que havia tido aquella peripecia inesperada do divertimento venatorio.

Ninguem se lembrou mais da caça e a collação, á sombra das gamelleiras, foi de todo abandonada. As diversas emoções, por que todos haviam passado, tinham sido muito vivas e muito grandes, para que cada um não procurasse fugir do lugar, onde as tinha soffrido, buscando allivios e compensações em outra parte... E por mais que alguns dos convivas tentasse alegrar a situação, conhecia-se que, passado o primeiro momento de expansão, pairava sobre todos um constrangimento inevitavel e que alguns dos personagens trocavam entre si olhares de desconfiança e quiçá de animosidade.

Era de balde que Noemia ria-se agora do seu susto e procurava levantar o espirito dos seus companheiros, gracejando com o perigo que havia corrido e entremeiando as suas palavras com risadas argentinas, provocando réplicas e zombando dos terrores que causara. Via-se claramente que os seus risos eram contrafeitos, que a sua alegria era forçada.

Pago o primeiro tributo ao seu amor filial, esgottadas as felicitações pelo seu milagroso salvamento, a interessante e commovida menina procurara a sua amiga do peito, a filha do Commendador, e quedara-se assombrada ante a sua attitude dolorosa e reservada: attribuiu-a ao terror pelo seu proprio perigo, mas estranhou tambem que a reacção não tivesse apparecido nella como apparecera em todos os outros. Dahi uma mágoa inexplicavel e profunda, que feria-lhe o coração como um espinho.

A primeira pessoa que propoz a volta para o engenho, foi ella justamente: e como o Dr. Pedro Honorio aconselhasse que fizessem o tracto a pé, declarou ella peremptoriamente que voltaria a cavallo, bem como Rosinha e a outra amiga. Eugenia, porém, recalcitou e o mais que della se pode obter foi consentir que o coronel levasse de anca.

A chegada á casa de vivenda foi tocante e commovente. No alto da escadaria receberam Noemia a mulher do Dr. Pedro Honorio, que já havia resado uma duzia de orações a todos os santos do seu conhecimento, as outras moças, que tinham ainda os olhos assustados e a mãe Anna, que fizera dez promessas, mandara accender os cyrios do altar da capella e derramara lagrimas de alegria por entre risos de ternura. Um molecote correrá espontaneamente á torre da capella e repicava o sino com um furor, que o proprio contentamento não era sufficiente para justificar.

Os rapazes espalharam-se pela varanda, commentando o caso, alguns olhando Felix Modesto com inveja, e outros, á socapa, tirando illações compromettedoras ou censurando o procedimento de Noemia. Daniel tomara o braço de Felix Modesto e com elle se aliastara para o chalet.

As moças recolheram-se em tumulto para o quarto de Noemia, onde esta e as duas amigas iam mudar de roupa, largando as amazonas, e onde teve de repetir as peripecias de sua aventura por mais de vinte vezes. Porfim, um pouco impaciente, pediu que a deixassem descançar por alguns instantes, retendo a seu lado unicamente as duas amigas predilectas.

Não pudera esquecer a attitude de Eugenia e ardia em desejos de interrogal-a. Esta, durante o caminho tivera tempo de examinar a situação e apenas ouviu as primeiras palavras da amiga desatou a chorar, desafogando o coração que a dôr engorgitava.

—Choras agora?—interrogou a amiga, cada vez mais espantada—mas não te comprehendo, Eugenia! nada me aconteceu... o perigo já passou...

Approximou-se della e affastou-lhe brandamente as mãos do rosto...

—Dir-se-hia que tens nos olhos uns lampejos de odio...

—De odio, eu?—gemeu a filha do Commendador estremecendo.

—Ou ciume!—replicou Rosinha, dando uma risada.

Eugenia pareceu tomar o seu partido. Enxugou as lagrimas rapidamente e encarou a amiga bem de frente.

—De ciume, sim!—disse ella.

E como Noemia a quizesse interromper, fez um gesto para impedir-lhe a palavra e proseguio:

—Ah! não é de ti... não; mas é d'elle.

—Do... Sr. Felix?

—Sim: ambas vocês conhecem o meu segredo... eu mesma não o soube guardar das suas perspicacias... Amo-o, bem o sabem: e si tu, Noemia, tivesses visto o estado em que elle estava durante o teu desmaio... a alegria e commo-

ção que delle se apoderaram, quando soube que estavas viva e salva, quando te vio recuperares os sentidos... terias como eu reconhecido o grande e immenso amor que te consagra...

—Louquinha que tu és!—replicou-lhe Noemia com um sorriso carinhoso—não sabes tu tambem do meu segredo? Quero mesmo que seja amor—amor grande e immenso—isso que tu viste, o que para mim aliás não passa de uma estinia exaggerada...

—E a commoção?

—Puro resultado da situação em que se achava... ou assassino ou salvador. Mas, como ia dizendo, admitto que seja amor o que tu viste, ignoras por ventura que o meu coração pertence a outro? a outro, que tu bem conheces, que me paga na mesma moeda, que é até amigo delle?

Noemia passou os braços nus pelo pescoço da amiga, puchou-a para si com um movimento de ternura e estalou-lhe dois beijos sobre os olhos.

—Não tenhas ciumes tolos—disse com carinho—prometto-te desenganal-o a meu respeito... juro-te que o farei na primeira occasião... si fôr preciso, bem entendido.

Eugenia abalou tristemente a cabeça.

—Podes não amal-o, creio-te! mas elle, elle é que não me amará nunca!... nunca!—disse ella.

E desatou a chorar como uma criança.

Carinhos, consolações, argumentos, tudo foi de balde... a couvicção tinha-se formado no espirito da moça e o seu coração sentia-se vasio de esperanças. Tomou a sua resolução e, ao sahir do quarto, alquebrada, triste, nervosa, declarou ao pae que se achava incommodada e que queria retirar-se para a casa. Não cedeu á instancia de especie alguma, e, com quanto tivesse viudo para passar dez dias, até o dia de anno bom, retirou-se com o Cominendador nesta mesma tarde.

Durante o dia levara a estudar a physionomia de Felix Modesto, e cada vez se convencera mais de que era Noemia o idolo a quem elle adorava, e por ella elle não tinha senão uma respeitosa e talvez compassiva indifferença. Ao affastar-se do engenho, levava o coração despedaçado. Si não fosse a certeza de que Noemia não era a culpada por aquella adoração, talvez que Alexandre Horta encontrasse nella uma alliada.

A resolução de Eugenia, mesmo antes de se tornar uma realidade, concorreu para augmentar a tristeza nervosa, que invadira a alma de Noemia desde o incidente da caçada. Depois, a confissão da amiga não lhe deixara dúvida alguma. Já ella, com essa maravilhosa intuição que é o apanagio da mulher, havia adivinhado a natureza do sentimento que a seu

respeito animava Felix Modesto. Mas, Noemia não era leviana nem namoradeira, apesar de todas as qualidades brilhantes, de todos os dotes de espirito que faziam-n'a transformar um salão n'um campo de victoria. Era, além disso, muito sincera e muito leal, para querer que se prolongasse uma situação que prejudicava os interesses de uma amiga, pondo demais em prova a tranquillidade de um rapaz, a quem seu pae estimava, a quem tratava quasi como filho.

Resolveu, pois, nesse mesmo dia desempenhar a palavra que dera a Eugenia, realisando a sua promessa. Precisava unicamente de uma oportunidade, que todavia não contava que apparecesse facilmente, attenta a grande quantidade de hospedes que tinha em casa.

O almoço correu frio, apesar dos esforços que fez o coronel para animar-o e, não obstante os costumados disfructes do Dr. Cazuzinha, que pela decima vez repisou os episodios da manhã, enchendo Felix Modesto de entusiasticos elogios, que o enchiam mais de acanhamento do que de regosijo.

Para esse mal estar geral concorria muito, a par dos proprios acontecimentos, o proposito de Eugenia, de que já todos estavam scientes.

Depois do almoço tentou-se de balde organizar as diversões. Apenas encetavam-se, cahiam todos na monotonia, pelas distrações em que cada qual parecia incorrer inconscientemente e acabavam por gerar um aborrecimento inqualificavel. Além disso, fazia um calor enervante e abafadiço. Um velho queixava-se dos callos e prognosticava por isso grande chuva. Nem uma banca de voltarête se conseguira organizar.

—Um bom fresco é o que nos sabia bem agora!—lembrou uma voz.

—Uma laranja!—acrescentou o Dr. Pedro Honorio.

—Vou mandar preparal-a!—exclamou Noemia graciosamente, erguendo-se da roda, em que estava a lutar contra o proprio aborrecimento e aproveitando a occasião para por alguns instantes se libertar do estranho constrangimento.

—E nós mesmos iremos buscar as laranjas—bradou Daniel, apparentando estouvamento, mas na realidade dando graças a Deus por achar aquella diversão ao mal estar commum.

Voltou-se então para Eça de Mello, que, bem pouco distante, discutia politica com outros velhos, e interpellou-o alegremente:

—Coronel? dá licença que façamos uma invasão no seu pomar?

—Sem dúvida... sem dúvida—respondeu o velho com toda a amabilidade

—Mas veja bem que vamos saqueial-o... como uns bar-
baros.

—Tratem-n'o como paiz conquistado—retrucou o Coro-
nel, sorrindo sempre.

E tanto bastou. Daniel fez um gesto largo de convite e a rapazeada o acompanhou tumultuariamente. O ultimo que ia descer era Felix Modesto: Noemia approxinou-se delle com toda a naturalidade e disse-lhe baixinho, mais de um modo imperioso:

—Fiqu:

O mancebo estremeceu agradavelmente. Cumpre adver-
tir que ignorava absolutamente as relações em que ella esta-
va com o irmão de Rosinha e, portanto, passou-lhe rapido pelo espirito um pensamento que o encheu de doces deva-
neios. A um olhar da moça, Felix Modesto foi lentamente debruçar-se na extremidade da varanda.

Na mesma occasião, Alexandre Horta inclinava-se dian-
te de Eça de Mello e n'um tom propositalmente ceremonio-
so, endereçava-lhe uma supplica:

—Coronel, dá-me a hora de uma palavra em particu-
lar?

Eça de Mello ergueu os olhos para o engenheiro e impressionou-o a extraordinaria seriedade que havia revestido a sua physionomia.

—Quer que passemos ao gabinete?—perguntou com alguma lentidão.

—Será melhor, porque tenho de entretel-o sobre assumpto muito serio e muito grave para nós ambos—respondeu o rapaz com toda a gravidade.

O coronel ergueu-se sem replicar; mas, franzindo ligeiramente as sombrancelhas n'uma concentração de espirito de quem queria adivinhar e, offerecendo-lhe o braço, dirigio-se com elle silenciosamente para a outra extremidade da varanda, onde ficava a salêta, de que fizera o seu gabinete de trabalho.

Ahi chegando, offereceu o sophá ao seu hospede e, sentando-se n'uma cadeira de braço que lhe ficava ao pé, fez um gesto de quem lhe dava a palavra, accrescentando com toda a urbanidade :

—Estou ás suas ordens.

Neste mesmo momento, Noemia, tendo trocado um olhar quasi imperceptivel com as suas duas amigas, dirigio-se lentamente, como n'um passeio natural para a outra extremidade da varanda e debruçou-se á balaustrada poucas linhas distante de Felix Modesto. O mancebo, presentindo-lhe a approximação, sentira uma doce commoção e ficara enleiado com o coração a dar-lhe pulos de alvoroço. O que teria a moça para dizer-lhe?

Noemia, durante algum tempo, esteve silenciosa, como que concentrando o pensamento; mas, o mancebo conheceu que ella, de esguelha e disfarçadamente, o estava observando. N'um minuto percorreu toda a escala da esperança, entrevio toda a ventura que sonhava. De repente, estremeceu com uma doce sensação: a voz branda e argentina de Noemia—suave como um cicio e acariciadora como uma promessa—chegava-lhe aos ouvidos.

—Ainda não tive occasião de agradecer-lhe, Sr. Felix:—dizia ella com meiguice—si não fosse a sua coragem prompta e decisiva, talvez que a estas horas meu pae estivesse entregue ao desespero...

—Seu pae só, D. Noemia ? diga antes, todos nós.

—Diz hem, todos : porque todos têm-me amizade sincera e creio que sentiriam profundamente a minha morte.

—Oh ! por quem é, não lembre essa idéa lugubre ! Deus não poderia consentir que tanta formosura e tanta mocidade fossem acabar miseravelmente, acabar nos abysmos lutulentos de um brejo.

—O que succederia infallivelmente, si Deus não o tivesse collocado alli para ser o meu anjo salvador.

—Oh ! D. Noemia ! si não fosse eu, seria outro qualquer.

—Outro qualquer ? Crê então que qualquer outro teria tanta confiança em si que se atrevesse a fazer o que o Senhor fez ?

Felix Modesto não respondeu ; por muito que quizesse modestamente diminuir a grandeza de seus serviços, em consciencia, não via ninguém que fosse capaz de executar tão galhardamente a sua façanha.

Noemia proseguio com maior doçura ainda :

—Salvando-me, o Senhor tornou-se credor da nossa gratidão, como já o era da nossa amizade, auxiliando meu pae como o tem feito. Quanto a mim, principalmente, essa gratidão será sem limites, creia, e, si o Senhor contava até agora com uma amiga, pôde contar de hoje em diante com uma irmã.

—Com uma irmã !—murmurou o mancebo, sentindo o sobresalto de um primeiro desengano.

—Pois então ? acha pouco ?—ciciou a moça com um sorriso.

—Acho... até muito !—suspирou o mancebo, sem poder conter uma nota de amargura.

Houve uma pausa que nenhum dos dois procurava interromper. Felix Modesto, presentindo uma desillusão, procurava em vão attingir o fim a que a moça queria chegar. Noemia pensava no meio de encaminhar a conversação de modo a conseguir o seu fim, sem que lhe fosse preciso abrir os escaninhos de sua alma. Já quasi se arrependia da promessa que fizera a Eugenia ; sentia como que uma revolta do seu pudor, mas ao mesmo tempo sentia o olhar de fogo da amiga, que punha em prova a sua lealdade.

Tomou, porfim, uma resolução : conhecia bastante o mancebo para não ignorar a sua discreção e sensatez. Aproximou-se um pouco mais e proseguio, baixando a voz até o tom de uma confidencia intima :

—Esperou de minha parte um outro sentimento ?

Felix Modesto teve um sobresalto n'alma, que se traduzio por um leve estremeccimento em todo o corpo.

—Eu ?—murmurou elle sem saber o que dissesse.

—Vamos, seja franco — proseguiu a moça com meiguice insinuante—tambem eu o serei. Deve ter comprehendido, intelligente como è, que foi muito propositalmente que provoquei esta conversa. Conversemos, pois, como dois bons amigos que não querem ter segredos entre si e, sobretudo, que não pretendem illudir-se mutuamente.

E, com uma doce insistencia, repetio a sua pergunta :

—Esperou de minha parte um outro sentimento ? não esperou ?

—Confesso... —balbuciou o mancebo com tristeza.

—Tambem não è de agora que leio na sua alma—repliquou ella com brandura—o sentimento que esperava de mim, sei que o tem ha muito tempo.

—Como o soube ?—interrogou o mancebo com presteza e sobresalto, sentindo-se corar—creio que pelo meu procedimento nunca o dei a entender... e si, hoje, circumstancias excepcionaes fizeram-me sahir da minha habitual reserva...

—Oh ! não se assuste. Nós não precisamos que se nos diga, para adivinharmos quem nos ama. Conheço perfeitamente o lugar que occupo no seu coração...

Felix Modesto achava-se n'uma agitação impossivel de ser descripta. O seu espirito oscillava entre a esperança e o desespero... n'uma d'vida que se ia tornando de véras crudelissima. Porque não fallaria de uma vez, uma vez que era a propria Noemia que o estava provocando ?

—Pois bem !—murmurou elle, como um homem que se arroja cegamente a um precipicio—si adivinhou o estado da minha alma, para que negal-o por mais tempo. Diante de sua helleza tocante e attrahente, do seu espirito brilhante, limpido e sensato—enfim diante de todas as qualidades moraes e intellectuaes, de todos os seus attractivos, que são outras tantas seducções—eu não pude ficar indifferente, eu, que de affectos apenas conhecera os de minha pobre mãe, e, deslumbrado de repente, successivamente me embriagando nesse ambiente de venturas que a cerca, sonhei... foi um sonho sim ! sonhei que poderia ser feliz.

—Mas, só uma mulher poderá fazer a felicidade de um homem ?—interrompeu-o Noemia de repente.

—Só—respondeu o mancebo vivamente—Quando esse homem ama com todas as véras da sua alma, quando n'uma mulher concentrou todas as suas affeições e esperanças, quando só a ella vê, só a ella quer, só por ella vive, só essa mulher o póde fazer feliz, porque só ella tem o condão de alentar as forças vivas de sua alma, de inspirar-lhe a coragem de lutar, de recompensar, emfim, com os seus sorrisos e o seu amor todos os esforços desse homem.

—Não queira então tornar desgraçado a um amigo seu—murmurou a moça com doçura.

—Um amigo meu?!—interrogou o mancebo com espanto doloroso.

—Ouça-me—proseguio Noemia, baixando os olhos.—Eu não sou má...

—Não, de certo—interrompeu o mancebo com soffreguidão—não ha infeliz, soluçando á sua porta, que não volte ao seu tugurio consolado : não ha dôr a que a Senhora não applique um lenitivo.

—Cumpro apenas um dever de caridade. Mas ouça-me, Felix...

O mancebo estremeceu com vivissimo transporte : era a primeira vez que a filha do coronel o tratava com tamanha intimidade. A moça proseguio com lentidão suave, como si quizesse, com a doçura da voz, attenuar a aspereza do pensamento :

—Sei que me ama, mas eu não posso, nem devo por mais tempo deixar que alimente uma esperança illusoria a meu respeito.

O mancebo exhalou quasi que um gemido.

—Vou abrir-lhe a minha alma, confiando-lhe o segredo á sua discreção e honradez—disse ella com um timbre profundo e concentrado, emquanto ás faces lhe subia um rubor característico.

—Ama a um outro?—gemeu Felix Modesto, sentindo affluir-lhe o sangue ao coração e empallidecendo mais que nunca.

—Ainda eu não o conhecia, Felix—proseguio a moça—ainda o Senhor não me tinha visto. Esse affecto começou-me no collegio, era eu ainda uma criança. Daniel amou-me e sou eu a unica mulher que lhe pode dar a felicidade.

—Daniel?!...

—Sim : sejamos, pois, amigos e... irmãos.

Felix Modesto curvou a cabeça como um homem acabrunhado, que vê tudo desmoronar-se ao redor de si. De repente, ergueu a cabeça e fitando a moça com um olhar cheio de amargura, suspirou como si fallasse comsigo :

—Tem razão. Daniel tem um pae, tem una mãe, tem uma familia, tem um nome. E eu? homem sem nome, filho sem pae... Sim, tem razão.

—Felix !.. é injusto commigo!—adiantou a moça com ar reprehensivo...

—Para elle amor... futuro... felicidade... tudo. E para mim apenas o desprezo.

—Felix !—bradou a moça como que offendida—hem sabe que não é esse o sentimento que me inspira.

—Sim!... a gratidão!—retrucou o moço com amargura mais concentrada ainda.

—E uma amizade de irmã!—replicou Noemia vivamente com um sorriso animador—de uma irmã que o estima de véras e que tudo fará para tornal-o feliz ..

Felix Modesto levou as mãos ao coração como para sufocar-o. Por um momento respirou ansiosamente. De subito pareceu impôr á sua alma a tranquillidade da indifferença e, voltando-se para a moça, proseguio resignado :

—Obrigado, Noemia ; obrigado por me ter chamado ao sentimento do dever. Empregado de seu pae...

Noemia fez um movimento de protesto. Felix Modesto impedio-lhe a interrupção e proseguio no mesmo tom :

—Empregado de seu pae, ia-me esquecendo do meu logar e da minha posição... Obrigado, Noemia, pela doce amizade de irmã que me offerece. Eu não tenho o direito de exigir mais... não podia, nem devia esperar tanto. O que sou eu ? um enxerto na sociedade... um mendigo de casaca, sim ; mas um mendigo que supplica apenas a esmola de um carinho.

—Perdõe-me, Felix—acudio a moça com doçura exprobativa—eu não quiz magoal-o ; tambem não devia mentir, nem o enganar.

—Tambem não me queixo da Senhora. Queixo-me da sorte... de meu pae que não me deu um nome ; de minha mãe, que deu-me o ser ; de Deus, emfim, que me abandona.

—Felix ! não blaspheme !

—Sim...

Felix Modesto tinha-se exaltado pouco a pouco. As ultimas palavras de Noemia fizeram-n'o voltar a si. Levou as mãos ao seio e apalpou o retrato que lhe pendia do pescoço :

—Perdoa-me, minha mãe ! perdoa-me !—murmurou baixinho.

E depois, voltando-se para Noemia, curvou-se ligeiramente como para despedir-se :

—Creio que tudo foi dito entre nós, Noemia,—acrescentou com a voz ainda trémula—agradeço-lhe a confiança que depositou em mim e juro-lhe que o seu segredo ficará guardado para sempre.

E affastou-se lentamente com a pallidez mais accentuada e a tristeza mais profunda do que nunca.

Ao vel-o affastar-se, Noemia seguio-o com o olhar carinhoso de uma irmã e, suspirando insensivelmente, murmurou no intimo d'alma :

—Digno e infeliz ! si eu não amasse Daniel... creio que sómente a este daria o coração.

Esta conversação dos dois jovens produziu o resultado de tornar ainda mais fria e enevoada a atmosphera do ege-
nho, nesse terceiro dia de folgança. Felix Modesto desillu-
dido de todo, cada vez mais triste e mais melancolico, po-
rém obrigado a esconder os seus pezares—passava entre todos
mesmo para querer dal-os a perceber—passava entre todos
com o seu porte grave, apesar de elegante, sem dirigir a pa-
lavra a ninguem, reconcentrando o pensamento e fazendo
inauditos esforços por apparentar calma e tranquillidade.
Sobretudo, evitava encontrar-se com Daniel e, quando abso-
lutamente não o podia fazer e este dirigia-lhe a palavra, limi-
tava-se a responder-lhe com um sorriso, que só Noemia co-
nhecia que era contrafeito.

Confessemos, entretanto, uma anomalia. Sabendo que
o mancebo occupava tão soberanamente o coração da filha do
coronel, Felix Modesto não sentira contra elle o minimo ran-
cor, invejava-o apenas; assim como tambem não havia fica-
do em sua alma, pela confissão da moça, o menor resentim-
ento contra ella. Amava, mas não era amado; tinha Noe-
mia culpa disso? Amava ella Daniel e este lhe correspondia
affecto por affecto. Podia incriminal-os por se terem apaix-
onado, obedecendo á lei divina da attracção, quando nem
sequer ella o conhecia, a elle, Felix Modesto, pobre verme
que rustejava na obscuridade, pequenina creatura, cujo co-
ração não palpitara ainda? Porque não, fôra elle o primeiro
a apparecer?

Sem ser fatalista, o mancebo só se queixava do destino...
do seu destino, que fôra sempre negro e que, quando uma
vez parecia querer illuminar-se e inundal-o com o sol de
santo amor, fôra para tornar-se mais escuro ainda, lançan-
do-lhe a alma nas trevas do isolamento, a lutar com as ser-
pes do desespero.

Não ficara odiando Daniel, por ter obtido a felicidade
que elle proprio idealisara nos seus sonhos de moço apaix-
onado. Agradecia-lhe até aquelle culto dedicado á mulher, a
quem elle por sua vez dedicava tamanha adoração e, a seus
olhos, Daniel havia adquirido uma especie de prestigio que o
engrandecia e o tornava sagrado para elle. A amizade que
lhe tinha não diminuiu por isso, porém, antes parecia que

augmentara e que, sem que elle pudesse explicar, complicava-se com a dedicação, infundia-lhe respeito, o mesmo respeito e a mesma dedicação que sentia por Noemia.

A dôr pessoal, a mágoa intima, essas sim lhe haviam ficado no coração como a ponta de um acúleo, que era impossível arrancar e que, quanto mais se tentava extrahir, mais fundo se cravava.

Mas, estavam todos tão habituados já á excentricidade da sua tristeza e á sua attitude reservada e melancolica, que, a não ser para aquelles que estavam a par dos segredos da situação, Felix Modesto passava desapercibido, embora concorresse para augmentar o mal estar commum e inexplicavel.

Noemia, de sua parte, não estava menos alheia ao fim que alli congregara tantos hospedes... Habitualmente alegre, expansiva e gracejadora, mantinha-se agora n'uma reserva, que não era isenta de tristeza, remettia-se a um silencio abstracto, que todos afinal respeitavam, até o proprio Dr. Cazuzinha, não só porque ella era a dona da casa, como tambem porque cada qual se sentia invadido por igual tristeza— especie de presentimento inexplicavel, consciencia incompleta de que se está n'uma posição esquerda, n'uma posição falsa, que a cada passo se espera ver tornar-se definida.

A confissão brusca de Felix Modesto, o conhecimento pleno dos segredos da sua alma e, portanto, daquella tristeza para todos mysteriosa e incomprehensivel, não deixavam de actuar no espirito de Noemia, enchendo-a de uma compassiva piedade. como que fazendo-lhe as mais justas accusações. E assim, de vez em quando, recahia na mais abstracta contemplação, com os olhos immensamente abertos, fitos no espaço, como a seguir o fio tenue de um pensamento, ou o vôo mysterioso de uma chimera, os labios semi-cerrados, entregue a um doce abandono de si mesma.

E' que recordava as ninimas palavras do mancebo, avaliava as suas amarguras, a sua desdita irremediavel, talvez, e a si mesma se accusava, desesperada, igualmente por não poder lhe dar allivios nem consolações.

Uma outra circumstancia concorria para tornal-a tão differente do que fôra nos outros dias. Tinha visto seu pae entrar para o gabinete em companhia de Alexandre Horta, que assumira uma seriedade solemne e desusada e, ao voltar para junto de suas duas amigas, vira-os ainda sahir do mesmo aposento, o engenheiro com a physionomia illuminada por um reflexo de orgulho e de alegria e o pae com a fronte um pouco contrahida, o semblante mais grave do que nunca e o olhar... o olhar como velado por uma sombra de tristeza. Além disso, pareceu-lhe que, ao passar por ella, Eça de Mel-

lo affectava desviar os olhos, ao passo que o engenheiro a affrontava com um imperceptível sorriso de triumpho.

Lembrou-se então que elle lhe dissera pela manhã, no valle, á sombra das gamelleiras, logo após de ter tornado a si do seu desmaio, e sentiu um calefrio percorrer-lhe todo o corpo ao mesmo tempo que sua alma se confrangia, como tomada de subito pavor. O que quereria Alexandre Horta com seu pae? sobre que assumpto teria versado aquella conferencia? e sobretudo qual o resultado que poderia ter tido? A moça julgava entrever a verdade, mas recuava diante della, como diante de um espectro. A idéa, que lhe occorrera, causava-lhe frio, e fazia-lhe subir do coração aos olhos umas lagrimas, que ella debalde tentaria conter.

Assim, acabou por abandonar a varanda, por fugir á companhia de seus hospedes, de suas proprias amigas, e por ir encerrar-se no seu quarto, onde se atirou sobre a cama, abafando os soluços nervosos com os lençoes e os travesseiros.

Nesse estado veio encontral-a a hora do jantar, antecipada um pouco, por causa da partida do commendador e de sua filha.

O jantar correu mais frio ainda do que o almoço... Parecia que ninguem estava a seu gosto, sendo o proprio dono da casa quem impunha circumspecção e gravidade, pelo seu silencio absorto, pela sua seriedade triste, por certo ar de desanimo, que não podia totalmente esquecer. Todos o observavam e mais do que todos o Dr. Pedro Honorio. Assim, apenas o jantar terminou, enfiou o braço pelo braço do compadre e o interpellou abruptamente com toda a familiaridade e franqueza, que quarenta annos de amizade autorizavam :

—O que tem Você, Sr. compadre ?

O coronel foi o levando negligentemente para uma das extremidades da varanda e ali prenderam-se ambos n'uma conversação demorada e muito intima. Quando lhes levaram o café, si algum curioso se houvesse aproximado, teria ouvido estas palavras positivas, que o coronel pronunciava com um tom profundo de desgosto :

—Não ; não era este o noivo que eu idéava para Noemia... positivamente não era.

E a uma observação que lhe fizera o Doutor, ouviria ainda este conceito :

—A posição social não vem ao caso : nestes assumptos o que vale, são as qualidades moraes, a mutua sympathia : e dahi, meu amigo, dahi é que eu temo tudo.

—E eu nada—respondeu o Dr. Pedro Honorio.

Mais tarde, quando, approximada a hora do trem, Eugenia e o Commendador vieram despedir-se do coronel para tomar o carro, que es esperava ao portão do jardim, poderiam ainda ainda ter ouvido estas palavras que deram fim a conferencia :

—Enfim, é a ella propria, a quem deixarei a decisão—dizia Fça de Mello com um suspiro—assim, o prometti, assim o hei de lazer. O que eu não quero é que ella me accuse nunca de ter feito a sua desgraça. Amanhã decidir-se-ha tudo.

O Commendador e a filha se approximavam : os dois compadres foram-lhes ao encontro e as despedidas se trocaram. Foi triste a separação de Eugenia e de Noemia..., tocante a despedida della a Felix Modesto. A mão tremia-lhe enregelada e o olhar, velado pela saudade, solicitava timidamente uma scentelha só de animação. Felix, ao vel-a partir, murmurou no intimo d'alma :

—Meu Deus ! porque é que não amei a esta ?

Com a partida do Commendador, retiraram-se tambem outros convidados, entre os quaes, á noitinha, o Dr. Pedro Honorio, cuja mulher estava impaciente já por tornar á sua casa, aos seus commodos, para o meio dos seus bichos, que áquellas horas talvez já estivessem mortos de fome : dizia ella inteiramente commovida.

Ao partir o trem, á tarde, Cazuzinha approximara-se do amigo e lhe dissera :

—A debandada é quasi geral... o coronel não fez empenho em reter os seus hospedes...

—Tanto melhor—respondeu-lhe Alexandre Horta seccamente.

—Mas é que isto aqui vae ficar enfadonho... Muitas moças já se foram e Noemia, a gentil Noemia, vae se tornando macambuzia.

O engenheiro sorriu-se com tal ou qual fatuidade.

—Porque não nos retiramos tambem ?

—Amanhã—respondeu Alexandre Horta rapidamente—só amanhã o poderei fazer.

—Porque ?—insistio o rapazola curiosamente.

—Espero uma resposta do coronel—satisfaz ainda o outro com toda a condescendencia.

E, assim dizendo, para evitar novas questões do Cazuzinha, deu-lhe as costas sem cerimonia e affastou-se com pres-teza, dirigindo-se á Noemia.

Esta evitou-o com promptidão, passando o braço pela

cintura de Rosinha e fugindo com ella para o interior da casa.

O coronel, que os observava sorateiramente, entreabriu os labios n'um sorriso, que ninguem percebeu e pela primeira vez a sua physionomia se expandiu naquelle dia.

Estava muito reduzido o numero dos hospedes do coronel Eça de Mello. Pelo lado feminino, haviam ficado Rosinha e mais duas mocinhas, matutas, filhas de um dos lavradores do engenho, companheiras habituaes de Noemia, quasi suas commensaes : pelo lado masculino, além de alguns velhos visinhos, de todo anodinos, demoraram-se ainda, Alexandre Horta, que tinha interesse em ficar, o Dr. Cazuzinha, que era o seu acolyto obrigado e Daniel, que estava inteiramente á disposição de sua irmã.

As causas, que haviam contribuido para a tristeza monotona do dia, subsistiam ainda, aggravadas muito mais á noite pela saudade de alguns e pela ausencia da maior parte. Por isso, o serão foi curto e preenchido unicamente por conversações ainda mais curtas. Muito cedo, pois, recolheram-se todos, tendo cada um pressa de achar-se só, sentindo necessidade de se entregar ao egoistico prazer de ruminar, no silencio e na solidão, os proprios pensamentos. Os hospedes occuparam o seu quarto ; mas Daniel, ou por delicadeza ou por conveniência, recusara o offerecimento do coronel e declarou peremptoriamente que se aboletava no chafet, em companhia do seu prezadissimo amigo Felix Modesto.

Apenas foram as portas cerradas, o coronel, preza de uma agitação que não estava nos seus habitos, mas procurando apparentar a maior calma, dirigio-se á sala de jantar e fez chamar a velha mulata que havia amamentado sua filha.

—Mãe Anna?—O proprio senhor a chamava desta fórma—Mãe Anna?—disse elle—vá ao quarto de Noemia e, si ella ainda não estiver deitada, diga-lhe que venha cá.

—E si já estiver recolhida, *sinhô*?

—Então não lhe diga nada ; deixe-a descansar.

Mãe Anna sahio para executar a commissão e quasi immediatamente entrou Noemia na sala, com a physionomia um pouco assustada, fitando o pae com os olhos interrogativos e curiosos. O coronel recebeu-a com um sorriso pallido, cheio de bondade e perguntou-lhe brandamente :

—Tens muito somno ?

—Não, papae ; porque m'o pergunta ?—respondeu a moça, assumindo um ar de seriedade e recalcando para o fun-

do do coração uma anciedade, que os seus presentimentos de todo o dia pareciam justificar.

—Neste caso não te incomodarei e poderemos conversar alguns instantes.

—Sobre ?...

—Sobre um assumpto grave, que te diz respeito e do qual não te pretendia occupar senão amanhã... Mas eu mesmo estou impaciente... e desde que é forçoso fallar nelle, vale mais que seja hoje.

Passou então o braço pelo hombro da filha n'um gesto carinhoso e, aconchegando-a a si, como dois bons camaradas, foram ambos, por um tacito accordo, se encaminhando para o gabinete.

Ahi chegando, sentaram-se, e o coronel durante alguns instantes quedou-se silencioso e grave, contemplando a filha, que o fitava curiosamente, e como que a procurar as palavras com que devia dar principio. De repente, fitou-a de face e fallou com calculada lentidão :

—Pediram-te hoje em casamento, Noemia.

A moça estremeceu e empallideceu subitamente. Si estivesse de pé, cambalearia com certeza. A noticia feria-a em cheio no coração, porque, si o pedido houvesse partido de Daniel, ella o teria sabido previamente. Quem poderia tel-o feito, pois ? só o engenheiro, que lh'o promettera pela manhã, e que depois tivera com seu pae uma larga e mysteriosa conferencia.

Trémula e balbuciante, Noemia perguntou depois de alguns minutos de silencio, duraute os quaes seu pae não deixara de apreciar as phases por que passava a sua physionomia assustada e abatida :

—E quem foi, meu pae ?

—Um homem que diz dedicar-te o maior affecto e que—o que é mais—se julga não te ser indifferente.

—Mas, afinal, quem é elle ?

—O Sr. Alexandre Horta.

Noemia já esperava ouvir esse nome ; não mostrou grande abalo, portanto. Limitou-se a levantar os hombros e a fazer um momo de desdem.

O coronel observava-a com cuidado e em silencio. A moça ergueu os olhos para elle timidamente e, palpitando de anciedade, com medo da resposta que ia provocar, perguntou-lhe de vagar :

—E... papae o que lhe respondeu ?

—O assumpto não me dizia respeito unicamente... declinei, portanto, da responsabilidade exclusiva e appellei para o teu juizo—disse o velho com toda a gravidade e continuou immediatamente :

—Nunca te impuz as minhas vontades, nunca violencei as tuas affeições, procurando unicamente encaminhar o melhor possível as tuas inclinações, dirigir os teus instinctos, desenvolver as tuas boas qualidades, de fórma que te parecesse que a ti propria d'vias os beneficos resultados.. Tinha isto por fim desenvolver em ti um caracter que fosse propriamente teu e não o reflexo de um outro. E não seria agora, quando se trata de um assumpto que te affecta directamente, que eu deveria mudar de procedimento. Respon-di, portanto, que dependia de ti a solução do seu pedido.

—Neste caso, papae a nada se comprometteu?—interrogou a moça com soffreguidão.

—A nada—respondeu o velho com dignidade.

Noemia respirou longamente, como si sentisse desafogada de repente.

—Agradeço-lhe muito, papae.. muito!—disse ella com sinceridade profundissima—e uma vez que deixou-me a liberdade de responder segundo o meu modo de pensar e de querer...

—Toda a liberdade; comprometti-me até a não influir de modo algum na tua decisão.

—Pois bem, sendo assim estou prompta a responder desde já e peço a papae para não se demorar muito em transmittir a minha resposta. Penhora-me muito o pedido do Sr. Alexandre Horta...

O coronel estremeceu, máo grado seu, e fitou na filha olhos pasmados, sem sequer se atrever a interrompê-la. Noemia apanhou-lhe a anciosa expressão da sua physionomia e sorriu com desvanecimento, concluindo a phrase com toda a rapidez e segurança:

—... Mas recuso a honra que me quer dar.

—Recusas?—exclamou o coronel, sem poder encobrir a sua subita alegria.

—Absolutamente, meu pae!—confirmou a moça com gravidade.

O coronel contemplava-a agora com embevecimento, com uma ternura mesclada de gratidão. Mas, de subito, sorriu-se e observou-lhe com um tom que não estava isento de malicia:

—Comtudo, parece-me que o Sr. Alexandre Horta me affirmou que não te era indifferente.

—Tenho-o tratado como t:ato a todos os outros hospedes de meu pae, nem mais nem menos. E' verdade que por diversas vezes elle procurou dar-me o entender a natureza dos seus sentimentos a meu respeito... mas destas vezes tambem eu lhe fiz conhecer que... não queria dar-lhe ouvidos.

O coronel franziou a testa imperceptivelmente, e ficou-se um momento silencioso e como que absorto.

Porfim, ergueu-se, aproximou-se da filha com lentidão e abraçou-a com ternura commovida. Depositou-lhe um longo beijo na frente e aconselhou-lhe :

—Vae dormir agora... já é bastante tarde. Amanhã tu mesma darás ao Sr. Horta a resposta ao seu pedido.

—Eu mesma?... e porque não o papae ?

—Não, nada de dúvidas ! quero que o desengano parta de ti mesma.

—Seja.

—E agora, até amanhã.

Noemia retirou-se alliviada, muito alliviada : e o coronel por muito tempo ainda ficou a passeiar no gabinete, não agitado e cheio de ansiedade, mas tranquillo, sorrindo-se ás vezes com um enlevo que illuminava o seu semblante habitualmente tão grave e tão sisudo.

Porfim, deitou-se e rapidamente adormeceu, como quem não tem cousa alguma que o preocupe.

Nesse mesmo momento, Alexandre Horta, depois de ter trocado, em tom sumido, algumas palavras com o Cazuzinha, sahia sorrateiramente do quarto dos hospedes e, como tres noites antes, galgava as grades do jardim e aproximava-se do pequeno portão do pomar.

Parou ali por alguns instantes e voltou-se para o chalet inspecionando-o attentamente... Apesar da escuridão, distinguio um vulto branco apoiado na janella e teve um sorriso diabolico de satisfação. Então riscou um phosphoro, como si quizesse accender algum charuto, jogou-o fóra emquanto conservava ainda toda a chamma, e, á sua luz frouxa e vacillante, galgou rapidamente o portão e internou-se no pomar, estugando o passo o mais que poude.

Teria dado algumas passadas, porém, quando tropeçou n'um objecto, que quasi o fez cahir ; apalpou-o rapidamente e conteve um grito de alegria :

—O diabo protege-me — pensou com regosijo.

Era uma escada de mão que Daniel tinha tirado da casa dos pretos encarregados do pomar, e da qual se havia servido para colher as laranjas naquelle dia. Alexandre Horta apanhou-a com rapidez e cuidadosamente a foi encostar á parede da casa, justamente por baixo da janella do quarto de Noemia. Depois affastou-se com presteza, rodeiou todo o edificio e foi surgir do outro lado, por onde penetrou no jardim do mesmo modo por que tinha sahido.

Mal acabava de pôr os pés na varanda, ouviu distinctamente o rangido da areia sob umas pisadas impacientes e pareceu-lhe distinguír igualmente o sussurro de duas vozes aba-

fadas. Um sorriso imperceptível franziu-lhe os lábios delgados como um rictus de ironia.

—São elles dois—murmurou consigo mesmo—vão encontrar a escada, e... pensem lá como quizerem.

Entrou em casa com todas as cautellas, mas sentou-se no salão, só voltando para o quarto dos hospedes algumas horas depois, quando já os gallos começavam a cantar.

Durante a sua ausencia, Cazuzinha não pudera conciliar o somno e, ao vel-o entrar de mansinho, approximou-se-lhe do ouvido e interrogou-o com um arzinho de malicia :

—Então ?

—Psio ! caluda !—replicou-lhe o Alexandre.

Não se enganara o engenheiro. Com effeito, duas pessoas fallavam junto ao portão do pomar : Felix Modesto e Daniel.

Ao retirarem-se da casa de vivenda para o chalet não iam ambos animados pelos mesmos sentimentos, nem identico pensamento os guiara para o pouso. Si em Felix Modesto a idéa predominante era entregar-se, a seu gosto, ao mundo de pensamentos que tumultuava no seu cerebro, era, por assim dizer, saborear o amargo das suas desillusões : em Daniel, levava-o o desejo de subtrahir-se á tristeza geral, que pesava sobre elle como uma atmospherá anormal e incomprehensivel ; era dar pasto á sua alegria natural, alegria que, durante todo o dia e durante a noite, não se pudera expandir como sempre, pelo risco de ser considerada extemporanea e mal cabida.

O certo é que, unico entre todos, fôra elle o unico hospede que não se submetera á influencia geral e que, ou bem ou mal, protestara sempre contra aquellas sombras de tristeza, contra aquelles presentimentos de desgraça. Tambem a debandada dos convivas deixara-o de todo indifferente, nenhuma impressão lhe causando, nem mesmo a ausencia da interessante filha do Commendador. O iman que o attrahia tinha ficado, por isso nada mais merecia-lhe importancia. Impressionara-o alguma cousa, sim, a attitude de Noemia ; mas, o mancebo a attribuirá ás suas verdadeiras causas—consequencia da aventura da manhã, saudades da amiga—e achará-as de todo naturaes.

Indo, pois, para o chalet, para a companhia de um amigo, cujas excellentes qualidades elle de ha muito apreciava, pretendia desferrar-se, dando e encontrando motivos para a mais galhofeira jovialidade. Habitudo a melancolias e tristezas uniformes do companheiro, não dera fé dos seus modos reservados, ou attribuirá-os ainda ás commoções, pelas quaes havia passado na caçada, entre a dúvida de ser um salvador ou de ter sido um assassino. Felix Modesto armara uma rêde no seu quarto e Daniel, installando-se nella, começara a tagarellar com uma volubilidade de rapaz feliz e isento de cuidados, sem reparar, comtudo, que o amigo conservava-se calado ou respondia-lhe apenas por monosyllabos rarissimos.

Como é de crer, versava a perlenga do mancebo acerca das occurrencias do dia, notavelmente aquellas de que Felix Modesto havia sido o verdadeiro e unico heróe e das quaes

Noemia escapara de ser victima. Em uma das occasiões, em que o nome da moça era pronunciado, Felix Modesto, que até então, silencioso e abstracto, parecia seguir o fio de um pensamento, encarou o companheiro fixamente e perguntou-lhe á queima-roupa :

—Ha quanto tempo conhece a filha do coronel ?

—Desde que eu ainda era estudante e ella uma criança : um anno e tanto antes de Voçê vir para cá.

—E amaram-se desde logo ?

Daniel deu um salto na rede e fitou o amigo brusca-mente. Felix Modesto fez um esforço e esboçou um sorriso animador.

—Como soube Voçê isto ?—inquirio Daniel admirado.

—Não sei mesmo : adivinhei-o ou conheci-o—respondeu Felix Modesto com o mesmo sorriso e muita calma.

—Sempre pensei que guardava melhor o meu segredo ;—retorquiu o bacharel—mas, visto que Voçê o descobriu e é discreto, não ha razão para negal-o. E' verdade : amamos desde logo.

Felix Modesto tomou um ar grave, reflectido e, com uma voz profunda, que mal lhe podia encobrir a commoção, perguntou ao companheiro :

—Porque então não realisa o que eu supponho que deve ser a sua maior aspiração ? O Senhor tem uma posição feita e solida : a filha do coronel é rica...

—Perdão, meu caro ! não é a sua riqueza que me seduz... seduzio-me talvez a sua belleza. Amei-a antes de saber quem ella era e hoje o que mais me encanta nella é o seu character. Prendem-me a sua honestidade, a sua candura e a sua pureza. Porque eu sou assim, meu amigo, só amo, só sei amar, só posso amar ao que é bom.

—Mas, si houvesse amado uma mulher sem conhecel-a, e si depois, com o correr do tempo, reconhecesse que ella não era o que lhe parecia ?

—Ah !—interrompeu Daniel com vivacidade—julga que continuaria a amal-a ? Talvez sim, talvez não. Mas, em todo caso, teria a força de vontade sufficiente para recalcar no fundo do peito a minha paixão : para dizer ao coração—«não pulses mais !»—enquanto diria á alma—«não penses nella !»

—Talvez perdoasse, mas o meu perdão seria o esquecimento.

E, subitamente mudando de tom, accrescentou em fórma de explicação :

—Tive uma educação muito severa, meu caro Felix, o que foi uma felicidade, porque serve de correctivo ao meu natural estouvamento.

—Felizmente a pessoa de que se trata está isenta de semelhantes supposições...

—Felizmente... Mas deixe-me agora responder á sua pergunta. Pretendia fazer agora o meu pedido ao coronel ; mas, o incommodo de minha mãe obrigou-me a adiar essa resolução.

—Porque ?

—Porque quero que seja ella o interprete dos meus desejos. Já lh'o disse, e apenas restabelecer-se, cá virá visitar o coronel e pedir-lhe a consagração da minha felicidade.

Felix Modesto abafou um suspiro e, para disfarçar a commoção, encostou a fronte no braço, fechando os olhos lentamente. Daniel deu dois balanços á rêde e exclamou, prorompindo n'uma risada cheia de alegria e bom humor :

—A conversa fez-lhe somno !... Durma, eu vou por um momento fitar o lado do horisonte onde a minha estrella não brilha agora, porém dorme entre nuvens de cambraia.

Saltou da rêde lestaniente e debruçou-se na janella, que até então estivera frouxamente aberta. Felix Modesto, despio-se e deitou-se em silencio, não sem primeiro oscular occultamente o talismão que conservava sobre o peito. Dormio ou não ; mas, passado algum tempo, sentio que Daniel recolhia-se appressadamente da janella e punha-lhe a mão sobre o braço, abalando-o rudemente.

—Felix ?—chamou elle com voz commovida e rapida.

—O que é ?—perguntou o interpellado admirado.

—Parece-me que vi alguém pular o muro do pomar...

Felix Modesto, de um salto, poz-se de pé e vestio-se com incrivel rapidez.

—Vamos !—disse elle simplesmente.

Sahiram e, durante o trajecto, Daniel referira appressadamente o que Alexandre Horta propositalmente havia feito.

—E, á luz do phosphoro, poudes conhecer o vulto ?

—Não... absolutamente não.

Felix Modesto caminhava apprehensivo e como fóra de si. Era a segunda vez que se dava semelhante aventura. Quem é que entrava assim furtivamente para o pomar ? que fim tinha ? o que ia fazer ? O seu espirito debatia-se em colera, mas a dúvida parecia não incommodal-o. Ficava daquelle lado o quarto da mãe Anna, e a pobre Joaana, a mulatinha sua filha, appareceu-lhe logo como o movel das visitas nocturnas.

Assim pensando, haviam chegado ao pé do portão.

—Fechado !—disse Daniel, procurando abril-o.

—Os pretos têm a chave—observou Felix Modesto.

—Então vá buscal-o

—Não ; além de perdermos muito tempo, o barulho do portão poderia accordar o coronel. Sigamos o mesmo caminho do outro.

Dito e feito : os dois rapazes entraram no pomar e se-

guiram para o fundo, cosendo-se com a parede. De repente Felix Modesto parou, segurando em seguida um objecto que interceptava-lhe a passagem.

—O que foi? —inquirio Daniel se approximando.

—Uma escada encostada na parede.

—Uma escada!

Olharam ambos para cima: as extremidades encostavam no peitoril de uma janella.

—Por aqui subio alguém—murmurou Daniel sobresaltado.

—E' impossivel!...—replicou-lhe Felix Modesto vivamente—esta janella é do quarto de Noemia.

—De Noemia!...

—Não grite procedamos com toda a calma...

Daniel encostou-se à parede e premia o coração com ambas as mãos. Por uma estranha associação de idéas, recordava a conversação que, ha pouco, havia tido. As perguntas de Felix Modesto subiam e desciam pelos degrãos daquelle escada, como um bando de phantasmas que o estivessem allucinando.

Porque lhe perguntara o amigo, sem a proposito algum, si elle continuaria amar, si perdoaria a mulher que não fosse realmente aquillo que lhe parecera? Porque estava encostada alli aquella escada? e por que um homem, si aproveitando do silencio da casa e da escuridão da noite, si introduzira no pomar?

Felix Modesto pensava tambem profundamente. Porfim, approximou-se do companheiro e lhe disse muito baixo:

—Comprehendo tudo agora. O homem enganou-se na janella... presentio-nos e fugio.

—Enganou-se como?

—E' deste lado que dorme a filha da mãe Anna. Vamos percorrer o pomar.

Felix Modesto levou a escada para outro logar e ambos os rapazes, cautelosa e silenciosamente, percorreram todo o terreno. Como é hem de ver, não acharam pessoa alguma... nada mais absolutamente de suspeito.

Quando terminaram a inspecção, Felix Modesto propoz a retirada.

—Não—disse-lhe Daniel peremptoriamente—eu fico.

Felix Modesto comprehendeu-o de sobejo:

—Neste caso ficaremos ambos.

Dirigiram-se sem mais palavra para onde a sombra dos arvoredos os occultava totalmente, sentaram-se na relva, encostando-se aos troncos mais chegados e dispuzeram-se a passar alli o resto da noite, Felix Modesto inspecionando a janella do quarto da mãe Anna, mas Daniel com os olhos fitos na janella do quarto de Noemia.

XXVII

A aurora veio surprehendel-os alli e durante essas horas de vigilia voluntaria, de vigilancia ininterrupta, que de amargos pensamentos, que de hypotheses absurdas, que de phantasticas peripecias não engendrou o espirito atribulado do misero enamorado ! Durante todo o tempo que alli estiveram de alcatêa, não trocaram os dois mancebos a minima confidencia, nem sequer uma palavra : dir-se-hia que a vida se lhes tinha concentrado no olhar e que a attenção lhes absorvia todas as faculdades.

Ao baterem os primeiros raios do sol nascente nas vidraças da janella de Noemia, Daniel sentira uma subita commoção que o fizera estremecer. As portas interiores abriram-se vagarosamente, e através dos vidros, meio embaciados pela humidade da manhã, elle vislumbrou o perfil encantador da filha do coronel com os cabellos ainda desgrehados e os seios mal cobertos pelas rendas transparentes da camisa, n'um desalinho descuidado e confiante. Por momentos Daniel esperou ver erguer-se a vidraça e pela janella sahir o vulto suspeito de algum homem. Mas a janella não se ergueu e o vulto da moça desapareceu na penumbra do quarto, como uma doce visão que se esvaece.

As outras janellas começavam a se abrir e a prudencia aconselhava aos dois mancebos que deixassem o seu posto. A hypothese de Felix Modesto subsistia de pé, mas a dúvida de Daniel não desaparecia totalmente... a escada não fôra encostada á parede sem motivo.

Os rapazes sahiram do pomar pela casa dos pretos que cuidavam delle e, como tivesse chegado a hora do leite e o coronel já se achasse na varanda, para ahi dirigiram-se elles, encontrando-se ambos no pensamento—si seria util ou não communicar o occorrido ao senhor do engenho. Ao chegarem ao alto da escadaria, viram ambos cinco pessoas atravessarem a sala de jantar de toalhas ao hombro, os cabellos soltos sobre as espaldas envoltas em alvissimos penteadores. Eram Noemia, Rosinha, as duas matutinhas e a mulatinha Joanna, que iam ao banho. Alegres e descuidosas, ouviam-se-lhes as risadas argentinas e as palavras confusas como um chilro matutino de passaros dispertos.

Alexandre Horta, Cazuzinha e os outros hospedes che-

gavam á varanda e cercavam o coronel, desejando-lhe os bons dias. Não era, portanto, a hora opportuna para a revelação das aventuras nocturnas, e por isso Daniel e Felix Modesto confundiram-se com os outros, accitando as conversações e prestando esclarecimentos que versavam em sua maioria sobre a belleza, raça e qualidades do gado que os vaqueiros ordenhavam.

Correu o tempo, e as senhoras, com os cabellos humidos ainda, irremperam risonhas e alegres na varanda. Na passagem Noemia saudou o bacharel com um sorriso, mas este, inclinando-se ante ella com desusada gravidade foi ao encontro da irmã e segredou-lhe :

—Partimos antes do almoço, Rosinha.

A menina olhou-o admirada e de um modo interrogativo :

—Não viemos para passar oito dias ?

—Sim ; mas, esta noite recebi um recado de casa... mãe está um pouco peor... e bem vêes que não nos devemos demorar.

—Ah ! neste caso...

E Rosinha, immediatamente apprehensiva, foi ao encontro da amiga, a quem deu parte da subita resolução e dos motivos que a impunham sem demora. Eram elles tão justos, que nem Noemia nem o coronel tentaram pôr-lhe dúvidas. Assim, meia hora depois, os dois irmãos se despediam e perfeitamente montados se affastavam a galope em direcção ao seu engenho.

Em meio caminho, Daniel, que estivera até então taciturno, o que Rosinha attribuía a cuidados que a noticia de casa lhe devia estar causando, voltou-se bruscamente para ella e perguntou-lhe :

—Onde dormias tu em casa do coronel ?

—No quarto de Noemia—respondeu Rosinha com presteza e naturalidade.—Dormíamos até na mesma cama.

E depois, como si este incidente lhe abrisse os diques da tagarellice, referio ao irmão o episodio do pomar, na noite da vespera do anniversario, conforme lh'o haviam contado Eugenia e a propria Noemia. Daniel ouvia-a sem nada replicar, mas torcia de vez em quando o bigode com um gesto brusco de impaciencia e contrariedade, ao mesmo tempo que contrahia as sombrancelhas n'uma concentração penosa de desencontrados pensamentos.

No engenho de Eça de Mello, levavam as cousas o seu curso, tendo apenas a subita partida dos dois irmãos deixando uma natural impressão de tristeza na alma de Noemia, concorrendo para que principiassem a se accumular as mesmas nuvens sombrias da vespera. O dia não começava, pois,

sob bons auspícios, embora o coronel, apesar de tudo, apresentasse uma physionomia satisfeita e procurasse transmitir aos seus hospedes a alegria de que parecia estar repleto.

Illudido com o aspecto do velho senhor de engenho, traduzindo a sua expansiva jovialidade em seu favor; Alexandre Horta, logo depois do almoço exigiu a resposta que o coronel lhe devia. Este, ao ouvi-lo, fizera um signal imperceptivel para a filha, e lentamente o foi conduzindo para o salão, onde Noemia já estava em pé, com uma das mãos apoiada sobre o marmore da jardineira e á cuja porta o deixou, convidando-o a que entrasse.

—Como lhe prometti—disse elle affavelmente—é da propria bocca de minha filha que tem de receber a resposta ao seu pedido.

Dito isto, afastou-se com toda a gravidade, deixando os dois em liberdade. Felix Modesto aproximou-se-lhe então e começou a fazer-lhe o relatório circunstanciado do que havia surprehendido durante as duas noites, abstendo-se contudo de referir o episodio da escada, de juntar commentarios e principalmente de alludir ás supposições que havia feito. Conhecia bastante o coronel para tudo temer do seu genio violento, apesar da grave apparencia de bonhomia habitual.

—Bem—disse o coronel, apenas o mancebo terminou—não boqueje cousa alguma a este respeito e tome as providencias necessarias e cautelosas que o caso requer, para se chegar a um resultado definitivo.

Sentou-se então na espreguiçadeira, como si nada lhe houvesse restado no pensamento, e o mancebo, curvando-se respeitoso, afastou-se lentamente, não sem ter lançado de soslaio um olhar observador e desconfiado para o salão, onde Noemia e Alexandre Horta se achavam em conferencia.

Este, apenas entrara, dirigira-se á moça com o sorriso nos labios, apesar de uma certa agitação que lhe abalava a alma, enchendo-a de apprehensões e de dúvidas. Noemia, porém, recebeu-o com fria polidez e dirigio-lhe a palavra apenas o vio á pouca distancia :

—Meu pae communicou-me o pedido que o Sr. Alexandre Horta fez-nos a honra de dirigir-lhe... e, como nestes assumptos tem a magnanimidade de deixar-me inteiramente livre e senhora do meu alvedrio, incumbio-me de dar-lhe pessoalmente a minha resposta.

O engenheiro inclinou-se graciosamente; mas, o seu sorriso tinha desaparecido dos labios, deixando-lhe apenas no semblante uma expressão de anciedade... de uma anciedade de um pouco ironica. Alexandre Horta não se illudia, valha

a verdade, e fazendo o seu pedido havia contado mais com a benevolencia e a consequente pressão do pae, do que com a condescendencia voluntaria da filha. As palavras desta, cheias de lhaneza e polidez, porém, igualmente dignas e frias, parecia não lhe offerecerem uma prespectiva muito favoravel. Em todo caso, Alexandre Horta entendeu que devia lutar e adiantou estas palavras :

—A honra reflecte toda em mim, minha Senhora... e para mim significaria uma felicidade illimitavel. Ha pouco mais ou menos um anno que tive o prazer de conhecel-a e no decurso desse tempo tenho tido infinitas occasiões de estudar o seu genio e a sua alma, o seu coração e as excellentes qualidades que a tornam a mulher mais perfeita que tenho encontrado.

Noemia baixou a cabeça, agradecendo, mas deixando errar nos labios um sorriso de ironia. Alexandre Horta proseguio impassivel, como quem não deu ainda todo o seu recado :

—Cheguei ao pleno conhecimento, á plena convicção de que só um genio, como o seu, só um coração como o seu, só uma alma como a sua, poderiam fazer um homem perfeitamente feliz.

Parou um pouco, como esperando ouvir uma palavra : mas, Noemia conservou-se em silencio, fitando-o de frente, sem o minimo embaraço, mas tambem sem o menor vislumbre de provocação. O engenheiro continuou, com tal ou qual animação :

—Até então, não me tinha querido prender nos laços indissoluveis do hymineu...

Ouvindo o termo classico, a moça mordeu os labios reprimindo uma risada, mas continuou a prestar attenção a arenga do engenheiro.

—Sabe porque, minha Senhora?—prosequia elle com expansão—porque ligava pouca importancia á mulher...

—Como ! e é a mim que vem dizel-o ?... nesta occasião ?

—Perdão ! é que foi a Senhora quem me abriu as portas da regeneração e fez-me encarar a mulher sob o seu verdadeiro prisma. Vi-a e desde esse dia, comprehendi que o meu ser estava incompleto. que a minha existencia devia ter outro objectivo que não fosse o prazer egoistico e ephemero da mocidade...

—Peço-lhe que me poupe á historia do seu passado, Sr. Horta—interrompeu-o a moça com certa dignidade—não é necessario para auxiliar a minha resolução...

—Não é a historia do meu passado que lhe quero contar, minha Senhora ; mas, é o desenvolvimento e a profunda tensão do sentimento que me inspirou...

—Esse conhecimento em nada alterará o meu modo de pensar... nenhuma modificação trará á decisão que tenho de dar-lhe.

—Pois bem, minha Senhora, não accrescentarei mais nada, senão que a amo com verdadeira adoração... e que espero a sua resposta.

Noemia esteve alguns segundos pensativa, depois, erguendo os olhos lentamente encarou o mancebo e lhe disse com frieza :

—Ainda uma vez agradeço a sua lembrança : mas não accetto a honra que me reserva.

—Como?... não quer ser minha esposa ?

—Não.

—E' essa tambem a opinião do Senhor seu pae ?

—Neste assumpto, a opinião d'elle está subordinada á minha.

Alexandre Horta ficou-se alguns instantes, como que petrificado. De subito ergueu a cabeça com certa violencia, fitou nos olhos da moça um olhar concentrado de dominio e murmurou com os dentes quasi cerrados de raiva :

—E si eu lhe disser que ambos hão de querer ?

Noemia sorriu-se imperceptivelmente com orgulho.

—Não zombe... Póde vir ainda um tempo, em que a Senhora me supplique... em que seu pae impløre... e...

—E que mais, Senhor ?—inquirio Noemia com um ar soberbo de dignidade.

—E... então a Senhora casará commigo.

—Nunca !

—Nunca?... Esta palavra imprudente e mentirosa é um pouco irmã de uma outra igualmente mentirosa e imprudente : impossível. Não ha impossiveis para quem sabe querer ; como não ha nunca para quem póde conseguir. Estou habituado a triumphar e aconselho-lhe a renunciar a uma lucta de que não obteria resultados.

—Sr. Horta !... vejo que está fóra de si... que se esquece...

—Não, não esqueço nada, nem mesmo que talvez a Senhora já tenha o coração compromettido...

Noemia sentio-se enrubescer e apoiou-se á mesa quasi trémula.

—Senhor !—balbuciou ella envergonhada.

—Adivinhei—murmurou o engenheiro com ironia.

E approximando-se um pouco mais, baixando a voz até o tom da confidencia :

—Affianço-lhe, prometto-lhe que serei um marido muito commodo—disse elle—deixar-lhe-hei inteira liberdade ; com-

prehende ? (e accrescentou as palavras com cynismo)—liberdade inteira.

Noemia empallideceu e erigio o corpo n'um assomo de dignidade offendida.

—Retire-se, Senhor...—exclamou ella—retire-se immediatamente, ou chamarei men pae e elle fal-o-ha enxotar pelos escravos.

Dito isto, deu-lhe as costas e affastou-se. Alexandre Horta acompanhou-a com um olhar de uma ironica maldade, e dirigio-se depois directamente para o quarto dos hospedes.

Tinha o coração em fel, e, si houvesse trem áquella hora, é muito provavel que se retirasse immediatamente, arrastando consigo o seu inseparavel companheiro. Mas, só havia conducção para a cidade á tarde, e Alexandre Horta resignou-se a esperar, embora comprehendesse a posição esquerda, quasi ridicula, em que ficava. Não era homem, porém, para incommodar-se por tão pouco e depressa tomou o seu partido.

Quando, pois, sahio do quarto e foi de novo occupar o seu logar na varanda, junto ao coronel, tinha o semblante sereno, embora apparentasse uma sentida melancolia.

O resto do dia correu n'uma monotonia semsaborona, não obstante as distrações que o Cazuzinha offerecia a cada passo com os seus modos disfructaveis. As moças tinham-se eclypsado e Noemia apenas appareceu ao jantar, a que assistio aliás mergulhada n'uma reserva toda fóra de seus habitos. Findo este, Alexandre Horta e Cazuzinha, a quem elle havia dito duas palavras, prepararam-se para partir e despediram-se um pouco friamente do coronel.

—Sem rancor—disse este ao despedir-se do engenheiro —tenho a convicção de que não conserva resentimento algum contra nós, assim como lhe asseguro que lhe consagro sempre a mesma estima e amizade.

Alexandre Horta não respondeu, mas apertou-lhe a mão com todas as apparencias da mais entranhada commoção. Cazuzinha, esse desvaneceu-se de agradecimentos e ainda mais quando o coronel com toda a amabilidade lhe offereceu a casa e instou para que a honrasse com a sua frequencia.

Noemia não assistio a essas despedidas ; havia armado um passeio e internara-se pelos campos em companhia das duas matutinhas, da filha da mãe Anna e de Felix Modesto, que as escoltava pensativo.

XXVIII

Apenas deu as costas ao engenho e se vio longe dós olhares do coronel, Alexandre Horta deixou cahir a mascara hypocrita, que havia afivelado ao semblante durante aquellas ultimas horas, e mostrou-se ao amigo em toda a hediondez do seu despeito, dando-lhe os mais visiveis signaes de descripto, de raiva e de furor.

Fôra batido completamente na campanha, em cujo termino suppunha fazer a conquista dos trezentos contos da moça : c outro qualquer julgar-se-hia perdido irremediavelmente. Elle, porém, não. Fôra sempre repellido nos seus ataques preparatorios, sabia que Noemia não acceitava as suas homenagens amorosas, e por isso dando aquelle passo arriscado, fizera-o, si não por descargo de consciencia, unicamente para empregar um recurso que fazia parte do plano que havia traçado com machiavelica paciencia, e ao qual, desde que chegara ao engenho, começara a dar andamento premeditado, esperando completal-o mais tarde, até que tirasse delle todo o resultado provavel e appetecido.

Para elle, portanto, a partida não estava perdida : a derrota, que soffrera, entrava talvez nos seus calculos, pois contava com ella á vista dos antecedentes : verdade é que havia tambem contado demasiado com a benevolencia do coronel, cuja affabilidade habitual tomara por fraqueza e cujo animo suppunha ter de alguma sorte dominado. Tinham-lhe, porém, as cousas sahido pelo avesso, e instinctivamente conhecia agora que ao seu desastre não fôra alheio o senhor do engenho. E dahi mesmo hauria elle novo incentivo para levar por d'avante os seus projectos. Attribuia ao orgulho a recusa que soffrera, pois bem, havia de quebrar aquelle orgulho, havia de levar o coronel ao extremo humilhante de supplicar-lhe aquillo mesmo, que elle espontaneamente lhe havia offerecido, e a que sua filha dera uma recusa tão cheia de desdem.

Os primeiros elementos para obter esse resultado, estavam já bem semeiados... só lhe faltava o complemento necessario, o ultimo golpe decisivo, e esse ia pôl-o em pratica, contando, como contava ou suppunha contar, com a amizade e dedicação do disfructavel e inconsciente Cazuzinha.

Foi por isso que se abriu inteiramente com o amigo e

durante algum tempo esteve a fallar-lhe animadamente n'um tom de confidencia íntima e secreta.

De repente o rapazola o interrompeu :

—Mas como diabo sendo ella tua amante, tão amante que te recebia no seu quarto, affrontando os riscos de um flagrante, recusou assim o teu pedido.

—Recusou?!... quem te disse que ella recusou? Ao contrario. Seria para ella o complemento da sua felicidade, era a aspiração natural da sua alma, ao mesmo tempo que o véo que encobriria a sua vergonha.

—Mas não disseste que ella recusou? E' isto o que eu não comprehendo—insistio o Cazuzinha com uma logica instinctiva, de que talvez não tivesse consciencia.

Alexandre Horta retorquiu-lhe com alguma impaciencia :

—Recusou *pro formula*.

—Não comprehendo...

—E' que eu ainda não te disse tudo : recusou por entre lagrimas... Não reparaste como deixou de apparecer durante todo o dia?... E' que o desespero de ser obrigada a dar uma decisão contraria aos seus desejos a retinha no quarto, onde os soluços a suffocavam.

—Ah!... começo a comprehender.

—Não reparaste na sua attitude contrafeita e reservada durante o jantar e sobretudo na sua ausencia, no momento da minha despedida?

—E' verdade; notei isto.

—Pois tudo se explica. O coronel impôz-lhe aquella solução; com a tyrannia de um pae orgulhoso e habituado a dominar, obrigou-a a recusar o meu pedido... sonha talvez algum príncipe para a filha... comprehendes agora?

—Sim; não foi ella quem te recusou, foi o pae.

—Justamente.

—Neste caso, meu caro Alexandre, tens um caminho muito bom a seguir. Faze o mesmo que fizeste na Bahia.

—Para succeder-me o mesmo? Estes senhores de engenho daqui perdem tudo, menos o escandalo. Um rapto me traria em resultado... um tiro pelo menos.

—Oh! diabo!... Neste caso, não vejo solução.

—Ha uma, a unica, e para ella conto absolutamente contigo.

O Dr. Cazuzinha não respondeu cousa alguma por então. Começou a pensar profundamente, e ao mesmo tempo a chicotear com a bengala os arbustos, que marginavam a estrada em frente da estação. Alexandre Horta observava-o de soslaio e, porfim, dirigio-se a elle novamente :

—Tu és meu patricio, tão pobre como eu, meu amigo, e

não deves recusar o teu concurso para que eu adquira uma posição segura e definitiva... além de uma fortuna solida, como é a que Noemia traz em dote.

—Trezentos contos, disseste-me tu já de uma vez.

—Justamente, trezentos contos, que foram a legitima da mãe, segundo eu mesmo li no inventario a que se procedeu e que tive a curiosidade de ir desencavar no respectivo cartorio.

—E's sempre providente.

—Sem contar com a herança. O coronel é velho e Noemia filha unica.

—Já m'o disseste de outra vez.

—Então, posso contar contigo ? Bem sabes que a minha letra é conhecida, ao passo que a tua... Então ?

Cazuzinha pensava novamente. Era evidente que revolviam no cerebro uma idéa difficil de ser apresentada. O engenheiro attribuiu o seu silencio a uma outra causa.

—Receias alguma cousa ? algum compromettimento que te accarrete algum desgosto ?...—perguntou.

—Não ; não é isto—respondeu vivamente o rapazola.

—Porque hesitas então ?

—Não hesito ; discuto.

Neste momento parava o trem e os dois rapazes embarcaram. Durante o trajecto, por força das circumstancias, a conversação não poude ter andamento e o joven doutor de diploma desconhecido aproveitou as tregoas forçadas para se engolphar n'um pelago sem fundo de graves pensamentos.

Como dissera, o Cazuzinha discutia. O que ? a proposta do amigo ? não : discutia a sua propria idéa. Alexandre Horta tinha a auferir um grande lucro ;—trezentos contos immediatamente e a perspectiva de uma herança, sabia Deus de quanto—mas, para isto necessitava do seu concurso valioso... concurso que, segundo parecia, era de todo indispensavel. O que lucraria elle, Cazuzinha, com a felicidade do amigo ?... Alexandre Horta seria rico, riquissimo, e elle ? Havia de ficar pobre como sempre ?

Cazuzinha era um ignorante, um disfructavel ; mas não era um estúpido. Filho do Rio de Janeiro, de paes um pouco abastados, fôra por elles mandado á Europa, afim de se educar ahi, isto depois que na propria patria frequentara successivamente a escola de medicina e a de engenharia, sem conseguir passar em nenhuma dellas além do primeiro anno.

Era desta epocha que datava a sua amizade com Alexandre Horta, amizade que foi renovada e mais cimentada ainda no convivio da Europa, onde elle se demorou gastando os recursos que a familia lhe enviava regularmente, ao passo

que o engenheiro mechanic, obtida a carta, voltava á sua patria.

Esse resultado obtido pelo amigo, actuou de alguma sorte no seu espirito e o levou a desejar um titulo tambem. Extraordinariamente vadio, não o poderia dever ao estudo; mas, nimamente pretencioso, não desistia do proposito. Mandou, portanto, comprar uma carta na Allemanha, onde um individuo qualquer prestou sob o seu nome os exames necessarios, e assim Cazuzinha julgou attingir a méta das suas aspirações... e aproveitou a opportunidade para participar á familia o brilhante triumpho que havia obtido, saccando ao mesmo tempo uma lettra de quantia superior, que elle affirmava ter gasto em estudos e viagens, mas que era destinada realmente a subsidiar as suas pandegas com as mais réles francezas de Pariz.

Seus paes, orgulhosos pelas conquistas scientificas do filho, fizeram-lhe o sacrificio das suas economias, mas desta data em diante começaram-lhes a desandar os negocios, e tão para traz se foram, que em pouco tempo viram-se elles a braço com a pobreza. Escreveram immediatamente ao Cazuzinha, participando-lhe a desgraça e, o que era o pior para elle, a impossibilidade material de continuarem-lhe o subsidio, e o rapazola, assombrado, temeroso de ficar em terras estranhas sem recurso, tomou de subito passagem para a patria e, ao saltar em Pernambuco, deu de cara com o seu antigo companheiro.

O encontro encheu-o de alegria, e a ida definitiva para o Rio de Janeiro ficou adiada para quando... Deus quizesse. Essa resolução do Cazuzinha não foi difficil, tanto mais quanto o Alexandre Horta se offereceu para trazer-o ao engenho d'Eça de Mello, onde se preparava uma serie não interrompida de festas tradicionaes, e onde o engenheiro, conforme affirmava n'uma expansiva confidencia, tinha uns amores, que lhe deviam abrir as portas da fortuna e da sociedade.

Eis a razão por que o Cazuzinha abrilhantara o anniversario de Noemia e tornava-se agora o confidente obrigado de Alexandre Horta, emquanto não se tornasse tambem o seu auxiliar proficuo e consciante.

Mas, Cazuzinha era bilontra, um *bon vivant*, cuja moralidade não se tinha aperfeçoado no ineio facil e nada honesto, que era o seu circulo social na vida parisiense. E, si não tinha no coração um fundo de perversidade, uma grande maldade innata, encarava todavia o mundo a seu modo, pondo escrupulos de lado e procurando tirar proveito de tudo para facilitar-lhe o viver divertido, para tornar-lhe eterna essa bohemia descuidosa, de que era elle um dos mais genuinos representantes.

Era ainda por isso mesmo, que vendo o curso que as cousas tomavam e presentindo uma infamia sob o projecto do amigo, mas uma infamia rendosa, em vez de dissuadil-o della, como faria qualquer amizade verdadeira, em vez de pôr-se fóra pelo menos, como procederia qualquer moralidade accentuada, Cazuzinha procurava antes os meios de tirar de tudo o maior proveito possível.

Entretanto, o trem chegava á cidade e os dois amigos dirigiram-se immediatamente para a casa onde um morava e o outro achava-se hospedado. Reataram ahi o fio da conversação anterior e Alexandre Horta mais do que nunca começou a insistir pelo concurso do amigo, que assegurava ser imprescindível, senão pelo agente, com toda a certeza, pela confiança que lhe inspirava.

Cazuzinha debatia-se ainda, não por escrupulos, mas por interesse e discutia sempre no seu intimo. Porfim, resolveu-se a fallar e a fallar com franqueza, ou antes com impudencia.

—Vamos lá—começou elle—não quero ser um impecilho á tua felicidade e, uma vez que, para ella realisar-se, é preciso o meu auxilio, não devo recusar-t'o em absoluto.

—Como em absoluto ?

—E' que tudo neste mundo é relativo, meu amigo ; o que, no caso presente, quer dizer que estou prompto a te prestar o meu concurso, comtanto que não me falhe o teu no momento necessario.

—Fica ajustado desde já !—exclamou o engenheiro com vivacidade e alegria.

—Espera ; não te disse tudo ainda—retorquiu-lhe o rapazola com seriedade.—Portanto, cartas na mesa e jogo franco.

Alexandre Horta encarou-o de frente, sem poder disfarçar uma tal ou qual admiração.

—O que te impulsiona, não é o amor unicamente... não é mesmo absolutamente o amor—proseguio o Cazuzinha imperturbavel—é antes o proposito de fazer um casamento rico, um casamento que te proporcione todas as comodidades da vida, todos os gosos deste mundo.

Alexandre Horta ouvia-o attentamente e approvava com a cabeça.

—Óra, para chegares a essa realidade, é indispensavel que eu te auxilie, o que quer dizer que sem mim talvez não chegues a obter o que desejas... Tu mesmo o tens dito ha mais de uma hora.

—Sim ; e dahi ?

—Dahi segue-se que não seria justo que, obtendo tu tudo o que queres por meu intermedio, eu não venha a alcançar cousa alguma pelo teu.

—E o que conclues ainda ?

—E' facil de entender. Serviço por serviço... amizade por amizade...

—Estás tambem apaixonado ?

—Não, mas sou mais pobre do que tu... Portanto, dinheiro por dinheiro.

—Oh ! Cazuzza !...

—...zinha ! Cazuzinha, si me faz favor. Não dispenso o diminutivo.

—Desde que chegaste e me puzeste ao facto da tua situação, não puz logo a minha bolça ao teu alcance ?

—Bem sei, mas não é o sufficiente. A tua bolça basta-me para as necessidades do presente... mas o futuro ? O futuro é tudo, meu amigo, e tolo é quem não cuida nelle.

—O que queres então que eu faça ?

—Muito para mim e pouco para ti. O oceano tem muita agua e uma gotta que se lhe tire não lhe faz falta nenhuma. Noemia te trará trezentos contos em moeda, e o pae, por morte, deixar-lhe-ha talvez o dobro...

—Ou o triplo.

—Ajudas ao meu raciocinio. Portanto, estou prompto a te auxiliar, si te constituíres meu devedor de um bom par de contos de réis, pagaveis, já se deixa ver, depois do teu proximo casamento.

Alexandre Horta deu uma risada.

—Assim, vendes o teu concurso ?

—Com hypotheca sobre a tua felicidade—respondeu Cazuzinha serenamente.

Alexandre Horta começou a passeiar pela sala, com as mãos para as costas, pensativo, como si discutisse comsigo mesmo a proposta do amigo. Instantes depois parou defronte delle e, esboçando um sorriso, dirigio-lhe estas palavras n'um tom cheio de franqueza e de sinceridade :

—Estou por tudo e acho até muito justas as tuas condições. Acceito.

Cazuzinha deu um salto, atirando-se-lhe ao pescoço e bradou com um enthusiasmo inexcedivel :

—Bravo ! Só comprehendo a amizade assim !

E accrescentou logo com toda a jovialidade :

—Estou inteiramente á tua disposição.

O engenheiro sorriu de novo de um modo ainda mais accentuado e apertou fortemente a mão, que Cazuzinha lhe estendia.

Entre os dois tratantes estava firmado um pacto de infamia.

XXIX

No engenho d'Eça de Mello, as festas pelo anniversario de Noemia, ao contrario do que havia succedido nos annos anteriores, tinha deixado um rastro profundo de tristezas.

De um a um os hospedes velhos, que ainda se tinham demorado, foram se retirando em dias successivos, até que só ficaram as pessoas de casa : e destas só uma conservava a calma habitual, a tranquillidade de espirito de todos os tempos, porque, afinal de contas, era a unica que estivera de todo alheia aos acontecimentos e paixões, que se haviam embatido naquelles dias. Era o velho coronel, que mal se lembrava já do pedido do engenheiro, ou que só se recordava delle para sorrir, não ligando ao facto a minima importancia.

Felix Modesto, de um character masculino e forte, si soffrera muito e si ainda soffria pelo desengano que tivera, tinha sabido impôr silencio ás suas maguas, pelo menos na apparencia, de fórma que do seu proceder nada transparecia do que lhe pudesse ir pela alma e se mantinha sempre no seu posto irreprehensivel e correcto.

Era em Noemia, porém, que o máo fado descarregara os seus rigores : A extraordinaria commoção, que lhe causara a queda do cavallo—aggravada em seguida pela partida inesperada de Eugenia, cujo ciúme infundado ella havia descoberto ; pela ainda mais inesperada confissão de Felix Modesto, a quem fôra obrigada a, de alguma sorte, magoar com o seu desengano peremptorio ; pelo pedido de Alexandre Horta, acompanhado das suas insolentes ameaças ; e, enfim, pela partida brusca de Daniel, cuja frieza na despedida não lhe passara despercebida—havia produzido as suas consequências.

Noemia cahira n'um profundo abatimento moral, que se reflectia em seu semblante, enchendo-o da tristeza mais sombria e persistente. Sobreveio-lhe o fastio, e com elle um desassociego inexprimivel. Passava agora horas inteiras encerrada no seu quarto, ou deitada a fio comprido sobre o leito, ou sentada n'uma longa espreguiçadeira, com os olhos fitos no espaço, a fronte pensativa e as palpebras a tremerem nervosamente, como si lizessem esforço para reterem lagrimas prestes a cair.

Parecia indiferente a tudo e de balde a Joanninha e a mãe Anna procuravam distrahil-a, sem comtudo comprehenderem o seu estado. O velho coronel foi previnido pela velha mulata e encheu-se de cuidados, receiando que fosse aquillo symptoma de alguma doença séria, estremecendo desde logo ante a idéa repentina de alguma desgraça irremediavel e fatal : a morte da filha por exemplo. Na sua ternura depae extreinoso, porém ignorante, exaggerava o estado da filha e dava uma inportancia illimitada ao que talvez não passasse de uma manifestação hysterica sem graves consequências—momentanca perturbação do systema nervoso—que desappareceria com o tempo ou com algumas distracções.

Foi chamado o Dr. Pedro Honorio, e, depois de um exame ligeiro, embora consciencioso, levou o caso de galhoia :

—Molestia de moça bonita e desoccupada—disse elle para o compadre e para afillhada, que sorriram ambos embora cada qual com a sua expressão.

—Mas que molestia é, compadre? insistio o coronel, ainda não de todo tranquilisado.

—Uma molestia que já fez epocha, meu caro... cujo nome scientifico não lhe diria nada, mas cujo nome popular o esclarecerá immediatamente. Noemia não tem mais do que... nervoso.

O coronel rio-se satisfeito e interrogou com toda a calma :

—F o remedio ?

—Ha dois que deixo á sua escolha ou á escolha della : pôl-a no eito a cortar canna...

Noemia não poude deixar de rir-se francamente.

—Ou distrahil-a o mais possivel—concluiu o Doutor com toda a seriedade—o que tornava o conselho ainda mais comico.

—Prefiro este—obtemperou o coronel.

—E eu—corroborou Noemia, indo abraçar o padrinho com toda a cordialidade.

—Olhem... vejam como ficou mais alegre só com a receita !—exclamou o velho doutor cheio de risos.

E amimando a cabeça da afillhada, accrescentou n'um tom paterno :

—Isto é uma cabecinha romantica... cujas teias de aranha é preciso espanar de vez em quando. Divirta-a, compadre, distraia-a e verá como a Noemia fica boa de repente...

O resultado desta conferencia medica foi o coronel nesta mesma tarde convidar a filha para um longo passeio a cavallo.

—Olha ;—disse elle com insinuante gravidade—o Daniel dou-nos parte do incommodo de D. Ursula, que, por isso

não poude assistir ao teu anniversario, como sempre o fez ; vamos, pois, fazer uma visita á nossa velha amiga e ao mesmo tempo agradecerás o presente valioso que te mandou.

O engeuho da mãe de Daniel limitava com o do coronel, como já tivemos occasião de dizer : o trajecto, pois, de um a outro seria apenas um passeio. A's quatro horas, Noemia e o pae montavam a cavallo e partiam a passo, ella com as faces coradas pelo sobresalto alegre de ir ver aquelle a quem amava com todas as forças de sua alma, e elle completamente satisfeito, por ver-lhe os signaes inequívocos da alegria, o que lhe provava a efficacia da medicação do seu compadre.

Uma hora depois, Noemia apejava-se á porta da casa de Daniel e cahia nos braços de Rosinha, enquanto seu pae apertava cordialmente a mão de D. Ursula, que, cheia de saúde e de affabilidades, os viera receber risonha e alegremente :

—Por isso a tarde estava tão bonita !... Mas digam-me uma cousa : já jantaram ?—interrogou ella com essa solicitude hospitaleira dos nossos agricultores.

—Ainda não—respondeu o coronel com toda a franqueza—e confesso que o passeio me abriu o appetite.

E, voltando-se para a filha, accrescentou logo com um sorriso :

—E Deus queira que succeda o mesmo a Noemia, que talvez com saudades da Rosinha, tem andado todos esses dias com um fastio... assustador.

Nesse momento esbarrava um cavallo mesmo ao pé da porta e apejava-se delle Daniel.

—Ora ahi está, por quem esperavamos para o jantar—exclamou a D. Ursula para o coronel.

E, dirigindo-se ao filho, exclamou em seguida com um sorriso de benevola malícia :

—Ora adivinha a surpresa que vaes ter !

E ao mesmo tempo com o olhar indicava a sala, onde Noemia e Rosinha segredavam já por entre risos.

Daniel cumprimentou alegremente o coronel, que estava ainda no vestibulo, e dirigio-se apressado para a sala. A meio caminho estacou subitamente : descobrira Noemia, cuja presença aliás seu coração já adivinhara, e revestindo um ar ceremonioso a cumprimentou com uma fria polidez.

Rosinha olhou-o admirada.

—Que é isto ?—perguntou n'um tom carregado de censuras.

Noemia retribuio o cumprimento, mas, empallidecendo de repente, como si sentisse ferir-lhe o coração uma aguda punhalada.

—Vamos jantar, meninas—chamou D. Ursula da porta—

dá o braço a Noemia, Daniel—acrescentou com toda a naturalidade.

Daniel curvou-se sempre ceremonioso e obedeceu á sua mãe.

—O que lhe fiz eu, Daniel?—segredou Noemia com voz trémula.

—A mim? nada—respondeu o mancebo um pouco secretamente.

Minutos depois estavam todos á mesa, mas ao formoso rosto de Noemia, agora pallido e abatido, haviam voltado as sombras de tristeza, que tanto escureciam a alegria de seu pae.

Essa tristeza, motivada agora pela attitude incompreensivel do mancebo, cada vez accentuou-se mais, e não foram sufficientes para a banir ou sequer modificar, nem as affabilidades da dona da casa, nem os olhares assustados do velho coronel, nem a alegria propositalmente exaggerada de Rosinha.

Depois do jantar, e durante o resto do tempo que durou a visita, nenhuma só vez conseguiu Noemia approximar-se de Daniel, de fórma a poder interpellal-o. O mancebo parecia evital-a com rara habilidade e isto concorria ainda mais para acabrunhar a alma, já dolorosamente impressionada, da pobre moça.

Quando ella retirou-se levava o desespero no coração, e seu pae, a quem não escapara a reserva do mancebo, ia vivamente apprehensivo.

Às nove horas da noite entravam elles na sua casa de vivenda e, enquanto Eça de Mello, pensativo e triste pela tristeza da filha a qual nelle se reflectia com um influxo poderoso, Noemia se atirava á cama, torcendo as mãos, n'um espasmo de desespero, abafando nos travesseiros os soluços amargurosos que irrompiam-lhe do seio.

Afflictiſſima para Noemia, eſſa noite não o foi menos para o coronel. Paſſou-a elle quaſi toda em claro, extremamente preocupado, forçando o eſpirito em procura dos motivos plauſiveis da mudança quaſi radical, que ſe ia opperando na indole e nos modos de ſua filha.

Noemia, ſob o pretexto de que ſe achava muito fatigada pelo paſſeio, não aſſiſtira ao chá, que o coronel costumava ſaboreiar invariavelmente em ſua companhia e na de Felix Modesto, prolongando-o, ás vezes, até mais tarde n'uma paaleſtra intima, familiar e agradável e iſto de alguma ſorte o deſagradaſta, concorrendo para azedar-lhe o eſpirito a comunicação que lhe fizera o rapaz das medidas de vigilancia tomadas para ſurprehender o viſitante nocturno do pomar, caſo naquella noite elle tentasse um novo aſſalto. Depois, do ſeu quarto, que era contiguo ao de Noemia, pareceu-lhe ouvir durante a maior parte da noite como que o rumor de ſoluços abafados, cada um dos quaes o punha mais afflicto, ſobresaltando-lhe o coração e irritando-lhe o eſpirito.

Ao amanhecer chamou a mãe Anna e interrogou-a ancioſamente a reſpeito de Noemia.

— Não ſei o que ella tem, *ſinhô*— reſpondeu-lhe a mulata, por ſua vez afflicta e cheia de apprehenſões—eu acho que Yayazinha eſtá de véras doente, ainda que teime em dizer que não tem nada. Hontem foi muito contente e alegre para o engenho de *ſinhá* D. Ursula, e quando voltou eſtava triſte que mettia dó... depois, meu *ſinhô*, não ſei porque paſſou toda a noite acordada, ſentada na eſpreguiçadeira e chorando.

— Chorando ! ? . . . porque ?

— Eu ſei lá, meu *ſinhô* ? ! cancei de lhe perguntar, a Joanninha cançou-ſe de conſolal-a, mas a tudo que a gente lhe dizia, ella só fazia reſponder eſtas palavras :

— « Ai ! mãe Anna ! ſou uma infeliz ! . . . ſou muito deſgraçada ! »

— Eu não ſei o que ella tem, meu *ſinhô*. Si não lhe carregaram a mão . . . —concluiu a bôa mulata, que como a gente

de sua especie, dava grande credito ás feitiçarias e mãos olhados.

—Está bem.

O coronel dirigo-se para a varanda e começou a passeiar lentamente, com a fronte contrahida, os labios cerrados, o coração engorgitado de cuidados e o espirito a debater-se n'um pelago de dúvidas.

Felix Modesto approximou-se-lhe e ficou impressionado com o aspecto abatido do seu semblante, onde essa noite de insomnia e de cuidados deixara traços profundos e indeleveis. Communicou-lhe então que nada perturbara o socego do pomar, mas essa comunicação cahira nos ouvidos do coronel como um sussurro indifferente, sem parecer causar-lhe a minima impressão.

Quasi ao mesmo tempo, appareceu Noemia : correu para o pae quasi risonha e affectando uma alegria muito grande para ser sincera e verdadeira. E' que a mãe Anna, ao deixar o senhor, correrá até ella e contara-lhe todo o occorrido. A menina adorava o pae sinceramente e, avaliando o quanto deveria elle soffrer, fizera das fraquezas forças e promettera a si mesmo esconder as suas maguas, mostrar-se alegre e risonha como sempre, para que elle não tivesse motivos de afflicção.

O coronel, porém, não se illudio com a sua presença nem com as suas festas carinhosas. A physionomia de Noemia desmentia todo aquelle prazer e conservava os signaes denunciadores da noite amargurosa, que ella havia passado, bem como das lagrimas que havia vertido. Estava extremamente pallida e dois circulos azulados circumdavam-lhe os olhos, dando-lhes um brilho humido, uma expressão morbida de canção.

—Passaste bem a noite?—perguntou-lhe o coronel affectuosamente, mas ao mesmo tempo observando-a com persistencia.

Noemia quiz affirmar que sim, mas lembrou-se a tempo da indiscreção da mulata, e, corando levemente, respondeu affectando faceirice :

—Não, papae. O nervoso não me deixou. Mas, apenas amanheceu e a luz do sol entrou-me pelo quarto, os seus raios espanicaram as teias de aranha, como diz meu padrinho, e estou agora satisfeita e bem disposta.

E, com um momozinho de caricia, accrescentou com faceirice ainda maior :

—O que eu quero é que papae não se afflija nem tenha cuidados.

O velho sorriu-se e replicou-lhe, abalando a cabeça :

—Cuidados ! quando os deixarei de ter por ti, minha filha ?

Dahi em diante, Noemia não discrepou uma só vez do seu proposito : mas o esforço fatigava-a, irritava-lhe os nervos, quebrava-lhe as forças e ella a cada passo temia não poder conter-se mais, vendo o momento, em que a lava de amargura sopitada pelo esforço da sua vontade explodia e fazia erupção, máo grado seu, indo destruir em seu pae todo o resultado da sua alegria fingida a tanto custo. Por isso, depois do almoço, aproveitando o momento em que o coronel se dispunha a ler algumas cartas que o correio lhe trouxera, correu a encerrar-se de novo no seu quarto, onde desabafou copiosamente.

Entretanto, o coronel, senão tranquillo, ao menos um pouco mais socegado, dirigia-se ao gabinete e pausadamente começava a ler as cartas que acabava de receber, e que passava a Felix Modesto, afim de respondel-as, si precisassem de resposta, ou de simplesmente tomar conhecimento dellas e providenciar, si tratavam de negocios.

—Hum !—disse elle, com expansivo sorriso a auitar-lhe a physionomia, á proporção que lia uma das cartas—esta cá é do nosso correspondente e amigo, o Commendador Martinho... a nossa ultima remessa de assucar, a que ficara em deposito quando elle aqui esteve, acaba de ser vendida por um preço soberbo... mais cento e quarenta réis em arroba, meu caro Felix... Veja : parece que o assucar sobe...

O mancebo recebeu a carta, pela qual passou os olhos rapidamente e observou :

—E' aproveitar a monção, Sr. coronel. Hoje mesmo vou mandar embarcar todo o assucar que está no armazem.

O coronel tinha uma carta nas mãos e examinava-lhe o sobrescripto :

—Não conheço esta letra—disse.

Abrio a carta e examinou-lhe a assignatura. Fez immediatamente um movimento brusco e contrahio as sobrancelhas. Voltou a primeira pagina e começou a lê-la lentamente... De repente empallideceu... as mãos tremeram-lhe, e extraordinaria agitação patenteou-se em todo elle. Voltou a pagina com febril impaciencia, e, cada vez mais agitado, mais pallido, quasi convulso, devorou-a até o fim. Ergueu-se então de impeto, como que si mola occulta o sacudisse para fóra da cadeira, amarrotou a carta com as mãos trémulas e, dando com os olhos no mancebo, bradou-lhe n'um tom, que parecia antes um rugido :

—Chame Noemia.

Felix Modesto havia observado tudo e sentia invadir-lhe uma admiração extraordinaria. Nunca vira o coronel assim,

e o seu aspecto mettia-lhe medo. Correu, entretanto, ao coronel que parecia cambaleiar e se apoiava com uma das mãos na mesa.

—O que tem, Sr. coronel?

—Chame Noemia!—repetio elle com voz rouca.

—Mas o que tem o Senhor? o que é isto?—insistio o rapaz cada vez mais assustado—acalme-se, coronel...

—Não me ouviu?—bradou o velho, lançando sobre Felix Modesto um olhar de autoridade, mas tambem de lampejos de furor—chame Noemia.

O mancebo quiz ainda resistir...

—Mas, coronel, no estado em que se acha...

O coronel caminhou para elle, fóra de si.

—Sr. Felix!...—bradou elle, dominando-o—esquece-se de que aqui mando eu e que o Senhor apenas aludece. Vá chamar Noemia

Felix Modesto curvou a cabeça submisso e retirou-se com presteza. Eça de Mello crispou os dedos n'um gesto de desespero, e quasi cahio sentado junto á secretaria.

—Era por isso!—murmurou com os dentes cerrados e a voz rouca.

Quasi immediatamente entrou Noemia. Vinha risonha, embora com o olhar um pouco assustado.

—Mandou chamar-me, papae?

O coronel pôz-se em pé de um salto, como abalado por um choque electrico. Precipitou-se para a filha e agarrou-lhe as mãos soffregamente.

—Olha-me! fita bem o teu olhar no meu!—exclamou com intimativa.

Noemia fitou-o estremecendo, tal era a expressão desusada de sua physionomia, o brilho quasi feroz do seu olhar.

—Meu pae!...—balbuciou a moça cheia de medo—o que tem? o que sente?

—Tens as mãos humidas e frias, trémulas...—continuou o velho com uma terrivel agitação.

—E as suas estão ardentes—ohservou a moça timidamente—parece que tem febre... Faz-me medo, meu pae.

—Sim, sim! devo fazer... Mas responde: não te accusa a consciencia?

—A consciencia?...—repetio Noemia admirada.

—Responde!—insistio o pae com intimativa.

Noemia ergueu a cabeça com presteza.

—Não!—respondeu com toda a segurança.

—Mentes!—bradou o pai fóra de si—Como se explica a tua tristeza?... como justificas as tuas lagrimas?... Vamos! porque é que tens chorado?

Noemia baixou a cabeça succumbida e sentio corar até a

raiz dos cabellos. Teria seu pae descoberto o seu amor por Daniel e o reprovaria? Essa idéa fê-la immediatamente empallidecer e eueheu-a de uma amargura, de um terror que se reflectiram logo no semblante.

—Ah!—retorquiu-lhe o pae, illudindo-se com estes signaes—Não podes nem queres dizer!...

Dirigio-se á secretaria, apanhou a carta que havia jogado sobre ella e, apresentando-a á filha, intimou-a com imperio:

—Lê.

Noemia segurou a carta e lançou os olhos sobre ella.

—Mas é para meu pae—disse.

—Lê alto... bem alto!—ordenou o coronel sombriamente.

Noemia, um pouco trémula, comtudo, começou a leitura com voz alta e segura:

«Amigo e Sr. Coronel Eça de Mello.—Deveres ha bastante dolorosos, a cujo cumprimento, porém, a amizade sincera e verdadeira, por isso mesmo que é verdadeira e sincera, não se deve eximir, qualquer que seja a sua responsabilidade, quaesquer que sejam as suas consequencias.

«Acho-me diante de um desses deveres e, por maior que seja a magua, que o seu cumprimento possa causar ao meu amigo, não hesito um só momento, porque sei que ainda é tempo de remediar o mal, antes que elle se torne publico e cubra o seu nome e a sua casa de vergonha.»

—Já estão cobertos!—regougou o coronel com um relampago de furor nos olhos e uma amarga expressão na voz.

Noemia estremeceu, máo grado seu, e proseguio com timbre um pouco alterado por uma commoção estranha, que ia della se apoderando:

...«E' bem certo o dizerem que o dono da casa é o ultimo a saber do que se passa nella. Revista-se, pois, de coragem, meu amigo, e prepare-se para receber a mais estranha revelação, veridica em tudo, como por si mesmo poderá verificar, por mais gratuita e absurda que ella lhe pareça. Antes, porém, aconselho-lhe a que não se deixe possuir do desespero nem dominar pela colera e a que proceda com todo o criterio, que lhe dão a idade e a grande experiencia desta vida, onde ninguem está isento das mais inesperadas desgraças.

«Meu caro e incauto amigo, um dos seus hospedes abusou da sua confiança, da intimidade que gosava em sua casa, da innocencia e talvez mesmo que do somno de sua filha. A sua querida Noemia...»

As mãos de Noemia começaram a tremer convulsamente;

os seus olhos como que se embaciaram velados por uma nuvem de lagrimas repentinas, e a sua voz estrangulou-se de subito na garganta.

—Continúa !—disse o pae impassivelmente.

—« A sua querida Noemia—continuou a moça, vacillando e com a voz sacudida por soluços—está... está... deshonrada... »

Noemia deu um grito, em que se fundia toda a alma :

—Ah !... isto é infame !

—Continúa !—ordenou o pae esmagando-a com o olhar.

—Sim !—retorquiu-lhe a moça atterrorizada—quero ver até onde chega o embuste desse miseravel.

Dirigio os olhos de novo para a carta e proseguio com crescente e inexprimivel anciedade :

« ... Durante as festas do seu engenho, em noites seguidas, Noemia recebia o amante no seu quarto... »

—Tremes ?—perguntou o coronel severamente.

—Mas isto é uma infamia !—retrucou a moça com indignação.

—Verdadeira...

—Meu pae !

—Verdadeira, sim ! duas vezes esse homem foi visto... duas vezes foi perseguido, mas infelizmente de ambas escapou-se. Mas não leste tudo ainda. Conclue.

Noemia, pallida e sombria, aterrada ante a accusação e ainda mais ante a attitude de seu pae, levou a carta aos olhos, e leu-a até o fim, de um folego só :

« Affirmam-me de que esse amante já se tem gabado da sua felicidade na roda dos seus amigos, mas que tambem está prompto a reparar o mal, si o meu amigo a isto não se oppuzer, e eu cordialmente lhe aconselho que não se opponha. Dos males o menor. Mas quem é elle, esse amante feliz, esse ladrão da sua honra ? O meu informante não m'o quiz dizer com receio da sua colera, nos primeiros rompanços da impressão. Mas com o tempo, talvez eu mesmo possa dar-lhe mais amplos esclarecimentos. Tenha resignação e prudencia. *Um amigo velho e sincero.* »

—Infamia e mentira !—bradou Noemia, machucando a carta e atirando-a ao chão cheia de desprezo.

—Infamia, sim... mentira, não !—retrucou-lhe o pae no auge do furor.

—Meu pae... pois duvida de mim ?

—Mentira ! e tu empallideceste ? mentira ! e tu tens mudado inteiramente ? mentira ! e vives triste e choras sem cessar...

E, mudando de tom repentinamente, fazendo-a quasi cur-

var-se sob o seu olhar agudo e dominador, o coronel caminhou para a filha e perguntou-lhe bruscamente :

—Como se chama o homem a quem amas ?

Noemia ergueu a fronte n'um assomo de dignidade e affrontou o olhar do pae com todo o orgulho :

—O homem a quem amo é honrado como meu pae ! tão incapaz de abusar dos meus affectos, como eu de esquecer-me do meu pudor.

—Como se chama o homem a quem amas ?—insistio o pae com impaciencia.

—Daniel—affirmou a moça com orgulho.

Eça de Mello deu um grito, que tanto poderia ser de dôr como de espanto. Mas reprimio os movimentos que poderiam trahir as suas impressões, dirigio-se á secretária, escreveu rapidamente algumas linhas n'um cartão, sobrescriptou-o e gritou á porta da varanda :

—Sr. Felix ?

O mancebo appareceu immediatamente. Estava muito pallido e muito commovido. Teria ouvido o que se passara ?

—Faça montar um pagem immediatamente e mande esta carta ao seu destino—disse o coronel.

—Eu mesmo irei—respondeu Felix Modesto.

E minutos depois atravessava o cercado n'uma carreira desenfreiada.

No entanto, Eça de Mello havia voltado para o interior do gabinete e ordenara a Noemia, sem sequer olhar para ella :

—Recolha-se ao seu quarto.

—Meu pae ?...—supplicava a moça, trémula e offegante —meu pae ?...

—Recolha-se a seu quarto, já lhe disse !—repetio o velho e ao mesmo tempo com um gesto solemne apontava-lhe para a porta.

Noemia abaixou a cabeça e, cambaleante, acabrunhada, sahio enxugando as lagrimas que lhe cahiam dos olhos em borbotões.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

DESFECHO INESPERADO

I

O coronel vio-a sahir com os supercilios contrahidos, o olhar flammejante, mal contendo a colera que lhe enchia o coração. Depois passou lentamente a mão trémula e ardente pela fronte mais ardente ainda, exhalou um profundo suspiro, como si acordasse de um horrivel pesadelo e deixou-se cahir na cadeira, junto á secretária, occultando entre as mãos o rosto, por cujas rugas começaram a correr algumas lagrimas.

Seria verdade?—pensava elle no silencio da sua amargura, em lucta com a propria consciencia—teria Noemia, com effeito, se esquecido de todos os seus deveres e succumbido ás violencias de uma paixão? Seria voluntaria ou involuntariamente criminosa? Ou antes, não teria elle proprio sido precipitado, na sua credulidade, e barbaro, cruel e injusto, na sua condemnação?

Apanhou com um movimento febril a carta que jazia machucada no chão, e começou a lê-la de novo com uma attenção meticulosa e concentrada. Parecia pesar e discutir cada uma de suas phrases, cada uma de suas palavras... De linha em linha concentrava o pensamento, forçava o raciocinio e a expressão sombria do seu olhar demonstrava que as suas insinuações entravam-lhe no espirito como um dardo e ahi deixavam-lhe uma ferida sangrenta, envenenada e incuravel. A accusação era formal, positiva, baseada em circumstancias faceis de verificar e das quaes já tinha elle o mais completo conhecimento. O hospede, que abusara da sua confiança, fôra duas vezes surprehendido nas suas nocturnas excursões... A mudança repentina e intempestiva do character de sua filha era uma prova de sua falta, comprovando embora o remorso que ella lhe deixara n'alma, remorso attestador da consciencia plena no delicto. E, si não fosse verdade, porque viveria Noemia tão afflicta e tão chorosa, justamente depois daquelles dias de festa? Porque a visita da vespera, em que ella se encontrara com o amante, fizera-lhe recrudescer o sofrimento? Sem dúvida porque elle não quizera acquiescer a uma prompta reparação ou fugia totalmente ao cumprimento do seu dever... Mas tambem porque fizera elle aquillo? Porque succumbira ella? Si não fosse verdade, porque razão e

com que interesse lhe teriam escripto aquella carta? Não! não se brinca impunemente com a honra de uma familia... não se inventa facilmente uma calumnia, não se faz uma accusação daquellas sem que ella tenha os seus visos de verdade. Depois, a commoção, a attitudo attonita, acabrunhada, de sua filha, eram outras tantas provas da verdade... A sua pallidez accentuada e progressiva de certos dias a esta parte... tudo, tudo conspirava para confirmar a denuncia brutal, mas vercadeira. Noemia era culpada...

Chegado a esse ponto, o pobre velho estorceu as mãos n'um desespero lastimoso. A dôr e a vergonha decompu-nham-lhe o semblante... A colera se apoderava delle novamente, obliterando-lhe a razão, inspirando-lhe as mais contraditorias resoluções, ora o proposito de remediar o mal com um prompto casamento, ora a idéa de repudiar a filha, expellil-a de casa com violencia entregando-a só, inteiramente só e abandonada, á sua vergonha.

De repente estremeceu; duas pessoas haviam entrado no gabinete: mãe Anna e Noemia. A mulata velha tinha ido encontrar a querida filha de creação estendida na cama n'um paroxismo de desespero inqualificavel, banhada em lagrimas e maldizendo a sua vida e a sua sorte. Augmentava-lhe o soffrimento o facto de ser a primeira vez que uma desgraça a attingia. Noemia não repellio desta vez as consolações e derramou no scio amigo todas as suas amarguras, referindo tudo quanto se havia passado, insistindo na dôr de ver o pae, escravo das suspeitas absurdas, infligir-lhe um tratamento a que não estava acostumada. A velha escrava procurou levantar-lhe o animo e, forte pelo seu affecto maternal, inspirou-lhe a resolução de defender-se, convenceu-a a que não devia succumbir.

—*Sinhô* velho está doudo!—disse ella com indignação convicta—e não pôde acreditar assim n'uma mentira. Venha commigo... tenha coragem e vamos abrir-lhe os olhos.

E arrastou consigo a pobre moça, n'um impeto de generosa resolução. Com a liberdade que lhe dava a idade, com a autoridade que lhe dava a posição, ella fallaria ao senhor e tinha a certeza de que destruiria o effeito daquella denuncia disparatada e infame. Dirigira-se, pois, ao gabinete cheia de animação e coragem, sem reparar, comtudo, que Noemia desfallecia á proporção que se approximava do logar em que seu pae se entregava ás allucinações do seu furor.

Apenas entraram no gabinete, Noemia encostou-se á ombreira da porta, sentindo vergarem-se-lhe as pernas, preza de uma angustia illimitada, sem forças para proferir uma palavra... Eça de Mello tinha se voltado totalmente, e, com o

olhar em fogo; os lábios trémulos, dirigio-se á velha escrava bruscamente :

—O que quer? o que veio ver aqui?

A mulata adiantou-se affoutamente :

—Venho dizer a *sinhô* que *sinhô* não tem razão...

As palavras da escrava causaram no velho uma impressão muito diversa do que ella esperava. O coronel encheu-se de furor e repellio-a brutalmente para a porta ordenando-lhe com imperio :

—Sae !... Ninguém te pediu os teus conselhos ! vae-te.

—Mas *sinhô*... tenha dó de Yayazinha... Tudo que lhe disseram é mentira.

O coronel, no auge do furor, empurrou-a com violencia, e durante um minuto esteve a contemplar a filha que mal podia ter-se em pé. Noemia chorava e não podia articular uma só palavra. A sua attitude humilde condemnava-a ainda mais aos olhos do coronel, offuscados pela falsa orientação do seu criterio : o acabrunhamento moral e physico da moça, filho unicamente da violencia do golpe inesperado que a feria, afigurava-se-lhe uma nova prova da sua criminalidade. O innocente reage, só o criminoso succumbe. O coronel desconhecia a diversidade dos temperamentos, ignorava que dá-se o contrario quando o criminoso é cynico e o innocente é tímido.

Mas, Eça de Mello não pôde levar mais longe as suas observações. Um cavalleiro acabava de apeiar-se na escadaria e rompia impetuosamente pelo gabinete, enquanto dois outros galopavam pelo cercado em direcção da casa. O primeiro era o Dr. Pedro Honorio e os dois outros Daniel e Felix Modesto.

O mancebo, levando o cartão de Eça de Mello, julgara de bom aviso passar pela casa do Doutor, e sem, comtudo, prevenil-o da gravidade e natureza das occurrencias, instara para que elle fosse immediatamente ao engenho, onde talvez fosse necessaria a sua presença e em seguida dera de redeas para a casa de Daniel, afim de executar a sua commissão. A poucos passos, porém, encontrou o bacharel que ia justamente para o engenho do coronel, e entregara-lhe o cartão sem acrescentar explicação alguma. Daniel abriu-o um pouco admirado e leu-o em voz alta :

« Ao Sr. Dr. Daniel, pede com urgencia o coronel Eça de Mello que compareça em sua casa. »

—Cahio-me a sôpa no mel!—exclamou o mancebo alegremente—ia mesmo para lá.

—Então apressemo-nos!—retorquiu Felix Modesto dando de esporas ao cavallo.

Esta visita de Daniel, à vista da sua attitude da vespera, precisa de uma explicação. Depois da retirada do coronel e de Noemia, Rosinha e D. Ursula, ás quaes não haviam escapado a reserva desusada do mancebo nem a triste agonia de Noemia, constituíram-se em conferencia—n'uma especie de tribunal, à cuja barra foi citado o causador dos desassocegos. Rosinha e sua mãe de lia muito que sabiam da mutua inclinação dos dois jovens, e esta, afflagando a idéa de ter por nora a filha do coronel, ao mesmo tempo que concorria para a aventura de seu proprio filho, não esperava senão por uma oportunidade para fazer o seu pedido offical, pedido de que Daniel, aliás, queria que ella se encarregasse. Os arrufos dos dois namorados, contrariava-a, pois, e ella quiz, naquella noite conhecer-lhes as causas e destruir-lhes os effeitos.

Daniel, interpellado, não se fez rogar muito e abriu sua alma à affeição de sua irmã e aos conselhos de sua mãe. Não eram fundados os seus ciumes... eram sem cabimento as suas suspeitas. Facilmente as duas senhoras destruíram umas e acalmaram os outros.

—Eu sei como isto acaba—di-se, porfim, a boa velha, sorrindo para o filho—o que tem de ser, seja logo. Amanhã vou escrever ao coronel, prevenindo-o de que não posso ainda montar a cavallo e, pedindo-lhe que me faça o favor de vir até cá, para tratarmos juntos da felicidade de nossos filhos.

E a bôa senhora accentuou com risonha malicia as ultimas palavras, depois das quaes accrescentou directamente para o filho :

—É tu mesmo serás o portador da minha carta. Aproveitarás a occasião para pedir perdão á coitadinha da Noemia... que talvez esteja a estas horas chorando por causa dos estouvamentos da tua cabeça.

Nessa manhã, portanto, D. Ursula escrevera a carta prometida e eis a razão por que Daniel fôra encontrado em caminho do engenho. Ao passarem pelo sitio do Dr. Pedro Honório, elle e Felix Modesto distinguiram-n'o á sua frente galopando apressadamente. Tentaram reunir-se-lhe; mas, o Doutor levava uma grande dianteira e eis ainda a razão por que não chegavam ao mesmo tempo no engenho.

Ao ver entrar o Doutor no gabinete, Noemia sentio coar-se-lhe pelo coração um raio de esperanza: precipitou-se para elle e bradou-lhe offegante de commoção :

—Meu padrinho ? meu padrinho !

Pedro Honório recebeu-a nos braços. N'um relance de olhos reconheceu a alteração profunda do seu semblante, a

decomposição colérica do rosto do coronel, e adivinhou que cousas muito graves se deveriam ter passado.

—O que tens, minha filha?—interpellou-a elle paternal, porém, assustadamente.

—Salve-me! salve-o!—supplicou Noemia, sentindo de novo desfalecer a sua coragem.

Quiz continuar a fallar, porém, não poude: os soluços embargaram-lhe a voz e, intencionalmente desfallecida, a pobre menina cahio sentada n'uma cadeira. O Dr. Pedro Honorio dirigio-se então apressadamente para o coronel.

—O que houve?—perguntou elle com anciedade—o que quer dizer isto?

—Isto?...—bradou Eça de Mello, com amargura concentrada, fazendo esforços para conter a colera, que o abalava todo, como uma tempestade furiosa abala o visgueiro robusto da montanha:—quer dizer que não tenho mais filha! porque uma filha respeitaria as cãs, o nome e o lar de seu paç, a memoria de sua mãe, a minha e a sua honra... e aquella mulher... aquella mulher desprezou tudo... nome, familia, honra e pudor!

Pedro Honorio recuou como assombrado... e Noemia gemeu do seu logar:

—E' falso, meu padrinho!

—E' falso, miseravel?—bradou o coronel fóra de si—é falso e tu succumbes ante a accusação? é falso e tu não podes destruir as provas que se accumulam contra ti?...

—Mas, meu amigo...—interveio o Doutor, se aproximando do coronel.

—Leia!—disse-lhe este, apresentando-lhe a carta denunciadora.

—Uma carta anonyma!—murmurou Pedro Honorio com desprezo, depois de ver-lhe a assignatura.

—Cujas palavras se harmonisam com as circumstancias—retorquiu-lhe o coronel azedamente.

Noemia chorava silenciosamente. O coronel poz-se a passear com agitação e o Doutor leu a carta, estremecendo e contrahindo as sobrancelhas, á proporção que seadiantava na leitura. Depois, dobrou-a lentamente, absorveu-se durante alguns instantes n'uma profunda meditação e, porfim, ergueu a cabeça e fitou os olhos no amigo. Tinha tido uma idéa de medico.

—Ha um meio de destruir toda essa infamia—disse elle lentamente.

O coronel parou e encarou-o interrogativamente, ao mesmo tempo que Noemia erguia a cabeça, como si percebesse um tenue raio de esperanza. O medico deixou então cahir estas palavras com solemne lentidão:

—Um exame faria brilhar toda a verdade.

O coronel voltou-se vivamente para a filha. Noemia tornou-se esearlate. Por um impulso electrico de pudor, erguera-se e de eholre e bradou com mal contida indignação :

—Um exame ? Nunca !

O coronel recuou alguns passos, com um riso sardonico nos labios. O Dr. Pedro Honorio dirigio-se para a moça.

—Mas, minha filha... —ia elle dizendo.

—O meu consentimento justificaria a dũvida—murmurou ella com esforço—e eu não admitto nem sequer uma suspeita... juro-lhe...

Mas não poude concluir ; as pernas vergaram-se-lhe e uma pallidez mortal inundou-lhe ambas as faces. Daniel acabou de entrar, seguido, á pouca distancia, de Felix Modesto.

—Coronel ?—disse o mancebo—recebi o seu cartão e aqui estou ás suas ordens...

Eça de Mello ficara tambem horrivelmente pallido. O Doutor correu a elle e segredou-lhe agoniado.

—Acalme-se... Nada de escandalos na presença de um estranho.

O coronel teve um riso irónico e doloroso ; apertou o seio com a mão, como si quizesse suffocar-lhe as palpações e, dirigindo-se a Daniel com uma calma temerosa, sacudiu-lhe estas palavras ao mesmo tempo que apontava para a filha :

—Senhor... leve aquella mulher para a sua casa.

O mancebo deu dois passos á frente, boquiaberto... Não comprehendia o que se passava... olhou alternadamente para as pessoas que alli estavam, como pedindo uma explicação, quando ouviu Noemia soltar como um gemido :

—Meu pae ?

—Acompanhe o seu amante, Senhora !—disse-lhe o coronel com amargura.

—Seu amante, eu !—gritou Daniel fóra de si.

—Sei tudo, Senhor—observou-lhe Eça de Mello com uma voz alterada pelo furor.

E, ao mesmo tempo, entregando-lhe a carta fatal, acrescentou :

—Lcia e proceda como a sua honra lh'ò ordenar.

Dito isto, deu-lhe as costas e encaminhou-se para a sala.

—Meu pae ?—gemeu ainda a pobre moça.

—Eu já não tenho filha—respondeu-lhe o coronel amargamente.

E sahio do gabinete acompanhado pelo Dr. Pedro Honorio :

II

Não seria este o ultimo golpe que tinha de ferir o coração da pobre moça? Noemia recebeu as palavras de seu pae como si fossem outras tantas punhaladas. Apertou o seio com as mãos ambas n'um movimento febril de desespero, mas cobrando alento e animo pela ausencia do coronel, cujo olhar colerico e bravo a fascinava, e como que a paralytava de terror, talvez mesmo que por nunca te-o visto assim, e voltou-se para Daniel, a quem implorou com voz supplice e lacrimosa :

—Daniel ?...

Mas o mancebo não a attendeu : lia a carta fatal com movimentos de febril anciedade. O seu semblante passava por todo o iris da commoção, desde o desespero mais profundo até a amargura mais dolorosa. Porfim, tendo terminado a leitura, exclamou attonito, porém, indignado :

—Deshonrada !

Noemia tomou-lhe a ultima expressão por um protesto : um raio de esperança bruxoleou ante seus olhos :

—Daniel?—murmurou ella com ternura cheia de afflicção —tu ao menos não acreditas nesta infamia ? .

—Qual infamia?—interrogou o mancebo erguendo a frente com arrogancia e fitando-a quasi com desprezo, um desprezo que a fez recuar, tomada de terror —a sua ou a desta carta ?

—Como ! pois tambem o Senhor creê ?—bradou Noemia n'um grito de suprema angustia, de crudelissimo desespero.

—Eu tambem vi o seu amante nocturno, Senhora ; vi mais ainda : vi a escada encostada á parede por baixo da sua janella... vi a sua tristeza subita e incomprehensivel... E de mais : seu pae a condemnou... e não o faria sem razões poderosissimas. Um pae não despreza sua filha sem ter plena convicção da sua falta... do seu crime.

—Ah!... mas eu juro que estou innocente !—gemeu a moça quasi arrastando-se a seus pés.

—Innocente !... qual o criminoso que o não effirma?... Esses protestos nada significam... de nada valem.

—Olhe, olhe-me bem de face e diga-me si eu tenho o olhar de uma mulher sem brio... diga-me si eu tenho...

—Vejo-a pallida e abatida ; vejo a sua angustia, e com-

prehando-a sem esforço Mas essa dor, tanto pôde ser por innocente, se ver condemnada injustamente, como por, criminosa, ver descoberta a sua falta.

—Oh! meu Deus!... não me acredita então?

—Não.

—Meu Deus! meu Deus! o que é preciso fazer para lavar-me dessa nodoa que me atiram... para destruir essa infâmia com que me caluniam?

—Basta destruir as provas...

—As provas? as provas?... mas que provas?... um acervo de mentiras...

—Seu pae confirma-as. E quando eu mesmo não tivesse suspeitas, basta-me a palavra delle para fazel-as nascer no meu espirito. Mas, por que razão mandou-me elle chamar, por que razão ordenou-me que eu a levasse para a minha casa e apellou para a minha honra? Quem lhe disse que eu a amava?

—Fui eu que o confessei com todo o orgulho.

—Ah! foi a Senhora?... comprehendendo-a agora. Não achou outro a quem attribuir as culpas da sua deshonra?... porque não disse o verdadeiro nome do seu autor? A Senhora bem sabe que eu, assim como a amava como um louco, tambem a respeitava como um homem honesto e honrado.

—Daniel... eu não podia dizer o nome de ninguem!—bradou a moça extorcendo as mãos com desespero.

—Mas disse o meu: comprehendendo-a perfeitamente. Que-ria-me por esposo para acobertar a sua falta. Disse consi-go: «meu pae é muito nobre e eu sou bastante rica para poder comprar áquelle tolo do Daniel, que me adora como um louco e de quem não tenho feito mais do que zombar até hoje!» Mas enganou-se, minha Senhora!... Esse tolo, esse estouvado, ainda tem honra, ainda tem brio, ainda tem dignidade. E fosse pobre, pobre como o mais desprezível dos cassacos, teria ainda bastante orgulho para desprezar uma alliança manchada de vergonha.

Daniel soffria em seu amor, soffria em seu orgulho, e as palavras, cheias de indignação e de desdem, sãhiam-lhe dos labios como uma catadupa. E enquanto fallava, fulminava a moça com os olhares, que a traspassavam como laminas em braza. Noemia, quasi de joelhos, arquejava offegante, sem saber mais o que dissesse.

Daniel tirou do bolso a carta que sua mãe escrevera ao coronel.

—Vender o meu nome por algumas centenas de contos de réis?—prosequiu elle com amargura—Isso nunca! Amava-a muito, talvez a ame ainda, sinto-o pela dôr infinita que me esmaga—mas seria uma infâmia. Minha mãe escrevia a

seu pae pedindo-lhe para mim a sua mão... a sua mão que era para mim um penhor de felicidade...

—Daniel?...—murmurou a moça com doçura...

—Esta carta é inutil agora.

Daniel rasgou a carta em cem pedaços e jogou-os pela janella fóra com um gesto violento.

—E agora, minha Senhora—acrescentou elle dirigindo-se á moça com seccura terminante—diga a seu pae que não sou eu o autor da sua deshonra... diga-lhe que a minha honra ordenou-me que eu partisse.

Sahio então rapidamente, galgou o cavallo e partio sem sequer voltar os olhos para traz.

Noemia deu um grito :

—Daniel !...

Quiz correr após o mancebo... chegou a sahir do gabinete, mas, ao chegar á varanda e ao vê-lo partir rapidamente, sentio-se vacillar e encostou-se á parede para não çahir.

—Não me ouve, não me attende !—murmurou com amargura, desfazendo-se n'uma torrente de lagrimas—oh ! meu Deus ! todos me desprezam ! todos me abandonam.

Então Felix Modesto, que presenciara toda a scena, sem dizer uma palavra, mas com o olhar scintillante e uma pallidez çadaverica nas faces, approximou-se lentamente da infeliz moça, tomou-lhe uma das mãos com um respeito misturado de piedade :

—Não, Noemia !—murmurou elle com brandura e convicção ao mesmo tempo—nem todos a abandonam ! nem todos a desprezam !

A pobre moça voltou os olhos lacrimosos para elle e apertou-lhe a mão ao seio tumido de dôr.

—Felix ! como soffro !

—Tambem eu, Noemia !..

—Accusam-me ; condemnam-me.

—Eu não condemno, nem accuso : e, comtudo, julgo-a. Para mim, o seu olhar não mente... jurarei sobre a minha alma a pureza da sua alma, como jurarei pela memoria de minha mãe a pureza do seu corpo.

Noemia teve quasi um sorriso de felicidade por entre as lagrimas que não cessavam de correr.

—Como me fazem bem as suas palavras !

—E juro-lhe—concluiu o mancebo com ardor—juro-lhe, por Deus, que não ficará perdida !

Inclinou-se então n'uma dolorosa saudação e affastou-se a passos lentos.

Noemia cahio insensivelmente de joelhos, erguendo as mãos e os olhos para o céu.

—Obrigada, meu Deus !—murmurou ella—este ao menos não me abandona !

III

Veio tiral-a dessa posição a velha mãe Anna, igualmente lacrimosa e angustiada. Da sala proxima, onde ficara depois de ter sido repellida pelo senhor, ouvira toda a scena occorrida, apanhando-lhe as diversas phases, robustecendo-se cada vez mais na sua convicção sobre a innocencia da sua querida menina e dando, ao mesmo tempo, tratos á imaginação para descobrir os meios de fazel-a brillar, reduzindo a denuncia caluniosa ás suas justas proporções.

Apenas presentira a aproximação do coronel e do Dr. Pedro Honorio, afastara-se discretamente para a varanda e dahi presenciara a piedosa intervenção e o convicto juramento de Felix Modesto. Ao vê-lo afastar-se depois, o seu olhar, profundamente reconhecido, acompanhou-o como uma benção, ao passo que o seu coração sorria-lhe como si houvesse encontrado uma esperança, que era ao mesmo tempo um poderoso ponto de apoio para a consecução dos seus desejos generosos.

Approximou-se então de Noemia, fêl-a erguer-se com carinhosa solicitude e, encostando-a ao coração, amparando-lhe os passos vacillantes, murmurando-lhe doces palavras de consolação e de esperança, foi a conduzindo até o seu quarto, onde não a abandonou mais um só instante, procurando enxugar-lhe as lagrimas e fortalecer-lhe o espirito. Mas, Noemia quasi não a attendia. Após uma crise de desespero, parecia ter caído n'um estado de prostração extraordinaria, quasi de attonia moral e physica, que a tornava insensível, como que indifferente ás boas palavras da pobre e carinhosa mulata.

Entretanto, na varanda, Felix Modesto, que ao afastar-se lentamente da moça, parecera muito calmo, começava, sob a tensão do pensamento, a apresentar os primeiros signaes de uma agitação febril, que foi pouco a pouco se augmentando, até deixal-o quasi n'uma exacerbação visivel e indomavel. Apenas se vio só, principiou a passeiar com passos apressados e irregulares, com a fronte excessivamente contrahida e os labios a mexerem-se insensivelmente, como si, n'um colloquio mysterioso, se houvesse estabelecido uma discussão entre o coração e a consciencia do manço. Algumas vezes parava elle e apoiava-se á balaustrada, como

si quizesse pela immobilitade forçada obter algum repouso; mas de subito, erigia o corpo novamente e continuava o seu passio interminavel. Por duas ou tres vezes dirigio-se até a porta do gabinete como si tivesse tomado uma repentina resolução, mas ahi chegando parava de repente e retrocedia indeciso, fazendo um gesto de reflexão, que era logo substituido por um outro de censura á sua propria timidez.

Quantas horas levou assim, não poderia elle o dizer: porfim, pareceu fixar o pensamento. Tirou disfarçadamente d'entre o peito da camisa o retrato de sua mãe e beijou-o freneticamente, murmurando algumas palavras imperceptiveis. A sua fronte serenou-se de repente e o olhar adquirio uma tão energica expressão, que, quem o observasse comprehendia logo que o mancebo havia tomado uma resolução suprema e irrevogavel. Erigio o corpo com um certo desempenho, e, embora muito pallido, dirigio-se directamente para a sala, de onde ouvia partirem as vozes alternadas do coronel e do doutor.

Este havia acompanhado o amigo, quando elle deixara Daniel em companhia da filha, depois de esmagal-a com aquellas ultimas palavras, que eram um repudio do seu amor filial, que importavam uma solemne maldição paterna. Movera-o ao principio o receio de que a extraordinaria commoção determinasse no velho alguma perturbação cerebral, ou lhe produzisse qualquer outro effeito physico de funestas consequencias. Ao depois, porém, e quasi immediatamente sobreviera-lhe a idéa de tentar um ultimo esforço, de empregar todo o prestigio da sua velha amizade para conseguir uma reconciliação immediata, antes mesmo de tentar destruir-lhe os effeitos da sua primeira impressão, fazendo-o voltar á razão, á calma e ao reconhecimento da verdade.

Mas o velho coronel era violento, impressionavel, pyrronico nas suas opiniões e decisões, embora muitas vezes com o tempo cedesse dell's e confessasse humildemente que havia errado. Para isso, porém, era preciso que a discussão fosse renhida, que os raciocinios fossem claros, que a nova convicção lhe entrasse, enfim, no espirito com toda a força da logica, com toda a evidencia da luz, com toda a luz da verdade. Então, sim, confessava-se vencido, cedia e cedia de boa vontade; mas até então defendia-se a pés juntos, aferrava-se cada vez mais ao proprio juizo, e as mais das vezes irritava-se de uma fôrma violenta e descommunal.

O doutor sabia disto, conhecia-o bastante e, por consequencia, via-se forçado a proceder com o maximo criterio, si não quizesse naufragar logo em principio. Por isso tentaria uma reconciliação antes de tentar o reconhecimento da

verdade... pois, valha a verdade, o doutor não dava inteiro credito á denuncia, embora o magoasse um pouco a recusa de Noemia a se prestar ao alvitre medico, que elle lembrara como um recurso infallivel e peremptorio.

Antes, pois, de dirigir-se á razão do coronel, cuja obstinação reconhecia como difficil de vencer, appellaria para o seu coração ; fallar-lhe-ia ao sentimento e talvez conseguisse despertar-lhe, senão o amor paterno pela filha, ao menos a compaixão humana pela mulher.

Encetou, portanto, a sua campanha ; mas, logo ás primeiras palavras, Eça de Mello deu-lhe a entender que seria de balde a sua eloquencia. Era muito profundo e, sobretudo, muito recente o golpe, para que elle o pudesse esquecer, para que pudesse acceitar o balsamo que o doutor lhe offerecia. Uma reconciliação importaria um perdão e o perdão seria de sua parte uma fraqueza, seria, ao seu ver, uma vergouhosa cumplicidade. Não, não perdoaria nunca... poderia quando muito esquecer, si o amante reparasse o mal que havia feito.

—Mas, com que direito ? — exclamou o doutor, porfim, fitando-o com uma certa autoridade—com que direito condena assim a essa mulher ?

—Com o direito de pae—respondeu-lhe o coronel um pouco desabridamente.

—Engana-se—retorquiu-lhe o medico no mesmo tom—com o direito de algoz.

—Doutor !...

—De algoz, sim ! O pae não maldiz... não renega... é sempre pae ! chora e... perdôa : perdôa e salva.

Fitou depois o coronel por um instante. De repente passou-lhe pelos olhos um relampago, como si uma idéa subltá lhe houvesse clareado nos esconderijos da memoria. Caminhou para Eça de Mello, que nada lhe soubera responder e, lentamente, surdamente, interrogou-o, procurando-lhe o olhar, como si por elle quizesse insinuar-se até a sua alma :

—Sr. Eça de Mello, nunca lhe passou pela idéa de que Deus pudesse castigar nos filhos as faltas de seu pae ?

O velho coronel teve um leve sobresalto.

—O que quer dizer com isto, doutor ? — exclamou elle fitando o amigo com um espanto doloroso.

—Não lhe passou ainda pela idéa—continuuou Pedro Honório no mesmo tom—que a desgraça de sua filha fosse para o Senhor uma justa punição ?... que os soffrimentos, que ella hoje lhe inflige, sejam a compensação de soffrimentos iguaes, pelos quaes tenham passado outros, unicamente por sua causa ?

A attitudo do coronel havia mudado inteiramente. Visível anciedade se pintava em seu semblante... penivel angus-

tia se apoderava delle de repente. Foi, pois, com uma voz trémula, alterada, que elle balbuciou, desviando desta vez os olhos do doutor :

—O que diz?... do que é que falla?... a que se refere?

O doutor obrigou-o a olhar para elle e fitou-o fixamente.

—Não sabe?... Será preciso que eu lhe avive a memoria?

O coronel já não podia responder. Viva commoção tolhia-lhe a palavra.

—Então ouça—disse o medico lentamente—vou contar-lhe um facto, que soube, parte do Senhor mesmo e parte de uma infeliz a quem tratei por compaixão.. de uma infeliz que morreu quasi em meus braços, legando-me o segredo dos seus soffrimentos, mas exigindo de mim que nunca revelasse aos seus a historia completa da sua vida. Sentemo-nos, porque o que lhe tenho a contar é um pouco longo.

Sentaram-se os dois, o doutor grave, solemne e calmo, e Eça de Mello n'uma agitação que debalde tentaria dominar.

—Acalme-se um pouco—disse o medico—acalme-se e ouça-me com attenção. Foi a vinte e cinco annos.

—Foi a vinte e cinco annos!—exclamou o coronel levando as mãos ao coração.

—Não me interrompa : ouça.

Talvez o coronel soubesse tão bem como o doutor a historia que elle ia contar-lhe; todavia, não procurou interrompê-lo e nem mostrou a menor impaciencia. Sem que soubesse explicar a razão, tornou-se o mais attento que poude, dando apenas, de vez em quando, os mais vivos signaes de assentimento, ao mesmo tempo que deixava transparecer no semblante uma dôr profunda e concentrada, como que visiveis symptomas de um remorso cruciante.

Permittam-nos, porém, os leitores substituir pela nossa a narrativa do doutor, com tanto mais vantagem quanto daremos esclarecimentos que elle não poderia dar, entraremos em minudencias que elle ignorava, porque a confissão da moribunda não fôra de todo completa.

Vinte e tantos annos antes da época, em que se passam os factos desta historia, o *Caminho Novo* não era ainda a rua quasi toda edificada que hoje temos, apresentando antes o aspecto de uma estrada, onde se erguiam raras casas e essas mesmas de apparencia muito humilde. Além disso, ainda não se tinham aberto as ruas adjacentes, que dão hoje áquella parte da cidade as apparencias de um bairro novo, onde já se vão elevando elegantes chalets, casas espaçosas, algumas até com fóres de palacetes.

Os fundos das casas do Caminho Novo davam todos para largos terrenos baldios, que iam confinar de um lado na rua ou antes estrada de João de Barros, e de outro em sitios, que pertenciam á rua da Trempe, á rua do Cotovello e á estrada da Estancia, que muito mais tarde tomou o nome do Visconde de Goyanna. Esses terrenos, arborisados uns, encapoeirados outros, continham na sua maioria grandes baixas de capim, das quaes ainda algumas existem hoje, e eram fechados apenas por umas cercas, em mais de um lugar, arruinadas, pouco servindo por isso para defendel-os das constantes invasões dos transeuntes, pouco propensos aliás a respeitarem a propriedade alheia. Os quintaes das casas do Caminho Novo, que davam para esses terrenos, eram por sua vez limitados por outras cercas quasi no mesmo estado de descuido ou de velhice, de fórma que nenhuma segurança offereciam, ficando resguardados, entretanto, dos olhares indiscretos unicamente por causa da grande distancia, em que ficavam das estradas e das montas, arbustos, capoeiras ou arvoredos que os circumlavam em abundancia.

Um, em uma das casas da referida rua, morava, havia alguns annos já, uma familia composta apenas de quatro pessoas: um homem, uma mulher, uma moça e uma preta es-

crava, um pouco velha. O homem parecia ter uns cincoenta annos, embora na realidade tivesse muito menos, tal era o aspecto pallido e doentio que apresentava, com os cabellos e barbas excessivamente grisalhos, e rugas profundas nas faces cavadas e na fronte, pensativa quasi sempre. A mulher de um aspecto mais sadio e aparentemente mais moça, apresentava ainda nns restos de belleza, de uma belleza que devera ter sido muito accentuada na sua mocidade, mas que se achava então fanada, como que por um excesso de fadiga, motivada, sem dúvida, por um excesso de trabalho.

Quem chamava, porém, a attenção de todo o mundo, atraindo os olhares mais indifferentes e arrancando as mais lisongeiras e hyperbolicas exclamações, era a moça, evidentemente filha do homem e da mulher, pois de ambos reunia traços no seu rosto, mas os traços mais formosos e ainda as sim retocados com uma divina perfeição.

Um pouco alta e delgada, na elegancia dos seus dezeseis annos, tinha um porte tão suave, mas ao mesmo tempo tão altivo, que ao passo que inspirava sympathia, impunha respeito e acatamento. Era um pouco alva, ligeiramente rosada nas faces, com uns olhos azues de infinita doçura e uns labios tão bellos... tão bellos que beijal-os pareceria uma profanação.

A belleza da moça foi justamente o que alvoroçou toda a vizinhança, muito mais do que a presença da familia. Ninguem os conhecia, quando elles vieram ahí estabelecer-se, e aquella mesma vizinhança, que não era muita, mas que por isso mesmo se preoccupava demais com o que se passava ao seu redor, começou desde logo a fazer os mais absurdos comentarios e a tirar as mais minuciosas informações, enfim, a envidar todos os esforços imaginaveis para satisfazer a curiosidade e a bisbilhotice, que é um vezo nosso, como o é tambem a politica, seja dito de passagem.

De indagação em indagação, de bisbilhotice em bisbilhotice, chegou-se, afinal, ao descobrimento da verdade, e foi esta um verdadeiro desapontamento para os curiosos, que haviam phantasiado cousas mysteriosas e extraordinarias—o fio talvez de alguma meada escandalosa—e que tiveram de se contentar com a historia mais simples, mais natural, deste mundo.

A familia em questão não era oriunda de Pernambuco, mas sim de uma provincia vizinha, onde o seu chefe, velho servidor do estado, havia sido demittido do seu emprego por politica, sem se attender, como se fazia então e ainda hoje se faz, talvez em maior escaala, aos seus bons serviços, á sua idade, honradez, assiduidade, intelligencia e pobreza.

Desgostoso e, de mais a mais, perseguido, abandonara sem saudades a sua terra natal e viera procurar aqui um campo

mais vasto á sua actividade, disposto a não recuar diante de trabalho algum honesto, com tanto mais affinco e resolução, quanto não era conhecido e ninguem lhe poderia atirar em rosto a sua nova posição.

Era pauperrimo, devendo os meios da sua mudança ao leilão que fizera dos seus trastes e mais accessorios de casa. E era por isso que ao chegar aqui procurara aboletar-se o mais economicamente possível, dando graças a Deus o ter encontrado aquella casa do Caminho Novo, um pouco retirada do movimento da cidade e de um preço perfeitamente de harmonia com os minguados recursos da sua bolça.

Novo e desconhecido no lugar, não querendo recorrer aos patricios, que aqui tinha, alguns em posição superior—devido isto a um certo orgulho que não deixa de ser um apañagio de certas naturezas biliosas—custou-lhe muito a achar emprego e teve ao principio de lutar com serias difficuldades, que só puderam ser removidas graças á resignação de sua mulher e aos trabalhos de agulha e de crochet de sua filha, prendas essas, nas quaes era ella de uma pericia consummada. Porfim, decidira-se por um commercio volante e, reunindo algumas economias, dedicara-se ao mister de comprar couros em primeira mão para revendel-os depois aos cortumes e aos negociantes deste genero.

Assim, ausentava-se de casa semanas inteiras, durante as quaes percorria o nosso centro, mais ao voltar tinha a certeza de trazer o sufficiente para a manutenção da sua familia, embora sob a mais stricta economia. Esta vida, porém—a brusca passagem de uma existencia longamente sedentaria para uma outra extraordinariamente activa—com o accrescimento dos desgostos soffridos pela demissão injusta e acintosa, acabaram por minar-lhe a saúde, exacerbar-lhe o character, determinar-lhe uma hepatite aguda, que lhe fazia presagiar as mais tristes consequencias. Entretanto, não se queixava, nem deixava um só dia de trabalhar, empregando em seu gyro cada vez mais ardor, mais actividade e maior desenvolvimento.

E' verdade que de todos os seus sacrificios compensava-o largamente sua familia ; a mulher pelo adjectorio que lhe dava no governo da casa e a filha pelo seu trabalho, e sobretudo, pelo seu comportamento.

Soffrivelmente educada pela frequencia dos collegios, durante o tempo em que o pae fôra empregado, e principalmente pelo exemplo salutar do trabalho e da harmonia que reinavam em sua casa, entre aquelle casal abençoado, alegre nas horas da abundancia, mas resignado nos dias da pobreza, Marianna—era o nome da moça—em nada se assemelhava

ao commum das raparigas da sua idade, que fazem gala da leviandade, fazendo do galanteio occupação habitual.

Sem modos ridiculamente ariscos, sem ostentação de uma virtude feroz e displicente, mas naturalmente ingenuo, affavel e circumspecta, sabia manter em distancia as seducções e com o seu olhar azul, suave e meigo, sem a minima irascibilidade, sem um gesto só de violencia ou de despeito, impunha respeito, sem motivar antipathia, desarmava a affouteza, sem produzir escandalo, punha, enfim, cada um no seu logar, conservando-se ella mesma no seu, sem o minimo esforço de sua parte.

Já muitos apaixonados haviam tentado commovel-a; mas, tinham perdido o tempo inutilmente. Marianna nem sequer lhes dera attenção, o que fizera com que a alcunhassem de insensivel. A *Insensivel* foi o nome com que, dentro em pouco, começou a ser conhecida por toda a visinhança. Sabendo-o, a menina sorrio-se, mas não se deu por offendida.

Não! ella não era uma insensivel. Só Deus sabia os thesouros de ternura, o escriptorio riquissimo de amor, que encerrava o seu coração de verdes annos! E que não chegara ainda o momento fatidico, em que a scentelha divina deveria feril-a como um raio, o momento inevitavel, em que o deus menino das lendas mythologicas, como o ladrão das *Mil e Uma Noutes*, deveria pronunciar o :

—« Abre-te, Sezamo! »

Neste tempo, Eça de Mello era um robusto rapagão de seus vinte e oito a trinta annos, desempenado de corpo, distillando saúde por todos os póros, de physionomia bonita e sympathica, embora revestida de uma certa gravidade, de uma seriedade natural que predispunham em seu favor, como que o destacando do commum dos rapazes da sua idade.

Morando no engenho; em companhia do pae, ajuando o seu matto, já por indole, já por educação, Eça de Mello fazia, entretanto, frequentes excursões á cidade, onde era levado pelos interesses do engenho, e alli se demorava dias e dias, quasi sempre aborrecido e contrariado, até que os seus negocios fossem escrupulosamente terminados. Por essas occasiões, que eram frequentes, aboletava-se elle em casa do correspondente de seu pae, velho corrector da praça, pae de um par de filhas muito levianas e assanhadas, cada uma das quaes não perdia vasa para se metter pelos olhos do rico mancebo, provocando-o e compromettendo-se, usando justamente dos meios mais proprios para affastal-o em vez de seduzil-o.

O corrector habitava todo um predio da rua do Livramento, occupando unicamente o primeiro andar e dando o segundo por moradia aos seus ajudantes e caixeiros, aos quaes, por concessão sua, se haviam aggregado uns outros, pertencentes a armazens de amigos seus, com os quaes se achava em relações de negocios e de interesses. Para esse segundo andar retirava-se Eça de Mello de preferencia, já para fugir ás leviandades e aos assaltos continuos das duas moças, o que aborrecendo-o, não deixavam de constituir algum perigo, e já para poder estar mais a seu goslo, em mais plena liberdade.

Com esses rapazes ligara-se, pois, mais estritamente, se não por amizade, pela mutua convivencia de muitos dias e, sobretudo, de muitas noites, passadas em longas e alegres palestras. Apesar de um pouco bisonho, Eça de Mello não era um urso: conversava soffrivelmente e não levava a rigidez dos seus principios e o pudor de sua alma ao excesso ridiculo de tapar os ouvidos ás historias duvidosas, ás phrases, ás vezes, um pouco picarescas, e aos projectos quasi sempre lubricos dos seus hospedes travessos, presumidos e levianos.

Muitas vezes elles o haviam interpellado acerca das suas aventuras amorosas pelo engenho ou pela cidade, e, sob a resposta negativa de Eça de Mello, que, por estas occasiões não deixava de corar, o haviam suavemente pateiado, censu-

rando-lhe a excessiva discreção, ridicularizando-lhe a incomprehensível pudicícia. Dois delles, sobretudo, estomagaram-se com o procedimento do matuto, como o chamavam por troça commummente, e resolveram deital o a perder, *educal-o*, apesar da idade e talvez por isso mesmo. Redobraram de amizade para com Eça de Mello e conseguiram insinuar-se no seu animo, inspirando-lhe idéas novas, sublevando-lhe a curiosidade do coração, seduzindo o com a perspectiva fascinadora do prazer.

—Você envergonha a mocidade!—disse um delles, após longa palestra, durante a qual Eça de Mello defendera a sua honestidade natural.

—Emquanto se é moço, deve a gente divertir-se! obtemperou o outro—divertir-se, mas não comprometter-se, entendamô-nos. Você não frequenta os botequins...

—Deus me livre!—exclamou Eça de Mello vivamente.

—Não joga, não bebe—continuou o rapaz.

—Não—confirmou Eça de Mello ingenuamente.

—Que diabo faz Você?

—Trabalho.

—Ora pilulas!

—Mas quando não trabalha?—inquiriu o outro.

—Descanço—respondeu placidamente o matuto.

Os dois rapazes deram uma gargalhada.

—Quando vem a cidade, nem sequer passeia!—acrescentou um dos rapazes—quasi que não conhece as nossas ruas, os nossos arrabaldes.

—Nem as nossas moças!—concluiu o outro e olhe que ha carinhas que valem a pena...

—A proposito—exclamou o outro de repente—ha dois domingos que não vamos ao Caminho Novo.

—Nem vale a pena—retrucou o outro com desdem—por alli não se consegue nada. A *Insensivel* é cada vez mais insensivel.

—Quem é a *Insensivel*?—perguntou Eça de Mello com uma tal ou qual curiosidade.

Os dois rapazes deram-lhe a precisa informação. Ambos elles pertenciam ao numero daquelles apaixonados, que não haviam conseguido cousa alguma, e o confessaram ao rapaz com toda a galhardia.

—E' porque ella é uma moça séria—retorquiu-lhes Eça de Mello com um tom convicto e sincero.

—E' outra que não quer gosar a mocidade! exclamou um dos rapazes—e é pena, porque poucas moças tenho visto tão formosas.

—E, pondo a mão sobre o hombro de Eça de Mello, acrescentou peremptoriamente:

—Olhe : amanhã é domingo ; você só pôde ir para o engenho terça-feira... portanto, iremos amanhã dar um passeio, leve o-hei ao Caminho Novo, e você verá o que é uma mulher capaz de embriagar a um santo.

Eça de Mello assentiu ao projecto mais por condescendencia do que por curiosidade. A fallar verdade, não era muito grande o seu enthusiasmo.

No dia seguinte, pois, às horas convenientes, os rapazes prepararam-se garridamente e levaram consigo Eça de Mello, que desta vez não pudera eximir-se de sorrir e exclamara ao sahir, não sem uma certa impaciencia, devida certamente aos multiplos pensamentos que o tinham assaltado durante a noite, fazendo-lhe ferver a imaginação com mais calor do que as taxas do seu engenho :

—Ora vamos ver essa maravilha !

Ao chegarem à rua indicada, um dos rapazes o prevenio, chamando-lhe a attenção para a casa, que se achava ainda a alguma distancia, e cuja rótula aberta estava, entretanto, completamente deserta.

—Si o passaro corresponder á gaiola —observou o matuto com desdem —Vocês fizeram-me uma verdadeira cassuada.

Os rapazes não lhe retorquiram senão com dois sorrisos : queriam deixar-lhe intacta a surpresa : e surpresa ia ter de certo o Eça de Mello.

Approximaram-se da casa ; deram uma pequena cotovelada no mancebo e passaram, passaram por defronte da rótula, apparentando uma indifferença, que estavam longe de sentir, fingindo não lhe prestar a minima attenção. Não, porém, Eça de Mello, que enfiou os olhos curiosamente pela janella a dentro e pousou-o durante um minuto no rosto encantador da mulher mais formosa que elle até então havia visto.

Marianna estava sentada á pouca distancia da janella e, á grande luz do dia que a inundava como uma aureola, occupava-se n'uma obra de crochet com uma destreza e agilidade incomparaveis. Ao sentir a luz de repente e momentaneamente interceptada, ergueu os olhos para a janella e o azul purissimo das suas pupillas foi por um rapido instante offuscado pelo brilho incandescente de um olhar negro e profundo.

Duas faiscas que se embatem podem produzir um incendio : porque dois olhares que se encontram não podem produzir uma explosão ? O encontro dos dois olhares fôra instantaneo, mas parece que mais rapido ainda fôra o encontro das duas almas. Sem poder explical-o, sem consciencia, talvez, do que fazia, porque o acto foi involuntario e estava fóra dos seus habitos de reserva e de esquivança, a moça, sem largar,

comtudo, o seu trabalho, precipitou-se para a janella e acompanhou com o olhar o mancebo, que passara e ia já lhe dando as costas. A poucos passos de distancia, Eça de Mello, como si o puchasse uma força magnetica, voltou-se totalmente e recebeu em cheio ainda uma vez toda a luz daquelle olhar azul, em que uma alma parecia palpitar.

—Então?—perguntaram-lhe os rapazes—que tal o passaro?

Eça de Mello conteve o enthusiasmo... tornou-se mais grave e serio do que nunca.

—E' com effeito interessante—respondeu pausadamente.

E tentou logo encaminhar a conversação para outro assunto. Elle proprio não sabia explicar o que sentia. Sentia necessidade de voltar-se a cada passo, mas continha-se e proseguia para a frente n'um verdadeiro supplicio de contrariedade. Antes de chegar á entrada do becco do *Padre Inglez* parou, como si estivesse fatigado :

—Ufa!—exclamou elle respirando—que estafa!

E em seguida interpellou os camaradas rapidamente :

—Continuamos ou retrocedemos?

—Como Você quizer—respondeu um delles com toda a condescendencia, enquanto trocava um imperceptivel olhar com o companheiro.

—Então voltemos—disse Eça de Mello, affectando naturalidade, mas de facto com um certo desassocego.

Retomaram, pois, o caminho já uma vez percorrido e insensivelmente Eça de Mello começou a deinar os passos, revestindo-se de uma seriedade, tanto mais apreciavel e visivel, quanto estava em opposição com a bregeira expressão dos semblantes dos seus dois companheiros. Desta vez, a formosa moça estava á janella ; mas, ao avistar os rapazes, baixara os olhos modestamente e Eça de Mello, ao passar-lhe por junto, não ousou encarar-l-a abertamente.

Invadiu a-o subitanea timidez, ao mesmo tempo que o coração lhe pulsava com uma violencia insolita, desconhecida para elle.

VI

Na noite desse dia, duas pessoas mal dormiram na cidade : a formosa moça do Caminho Novo e o bisonho hospede da rua do Livramento.

Como succedera a Eça de Mello, Marianna sentira tambem uma impressão fóra do commum, um estranho desassossegado apoderar-se do seu coração, que, ao presentir a segunda passagem dos rapazes, começou a palpitar precipite e auçado.

Muito depois de ter desapparecido aquelle desconhecido, que ella via pela primeira vez, foi que Marianna deu pelo movimento espontaneo que a levava á janella e insensivelmente enrubesceu-se e sentio-se envergonhada. Atormentava-lhe a idéa o juizo que della poderia ter ficado fazendo aquelle moço. Mas, porque elle e não os outros? A fallar a verdade, destes Marianna não se lembrava um só momento, ao passo que as feições, o ar grave e sizudo, o porte esvelto, o andar, os ademanes serios do outro, tudo lhe ficara impresso na memoria, e vinham-lhe, a cada passo, ao pensamento, fazendo-a muitas vezes tornar-se pensativa, tão absorta, que até a agulha do crochet cessava de mover-se e os seus dedos ficavam inactivos.

Aquillo tornava-se já uma obsessão. Toda a tarde ella assim esteve, sobresaltando-se ao menor rumor de passos, que ouvia na calçada, e sem poder dar a si mesma uma explicação sensata ou razoavel. A' noite, recolhida ao seu quarto, por mais que o pensamento divagasse, acabava por fixar-se sempre no mesmo objecto : naquelle moço desconhecido e serio, cujo olhar brilhante a inundara de uma luz desconhecida, como que se filtrara através das suas pupillas e fóra reflectir-se nos mais profundos escaninhos da sua alma. E a moça, sem saber porque, suspirava impaciente. Nunca lhe succedera isto ; nunca sentira uma impressão assim. Não podia dormir e, comtudo, não se enfadava com a insomnia ; não repelia o pensamento insistente. Sentia antes um prazer innocentemente voluptuoso, um estado d'alma que ficava justo termo entre o delirio e o extasis.

Lá pela alta madrugada é que as palpebras pesadas pelo cansaço physico se fecharam lentamente e que ella conseguiu adormecer. Mas, mesmo assim, os sonhos que lhe aguilaram o somno reproduziram-lhe os pensamentos da vigilia e, por entre os nimbus mais phantasticos e as mais nebulosas peripécias, surgiu lhe diante d'alma a imagem interessante do des-

conhecido, ora fugindo-lhe como uma sombra, de balde perseguida, ora apoderando-se della como uma realidade palpavel e sensivel.

Ao passo que assim se dava com a formosa e innocente moça, Eça de Mello não se achava em melhores condições; e para isto haviam concorrido os seus companheiros de hospedagem. Durante parte daquella noite, quando todos elles estiveram reunidos, o assumpto da palestra não foi outro senão a *Insensivel* do Caminho Novo. Dois dos rapazes a conheciam de vista e quasi todos os outros de fama. Vieram, portanto, as informações mais ou meno: exactas. Discutiose a familia, a procedencia, a vida, a pobreza, o comportamento da moça—tudo que lhe dizia ou poderia dizer respeito—mas nenhum só factó foi articulado que, de leve sequer, a desabonasse. Todos os rapazes, como á sua belleza excepcional, rendiam homenagem á sua virtude mais excepcional ainda.

—Honesta é ella!—bradou um delles com toda a convicção—a visinhança pelo menos não achou ainda um só motivo para descarregar-lhe a lingua.

—E quando uma visinhança não falla...—observou um outro judiciosamente.

—E' porque não tem do que fallar—concluiu um terceir

—Nem sempre!—retorquiu um quarto—visinhos, quando não têm do que fallar, inventam.

—Sim; mas, a respeito da *Insensivel* ainda não inventaram nada. Consta-me até que toda a visinhança a estima e mantém relações de amizade com a familia.

Eça de Mello abstivera-se de tomar parte neste periodo da palestra; limitara-se a ouvir com toda a attenção e era com verdadeira alegria, com uma satisfação intima, das quaes aliás não dava demonstração exterior, que elle assistia ao pagnyrico da moça, principalmente por ser feito por aquella sucia, de cuja maledicencia mordaz e picante tantas vezes elle tinha sido testemunha.

Tudo isto, pois, concorria para augmentar a impressão favoravel, extraordinariamente commovente, que a moça lhe havia causado. Tambem elle não sabia explicar o que sentia; o pensamento voltava-lhe incessantemente para um ponto, e ahí via elle com os olhos d'alma a imagem fulgurante da donzella, graciosamente occupada em seu trabalho, meiga e suave como uma appareição angelical.

Depois de adornados successivamente todos os seus companheiros, Eça de Mello ainda se conservou acordado por muito tempo, sempre perseguido docemente pela mesma imagem fascinante, engolplado em phantasias, de que nunca se lembrara, abalado por desejos, que a isenção anterior

do seu coração tornava mais violentos. A sua alma sentia a vaga aspiração de uns gosos indefinidos, ao mesmo tempo que o seu temperamento sadio, robusto e forte tinha estranhos sobresaltos, como que despertava indomito e fogoso.

As insinuações perfidas dos seus amigos haviam produzido uma revolução enorme no matuto bisonho de poucas horas antes. A contemplação de Marianna rasgara-lhe ante os olhos novos horisontes, fizera-lhe ver o mundo sob um prisma todo novo, arrancara-lhe do coração e da mocidade o tributo fatal, que todos, mais ou menos, pagam á loucura.

Ao amanhecer do dia seguinte, Eça de Mello era um outro homem, muito differente do que fôra até então. Comparara-se aos seus companheiros, e achava-se inferior, vergoñosamente inferior, quando sobre elles tinha todas as vantagens : a vantagem da posição, a vantagem da fortuna; a vantagem da belleza physica : saúde, familia e nome.

Era preciso reaver o caminho perdido, rehabilitar aos olhos delles a sua mocidade. O meio de o conseguir estava indicado : a tarefa era difficultosa, porém não impossivel. Tudo dependia do modo de proceder e elle achava-se disposto a não recuar diante de difficultade alguma. E não havia incoherencia alguma nessa nova ordem de idéas e o modo anterior de proceder do nosso matuto. Eça de Mello, apezar da idade, porém devido ao meio em que vivera sempre, ainda não tinha um caracter definido, o caracter que veio a ter depois. Um caracter só se fórma, se accentúa e se define, depois de passar por todas as provações, e o moço senhor de engenho nunca havia soffrido a menor contrariedade, o mais insignificante dissabor, tendo-lhe a vida corrido sempre inalterada por entre as mais suaves commodidades, n'uma ventura calma, facil e imperturbavel. O seu caracter, pois, não era até então outra coisa mais do que o reflexo do caracter de seu pae, a quem insensivelmente elle procurara imitar e, por isso, como todas as imagens reflectidas, resentia-se da indecisão, não era mais do que um esboço vaporoso, sem nitidez e sem contornos, como que envolto n'uma penumbra vaga e vacillante.

Demorara-o desta vez na cidade o concerto de uma peça importante do engenho, a qual só no dia seguinte deveria ficar prompta e ser entregue para seguir ao seu destino. Eça de Mello deveria ir á fundição do Cardoso, onde ella se estava concertando e, por isso, apenas engolio o almoço de seu hospedeiro e deu os bons dias ás suas duas filhas, que o namoravam escandalosamente com manifesta acquiescencia do pae, que até nisto se queria mostrar bom e activo corretor, puz-se na rua, depois de se ter esmeradamente preparado, dando ao vestuario mais importancia do que nunca e á sua

pessoa uns cuidados meticolosos que tinham por fim realçar a plastica da physionomia mascula e sympathica, apesar da natural seriedade.

Em vez, porém, de dirigir-se directamente á fundição, para onde ostensivamente annunciara a sua excursão, torceu caninho e, cheio de soffreguidão e anciedade, endereçou os passos para onde na vespera lhe ficara preso o coração. Com pouco avistou a casa, que era o objectivo do seu passeio, e célere começou a palpar-lhe o coração, invadindo-lhe ao mesmo tempo uma estranha e inesperada timidez. E' que o rapaz não estava affeito áquelle genero de aventuras e era impulsionado por mais alguma cousa do que o simples desejo de recuperar a mocidade perdida ou dar um panno de amostra aos seus trefegos companheiros de locanda... Concorria ainda mais para a inexplicavel sensação o ter vislumbrado á janella o vulto gracioso da moça, n'uma attitude pensativa, que a tornava mais arrebatadora do que no dia anterior.

Eça de Mello passou, fitou-a por um instante e tocou levemente no chapéo. A moça, corando levemente, correspondeu ao cumprimento ; porém, mais que o cumprimento, foi um revelador do estado da sua alma o longo olhar suave que ella pousou sobre o rapaz. Uma noite bastara para derreter todo o gelo da sua indifferença, para derrocar a lenda da sua insensibilidade, até então inabalavel.

Sem saber porque, sem poder explical-o ou mesmo o comprehender, Marianna sentia-se atrahida para aquelle moço, que lhe era totalmente desconhecido, mas, a quem parecia já ter visto, pelo qual dir-se-hia que o seu coração de ha muito estava esperando, e essa attração magnetica e imperiosa, longe de atemorisal-a, a enchia de um enlevo delicioso, dava-lhe uma alegria intima, como nunca havia sentido.

Fôra instinctivamente, como movida por um presentimento inexplicavel, que ella se puzera á janella, áquelle hora ; fôra insensivelmente que a fronte pendera pensativa ; mas, foi com toda a potencia da sua alma, por uma necessidade imperiosa do seu coração, que o seu olhar suave e doce correspondeu ao olhar ardente, magnetico, seductor, com que Eça de Mello a fulminou.

Para que accrescentar mais ? Os dois jovens amavam-se e amaram-se dahi em diante com delirio.

VII

No dia seguinte reproduzio-se a mesma scena, mas com um accreseimo progressivo : aos olhares reciprocos corresponderam dois sorrisos insinuantes, sorrisos que disseram muito, que prometteram ainda mais.

Mas nesse mesmo dia devia Eça de Mello partir para o engenho e, coinqtanto sem necessidade apparente houvesse transferido da manhã para a tarde a sua partida, foi forçoso que ella se realisasse. No dia seguinte, portanto, ás horas do costume, Marianna, mais ataviada do que costumava estar até então aos dias da semana, esperou inutilmente que passasse o seu sympathico desconhecido. Mas, nem nesse dia, nem nos outros que se lhe seguiram, conseguiu ella satisfazer o seu anhello, ter um leve lenitivo á sua ansiedade.

Esse primeiro dissabor, que em outra qualquer faria nascer desconfianças e determinaria talvez um esquecimento despeitoso, produziu nella um effeito todo contrario ; não servio senão para exacerbar ainda mais a sua paixão nascente, fazendo-lhe a imaginação trabalhar dolorosamente n'uma concepção phantastica de contrariedades, enebendo-lhe o coração de uma saudade indefinida—n'uma cega confiança, que só poderiam justificar a innocencia da sua alma e a nenhuma experiencia desta vida.

A imagem do mancebo gravara-se tão profundamente na sua alma, a expressão dos seus olhares parecera-lhe tão sincera, a sua seriedade tão leal, que, nem por um instante sequer, lhe occorreu ao pensamento que ella pudesse ter sido victima de uma illusão, de um acaso ou de um capricho. Tinha como que a presciencia, innata na mulher, de que a impressão que sentira e o sentimento que a animava para com o mancebo, actuavam igualmente nelle para com ella. A sua ausencia, pois, não a enchia de despeito, nem de desespero ; innoculava-lhe no coração uma doce melancolia, que por sua vez se transformava na mais suave e soffrega esperanza.

Não se enganara a linda moça. Eça de Mello, só por força das circumstaneias, se ausentara da cidade, e só pelas exigencias do serviço da lavoura, menos do que por consideração á rispidez de seu pae, persistia no engenho. Mas, nem um só momento se esquecia da formosa visao que o seduzira, e já agora não o impulsionava o desejo de ostentar a sua conquista aos olhos dos amigos, que a ella o tinham impellido perfidamente, mas sim e quasi unicamente uma ne-

cessidade imperiosa do coração, que fôra invadido de vez pelo sentimento, a que nunca tinha pago o seu tributo.

Como succedia á moça, tambem elle não se assustava com a ausencia. Um secreto instincto impunha-lhe a confiança, dava-lhe quasi a certeza de que a sua impaciencia era partillhada, por isso que o seu amor era igualmente correspondido. No domingo, pois, unico dia aliás disponível para os seus passeios, pretextou visita ao engenho de um amigo, com os quaes talvez passasse o dia e, montando no melhor dos seus cavallos, tomou á desfilada o caminho da cidade.

Era a primeira vez que isto lhe succedia, mas ao moço apaixonado não se dava de percorrer tamanha distancia, com tanto que satisfizesse o seu desejo, despertando-se a vaidade de se apresentar á moça sob aquelle aspecto novo para ella, e com o qual contava muito para completar a seducção incipiente. Eça de Mello e. a um bom cavalleiro; a equitação realçava-lhe a elegancia e elle sabia disso e tinha garbo.

A' uma hora da tarde, pois, do domingo seguinte, estava Marianna descuidada, menos entregue ao seu costumado trabalho manual do que, aos seus pensamentos e saudades, quando a sua attenção foi despertada pelo tropel de um cavallo que tranqueiava quasi defronte da sua casa. A moça ergueu os olhos distrahidamente, mas apenas o enfiou pela janella, abafou um grito indiscreto de alegria. Expandio-se-lhe o semblante, um sorriso divinamente encantador entreabriu-lhe os labios purpurinos, e ella precipitou-se para o lado da rua, como si attrahisse um iman poderoso. Era Eça de Mello que fazia o cavallo tranqueiar graciosamente, e que, vendo a moça, a cumprimentou com tanto respeito quanta adoração. Mais tarde passou de novo, e no novo sorriso, no longo e doce olhar, na leve inclinação da cabeça, com que a saudou, pareceu fazer-lhe um signal de despedida. E com effeito assim era, pois precisava apressar-se para chegar ao engenho ainda com dia.

D'ahi em diante os passeios domingueiros do mancebo repetiram-se, e Marianna se ia habituando áquella especie de visitas periodicas e regulares. Mas isto não satisfazia a Eça de Mello, em quem se haviam despertado todos os sentidos e cujo amor começava a se tornar de uma exigencia imperiosa. Até então não sabia da moça senão o que lhe tinham dito os seus companheiros de hospedagem, que por sua vez, apesar da maior ou menor exactidão das suas informações, só a conheciam pela alcunha popular. Eça de Mello quiz saber-lhe o nome e adiantar os seus amores. Em um dos seus passeios, vira por acaso sahir de casa a preta meio velha, vio-a depois dentro da sala e para ella voltou as suas esperanças. Coincidiu esse desejo com uma das suas

idas á cidade para tratar de negocios de seu pae, negocios que o prenderiam durante alguns dias e que elle desde logo determinou aprovcitar efficazmente.

Dito e feito: poz-se em campo e tanto fez, tanto espreitou, com tanta pericia e felicidade manobrou que conseguiu, logo no segundo dia da sua chegada, fazer-se encontrar pela preta velha e travar com ella uma longa e interessantissima converssa. Completaram-se entáo as suas informações, e, mais do que ellas, satisfez-lhe a certeza, que lhe deu a negra de que a sua *sinhá* morria de amores por elle, o que ella sabia com toda a confiança, porque fôra em seu seio que a menina derramara ingenuamente as suas confidencias, n'um desses momentos de expansão, em que a alma, regorgitando de felicidade se torna communicativa, como que necessita extravasar-se.

Generosamente recompensada, a negra, deste momento em diante, tornou-se mais uma escrava do mancebo, do que da familia a que pertencia de facto e de direito, e protestou-lhe uma dedicação sem limites e uma alliança efficacissima, ia tornar-se para a senhora moça o mais perigoso dos demonios familiares, a mais insidiosa das conselheiras, a demolidora interessada e perfida da sua innocencia natural, unica égide que a poderia defender contra si propria.

As idas e vindas de Eça de Mello não passaram desapercibidas aos caixeiros, e elles tanto o espreitaram que acabaram por descobrir-lhe o segredo, o que redundou para o matuto n'uma saraivada de calorosas e entusiasticas felicitações, que o encheram de orgulho e de vaidade, afogando-lhe alguns resquícios de sentimentos bons, que, por ventura, lhe restavam com relação áquelle assumpto. Dois dos rapazes, sobretudo, apoderaram-se do seu animo, conquistaram-lhe a confiança, lisongeando-lhe a paixão, e inoculavam-lhe no espirito, como um virus subtil, o veneno das suas idéas brejeiras de perfeitos capadocios, as suas theorias perfidas e desmoralisadas, com as quaes affirmavam ter sempre levado vida folgada e milagrosa sem comprometterem jamais nem os seus interesses reacs, nem o nome, nem a honra.

Eça de Mello, nesse tempo, já o dissemos, não tinha um character definido, apesar da idade; mas graças, ao seu viver campestre e á sua educação rigorosa e segregada, não passava de um engano. Afigurou-se-lhe, pois, que as insinuações dos seus dois amigos eram outros tantos preceitos do codigo social dos amantes e que, pactuando com as suas idéas e theorias, apesar do amor sincero de que se sentia possuido, não faria mais do que cumprir as regras do bom tom e amar segundo as fórmulas elegantes da cidade.

Consoante essa nova orientação do seu espirito, escreveu

á moça uma longa e apaixonada carta, em que lhe pintava os exaggeros da sua paixão, bem como as esperanças que havia concebido, e assignou-a sem a minima hesitação com um nome romantico de emprestimo. Ao receber esta carta, seria impossivel descrever a suave commoção, a ingenua e candida alegria de que possuio-se Marianna. Ou não tinha sobre as conveniencias idéa alguma nitida e segura, ou tinha-a confusa e incompleta, ou foi a preta velha e interesseira que combateu-lhe os escrúpulos e as hesitações ; mas, o que é certo é que esta carta não ficou sem uma resposta immediata, e que a ella se seguiram muitas outras, n'um progressivo crescer de compromissos, de confissões, de devaneios, de anhellos, de paixão.

Foi, por esse tempo, e em uma das suas excursões ao Caminho Novo, que Eça de Mello, ao enveredar pela rua da Soledade, esbarrou-se um dia com o seu amigo o Dr. Pedro Honório, que servia então na guarnição de Pernambuco, e que, justamente nessa hora, acabava de sair do hospital militar, onde fôra fazer a sua visita quotidiana.

—Oh! Eça!—bradou o medico apenas o avistou—por aqui ?...

Os dois amigos abraçaram-se cordialmente, com verdadeira effusão, pois, havia muito tempo, não se viam. Depois, Pedro Honório proseguio algum tanto admirado :

—Mas o que faz você por aqui pelos meus bairros ?... e assim, elegantemente vestido... perfumado.

Eça de Mello sorriu-se através da sua habitual seriedade.

—Eça ! Eça ! ..—repetio o doutor maliciosamente—Você anda com intenções sinistras !...

Enfiou familiarmente o braço pelo braço do amigo e interpellou-o com toda a confiança :

—Então ?... temos algum namoro por estes lados ?... A fallar com franqueza, não conheço, por estas redondezas, pessoa alguma que possa lhe convir e cuja alliança deva merecer a approvação de seu velho pae.

Eça de Mello corou um pouco. Essa idéa de alliança, com effeito, nunca lhe havia passado pelo cerebro, e por isso mesmo quiz dar um desmentido ao seu amigo. Eram ambos pouco mais ou menos da mesma idade e se deviam comprehender... Além disso Pedro Honório era um soldado. O moço senhor de engenho não se fez, pois, de manto de seda, e contou francamente ao amigo a aventura galante em que se havia mettido.

—E dahi ?—perguntou-lhe o medico, fitando-o com seriedade.

—Dahi o que ?—retorquiu-lhe o outro um pouco desconcertado.

—O que espera você ?—insistio Pedro Honório, continuando a fital-o interrogativo.

—Eu ?... nada ! —balbuciou o rapaz, hesitante e constrangido.

Eça de Mello mentia : esperava tudo.

Pedro Honório continuou a olhal-o durante algum tempo, depois, com um meio sorriso, proseguio cheio de bondade—daquella bondade que já nessa epocha se havia tornado proverbial :

—Com tanto que você não pratique alguma loucura, nem vá dar algum desgosto ao seu velho pae.

—Ah ! quanto a isto, não tenha receio !—affirmou Eça de Mello, affectando tranquillidade e desembaraço—é uma cousa apenas para divertir.

Os dois amigos separaram-se : Eça de Mello um pouco impaciente e Pedro Honório pensativo.

Alguns minutos depois, a negra velha da casa do Caminho Novo punha a cabeça á janella e, voltando-se para dentro, com os dentes á mostra n'um sorriso assanhado de onze letras, murmurava, abaixando a voz :

—*Sinhá* moça ? ahi vem seu Ernesto.

Eça de Mello acabava de assomar á entrada da rua.

VIII

Ernesto Flores era o nome com que Eça de Mello assignava as suas cartas e pelo qual teria de ficar para sempre conhecido pela moça. Por ahí já se deixa ver que, apesar do seu amor, não eram muito puras as suas intenções. E relações, que começavam assim por uma falsidade, não podiam deixar de terminar por uma desgraça.

Mas, ao periodo da correspondencia, devia seguir-se o periodo das entrevistas. Marianna e Eça de Mello não haviam trocado ainda uma palavra e ambos anciavam pelo momento em que pudessem conhecer os timbres respectivos, murmurando ao mesmo tempo essas phrases que dizem tudo, sem dizerem cousa alguma, que encantam os ouvidos e inebriam a alma, porque são a musica do coração.

Ao passar, pois, pela janella da moça, o mais encostadinho que lhe foi possível, presumindo não dar nada a perceber á visinhança, que, seja dito de passagem, já estava iniciada no segredo das suas apparções periodicas, Eça de Mello soprou estas palavras, certo de que ellas produziriam o seu effeito :

—Espere-me hoje á noite.

A moça enrubescou, baixou os olhos... sentio um doce sobresalto, mas não deu resposta alguma.

A' noite, porém, collocou-se á janella e esperou com toda a impaciencia de uma alma apaixonada, mas tambem com todo o susto de quem não estava habituada áquelles lances. Esperou bastante, porque só perto das nove horas —já quando as casas visinhas começavam a fechar-se—é que o mancebo appareceu e cautelosamente approximou-se da menina, de cuja mão trémula e gelada apoderou-se com carinho, sem que ella lhe oppuzesse resistencia, levando-a aos labios n'um impeto de paixão, todavia respeitosa, e conservando-a entre as suas n'um suave e candido abandono.

A conversação não durou muito tempo, e ainda assim, interrompida a cada momento por sobresaltos e temores, velava na sala a preta velha como sentinella perdida, afim de não vir surprehendel-a a pobre mãe. Quanto ao pae de Marianna, nada havia a receiar por ora, porquanto, havia dois dias que tinha partido para o sertão á procura de couros, e só dahi ha muito tempo é que poderia estar de volta.

Mas, não era só da perspicacia da dona da casa que os dois namorados tinham de apreciar-se ; mais do que esta, inspiravam-lhes receio a visinhança, uma, sobretudo, cons-

tante de uma familia bisbillhoteira e falladora, que tinha entrada na casa e havia captado a sympathia, a amizade e a confiança da mãe da moça, proporcionando-lhe freguezia para as costuras e outros trabalhos domesticos, com que a boa senhora auxiliava os ganhos do marido.

As conversas na calçada e á janella, qualquer que fosse a hora preferida, não podiam deixar de ser presentidas, descobertas, commentadas, denunciadas, talvez, e accarretariam assim contratempos inevitaveis, e quem sabe si medidas de vigilancia e de rigor, que dariam em resultado uma separação, que seria para ambos um martyrio.

A menina não sabia como resolver esse problema: Eça de Mello hesitava em apresentar-lhe a solução, não fosse ella desconfiar das suas intenções: a negra, porém, não teve escrúpulos e espontaneamente se offereceu para aplainar as difficuldades, realisando os desejos de um e vencendo os escrúpulos da outra. Demais a mais nada se lhe afigurava tão facil nem de tanta naturalidade.

Além do meio do quintal, para um dos lados da cacimba, justamente daquella que ficava encoberto pela puchada da cosinha, o pae de Marianna, logo que alugou a casa, havia construido um quarto de madeira, com uma porta de frente e uma pequena janella no oitão que dava para os fundos do terreno, fechado por esse lado, como pelos outros, por uma cerca, meio carcomida, onde se entrançava uns raros e enfezados limoeiros. Este quarto não tinha outro destino senão o de servir de banheiro, constando por isso toda a sua mobilia de uma grande bacia de zinco, um cabide de taboa e uma marquezia, que, por velha e meio desconjuntada, fôra para alli atirada afim de não entupir a casa. Nos dias da lavagem da roupa, ali a preta velha se installava e, por essas occasiões, servia tambem de deposito da roupa lavada, emquanto não chegava a noute, pelo menos.

Ora, todas as tardes por volta das Ave-Maria, a preta tinha a obrigação de encher a bacia e Marianna, antes de deitar-se e depois de fechadas a porta da rua e as janellas da frente da casa, tinha por costume banhar-se, fazendo-lhe a negra companhia, até que ella recolhia-se ao seu quarto. Pois, foi justamente o quintal e a hora do banho que a negra imaginou utilizar para se realizarem desassombradamente as entrevistas da senhora e do mancebo.

Si ella teve ou não reluctancias a combater, não sabemos; mas, é de crer que não, porque a menina tinha contra si dois inimigos intimos, poderosos e cheios de perfidias: o muito amor, que a dominava cégamente, e a nenhuma experiencia, que a deixava desarmada: duas cousas que por sua vez geravam uma outra—a confiança—que a não deixava ver o pe-

rigo, onde elle estava. O que é certo é que, noutes depois da primeira conversa na calçada, quando a menina, palpitante e desasosegada entrava para o quarto de banho, á cuja porta a negra sentou-se negligentemente, porém de todo vigilante, atravessava affoutamente uma baixa de capim da estrada de Fernandes Vieira e, á surrelfa, entrava pela cerca do quintal da casa do Caminho Novo o nosso heróe e se aproximava da janellinha do quarto, através da qual vira interceptar a luz, que allumiava-lhe o interior, o vulto gracioso da donzella.

Dahi em diante não se realisaram as entrevistas noutra parte ; mas, Eça de Mello começou a estudar o terreno com cuidado. Assim, começou a apparecer mais cedo do que a hora costumada e, occulto na sombra dos limoeiros da cerca ou atraz de alguma mouta de jurubeba, como um ladrão nocturno, punha-se a espreitar o apparecimento da moça, a sua entrada no quarto, o movimento da casa e verificou que era a scena invariavel... que, como se praticava em uma noute, se fazia em todas as outras.

Havia dez dias que Eça de Mello estava na cidade, e no seguinte devia partir para o enzenho, pois tinha ultimado os negocios de seu pae, e para demorar-se nenhum pretexto plausivel encontraria. Devia, pois, despedir-se da donzella, annunciando-lhe a ausencia momentanea, e para isto preparou-se. As entrevistas não tinham falhado uma só noute e durante ellas o rapaz conseguira estabelecer uma intimidade cada vez mais progressiva e perigosa. Marianna deixava-se conduzir ingenua e cegamente, na sua ignorancia absoluta do mal, e, si accaso tentasse recuar, allí estava a negra, o demonio familiar, desmoralizado pela escravidão e desmoralizador pela propria indole, para impellil-a para a frente, para dar-lhe o ultimo empurrão.

Assim, nessa ultima noute, quando a moça entrou no quarto e foi lentamente se dirigindo para a janella, parou de subito abalada, abafando com as mãos trémulas um grito de susto, que, mão grado seu, ia escapando-se dos labios. Eça de Mello estava sentado na marquiza, esperando-a um pouco pallido, commovido, mas fascinando-a com um sorriso.

—Ernesto !—murmurou a moça inebriada.

Eça de Mello levou um dedo aos labios, impondo-lhe silencio, ergueu-se de mansinho e pé ante pé foi fechar a porta com o ferrolho.

—Não precisa ;—disse a menina com doçura—Josephá está lá fóra vigiando.

Eça de Mello enlaçou-a com um braço, e tapou-lhe os labios com um beijo... um beijo humido e quente, que foi retribuido com usura.

—Venho despedir-me—sussurrou elle a seus ouvidos.

A menina dependurou-se nos seus hombros.

—Despedir-te?!...—ciciou ella com assombro, sentindo quasi fugir-lhe a cor das faces setinosas.

O mancebo enlaçou-a de novo nos seus braços, aconchegando-a docemente ao coração que pulsava com violencia desusada e de manso foi levando-a para a marquiza, onde fel-a sentar junto de si, ficando-se a contemplal-a com um olhar tão cheio de caricia, como ardente de volupias. Marianna vestia um penteiador branco de cassa, quasi transparente, através do qual se descobria a carnação esplendida do collo virgem, nesse momento palpitante e entunescido. Ao sentar-se, o vestido arregaçara-se um pouco, e, fóra da fimbria, repousava n'uma imperceptivel chinella de marroquim um pé arqueiado e delicioso, seductor na sua nudez, provocador na sua alvura. Eça de Mello sentia estremecimentos ininteruptos e Marianna sorria-lhe, sorria-lhe na candidez de sua innocencia, com a casta ignorancia da sua alma.

—Para on le vaes?—perguntou ella de repente.

—Para o engenho—respondeu o mancebo, devorando-a com o olhar

—Tenho tanta vontade de ver um engenho!—sussurrou ella com meiguice—é bonito?

—Muito.

—Muito?...

E a menina, n'um impeto de innocente faceirice, passou os braços pelo pescoço do mancebo, collou a sua face ás delle e ciciou-lhe ao ouvido docemente:

—Contigo deve ser mesmo um céu aberto.

Eça de Mello apertou-a pela cintura ao coração, n'um impeto de amor e collou nos seus labios de virgem inexperiente os seus labios sequiosos e ardentes. Foi um momento de delirio, de extase, de dor.

Quando tornaram a si, a negra batia a porta de mansinho, e chamava pela moça. Eça de Mello despedio-se apressadamente e retirou-se cabisbaixo.

Nessa noute não dormio e no dia seguinte partio para o engenho mais serio, mais grave, mais pensativo do que nunca.

IX

A existencia do moço senhor de engenho pareceu entrar, desde então, n'uma phase inteiramente nova para elle, como si no seu espirito se operasse uma transformação radical que influísse directamente em seu character. De grave e serio, que já era, tornou-se quasi sombrio : de severo no seu trato, tornou-se rispido e por vezes violento. Parecia desassocegado, inquieto ; procurava estar sempre em actividade, embora algumas vezes cahisse em longa abstracção e se ficasse horas e horas immovel, com o olhar pasmado, alheio a todo o movimento externo, como que olhando para dentro de si mesmo.

Estas modificações não escaparam a ninguem, e muito menos a seu velho pae, que de uma vez perguntou-lhe a queima-roupa :

—O que tens tu, rapaz ? estás doente ?

Eça de Mello sobresaltou-se de todo, desculpou-se como poude ; mas, dahi em diante começou a fazer esforços inauditos para occultar as preoccupações que o assaltavam, para reentrar no curso habitual da sua existencia anterior.

Faltava-lhe, porém, a antiga tranquillidade do coração, a antiga paz do espirito. Alma e coração estavam occupados com uma unica imagem, que lhe absorvia as faculdades. O mancebo já não podia viver sem Marianna : vê-la de novo, estreital-a de novo nos seus braços, fosse embora por um instante, era o unico e persistente desejo, que elle tinha. Não se demorou, pois, em satisfazel-o ; mas, como nenhum pretexto lhe occorria para ir á cidade e temia despertar suspeitas em seu pae, não trepidou em lançar mão de um meio fatigante, mas o unico que se lhe offereceu realisavel.

No domingo, fingindo uma visita ao engenho proximo, deu um salto até a cidade e fez chegar á moça uma carta apaixonada, transmittindo-lhe instrucções. Dahi em diante, em certas e determinadas noutes, depois de despedir-se de seu pae e recolher-se ostensivamente, sahia do seu quarto surrateiramente, servindo-se por vezes da janella, ia á estribaria, sellava elle proprio o seu cavallo, puchava-o pela arrea-ta até a porteira, para que o seu tropel não desse alarma, e, uma vez na estrada real, galopava loucamente á rédea solta, n'uma carreira vertiginosa, até a cidade. Entrava por um lanço abatido da cerca baixa de capim, amarrava o cavallo em qualquer parte e penetrava no quintal, depois de dar um

signal previamente combinado. Marianna, prevenida, esperava-o ansiosa e palpitante.

A realização dessas novas entrevistas impuzera, porém, uma modificação de hábitos, a que a moça sujeitou-se, sem prever o perigo a que se expunha e a grave responsabilidade que assumia. O mancebo não podia chegar ao quintal á hora habitual do banho, que era o pretexto plausível para a ida da moça áquelle logar. Só muito mais tarde poderia elle fazer acto de presença. Por isso, assim que o silvo agudo do signal combinado cortava o silencio da noite, a moça levantava-se, pé ante pé, do leito, onde nem sequer fechara os olhos, sahia do seu quarto com todas as cautellas, e pela porta da cosinha, a negra tinha o cuidado de deixar apenas encostada, corria ao encontro do amante.

Ora, esse viver, alternado de sustos e de prazeres, de commoções subitas, falta de descanso e cheio de constantes ansiedades, não podia deixar de influir poderosamente no organismo da moça, produzindo-lhe modificações visiveis e notaveis. E assim era, com effeito. Marianna transformava-se a olhos vistos, desenvolvia-se de um modo assombroso e o seu physico melhorava, adquirindo aquelle arredondado de contornos e de fórmãs, que completa a mulher, tornando-a mais formosa. Mas, ao mesmo tempo a sua physionomia adquiria uma certa gravidade, que não é o apanagio da criança, ao passo que os olhos tinham um olhar amortecido e languido, sem aquella assustada expressão de innocente curiosidade de uma alma ignorante, e as faces se cobriam de uma pallidez diaphana, mas nem por isso menos bellas. A par de tudo isto, de que afinal ella não tinha consciencia, Marianna começava a sentir uns soffrimentos que lhe produziam um mal estar indefinivel. Fallou diisto á escrava, sua confidente habitual, e a negra, levantando os hombros n'um movimento intraduzivel, respondeu-lhe, inspirando-lhe confiança :

—*Oxente, sinhasinha !* isso é nada ? Cousas que acontecem. O que Vosmecê não deve é dizer a Sinhá, que póde pensar logo que Vosmecê está doente de véras e botar a casa abaixo. Agora a seu moço Ernesto, sim, conte tudo que elle lhe dá logo o remedio.

Marianna retribuio-lhe o conselho com um sorriso e nem sequer pensou mais no que sentia.

Havia quatro mezes que as entrevistas nocturnas se succediam e que para o fim se amiudavam sensivelmente, quasi que se realisando todas as noutes. O estado morbido de Marianna accentuava-se de tal fórma, que já por duas ou tres vezes sua mãe lhe perguntara si estava doente. Durante esse tempo, seu pae tinha voltado á casa duas vezes, onde

se demorava muitos dias, e desde a primeira vez que vira a fillia, notara as modificações physicas e moraes que iam nella se operando, sem que lhes attribuisse outra causa senão, quanto ao physico, o seu proprio desenvolvimento natural, e quanto ao moral, o accrescimo da idade. Marianna rastejava aos dezeseite annos.

A Eça de Mello tambem não havia passado despercebida essa transformação, que aliás não lhe admirava, mas que entretanto, o enchia de pavor, embora tambem de uma alegria orgulhosa, cuja natureza exacta lhe seria difficil determinar. Em uma das entrevistas—a ultima—Marianna, por instigações da escrava, que já começava a ver muito claro e que tarde sentia o peso da sua cumplicidade, abriu de todo o coração ao seu amante, confessando os seus soffrimentos e não sabendo a explicação que lhes devia dar.

—Serio?... serio, não sabes o que tens?—perguntou-lhe o mancebo segurando-lhe nas mãos e sentando-a em seus joelhos.

—Não, Ernesto—respondeu ella ingenuamente se o soubesse não te pedia explicações. Já por vezes tenho querido dizel-o a mamãe, porém Joçepha me tem aconselhado a que não faça.

Eça de Mello empallidecera um pouco e ficara pensativo.

—Fez bem—retorqnio-lhe depois com gravidade carinhosa—nem lh'o digas nunca.

—Porque, Ernesto?... o que é que eu posso ter que mamãe não deva saber? Tens sempre uns mysterios commigo, ao passo que eu contigo não tenho nenhum. Ainda, outro dia, não me quizeste dizer onde ficava o teu engenho.

—Basta que o saibas quando fôres para elle.

—E irei?

—Sem dúvida... e muito breve. O que era até agora um desejo, de hoje em diante torna-se um dever.

O mancebo era sincero. Aquelles quatro mezes de convivencia e intimidade lhe haviam dado a conhecer a alma inteira da moça, lhe haviam revelado as qualidades excellentes do seu coração amoroso, puro e honesto. Tambem nelle se havia operado uma transformação benefica e profunda. A' proporção que o seu amor se desenvolvera, uma nova orientação encaminhara o seu espirito. As idéas e theorias dos seus companheiros de hospedagem, daquelles mesmos que o haviam impellido para aquella aventura, lhe appareciam sob o seu verdadeiro aspecto de hediondez e de immoralidade, e o movel que lhe guiara os primeiros passos envergonhava-o agora, como indigno e repugnante. De todos os sentimentos, que o tinham impellido, só um subsisti-

ra intacto e, por isso mesmo, cada vez mais fortalecido o arraigado : era o amor.

Já de ha muito que elle havia resolvido dar o seu nome, o seu verdadeiro nome, a Marianna. Era boa a sua familia, amava-o ; só tinha contra si a pobreza, que não era uma vergonha. Para realisar esse sonho, Eça de Mello só esperava uma oportunidade, contando, em sua cegueira, com a approvação de seu pae, que, afinal de contas, nenhuns motivos serios poderia ter para se oppor.

Por isso, quando, ás suas ultimas palavras, a moça ingenuamente perguntou-lhe porque o desejo transformara-se em dever, elle não hesitou mais um só instante e, por entre os carinhos mais ternos, disse-lhe tudo, tudo quanto era a verdade, tudo quanto ella innocentemente ignorava. Foi como se lhe rasgassem um véo espesso que até então estivesse envolvendo a sua alma.

A luz inundava-lhe deslumbradora e fascinante. Em um momento Marianna fazia-se mulher... Compreendeu tudo... tudo, e enquanto a innocencia lhe fugia espavorida, fugiam-lhe tambem a ignorancia, a inexperiencia e a confiança, como as sombras da noite espancadas pelo sol. Marianna encostou a cabeça ao seio do amante e, envergonhada, quasi cheia de um desespero que a acabrunhava como um remorso, chorou por longo tempo.

—Ah ! Ernesto ! Ernesto !—murmurava ella de vez em quando por entre as suas lagrimas—o que fizeste tu ?... o que vás pensar de mim agora ?...

Eça de Mello estremecia, máo grado seu, e consolava-a com um beijo. Quando elle se retirou, quasi pela madrugada, a alegria havia substituido ao desespero e os sorrisos da esperanza haviam enxugado as lagrimas da vergonha. O mancebo havia promettido uma reabilitação solemne, e, o que é mais, estava muito convicto que cumpriria a sua promessa.

Vio a moça sumir-se pela porta da casa, acompanhada pelo seu olhar amoroso e protector, exhalou um fundo suspiro de saudade, e então, só então, varou a cerca do quintal, entrando no capinzal a procura do cavallo. Estremeceu, porém, repentinamente, recuou no primeiro momento, mas, depois deitou a correr, desatou o cavallo, montou-o de um salto e partio a toda a brida.

E que apenas puzera elle o pé fóra do quintal, ouvira uma voz que bradava de um lado, a poucos passos de distancia :

—Quem está ahi ?

E ao mesmo tempo chegavam-lhe aos ouvidos outras vozes :

- E' ladrão ?
- Qual ! ha de ser o sujeito do cavallo.
- O namorado da visinha ?
- Ora ! ora !

Dêra-se um facto muito natural, e que nem Eça de Mello nem Marianna tinham previsto, quando ajustaram as suas entrevistas. A persistencia dos assobios, apezar da sua periodicidade, mas sempre a horas certas e em noutes determinadas, acabara por chamar a attenção da visinhança, despertando-lhe a mais viva curiosidade. Ao principio, haviam-n'o attribuido a signal de alfaiatores, e o medo demorou as consequentes averiguações. Depois, porém, não tendo apparecido roubo algum e, demais a mais, havendo as mulheres feito notar que o apparecimento dos assobios nos fundos da casa coincidia com o desaparecimento do rapaz na frente della, a curiosidade deu azas á coragem e alguns homens resolveram tirar o caso a limpo. Logo na primeira noute, em que se puzeram em campo, obtiveram o bom resultado de descobrirem o cavallo amarrado no capinzal e, ficando de alcatêa, foram testemunhas da retirada do rapaz. Nesta noite, porém, quizeram pregar-lhe um susto e o interpellaram daquella fórma, senão por instigação de qualquer bom sentimento, pelo prazer malicioso de lhe darem a entender que estavam senhores do seu segredo e, de alguma sorte, da reputação da pobre moça.

Com effeito, no dia seguinte, logo pela manhã, já ninguem da rua ignorava a aventura nocturna, commentando-a cada um a seu modo, alguns exaggerando, outros apparentando excessos de virtude, muitos bradando contra o escandalo, mas quasi todos, os rapazes e as raparigas principalmente, caremendo-se de inveja, intimamente furiosos por não serem os heróes e as heroínas.

A's oito horas, quando a negra velha voltou das compras, vinha sarapantada e cheia de terror. A voz publica tinha-lhe azoinado os ouvidos e os caixeiotes da venda proxima puzeram-n'a ao facto das oocurrencias, que eram a novidade alegre e escandalosa daquelle dia. N'um apice foi Marianna informada de tudo e o susto que teve só póde ser comparado á vergonha que sentio. Encerrou-se no quarto, pretextando uma enxaqueca e alli derramou copiosas lagrimas, tarde, bem tarde, reconhecendo o abysmo em que cahira.

Pelo dia adiante appareceu a visinha—a tal de que ella se temia—e as suas angustias redobram, principalmente, quando ella, levando a mãe para o fundo do quintal, começou a fallar-lhe com animação, embora em voz baixa e ares de mysterio, affectando interesse e indignação, acompanhado tudo por uns gestos expressivos, a que a boa da velha cor-

respondia com um espanto crescente, seguido logo de um abatimento convulsivo. Não havia que duvidar. A vizinha tornara-se o echo da rua e a pobre Marianna estava irremediavelmente perdida.

Com effeito, apenas a bisbilhoteira sahira, D. Carlota—chamava-se assim a mãe de Marianna—aproximou-se da filha e, sem poder conter a dolorosa commoção, que lhe fazia tremer a falla e o corpo, interpellou-a como mãe. Era uma natureza excessivamente bôa, nobre e resignada, sem forças para reagir, mas desde criança predestinada ao soffrimento. A moça cahio-lhe quasi aos pés... escondeu a fronte envergonhada no seu regaço maternal, e, por entre os soluços mais angustiados, confessou o seu amor... confessou todo o seu crime.

A pobre mãe, apertando-a ao seio, chorava com ella e sobre ella. Mas, de repente, as lagrimas cessaram, o doce aperto enfraqueceu, e Marianna ergueu os olhos para sua mãe, procurando-lhe nos labios uma phrase, buscando-lhe nos olhos um perdão.

A pobre velha tinha desmaiado.

O pae de Marianna estava ausente : havia partido para uma das suas excursões costumadas, mas desta vez a sua demora se prolongaria mais do que das outras, conforme tinha anunciado, porque pretendia visitar os sertões da Parahyba e do Ceará, afim de tornar mais lucrativa a sua exploração.

A bôa d. D. Carlota, pois, não tinha sequer com quem aconselhar-se. A dor immensa que sentira, ao ouvir a confissão plena da filha, ao medir as profundezas do abysmo, em que ella inexperientemente se havia despenhado, assoberbara-se tanto que a fizera perder os sentidos... Tornando a si, porém, sobrepujara a todas as suas angustias o excessivo amor de mãe, encherá-lhe o coração uma piedade sem limites, a dor em vez do desespero, a pena em vez do odio, a bondade natural em vez das maldições.

Tocante quadro então o dessa mãe e dessa filha que confundiam as suas lagrimas e agonias, uma cheia de arrependimento e a outra cheia de amargura ; ambas de remorso, a filha por não ter sabido defender-se, a mãe por não ter sabido vigiar !

Cessada, porém, a primeira impressão dolorosa, sobrevinda a calma, si calma podia sobrevir após da revelação de tão lastimosos acontecimentos—entre a mãe e a filha estabeleceu-se um longo dialogo, interrompido umas vezes por largos silencios expressos e outras por soluços impossiveis de ser suffocados.

A pobre mãe pedia que as informações fossem completas ; procurava assim uma esperança a que apegar-se : e a filha, confiante e cheia de sinceridade, lhe dizia tudo o que sabia, na sua confiança e lealdade, chegou mesmo a mostrar a mãe as cartas do mancebo.

—Bem vê, mamãe—disse ella com ingenua expressãõ de confiança—o Sr. Ernesto ama-me com todas as forças da sua alma, não me occultou nada do que dizia respeito a sua familia e a sua posição ; é um moço serio, incapaz de me illudir.

—E comtudo... deshonrou-te... deshonrou-nos a todos, minha filha !—observou a pobre mãe n'um tom amargo, que doia.

—Ah !... mamãe !... mas prometteu-me hontem que eu havia de ser sua mulher...

—Deus o permitta, filha !—tornou a pobre velha a lhe dizer no mesmo tom.

—Jurou que ia pedir o consentimento de seu pae, e que só voltaria cá para pedir a minha mão.

A infeliz mãe envolveu a filha n'um longo olhar de amor, através do qual se percebia facilmente mais a mágoa de uma illusão, do que o bruxoleiar de uma esperança... Contudo, nada disse desta vez, e, no seu silencio angustioso, elevou o espirito a Deus, implorando-lhe da sua misericordia, que aquelle juramento fosse uma verdade, que aquelle compromisso tivesse um desempenho.

As suas providencias então limitaram-se ás mais rigorosas medidas de vigilancia—de uma vigilancia tardia embora, mas em todo caso efficaz, para que não se reproduzissem as escandalosas entrevistas, já agora compromettedoras para o credito de todos. Dahi em diante, pois, si Eça de Mello tivesse occasião de penetrar no quintal da casa, debalde teria dado o signal convencionado. Marianna, aiuda que o quizesse, não poderia ir mais ao seu encontro.

Mas, Eça de Mello nem sequer podia affastar-se do engenho... por muito tempo mesmo é provavel que não pudesse apparecer. Além da certeza que tinha de que fôra descoberto, o que lhe impunha a necessidade de abster-se das entrevistas como medida de cautela, acontecia que pelo engenho lhe tinham as cousas corrido ás avessas, e elle se achava, com relação ao pae, bastante comprometido.

Foi o caso que ao voltar para casa, Eça de Mello, desorientado pelo que lhe havia succedido, esqueceu-se totalmente das precauções que costumava tomar todas as madrugadas e só parou a carreira desenfreiada e vertiginosa do cavallo, quando se achou á porta da estribaria. A demora que tivera na entrevista, maior que todas as outras, fez-o voltar para o engenho muito tarde. Quando apeiou-se, as barras vinham rompendo, e elle, para escapar ás vistas do pae, que tinha o habito de madrugar, mal teve tempo de galgar a janella de seu quarto e mudar a roupa, que trazia.

O pae ouvira o tropel desenfreiado, quando appareceu na varanda inquirio do que se havia passado e foi pessoalmente a estribaria verificar a verdade do occorrido. Ahi soube pelo estribeiro das sahidas nocturnas, periodicas ao principio, quotidianas agora, de seu filho e vio o cavallo, escorrendo em suor, arfando de cansado.

Não indagou mais nada: mas, profundamente irritado retirou-se para casa. Onde ia o filho? o que ia fazer? Afinal, elle era um homem e não podia ser tratado como se fosse uma criança; mas contrariava-o o seu procedimento, contrariava-o por mysterioso e irregular. Era preciso em todo caso dar-lhe uma lição. O velho passeiou durante al-

gum tempo pela varanda, e de repente mandou chamar o feitor, parecendo ter tomado a sua resolução.

Uma hora depois, quando Eça de Mello appareceu ao lado de seu pae e ia beijar-lhe a mão como si houvesse acordado naquelle instante, um espectáculo estranho e barbaro se lhe offereceu aos olhos no terreiro do engenho. Sobre o lastro de um carro estava amarrado o escravo que servia de estribeiro, nú da cintura para cima e o feitor de azourraque em punho se aprestava a surral-o sem piedade.

Uma nuvem escura passou pelos olhos do maucebo e afigurou-se-lhe que o misero estribeiro ia apanhar por sua causa.

—O que é isto, meu pae?—perguntou elle admirado, e tinha razão para isto, pois os castigos eram rarissimos no engenho e esses mesmo nunca haviam passado de algumas palmatoadas.

—E' o que estás vendo : um castigo e um exemplo.

Nisto o feitor, voltou-se para o senhor do engenho e perguntou-lhe :

—Quantas, Sr. major ?

—Duzentas—respondeu o velho com laconismo e naturalidade.

Eça de Mello deu repentinamente um passo para a frente e bradou para o carrasco :

—Espera.

O pae franzió a testa e encarou o filho com arrogancia. Este approximou-se-lhe commovido.

—Porque mandou castigar assim aquelle preto? o que fez elle ?

O velho encarou-o de novo com severidade e respondeu-lhe lentamente :

—Não cumpre as minhas ordens ; illude a minha confiança ; falta completamente ao seu dever.

—Isto é muito vago, meu pae.

—Queres mais ainda ? o que ha que mereça mais punição do que o não cumprimento do dever ? o que ha de mais grave do que o abuso de confiança ?

Cada uma destas palavras era uma setta que ia direito ao coração de Eça de Mello.

—Mas em todo caso...—balbuciou elle—deve haver um facto positivo.

—E ha—retorquiu o pae com inaudita severidade—aquelle patife, em quem deposei tão mal a minha confiança, não fecha a estriberia com o devido cuidado, de fórma que não sei que moleque insolente, mal creado e atrevido, todas as noutes tira um cavallo e anda a espernear nelle não sei por onde.

Eça de Mello empallideceu subitamente. Conheceu que seu pae sabia muito, mas suppoz que não soubesse tudo. Occorreu-lhe desde logo que o estribeiro, por dedicação por elle, não o houvesse denunciado, tanto mais quanto o pae continuou no mesmo tom :

—E aquelle biltre sabia-o, era connivente na bandalheira, e não me deu parte desde logo. Ainda hoje fui encontrar o teu cavallo que era uma lastima... hoje foi o teu, amanhã seria o meu.

E, voltando rapidamente para o feitor, fez-lhe um signal. O carrasco ergueu o azourraque e vibrou-o no ar para descarregar o golpe barbaro. Mas o braço ficou-lhe levantado e o instrumento do supplicio foi-lhe arrebatado com violencia. Fôra Eça de Mello que se precipitara da varanda como um raio e sobrestara ao vilipendio.

O velho senhor do engenho não disse uma palavra. Firmava as mãos na balaustrada impassivel e severo, como esperando pelo final daquella scena. Eça de Mello aproximou-se delle respeitoso e submisso.

—Perdõe, meu pae—disse elle com voz supplice.

—Perdõe a quem?—perguntou o velho com sobranceira.

—Ao escravo. Si alguém merece o castigo, seja eu o castigado—respondeu o mancebo com uns laivos de nobreza e de indomável commoção.

—Tu?... porque?

—Porque elle não fez mais que obedecer-me; quem sahia a cavallo era eu.

O velho major estava satisfeito e intimamente se alegrava; teria dado um abraço no filho, si não temesse derrogar da sua autoridade de pae e da sua severidade de juiz. Reprimio, portanto, a sua impressão e durante um minuto mediu o filho de alto abaixo. Depois mandou soltar o estribeiro e ordenou-lhe, quando elle se retirava cabisbaixo:

—De hoje em diante quando fechares a estribaria, á noite, traze-me a chave.

E retirou-se, accrescentando, como se fallasse comsigo mesmo:

—Já que o Sr. meu filho dá máos exemplos, é preciso que eu, por mim mesmo, monte guarda.

Esta scena causou uma impressão dupla em Eça de Mello: cerceava-lhe os meios de ir á cidade e difficultava a conferencia, que tencionava ter com o pae a respeito do seu casamento.

Como sahir-se agora? como encetar uma conversação escabrosa, quando o animo de seu pae se achava prevenido, de alguma sorte, contra elle? Eça de Mello dava tratos

á imaginação e não encontrava uma sahida. Era preciso, pois, dar tempo ao tempo e deixar que passasse aquella nuvem. De mais a mais, elle trataria de fazer desaparecer a prevenção pelo seu procedimento regular, d'ora em diante irreprehensivel e bem pautado. Quanto a Marianna, que talvez estranhasse a sua ausencia, elle deixara-lhe muita esperanza no coração para que ella pudesse perder a paciencia, dera-lhe a sua fé, e os dissabores do momento seriam largamente compensados pela alegria de que elle seria portador, quando fosse pedir aos paes della a consagração do seu amor, que seria a consagração da sua felicidade.

Esperou, portanto, e deixou que os dias se passassem, seguindo á risca o seu programma. O pae observava-o a sorrir e intimamente se admirava do procedimento d'elle sem, contudo, lh'o dar a perceber. A confiança foi se restabelecendo pouco a pouco, até que as relações entre elles dois voltaram de todo ao estado primitivo. A chave da estribaria, porém, continuava a dormir em poder do velho, e Eça de Mello não se achava com a coragem precisa para entrar no assumpto melindroso, que fazia o objecto de todos os seus pensamentos e desejos.

Assim passaram-se mezes e o que mais affligia o mancebo era não ter noticias de Marianna. Arrependia-se então de não lhe haver revelado em tempo o seu verdadeiro nome e como se chamava o seu engenho. Assim, ao menos, a moça poderia lhe escrever.

E os mezes passavam-se sem trazer uma solução. Cada noite o mancebo deitava-se no proposito firme de encetar a companhia no dia seguinte... cada dia acordava firme em seu proposito; mas, chegado o momento, sentia-se sem coragem e recuava, ou porque um acontecimento qualquer, insignificante ás vezes, se mettia de perneio, ou porque o atemorizava o aspecto severo e sombrio de seu pae.

Um dia, finalmente, ao almoço, a occasião pareceu-lhe favoravel. O velho estava de bom humor e, voltando-se de repente para o filho, interpellou-o com um sorriso imperceptivel, mas alegre e cheio de malicia:

—E' preciso fazer andar o teu cavallo, rapaz; está engordando de mais e enchendo-se de manhas na estribaria.

Eça de Mello corou ao de leve, respondendo ao pae com um sorriso.

—Vosmecê ainda não se esqueceu dos meus passeios, que tanto lhe desagradaram—disse elle se zinjando.

—Desagradaram-me, sim—confirmou o velho seriamente—não porque não possas ou não devas passeiar... não tens cavallo para outra cousa; mas, porque eram mysteriosos, ás escondidas, o que indica que não tinham um bom fim. Só se occulta aquillo que não é licito, nem honesto.

Eça de Mello revolveia o garfo entre os dedos e sentia-se indeciso. Devia, porém, aproveitar a occasião... que diabo! afinal de contas, elle era um homem.

—Já que tocou nisto, meu pae—disse elle com respeito—quero fallar-lhe com franqueza e ao mesmo tempo pedir-

lhe a sua opinião sobre um assumpto que de veras me interessa.

—Então vamos a isto ; mas, começa pelo assumpto, porque dos teus passeios não quero saber nada. E's um homem, recebeste uma soffrível educação, tiveste sempre ante os olhos os melhores exemplos de virtude, por consequencia deves saber proceder como convém. Vamos lá ao assumpto.

—Meu pae disse que eu era um homem...

—De certo ; da tua idade já eu estava casado e tu tinhas nascido.

—Neste caso, meu pae, julga que não seria desarrazoado para mim pensar n'um casamento ?

—Até me admiro de que já o não tenhas feito, porque afinal de contas, nem o homem nem a mulher nasceram para ficar solteiros. Acho, pois, muito razoavel que penses em casar. E' até um meio—acrescentou sorrindo benevola e maliciosamente—de acabar com passeios nocturnos cheios de mysterios e... de perigos.

O mancebo julgou prudente sorrir-se e não dar outra resposta. O velho proseguio com alguma volubilidade e bom humor. Nas suas horas de expansãc era um conversador interminavel :

—Tens uma porção de noivas a escolher, cada uma das quaes não te fará beicinho algum. Em primeiro lugar temos as filhas do major Tonico... são bonitinhas e bem educadas, verdade é que não me parecem lá muito boas donas de casa. Preferem viver na cidade e consta-me que, por lá, não saiem dos theatros e dos bailes. Com franqueza, nenhuma dellas te convém.

—De certo—repondeu o mancebo concordando—uma mulher modesta e simples...

—E' um anjo que cahe do céo, assim uma mulher como tua mãe... Mas continuemos a nossa revista : temos a filha do *Sinhósinho* Bezerra... O que dizes a esta ?... heim ?

—Não sympathiso com ella, meu pae.

—Pois é um bom partido ; filha unica e uma fortuna solida. Não é lá muito bonita... mas o que é a belleza ? um accidente da natureza... como veio, póde ir. Mas fica a fortuna...

—Que póde ir-se tambem.

—Si não a souberem zelar. Mas tu és um rapaz de juizo, bem educado...

—Não me serve, meu pae ; a filha do *Sinhósinho* é muito feia—interrompeu Eça de Mello rindo com franqueza.

A conversação animava-se e ia tomando um tom de intimidade, que muito lhe agradava por facilitar-lhe o meio de patentear as suas intenções.

—Temos mais—proseguiu o velho, voltando os olhos para o tecto como se invocasse a memoria ou lesse alli os nomes das raparigas casadoras—as filhas do tenente-coronel Maximo... a do Dr. Scipião... a neta do velho Fulgencio... isto para não sahir da nossa vizinhança... E' pena que a D. Ursula já se tenha casado... porque, si formos aos engenhos mais distantes, ha as duas filhas do Sebastião Britto, as tres do coronel Tiburcio, a do major Aleixo...

A cada nome, Eça de Mello abalava a cabeça negativamente, até que o velho o percebeu e exclamou sem acrimonia :

—Oh ! rapaz ! és difficil de contentar... Pois não te tenho indicado senão boas familias e boas fortunas.

—E' que eu já fiz a minha escolha...—animou-se o manco a dizer.

—Ah !—murmurou o pae cahindo em si.

E accrescentou logo com vivacidade :

—Comtanto que não seja alguma das filhas do Tenorio... E' bom homem, mas a mulher é neta de uma escrava e as moças não são brancas...

—Tambem não é nenhuma dellas, meu pae.

—Ainda beni !—respirou o velho, que era ainda muito proximo representante do carrancismo e estava, por isso, eviado de toda a casta de preconceitos.

—Trata-se de uma moça de boa familia residente na cidade...

—Na cidade ?... moça da cidade ? deve ser má senhora de engenho.

—Filha de um antigo empregado publico...

—Isto é : filha de um mendigo—interrompeu o velho um pouco vivamente—de um mendigo que aluga ao governo, a troco da esmola de um emprego, a intelligencia, a actividade, a independencia, o character, a dignidade e até a propria honra.

—Não, meu pae ; nem todos. Este, por exemplo, foi demittido por politica, por ser adversario do governo, adversario franco, digno e intransigente.

—Além de mendigo, tolo. Quem se aluga não tem opinião ; quem recebe um salario come-o calado. Aposto que é pobre ?

—Com effeito, é pobre... muito pobre mesmo.

—Pobre ! bonito dote !—exclamou o velho estomagado—que diabo queres tu fazer com uma mulher pobre ?

—Não somos nós bastante ricos ?

—Pois ahi é que está o perigo. A pobre deve casar com o pobre, meu senhor ; e o rico com a rica. O casamento não é mais do que a somma de duas parcellas, de duas unida-

des... a unidade homem e a unidade mulher. A riqueza e a pobreza são duas cousas heceterogeneas e duas cousas heceterogeneas não se sommam.

O raciocinio não era dos melhores e o mancebo poderia ataca-lo com vantagem ; mas, continha-o o respeito, além do caminho que a conversação ia tomando.

—Mas, meu pae—objectou o rapaz com algum esforço — si á essa unica qualidade toda fortuita e accidental corresponderem qualidades superiores e excellentes de coração... qualidades moraes e intellectuaes...

—Tá ! tá ! tá !... Qualquer elogio é suspeito em tua bocca !... Uma esposa pobre, Sr. meu filho, é um perigo n'uma casa rica. E' o mesmo que um esfomeado diante um banquete opiparo ; ou arrebenta logo no principio de uma indigestão, ou come tudo. Ora fosses tu te casar com uma moça pobre, qual seria o resultado infallivel ? Ella, como sempre tinha sido pobre, não gosara a vida e por isso quere-ria gosar... gosar lá a seu modo, ao modo das mulheres, com o luxo e com os desperdicios, com as festas e com a ostentação. Ao principio, cego pela paixão, tu irias fazendo-lhe as vontades e abrindo estonteadamente os cordões da bolça, depois farias por habito, ou por vicio, o que até então fizes por amor, e mais tarde fal-o-hias até por medo, de fórma que, no fim de certo tempo, quando procurasses pela fazenda, estarias tão pobre, depois de casado, como o estava ella antes de casar-se.

O velho levantou-se ao dizer estas palavras, e, fitando ainda uma vez o pobre Eça de Mello, o fulminou com esta ultima ironia :

—Ora, Sr. meu filho ! sempre pensei que tivesses mais juizo !

E deu-lhe as costas com escarvinha irritação, fingindo não reparar que deixava Eça de Mello completamente aniquillado.

Dahi em diante o moço senhor do engeuho começou a notar que estava submettido á uma vigilancia excepcional e tão rigorosa que não lhe deixava uma só brecha, através da qual lhe fosse possível pôr os pés em ramo verde.

A opposição peremptoria de seu pae cahira-lhe sobre o peito como um peso esmagador, resoara-lhe n'alma como uma sentença do destino. Mas, por isso mesmo, o seu amor não succumbira, redobrara de violencias, haurira da contrariedade novas ancias, nova força e cravara-lhe mais fundo no coração as suas raizes, como si assim quizesse resistir melhor tentativas de arrancar-o.

Ao soffrego desejo, porém, faltava o alimento material e indispensavel. As doces e amorosas entrevistas estavam interrompidas, senão para sempre, sabia-o Deus porquanto tempo. Demais, o que iria o mancebo annunciar agora á sua amante nessas entrevistas senão uma amarga desillusão, a morte das esperanças que lhe havia dado, a vergonha do não cumprimento da sua palavra? A fallar a verdade, era isto o que mais o incomodava, torturando-lhe o espirito, a consciencia da sua propria nullidade moral diante da energia voluntariosa de seu pae.

O que era elle afinal? um homem sem alvedrio, uma criança de barbas, incapaz da mais insignificante reacção, pobre boneco racional que até para cumprir o seu dever precisava que lhe dessem permissão.

Tinha então assomos de revolta, mas assomos silenciosamente tempestuosos, tão depressa apparecidos como combatidos pela propria razão e pelo sentimento filial, que se transformara nelle n'uma veneração religiosa, tradicional e inabalavel. O que fazer, portanto, senão esperar com paciencia que o tempo—esse eterno resolvente dos mais arduos problemas—trouxesse as suas naturaes modificações e lhe proporcionasse um novo ensejo para outra vez ferir batalha e alcançar uma victoria? Tinha confiança cega no amor de Marianna para receiar por parte della o esquecimento, e todos os dados para saber que seria impossivel a indifferença. Como elle esperava, tambem ella esperaria. Nesse interim, porém, o que aconteceria á pobre moça? Pelo que ella lhe dissera a respeito de seus paes, tinha absoluta certeza da sua bondade natural, dos seus habitos de resignação, e d'ahi sobreveio-lhe uma tal ou qual tranquillidade, tranquillidade

que seria completa si elle pudesse satisfazer as suas ancias de noticias, de par com os seus anhelos de paixão.

Mas, era forçoso resignar-se ás circumstancias e elle se resignava, tanto inais quanto era-lhe materialmente impossivel proceder de outra maneira. Seu pae o sitiava de tal fórma, levava tão longe o systema de segregação e vigilancia, que, tendo por duas vezes necessidade de ultimar negocios na cidade, não lh'os commettera, como fôra sempre seu costume, mas por si mesmo se encarregara delles, sem ao menos consultal-o.

Sobreviera depois o tempo da safra ; o engenho começou a sua moagem e o accrescimo de trabalho, absorvendo-o dia e noite, impedia ainda que Eça de Mello dêsse pasto aos seus desejos. E assim ainda iam-se os dias accumulando, sem que elle soubesse o que era feito de Marianna, sem que mesmo pudesse empregar os meios necessarios para fazer chegar-lhe sequer noticias suas. Passou-se assim todo o mez de Janeiro, seguio-se-lhe o de Fevereiro e o de Março começara... Faziam já sete mezes que Eça de Mello não ia á cidade, sete mezes que não via a sua amante e começava então a impacientar-se, sem que, comtudo, dêsse disto a menor mostra, tendo ao contrario apparentado systematicamente a maior indifferença. A sua apparente imperturbabilidade, a frequencia cuidadosa ao trabalho, emfim, a regularidade do seu proceder e a calma, de que soubera revestir-se, acabaram por illudir seu velho pae restituindo-lhe ao animo a anterior tranquillidade. O velho pensou de si para si que a lição havia aproveitado e que o filho, sem paus nem pedras, se havia totalmente curado da sua paixão desarrazoada e, para elle, funestissima.

Estava-se quasi no fim da safra ; tinham sido feitas as grandes remessas de assucar para a cidade e era indispensavel, além disso, que alguém fosse ultimar com o correspondente certos negocios, que estes senhores têm sempre a habilidade de tornar interminaveis. O velho senhor de engenho mandou então o filho.

Em sua presença Eça de Mello conteve a sua alegria, mas apenas vio-se em caminho deu-lhe a expansão, que é facil conceber. Eça de Mello, chegando á cidade, procurou immediatamente o correspondente, mas apenas teve uma folga encaminhou-se apressado e commovido—commovido como nunca—para o Caminho Novo. A' proporção que se approximava do término da sua excursão, palpitava-lhe o coração com mais açodamento e phantasiava-lhe o espirito alegre surpresa que ia fazer e que ia ter.

Emfim, entrou na rua, avistou a casa de Marianna, e, extremamente pallido, levou as mãos ao peito, que comprimio

impondo-lhe tranquillidade e paciencia. Não notou, porém, uma circumstancia que lhe pareceria estranha e compromettedora.

Apenas apparecera, os caixeiros da venda da esquina se haviam entrecolhado com maliciosa zombaria, e depois, sorrindo, tinham ido para a porta de onde o observavam cochichando n'um tom de chocarrice. Ao mesmo tempo, diversas cabeças femininas assomavam nas janellas, e olhares de animosidade o seguiam com menos curiosidade do que satisfação. De algumas casas para outras se haviam estabelecido dialogos em voz baixa, n'um tom mysterioso, accentuados por gestos e olhares de condemnação e de despeito. De alguns labios partia unicamente uma pergunta, mas uma pergunta que significava muita cousa :

—E' aquelle ?

A que outros labios respondiam com uma affirmação desdenhosa ou displicente :

—E' elle mesmo ; assim que o vi, conheci-o logo... O sem vergonha !

—O descarado !...—acrescentava uma matrona, mettida entre duas filhas chloroticas e sardentas—e ainda tem coragem de passar por aqui... Entrem, meninas, entrem, que aquillo não é homem para quem se olhe.

Ao que outra velha visinha retrucou com um muchocho :

—Ninguem diria ! com um ar tão serio e tão grave !... Parece até homem de bem !... cruzes ! credo !

As moças, essas, não cessavam de olhar Eça de Mello, de analysal-o, de quasi envolvel-o n'um véo de sympathia, apezar do côro de maldições que o acompanhava, apezar do escandalo que a sua presença provocava.

Mas, como dissemos, Eça de Mello não se apercebera dessa impressão, que inconscientemente provocara, e proseguia o seu caminho, cada vez mais commovido, cada vez mais esperançoso. Ao passar pela casa da moça, confrangeu-se-lhe o coração... Vio caras desconhecidas á janella, notou na sala disposição de trastes novos, differente. O que queria dizer aquillo ? Uma contracção dolorosa apertou-lhe o coração e um tumulto de pensamentos negros e sinistros invadio o cerebro como um turbilhão de poeira subtil que invade um templo. Teria morrido Marianna ?

Eça de Mello, estonteado volveu os olhos ao redor e deparou com dois olhos que o fitavam rancorosos... voltou-se para o outro lado e surprehendeu uma mulher que fazia signaes para defronte... O que queria dizer aquillo ? Tomou então uma resolução suprema e heroica. Atravessou a rua e parou á porta de uma casa, onde uma mulher de meia ida-

de apparentava indiferença, ñem sequer olhando para elle. Dirigio-se a ella affoutamente :

—Minha Senhora, póde dar-me uma informação de que necessito neste momento ?

—A mulher olhou para elle, fazendo um momo visivel de enfado, mas não respondeu-lhe cousa alguma. Eça de Mello fez que não percebera o movimento nem a expressão, e continuou dando á sua voz um tom insinuante, apezar da commoção persistente que a tornava trémula, hesitante, e um pouco surda :

—Póde dizer-me si a familia que morava alli, a Sra. D. Carlota e sua filha D. Marianna...

—Mudaram-se !—respondeu a mulher com muito máo modo e fazendo um movimento para retirar-se.

—Perdão !...—murmurou o mancebo supplicante—uma palavra ainda ; sabe para onde se mudaram ?

—Não, Senhor—respondeu a mulher rispídamente—sahiram sem se despedirem de ninguem... foram esconder a sua vergonha onde quizeram.

E, assim concluindo, retirou-se definitivamente para dentro de casa, batendo a rótula com violencia, mesmo na cara do mancebo. Eça de Mello nem sequer percebeu a ma-creação insolente e voluntaria... De tudo só lhe impressionara uma cousa : Marianna já não estava alli... mudara-se... desaparecera ; estava perdida para elle.

Eça de Mello baixou a cabeça como sob uma sentença fulminante e, lentamente, muito lentamente, qual si em cada uma das pedras da calçada deixasse pedaços da sua alma, se affastou daquella rua, onde suppuzera encontrar a felicidade, mas onde realmente semeara o infortunio e via em seguida naufragar todos os seus primeiros sonhos.

O que teria sido de Marianna ?

Era a idéa que, dahi em diante, deveria preoccupar o pobre moço. Mas, como obter informações ? Como chegar a um resultado ? Eça de Mello tentou ainda algumas indagações. Lembrou-se da venda, que é sempre um logar onde de tudo se falla, tudo se sabe e tudo se diz, entrou desassombradamente e reiterou as suas perguntas. As respostas foram as mesmas, salvo um novo esclarecimento, que em nada adiantava aos desejos do rapaz, embora muito contribuisse para augmentar-lhe as amarguras.

O pae de Marianna havia fallecido e fôra depois disto que a familia se havia mudado da noite para o dia, sem dizer, entretanto, para onde. Eça de Mello estava na mesma e retirara-se para a casa do correspondente, acabrunhado, inquieto e com a consciencia carcomida de remorsos.

A' noite, os rapazes, inquilinos do segundo andar e seus

companheiros de dormida, fizeram-lhe mil festas pela sua presença, admirados da longa ausencia, a que não estavam habituados. Encetaram-se as palestras do costume e veio á baila o antigo namoro do mancebo, ao qual aliás não ligavam elles importancia.

—Pretende reatal-o?—perguntou um dos rapazes mais estroina.

—Não—respondeu Eça de Mello com esforço.

—Então não foi ainda ao Caminho Novo?

—Não—tornou a responder o rapaz laconicamente.

Nisto acercou-se delle um daquelles, que o tinham levado lá, e, batendo-lhe familiarmente no hombro, observou com voz um pouco concentrada:

—E faz bem, meu amigo... pois parece que as cousas por lá tiveram consequencias desagradaveis, que poderiam ser furestas para o Senhor, si o Senhor não tivesse tomado os nossos conselhos e procedido, portanto, com cautela.

Eça de Mello comprehendeu que o rapaz sabia mais do que dizia, e afigurou-se-lhe que poderia obter delle as informações, de que tanto precisava. Chamou o companheiro para o vão de uma das janellas e, confiadamente, longe dos outros, interrogou-o com insistencia. Infelizmente, as informações que o rapaz lhe ministrou não puderam adiantar cousa alguma sobre o objecto principal das suas indagações. Elle proprio ignorava que a familia de Marianna houvesse se mudado. Entretanto, contou-lhe um episodio, cujo conhecimento cahio n'alma do mancebo á semelhança de um ferro em braza, produzindo-lhe uma impressão dolorosissima.

Voltemos, pois, á Marianna, no momento em que a deixamos para acompanhar Eça de Mello e, reatando o fio dos seus soffrimentos, continuemos a sua pungente historia, durante a qual diremos o episodio a que o moço caixeiro referio-se.

XIII

A dôr não pôde subsistir perpetuamente, por mais profunda e legítima que seja ; necessariamente, tem os seus momentos de tregoa, embora não passem estas de uma verdadeira calma entre duas tempestades. Depois das grandes emoções por que haviam passado, as duas creaturas, mãe e filha, sobre as quaes pesara tão fatalmente o destino crudelissimo, tinham voltado para ellas senão dias de calma e de socego, pelo menos horas menos amargas, porque as alentava um tenue sopro de esperança. Marianna tinha confiança, cria cegamente nas promessas do amante e D. Carlota, mais para não augmentar-lhe a magôa do que por outra cousa, apparentava igual sentimento, fingia compartilhar das mesmas esperanças.

No seu intimo, porém, a illusão não ia muito longe. Por tantas vezes já, tinha sido victima da sorte, que não lhe parecia natural que ella a poupasse desta feita. Em muitas occasiões quedava-lhe a olhar para a filha com uma ternura, cheia de agonias, e sentia os olhos marejarem de lagrimas, sem que ella as pudesse conter ou disfarçar.

De uma destas vezes—já se tinham passado muitos dias depois da confissão da pobre moça—vendo sua mãe n'uma daquellas especies de extasis doloroso, Marianna perguntou-lhe docemente o que sentia, o que pensava. D. Carlota exhalou um profundo suspiro e respondeu pausadamente :

—Pensava em ti, minha filha ; pensava em que os dias vão passando e que o homem que jurou rehabilitar-te não apparece, nem sequer dá signal de si.

A mesma idéa já havia occorrido muitas vezes á infeliz moça, e por isso não respondeu ella cousa alguma. Sentio a justiça da observação e inclinou tristemente a cabeça para a costura—uma costura caprichosa e delicada, que lhe lembrava a cada passo a sua desventura.

Os dias, pois, das duas infelizes creaturas passavam-se agora n'uma alternativa de tristeza e de esperança, a que cada noute vinha trazer um desengano. Um dia chegou á casa uma carta do pae de Marianna, annunciando o seu proximo regresso. Si foi grande o alvoroço de D. Carlota, que iria em breve ter a quem pedir guia e conselho, foi enorme a angustia da pobre moça, cujo estado seria já difficil esconder. Si ao menos, a par do seu delicto, ella pudesse tambem apresentar a certeza da sua rehabilitação !... Mas o

amante não voltava ; as esperanças iam-se esvaecendo e a confiança se sentia abalada cruelmente.

Estava-se em fins de Outubro ou principios de Novembro. Marianna passara uma noite attribulada e angustiosa ; ou perseguiram-n'a as insomnias, acompanhadas dos mais sombrios e sinistros pensamentos, ou martyrisaram-n'a os mais extravagantes e horrorosos pesadelos. Amanhecera, pois, alquebrada, nervosa, cheia dos mais tristes e cruéis presentimentos. Era um domingo e ella sentara-se na sala da frente a confeccionar umas camisinhas de criança, ao mesmo tempo que elevava o pensamento até o seu amante e cogitava nos meios de lhe fazer chegar noticias suas ao passo que delle obtivesse algumas igualmente.

De repente vio uma sombra projectar-se na parede... o coração palpitou-lhe com violencia e ella precipitou-se loucamente para a janella. Si fosse Ernesto !... Mas não ! não era elle ; era um dos rapazes, que o tinham acompanhado quando elle pela primeira vez por alli passara.

Occorreu-lhe de subito uma idéa, que ella immediatamente pôz em pratica. Aquelle rapaz era sem dúvida um amigo do amante. Marianna não pensou no que poderia haver de extraordinario e estranho no seu procedimento ; chamou o rapaz e rogou-lhe instantemente que entrasse. Elle, ainda que um pouco admirado, accedeu ao convite e preparou-se para qualquer surpresa, que por ventura lhe houvessem de fazer. D. Carlota veio para a sala, a chamado da filha, e entre os tres estabeleceu-se logo a conferencia.

—Desculpe-me tel-o chamado—disse a moça não já com acanhamento, mas com uma certa animação, que lhe fizera subir o sangue ás faces habitualmente pallidas e descarnadas —mas o Senhor é a unica pessoa que nos pôde dar as informações de que necessitamos.

—Sendo assim, minha Senhora—respondeu o rapaz amavelmente—dou-me por muito feliz em poder prestar-lhes qualquer serviço, e estou ás suas ordens.

A fallar verdade, o rapaz não podia atinar ainda com o que se tratava, e, ao passo que fallava, admirado e surpreso pela mudança que notava na physionomia da moça, lançava-lhe um olhar interrogativo e inquisidor. Mas em poucas palavras, Marianna pôz-lhe ao facto mais ou menos da situação.

—O Senhor não é amigo do Sr. Ernesto Flores ?—perguntou ella em seguida.

—Ernesto Flores ?—repetio o rapaz um pouco elleio áquelle nome...

—Sim, aquelle moço a quem o Senhor acompanhava com mais outro...

E a moça, recordando-lhe a circumstancia da primeira apparição de Eça de Mello, descreveu-lhe os signaes tão exactamente, que o rapaz reconheceu-o desde logo e se recordou então de tudo.

Tanto bastou para que completasse a meia confidencia que a moça lhe fizera e comprehendesse a responsabilidade do amigo, bem como o alcance comprometedor que poderia ter o conhecimento exacto da verdade. Ao mesmo tempo lembrou-se de que tinha sido um dos aspirantes ao coração da moça e que fôra por ella repellido. Boa occasião de vingar-se sem comprometter, comtudo, o moço senhor de engenho.

Ah! recordo-me agora!—exclamou elle de repente—mas V. Exc. labora em um erro quando me suppõe amigo delle... Vi-o pela primeira vez naquelle dia e nunca mais o vi depois.

—Comtudo, deve saber...

—Ah! a seu respeito soube de muitas cousas, que, a fallar com franqueza, não abonam muito. Em primeiro logar elle deu a V. Exc. um nome que não é o seu.

—Como!...—exclamou Marianna tornando-se livida e estremeendo horrivelmente, ao mesmo tempo que fitava no rapaz uns olhos desvairados—não se chama Ernesto Flores?

—Nem nunca se chamou assim—affirmou com ironia.

—Como se chama então?—interrogou a pobre mãe, querendo agarrar-se a essa ultima taboa de salvação.

—Tambem não sei. O meu companheiro, que foi quem m'o apresentou, chamava-o *cadete*, e eu cadete o fui chamando por minha vez.

Marianna havia coberto o rosto com as mãos e fazia esforços por cohibir os seus soluços. Sua mãe, muito pallida e offegante, fitava os olhos no chão, n'um desapontamento incoercivel, e o rapaz, deçasso e cynico, invejava a ventura de Eça de Mello, futurando a possibilidade de vir a ser o seu substituto, sem riscos de responsabilidade, nem receio de atropelos.

A velha D. Carlota murmurou, porfim, como se fallasse para si só:

—Provavelmente tambem não é senhor de engenho.

—Lá isso é—atalhou o rapaz com vivacidade—isto é: é filho de um senhor de engenho... um velho muito rispido e severo, que não admitta que os filhos se casem senão com as suas parentas... para a fortuna não sahir da família, sem d'vida.

Era o ultimo golpe. Marianna estava anniquillada, e sua velha mãe, com os dedos muito tremulos, retorcia e desfiava a ponta do lenço sem saber o que dissesse. Estabeleceu-

se um silêncio triste e acanhado. O rapaz suppoz que tinha acabado a sua missão e pediu licença para retirar-se. Quando já estava de pé e seguia-se no chapéu, D. Carlota interpellou-o acanhadamente :

— E o engenho desse Senhor... como se chama ? onde fica ?

O rapaz ergueu os olhos para o ar com um movimento de quem interroga a memoria e deixou-se ficar assim por algum tempo. Depois respondeu com toda a naturalidade :

— O filho disse-me, minha Senhora, mas, com franqueza, não me recordo...

E despedio-se em seguida. Tinha pressa de fugir daquelle logar e da presença daquellas duas creaturas, ás quaes poderia ter deixado uma esperança, mas preferira despedaçar os corações.

Fôra este episodio que o caixeiro referio a Eça de Mello, encobrimdo-lhe, comtudo, as proprias intenções e as malignas e perfidas insinuações a seu respeito, mas encarecendo o serviço que lhe prestara, livrando-o assim de uma escandalosa entaladella.

Apenas o rapaz sahio, D. Carlota, que não era a que menos soffria, approximou-se da filha, tomou lhe as mãos e affastou-lh'as do rosto, por onde as lagrimas corriam abundantes e onde se pintava um desespero illimitavel.

— Então, minha pobre filha ?—murmurou ella com um mixto de dor e compaixão—o que te dizia eu ?

Marianna encostou a cabeça ao seu seio e assim esteve muito tempo... muito tempo. Tudo se desmoronava nella ; tinha no coração um vacuo impreenchivel. Uma dor, como nunca sentira, lancinava-lhe os seios d'alma—uma dor que só tinha equivalente na que despedaça o coração das mães quando vêm seus primogenitos morrerem. Não lastimava a sua desdita, não chorava a sua vergonha : chorava, sim, a sua illusão que esvaecera-se, chorava aquelle amor que era mentira...

Começaram então para as duas creaturas novos dias de amargura, de uma amargura ainda maior, porque não tinham mais a esperança para as alentar ; porém, aguardavam a cada momento a chegada do chefe da familia.

E então, meu Deus, o que seria da pobre Marianna ? Como affrontar os olhares de seu pae ? Que contas prestaria a pobre D. Carlota a seu marido ?

Cada dia que se passava lhes augmentava mais as ago-nias.

XIV

A ausencia do marido de D. Carlota não podia prolongar-se por muito tempo mais, e, enfim, n'um bello dia appareceu elle alegre e satisfeito pelas compras que fizera, porém pallido e abatido pelos incommodos da viagem.

Marianna, que desde muito espreitava a sua chegada, apenas o presentio, encerrou-se no quarto e abafou-se nos lençóes. Um medo invencivel se apoderara do seu animo, além de uma vergonha que punha-lhe as faces n'um incendio.

João Alvaro—era o nome do antigo empregado publico—apenas entrou em sua casa e abraçou cordialmente sua mulher, notou-lhe o abatimento do semblante, reparou nos profundos sulcos que as lagrimas e a dor lhe haviam cavado nas faces, bem como não lhe passaram despercebidos nem um tal ou qual acanhamento, de que a pobre não podia cohibirse, nem a ausencia da filha, que era das outras vezes a primeira em vir saudal-o com excessos de carinho, com infantil contentamento.

—É Marianna?—perguntou logo o pobre pae—onde está Marianna?

—Está doente... no seu quarto—respondeu a triste velha, procurando dar firmeza á sua voz.

—Doente!—exclamou o velho todo afflicto—e não me dizias nada!

João Alvaro era um pae de familia exemplar, carinhoso para a mulher, carinhosissimo para a filha. Precipitou-se, pois, para o quarto della, e só parou junto ao seu leito, beijando-lhe a fronte com uma ternura toda cheia de cuidados.

—O que tens tu, minha flôr?—perguntou-lhe agoniado.

Era assim que elle a tratava nos seus momentos de meiguice. Marianna tomou-lhe as mãos e beijou-as com respeito.

—Tens febre? não: estás, ao contrario, com as mãos que parecem de gelo—continvou elle docemente—o que sentes?

—Não sei, papae... tonturas... enxaqueca... Mas não ha de ser nada... logo passa e amanhã estarei boa.

—Então descança, dorme e não te afflijas.

Disse elle batendo-lhe nas faces e sahio do quarto um pouco mais tranquillizado. Apenas deu-lhe as costas, Marianna extorceu as mãos n'um desespero sem nome, e mordeu os travesseiros para abafar os soluços que irrompiam-lhe do peito. O seu soffrimento moral era medonho. Seu

pae, tão bom, tão carinhoso, o que diria elle quando soubesse do seu infortunio? Era realmente horrivel a situação da pobre moça.

D. Carlota não havia acompanhado o marido ao quarto da filha, e o ficara esperando na sala de jantar. A negra velha, desasadamente e sarapantada, punha o almoço, pois João Alvaro chegara de manhã. Ao entrar de novo na sala, surpreendeu ao bom velho o aspecto sombrio e lacrimoso de sua mulher. Aproximou-se della, apprehensivo, e interrogou-a desde logo.

—Acho-te muito mudada, minha velha—começou elle com um ar galhofeiro, com que queria encobrir os seus cuidados—acho em toda casa um não sei que de tristeza que me espanta.

Ia-se tornando serio, á proporção que fallava e até sem dar por isto.

—Marianna doente, tu sombria e lacrimosa, como se nos tivesse acontecido alguma desgraça... até a Josepha tem-me cara de espantada.

Sentou-se junto da mulher e fitou-a longamente. D. Carlota deu um profundo suspiro e murmurou depois com algum esforço :

—E' que com effeito succedeu-nos uma desgraça, João.

No semblante do velho patenteiouse o maior espanto.

—Uma desgraça?—inquirio elle amedrontado—que desgraça foi?

—A peor que nos poderia succeder, a unica talvez que nos faltava, e com a qual não podiamos, nem deviamos contar—retorquiu a pobre senhora n'um tom baixo e concentrado, empregando todo o poder da sua vontade para que a sua dor não fizesse uma explosão.

Emquanto fallara, João Alvaro não desfitara os olhos do seu rosto. Uma idéa sinistra atravessou-lhe o espirito como um raio, e o pobre velho empallideceu horrivelmente. Occorrera-lhe a molestia da filha... a sua hesitação ao responder-lhe... o embaraço e acanhamento da mulher... o proprio espanto e desaso da escrava... João Alvaro agarrou o braço da mulher, fitou-a fixamente e murmurou uma só palavra :

—Marianna?

D. Carlota curvou a cabeça e as lagrimas rolaram-lhe pelas faces, silenciosas e abundantes. Seu marido quedara-se boquiaberto, com o olhar sempre interrogativo, como que assombrado dos seus proprios pensamentos.

Meia hora depois já não ignorava cousa alguma. A sua alegria se transformara n'um desespero cheio de agitação. A bilis derramava-se por todo o organismo e enchia-lhe as fa-

ces de uma tinta livida e terrosa. Chispavam-lhe os olhos e sentia que a razão estava prestes a fugir-lhe.

Ergueu-se n'um impeto de louço, correu ao quarto de Marianna, sem que a mulher pudesse impedil-o, e precipitou-se para a filha com o braço erguido como prestes a espancal-a.

—Miseravel!—bradou fóra de si.

Marianna deu um grito—ruas um grito de mãe ameaçada.

—Não mate meu filho!...

O braço de João Alvaro cahio inerte ao lado do corpo e elle recuou até a porta, assombrado ante aquelle grito e aquella supplica. Murmurou ainda entre dentes um insulto:

—Infame!... infame!

E sahio cambaleando como um ebrio. Ampararam-n'os os braços da mulher, que se poz a prodigalisar-lhe palavras de carinho e de conforto, oppondo ao seu desespero a sua resignação, ás palavras acres delle as suas lagrimas, ao seu repudio de pae o seu perdão de mãe.

Horas depois, João Alvaro estava mais calmo... mas calmo, não! não ha tranquillidade para um coração de pae, quando semelhante golpe o fere de improviso. Havia concentrado, porém, o seu desespero, que por isso não era menos terrivel, havia enxugado as suas lagrimas e tomado o seu partido.

D. Carlota insinuava-lhe ao ouvido com uma timidez justificavel:

—Marlanna é menor, João. Podemos dar uma queixa...

—Para que?—retorquia-lhe o marido com amargura—para tornar publica a nossa vergonha? para dar a saber a todo o mundo o que deve ficar occulto no seio da familia? Ha certas nodoas que a lei não lava... que a justiça publica agrava ainda mais... Só as lava o sangue.

E entre os dentes resmungava com rancor profundo e concentrado:

—E eu não conheço o miseravel.

Fez um gesto á mulher, affastou-a suavemente, tomou o chapéo, chamou a negra e sahio com ella para a rua.

Quando voltou, duas horas depois, vinha só: a cumplice da deshonra tinha sido castigada. A negra fóra vendida, com a condição de ser embarcada para fóra da Provincia.

Durante a ausencia do pae, D. Carlota tivera uma sentida conferencia com a filha e promettera-lhe, entre lagrimas, o perdão de seu marido. Mas este, quando entrara, não fallara a Marianna, evitara olhar para ella, dava todos os indicios de não vel-a. A pobre moça resignou-se ainda uma vez e, no silencio do seu quarto, começou a curtir essa nova humilhação, que era para ella talvez o castigo mais tremendo.

João Alvaro queria apparentar indifferença, mas contou mal com as suas forças. O golpe fôra muito rude, o choque muito grande e a sua hepatite recrudesceu de uma fôrma espantosa, refractaria a todos os remedios. O pobre velho cahio de cama e começou a soffrer horriavelmente. Novas at-tribulações invadiram aquellas tristes creaturas, que a desgraça havia empolgado com as suas garras iracundas, e os dias succederam-se aos dias sem um minimo conforto, sem ao menos um enganador bruxoleio de esperança.

João Alvaro peiorava a olhos vistos, peiorava tanto que, presentindo já o proximo termo de todos os seus trabalhos e desgostos, reconciliara-se com a filha, outhorgando-lhe o perdão. Foi a unica alegria—alegria bem triste realmente—que cahio como um balsamo santo, no coração da pobre moça durante aquelles dias.

Chegara o mez de Janeiro. O pobre velho estava moribundo e Marianna sentia approximar-se o dia tremendo da sua infeliz maternidade. N'uma noite, emfim, de 13 para 14, sobrevieram-lhe as primeiras dores, precursoras do parto, ao mesmo tempo que ao pae sobrevinham os primeiros soluços precursores do traspasse. Ao cahir da madrugada, Marianna deu o ultimo grito de agonia dilacerante, a que correspondeu um outro não menos atterrador de sua mãe. A pobre moça dera á luz uma creança forte e robusta, e na mesma hora em que soava o primeiro vagido de seu filho, no quarto proximo se extinguia o ultimo suspiro de seu pae. Nem mesmo o nascimento desse filho do seu amor podia dar-lhe uma alegria. A vida e a morte ainda uma vez se encontravam no mesmo limiar.

O sol desse dia allumiou uma scena de angustia e de terror, por occasião do sahimento do cadaver de João Alvaro. O dinheiro da escrava servio para pagar, ao mesmo tempo, um berço e um caixão, um nascimento e um enterro.

Dias lugubres, sombrios, iam deslisar para aquella misera familia, a que faltava de repente o unico arrimo. A pobreza, mas a pobreza folgada, fôra sempre o seu apanagio: a miseria, dahi em diante, teria de ser a sua herança. João Alvaro, antes de cahir de todo na cama, de onde não devia mais se levantar, tinha podido realisar a venda de uma parte dos couros que trouxera da sua ultima excursão, e por isso D. Carlota não sentio desde logo a falta do dinheiro indispensavel ao provimento das suas necessidades.

Mas o debito da pharmacia, as despezas do luto e as do parto de sua filha, diminuiram em muito o seu peculio, e não tardou muito que ella reconhecesse que os seus recursos não poderiam chegar para muito tempo. A verba, aliás insignificante, que era supprida pelos seus trabalhos de costu-

ra e pelos labyrinthos e crochets de sua filha, não podia por emquanto prestar-lhe utilidade, por achar-se esgotada de todo, e sem que fosse possível augmental-a.

O parto de Marianna e os seus incommodos consequentes, os cuidados continuos que a criancinha reclamava, por um lado, continham a cooperação operosa da joven mãe, ao mesmo tempo que do outro. os trabalhos caseiros de D. Carlota, pela ausência da escrava, lhe absorviam todo o tempo e a privavam do trabalho lucrativo.

Era a miseria ; era a miseria que se approximava com todo o seu cortejo de necessidades, de tribulações e de tristezas. E a pobre velha via com terror avizinhar-se o dia, em que a ultima moeda teria de desapparecer de suas mãos, pagando um ultimo pedaço de pão. Na sua dor, porém, não lembrava-se de si, velha já, alquebrada e consumida, a quem pouco tempo restaria de existencia ; mas da filha, moça e bella, que tinha um filho a criar e diante de si largos horizontes de vida, e por consequencia muitas horas ainda de lucta, de dissabores, vicissitudes e tristezas.

A casa do Caminho Novo, apezar de um aluguel modico, estava ainda assim muito acima dos seus recursos pecuniarios. Além disso, estava para ambas as mulheres tão cheia de recordações tristes e amargas, que tornou-se-lhes insupportavel, como que concorrendo para as suas agonias e desanimo. Depois—e não era esse o sentimento menor que actuava nas suas consciencias—toda aquella visinhança que, invejosa, as vira outr'ora pobres, sim, porém honradas, teria de contemplal-as agora na miseria e na vergonha.

As duas senhoras, pois, mãe e filha, por um mutuo e tacito accordo, procuraram uma nova casa mais modesta, mais barata, e mudaram-se de repente, da noite para o dia, sem se despedirem de ninguem, sem dizerem para onde iam, para bem longe talvez, n'algum bairro escuso e retirado, onde, não sendo conhecidas, pudessem continuar mais desassombradamente a lucta pela vida, vida e lucta que iam tornar-se para ellas temerosas, sombrias, tetricas, medonhas.

Era essa a historia que o Dr. Pedro Honorio contava ao coronel, não com todos os pormenores que acabamos de detalhar, porque elle os ignorava em sua maior parte, mas referindo-lhe pelo menos os pontos capitães e os accentuando com a sua voz grave, que echoava na consciencia do amigo, acordando-lhe as lembranças e os remorsos.

Eça de Mello ouvia-o cabisbaixo e concentrado ; por vezes sentia ligeiros e involuntarios estremecimentos, subia-lhe o rubor às faces e levava as mãos ao rosto, como si a vergonha o forçasse a occultal-o por momentos. De outras vezes empallidecia horriavelmente e levava as mãos ao coração, como si quizesse impor-lhe silencio e tranquillidade. Mas, quér n'umas quér n'outras, abalava a cabeça n'um movimento de approvação, que era uma tacita confissão do seu delicto, da sua ingratição, do seu não procedimento.

—Eis ahí o que o Senhor fez !—exclamou o Doutor, resumindo a sua historia—trahio a confiança da pobre virgem... matou-lhe as esperanças e perdeu-a.

—Sim, é verdade—murmurou o coronel com uma voz que parecia um gemido e occultando o rosto livido entre as mãos excessivamente trémulas.

—Envergonha-se ?—continuou o medico fitando-o com energia um pouco ironica—envergonha-se hoje talvez. Mas é muito tarde já.

Eça de Mello ergueu a cabeça de repente.

—Vejo que ignora ou não quer referir uma circumstancia, que attenúa de alguma sorte a minha falta. Quando verificuei que Marianna e sua mãe se haviam mudado, não pense que me julguei desobrigado do meu dever. A opposição de meu pae continuava inabalavel ; mas, a dor, o desespero que senti então, modificaram, de todo, o meu modo de pensar e de sentir. Resolvi desobedecer-lhe francamente e cumprir o meu dever, desempenhando a minha palavra.

Eu era maior e possuia uma fortuna propria.ente minha, a qual me adviera pela herança de minha mãe. Si não devia dispensar a amizade e o amor de meu pae, podia contudo dispensar o seu auxilio, o seu apoio, os seus recursos para a minha manutenção e a de minha mulher. Depois, eu tinha a esperanza de que, com o tempo, conseguiria desfazer a sua prevenção, e a certeza de que, conhecendo elle Marianna, podendo apreciar-lhe as qualidades e as virtudes, acabaria por perdoar-me e abrir-me de novo o seu

coração de pae, os seus braços de amigo. Comecei então a procurar Marianna por toda a parte... Empreguei para isto todos os meios de que era possível lançar mão. Gastei dinheiro e tempo, passadas e saúde. Tudo foi debalde, porém : não só não a encontrei, como até nunca mais pude ter della a minima noticia. Receiei que ella houvesse voltado com sua mãe para a sua terra natal, onde deveria ter parentes. Procurei os agentes dos vapores, fui á propria secretaria de policia e obtive as listas de todos os passageiros, que haviam embarcado para aquella provincia, desde a epocha do desaparecimento de Marianna e de sua mãe. Em nenhuma dessas listas estavam os nomes dellas duas. Cheguei então a receiar que ella houvesse morrido... Fui ao cemiterio e percorri o livro em que se inscrevem os nomes, dos que encontram alli a ultima morada. Felizmente o nome de nenhuma dellas figurava naquella lugubre estatistica. Mas essa idéa acabrunhava-me sempre, e eu dei então a ler cuidadosamente os obituarios a que os jornaes davam publicidade. Morta ao menos, meu amigo, mesmo morta eu queria encontral-a, para, já que a não pudera rehabilitar em vida, pedir-lhe o meu perdão sobre o seu tumulo.

Eça de Mello euchugou os olhos, onde algumas lagrimas brilhavam, e depois de una pequena pausa proseguio sentimentalmente :

—Um dia, julguei que ia descobrir Marianna e era a morte que eu suppunha dever me pôr na sua pista. Haviam-se passado seis mezes depois da sua mudança do Caminho Novo, e uma manhã tendo recebido um maço de jornaes, comecei a lê-os justamente por aquella parte que mais me interessava desde que eu perdera a esperança de encontrar Marianna viva. Em um delles encontrei surprezo e attonito o nome de sua mãe, que tinha sido inhumada, havia uns oito ou nove dias. D. Carlota falecida, calculei immediatamente a dor immensa que deveria encher o coração da sua pobre filha, pensei logo tambem nas terriveis attribulações, nas negras necessidades—a solidão e a fome—que deveriam esmagal-as... E não era Marianna só, era tambem o seu filho, o meu—o meu primeiro filho—a quem eu nunca vira, cujo nome não sabia e a quem, entretanto, amava e chorava perdido, n'um accesso de desespero, aos quaes cousa alguma dava allivio.

Parti immediatamente para a cidade e comecei a colher informações. De indagações em indagações, de pesquisas em pesquisas, consegui saber a que cocheira pertencia o carro funebre que levava a pobre D. Carlota á sua ultima morada e ahi me indicaram a rua e a casa de onde o seu entérro havia sahido. Ah ! meu amigo ! .. meu amigo !—con-

cluiu o velho, mal contendo os soluços que embargaram-lhe a voz repentinamente.—Sabe onde falleceu D. Carlota, a mãe de Marianna ?

—No hospital—respondeu o doutor com gravidade—no hospital onde eu a tratei por caridade, onde ouvi-lhe a confissão da sua vida, onde ella contou-me a historia da filha e... a sua.

—Corri ao hospital—proseguiu o coronel dominando a custo a commoção—as irmãs de caridade contaram-me que durante os dias em que alli estivera a doente, que aliás já entrara para lá quasi moribunda, uma moça, que dizia ser sua filha, alli apparecia todos os dias levando nos braços uma criancinha de poucos mezes.

« A commoção que se apoderou de mim, nesse momento, meu amigo, não lhe posso eu descrever inteiramente: As dignas irmãs deviam-lhe tel-a percebido, porque uma del-las fitou em mim um olhar de extraordinaria curiosidade.

«—O nome ?—perguntei eu com anciedade—o nome dessa moça ?

«—Marianna !—respondeu-me a irmã superiora.

« Levei as mãos ao coração. Era ellá... eu ia emfim achal-a... vel-a ainda, vel-a sempre... Indaguei, tremendo, onde ella morava e esperei a resposta, quasi cambaleando como um ebrio. As irmãs não o sabiam.

«—Nunca nos disse—affirmou a superiora.

«—Nem nunca lh'o perguntaram ?—inquiri eu fóra de mim.

«—Não ; respondeu-me ella com doçura—o nosso dever não nos permite a curiosidade...

«—Mas, ao menos, minha irmã—insisti eu, como querendo apegar-me ainda a uma pequenina taboa de salvação—não desconfiam, não presumem que ella more aqui por perto ?

«—Ao contrario—disse uma das irmãs com um sorriso de piedade—parecia morar muito longe, porque chegava aqui sempre muito fatigada...

«—E... parecia soffrer ?...

«—Quanto a isto, muito ! Tinha, porém, um ar de resignação tão grande e uma ternura tão grande pelo filho, que predispunha todo o mundo a seu favor.

« Eu tinha os olhos cheios de lagrimas ; perdera a ultima esperança.

«—E depois da morte da mãe—perguntei eu soffregamente—voltou cá alguma vez ?

«—Nunca mais—respondeu a irmã, que havia acabado de dar-me os ultimos esclarecimentos.

« A minha commoção era tão grande, a minha physio-

nomia devia apresentar os signaes de um soffrimento tão grande, que a irmã superiora perguntou-me :

«—O Senhor o que é della ?

«—Eu !... o algoz, minha Senhora.

« Respondei-lhe com desabrimento e sahi do hospital como um louco furioso.

« Voltei para o engenho e durante muito tempo a minha dor foi sem limites. Mas passaram-se os tempos ; meu pae morreu e esse novo golpe quasi que aniquillou a dor anterior... Marianna estava perdida para mim, ella e o filho, esse filho meu que nunca me conheceria e a quem eu, por meu castigo, nunca teria a felicidade de estreitar ao peito, abençoando-o. Seria, portanto, loucura perseguir uma chimerica e esterilizar a minha vida, condemnando-me ao celibato. Casei-me, annos depois, com uma prima muito pobre, que durante o tempo em que viveu, si não fez-me esquecer, pelo menos amorteceu-me de alguma sorte os remorsos, que nunca me abandonaram totalmente.

« Por occasião do nascimento de Noemia, quando minha mulher moribunda despedia-se de mim, ella, que tudo sabia, porque eu tudo lhe havia confessado, pediu-me que procurasse e fez-me jurar que procuraria Marianna, afim de rehabilital-a com o meu nome.

—E o Senhor não o fez —interrompeu-o o doutor severamente.

—Perdão—observou o coronel com dignidade grave e um tom um pouco sentido—encetei de novo todas as pesquisas, fiz tudo quanto era humanamente possível, mas sempre com o mesmo resultado. Nem Marianna, nem o fructo do nosso amor !... ninguem ! Ha vinte e cinco annos que soffro, doutor ! ha vinte e cinco annos que interrogo a Providencia e o acaso... e ambos são surdos á minha voz. Ah ! si meu filho existisse... si estivesse commigo, teria respeitado a minha velhice, a minha honra !

—Sim ; mas o Senhor tem ainda uma filha... ella o amará, como até hoje o tem amado...

O coronel fez um gesto de rigor e de desgosto.

—Si é culpada, perdoe-lhe : abra-lhe os seus braços de pae... e trataremos depois de descobrir o seu offensor... Lembre-se que, quando souberam da deshonra de sua filha, que era o unico bem, o unico thesouro, a unica ventura que possuíam, o pae e a mãe de Marianna não a amaldiçoaram, não a repelliram... Choraram com ella e perdoaram-n'a, ella, porque era mãe e elle porque era pae e sabia sel-o.

O doutor segurou suavemente as mãos do velho, fitou-lhe os olhos com intimativa, e proseguio com sentimento digno e sincero :

—Em nome dos soffrimentos de seu filho abandonado, em nome de Marianna, perdida e desgraçada, porque o Senhor a deshonrou... em nome de um pae e de uma mãe, cujos cabellos brancos o Senhor não respeitou, e que morreram por sua causa, eu lhe supplico o perdão de sua filha...

O coronel sentia-se abalado ; mas hesitava, vacillava ainda. Os remorsos e a dignidade davam um ultimo combate no seu intimo. Retirou as mãos d'entre as do doutor e ergueu-se como evitando o seu olhar incisivo e persistente. Deu alguns passos pela sala... De repente parou.

—Marianna não podia dizer o verdadeiro nome do seu amante, e seus paes ignoravam quem elle fosse—disse elle com esforço—podiam, pois, perdoar-lhe... perdoaram-n'a, por isso mesmo talvez.

O doutor dirigio-se para elle apressadamente, mas o coronel fez-lhe um gesto para impor-lhe silencio e accrescentou solemnemente :

—Tambem eu perdoarei...

—Ah !—exclamou o medico com um grito de alegria—obrigado... obrigado por mim e por ella.

—Perdão—observou-lhe o coronel com dignidade fria e voz muito pausada—perdoal-a-hei, porém sómente depois que ella disser o nome do seu seductor, depois que eu souber quem elle é...

—Que !...—interrompeu o doutor meio assustado—quer tirar alguma vndicta ?

—Não ; quero simplesmente casal-os, quem quer que elle seja. Palavra do coronel Eça de Mello, que jamais faltou a ella.

—Tranquillisa-me assim, meu amigo...

—E' a minha ultima sentença, pensada, justa e irrevogavel.

—Pois bem ! acceito-a !—exclamou o doutor com altivez—ella o dirá e elle ha de casar-se.

XVI

Apenas proferio aquellas palavras n'um tom de convicção e cheio de altivez, o Dr. Pedro Honório dirigio-se apressadamente á outra sala e fez chamar Noemia com urgencia. A triste moça, ao ouvir a voz e a insistencia do padrinho, enxugou as lagrimas, que inundavam-lhe as faces e foi submissamente ao seu encontro, trémula e commovida pela incerteza das razões que a arrancavam assim do silencio do seu quarto e da livre expansão das suas angustias.

O doutor recebeu-a com um semblante animador, com um quasi sorriso que a encheu de momentanea tranquillidade :

—Vem, minha filha, vem ; teu pae te perdôa.

Noemia fitou-o com um amargo riso de ironia ; perdoava-a seu pae, mas perdoava o que ?... Esteve um segundo como vacillante e indecisa si recusaria ou acceitaria aquelle perdão, que presuppunha um crime, de que ella teria podido ser uma victima, mas do qual não era absolutamente culpada. Mas a sua physionomia revestio-se de uma expressão tocante de triste resignação e ella disse simplesmente :

—Vamos, meu padrinho.

Entrou então, seguida pelo doutor, na sala onde o coronel ficara passeiando absorto e agitado e, dirigindo-se a elle, curvou a fronte excessivamente pallida, como si fosse receber uma sentença.

—Meu pae !—murmurou ella a custo.

Eça de Mello fitou-a de alto a baixo com um olhar severo e inquiridor. Dirigio-se em seguida até a porta, que communicava com o gabinete, onde a havia deixado, havia poucas horas em companhia de Daniel, e apontando-lhe para o interior, volveu os olhos ao doutor com um sorriso terrivel de dolorosa e sardonica ironia, murmurando uma palavra, que resumia um mundo de pensamentos e de graves accusações :

—Vasio.

—Vasio !—exclamou o medico assombrado, mas instinctivamente dirigindo os olhos a Noemia, como si lhe pedisse explicações.

A moça comprehendeu immediatamente o alcance da situação, o que queriam dizer o sorriso ironico de seu pae e o olhar interrogativo de seu padrinho. Ambos elles suppunham Daniel autor da sua deshonra, e ambos se admiravam do seu abandono e da sua retirada. A dor de Noemia, por

um momento, embargou-lhe a palavra e obscureceu-lhe o pensamento. Baixou a cabeça envergonhada e juntou as mãos n'um gesto supplicante. O doutor approximou-se della lentamente e perguntou-lhe com brandura :

— E Daniel?... porque não está aqui?

— Daniel não me deve nada—murmurou a moça com amargura—retirou-se cobrindo-me de opprobrios, me desprezando e maldizendo.

—Entretanto, amava-a ; era a elle que a Senhora protestou ter dado o coração—disse o pae como si a quizesse esmagar com o raciocínio—porque a amaldiçoou? porque a desprezou elle, si não está também convencido da sua culpa?...

—Oh! meu Deus!—gemeu a moça com um gesto de supremo desespero—sempre essa accusação absurda e esmagadora!

O doutor fez ao coronel um gesto supplicante :

—Você prometteu perdoar, Eça de Mello—disse elle á meia voz.

—Sim—obtemperou o coronel—mas também disse que só perdoaria depois que ella dissésse o nome do seu seductor, depois que eu soubesse quem elle era...

Foi nesse momento que Felix Modesto chegou á porta da sala, para onde o impellira uma resolução subita, embora longamente meditada e discutida. Ouvindo estas palavras e vendo a attitude das pessoas, conteve-se por instantes e começou a observar. O coronel continuava com uma voz sibilante, através da qual era facil perceber a sua progressiva irritação :

—Não é o Sr. Daniel, apesar do sentimento que a Senhora affirma que os ligava. Quem é elle então?...

—Não me falle mais nisso, meu pae! bradou, emfim, a moça com esforço—eu não sou nma filha ingrata... não sou uma mulher perdida... Eu não tenho seductor...

—Quando me disseres o seu nome... quando eu o conhecer—proseguio o coronel no mesmo tom—quando elle me vier pedir-te em casamento... e lavar a nodoa que pôz sobre o meu nome, sobre a honra sempre immaculada da nossa familia, que foste a unica a manchar, então sim... perdoarei... só então perdoarei... a ti e a elle, porque, quem quer que seja, juro que será o teu esposo... ouves? teu esposo... Prefiro um genro infame a uma filha deshonorada.

—Oh! mas isto é impossivel!...

—Impossivel!?

—Impossivel, sim! eu não lhe posso dizer o nome do meu seductor, porque o não tenho... não sei quem elle foi...

—Não sabes?—bradou o coronel fóra de si—não sabes, ou é tão torpe o teu delicto, tão miseravel esse homem, que nem sequer te atreves a dizer-me o nome?

Idéas horrendas de desgraças descommunes de infamias vergonhosas, que se haviam realisado em outros engenhos, maculando a honra de outras familias tão respeitaveis como a sua, atravessaram-lhe o espirito, fazendo-o estremecer de horror e indignação. Precipitou-se para a filha e agarrou-a por um braço :

—Falla, miseravel ! o nome... o nome desse homem ?

—Oh ! meu pae !... bem sabe que não lh'o posso dizer.

O coronel enganou-se com o verdadeiro sentido destas palavras que eram um grito da sua alma, um protesto da sua innocencia. Recuou um passo, tomado de um furor cego, com uma expressão terrivel de violencia e ergueu o braço n'um gesto rapido e ameaçador. Dois gritos se fizeram ouvir ao mesmo tempo, e duas pessoas se precipitaram para elle, ao passo que Noemia recuava atterrada até junto do sofá. Eram o Dr. Pedro Honorio e Felix Modesto que correram para elle. O braço do coronel ficou suspenso no ar e o golpe humilhante e vergonhoso sem execução... Felix Modesto lhe havia poupado um vilipendio.

—Senhor—disse elle em seguida com voz triste, mas segura—tenho a honra de pedir-lhe a mão de D. Noemia.

O coronel e o doutor recuaram como que assombrados... Noemia ergueu a cabeça com os olhos cheios de surpresa. Por um momento restabeleceu-se um silencio profundo, em que sobre todos os sentimentos predominava o espanto. Porfim, o coronel encarou Felix Modesto e dirigio-lhe uma palavra :

—O Senhor disse?...

—Tive a honra de pedir-lhe a mão de sua filha, Sr. coronel—observou o mancebo com uma dignidade triste; porém firme.

—O Senhor?—exclamou o coronel, não podendo dominar a sua surpresa.

—Si não me julga digno de entrar na sua familia...—ia dizendo o rapaz.

Mas o velho interrompeu-o :

—Não é isto. O Senhor sabe tudo o que se passa, é um moço honesto e cheio de brio... e minha filha...

A voz suffocou-se-lhe na garganta e não deixou-o concluir : Noemia deu um gemido e levou as mãos ao rosto como si quizesse occultar uma vergonha. Felix Modesto dirigio-se até junto della e segredou-lhe :

—Perdõe-me ; mas eu prometti não abandonal-a... não

deixal-a perdida e deshonorada... e seu pae impõe uma condição ao seu perdão...

Voltou então para junto do coronel. Estava ainda mais pallido do que nunca... um pouco agitado, mas com uma expressão firme e resoluta, que lhe dava á physionomia um ar de coragem fria e reflectida.

— Senhor coronel—disse elle lentamente—sei tudo quanto me poderia dizer e objectar... mas o homem a quem procura, cujo nome exige para poder perdoar e restituir á sua filha a sua ternura... esse homem vem pedil-a em casamento... Sou eu.

Tres gritos encontraram-se no ar.

—O Senhor !

Mas o coronel continuava, fitando-o com terror e indignação :

—O Senhor, a quem eu abri os braços, a quem dei a minha confiança, a quem tratava quasi como a um filho ? é infame !...

Felix Modesto estremeceu ; uma lividez cadaverica invadio lhe todo o rosto ; começou um gesto de protesto, mas conteve-o, apertando com a mão o peito e sobre elle o retrato de sua mãe. O coronel proseguio, sem reparar em cousa alguma, mas com crescente indignação.

—E porque ? para que ? Era pobre, era ambicioso, queria ter fortuna ? Ha dois annos que é o meu caixa, o homem da minha confiança, o homem que gere todos os meus negocios e move todo o meu dinheiro.

« Era ambicioso ? podia tel-o roubado Ah ! roubasse-o, roubasse-o embora ! deixasse-me inteiramente pobre... mendigo ! fugisse depois. Eu não o perseguiria... não ; mas, respeitasse-me ao menos a minha casa, a minha velhice... deixasse-me a minha honra, a honra de minha filha.

Felix Modesto curvava a cabeça a cada phrase, mas conservava-se impassivel, sentindo sobre si pesar o olhar insistente e prescrutador de Pedro Honorio. Noemia observava o mancebo n'uma agitação febril e, quando o pae pronunciou a ultima palavra, murmurou n'um impeto de energia inconsciente :

—E' falso ! é falso.

O mancebo estremeceu e retrucou :

—Eu amava-a, Senhor.

—Amava-a ?—retorquiu o coronel com amarga e sardonica expressão—amava-a, diz o Senhor ? o amor é nobre, santifica ; não rebaixa.

Felix Modesto não poude reprimir um involuntario movimento de satisfação e de alegria, que não escapou ao olhar

perspicaz de Pedro! Horrorio. O medico avançou para elle, encarou-o de face e exclamou a queima-roupa :

—Não ! não o acredito, o seu olhar não é o olhar de um miseravel... não; seu ar não é o ar de um seductor. Si assim fosse... porque razão Noemia não o teria dito... principalmente depois que seu pae se comprometteu a lhes fazer o casamento?... Não ! não ! não !... Não foi o Senhor!...

Felix Modesto murmurou sumidamente, porém envergonhado :

—Fui eu.

Mas, então, Noemia approximou-se d'elle e disse, antes, suspirou estas palavras :

—Felix, comprehendendo a grandeza da sua alma... a sublimidade do seu procedimento, mas não açoitado o seu sacrificio.

—E a maldição de seu pae?—segredou o mancebo tristemente—o stygma da sociedade? Bem sabe que a amo... amo-a ! e não haverá nada que me faça deixal-a perdida!

Voltou para o coronel, caminhou para elle e dirigio-lhe a palavra com firmeza.

—Senhor, fui ingrato e culpado... Commetti um crime infame, mas estou prompto a reparal-o.

—Não ! não ! é impossivel !—bradou Noemia com energia.—Não o creia, meu pae. Si o Sr. Felix me houvesse... seduzido e deshonorado, como o negaria eu?... como poderia ignoral-o ?

O coronel ergueu a cabeça, que conservava pensativa e fitou o mancebo com severidade interrogativa. As palavras da filha punham-lhe a dúvida no espirito.

Felix Modesto fitou a moça longamente, pareceu concentrar os pensamentos por instantes e depois murmurou suavemente :

—Eu tinha pela Senhora uma paixão violenta e insensata... mas era pobre, humilde, sem familia, sem nome, sem futuro. Confessei-lhe um dia o meu amor e a Senhora repellio-me... Só um crime poderia nos approximar, só a deshonra poderia nos unir. Fui então criminoso.

—Como?—exclamaram Noemia e o coronel, ao mesmo tempo :

—Deitei um narcotico no chá que a Senhora ia tomar e depois... Sr. coronel, poupe-me ao menos a vergonha de uma confissão que me queima o coração e as faces.

Noemia occultara o rosto nas mãos, e recuara espavorida até o sophá. Era verdade, pensou ella horrorizada : estava maculada com effeito, deshonorada, apesar da sua innocencia. O coronel fitava-o... sabia que elle nunca mentira... e ao depois, a propria confissão da infamia dava-lhe todos os

visos de verdade. Só o doutor duvidava ainda. Conhecia bastante o mancebo e a seu character leal e honesto repugnava acreditar em tamanha hypocrisia. Adiantou-se para Felix Modesto e, procurando-o dominar pelo olhar severo e nobre, interpellou-o bruscamente :

—O Senhor nunca mentio... jura que disse a verdade?

—Eu?...—vacillou o mancebo por segundos.

—Hesita?...—proseguio o doutor quasi triumphante.

—Não ! não !—bradou o rapaz com inaudita resolução, e como si tivesse pressa em concluir—juro... juro...

E, extraordinariamente agitado, com um tremor de membros e de voz que poderiam desmentir a firmeza de suas palavras, si, por acaso, não pudessem tambem justificar a violencia das sensações, arrancou do peito da camisa, com um gesto desvairado, o seu mysterioso talismão.

—Pelo que tenho de mais sagrado... neste mundo... juro. juro...

A voz suffocou-se e elle não poude concluir. Era extraordinaria e incomprehensivel a sua commoção, para todos que o tinham visto impassivel e senhor de si, não, porém, para elle. E' que aquelle juramento falso, sobre a memoria de sua mãe, parecia-lhe uma profanação... um medonho sacrilegio. Mas a honra de Noemia ?

O coronel vira-lhe o movimento, notava-lhe a agitação e, involuntariamente, estendiç-lhe a mão para a caixa do retrato, que Felix Modesto lhe entregou inconscientemente, com um movimento automatico, involuntario, de hypnotico.

Eça de Mello calcou na mola e abriu a caixa... Conhecera pela fórma que devia ser um retrato, e suppôz, franzindo a testa, que era o de Noemia. Olhou logo para elle, e deu um grito, um grito agudo de indizivel espanto. As faces empallideceram e tremor convulso apoderou-se de todo elle.

—Marianna !—havia exclamado o coronel.

—Marianna !—repetiram duas pessoas : o Dr. Pedro Honorio approximando-se e o mancebo admirado.

O coronel dirigio-se apressadamente a Felix Modesto :

—Quem lhe deu esse retrato?... de quem é ?...

—E' o retrato de minha mãe, quando moça, Sr. coronel... foi a unica herança que ella me deixou.

O velho estava altamente commovido... sentia estremecimentos intermitentes e fitava o mancebo com um olhar, cuja expressão seria impossivel definir. Aquelle moço era o filho de Marianna... era a unica idéa que lhe inundava todo o cerebro, o unico sentimento que lhe enchia todo o peito. Tudo mais tinha desaparecido diante disto.

—Teve ou tem algum irmão ?—balbuciou elle depois de alguma pausa.

—Não, Senhor—respondeu o mancebo com tristeza—sou filho unico, o primeiro e o ultimo que a minha pobre mãe abençoou.

O velho coronel apertou as mãos ao seio, onde machinalmente encostou o retrato da misera mulher.

—E... e seu pae?—balbuciou elle, como si hesitasse—con' ceu seu pae?

—Quando entrei nesta casa disse ao Sr. coronel que não tinha tido pae, que nunca o conhecera.

—Nem sua mãe nunca lhe disse o seu nome?

—Ella mesma nunca. Uma vez, perguntando-lhe eu si Felix era o nome de meu pae, respondeu-me que me dera esse nome porque, tendo eu nascido a 14 de Janeiro, era esse o nome do santo desse dia, e que o appellido de *Modesto* era o unico de que eu deveria usar porque era a minha condição.—Mas o nome de meu pae?—perguntei-lhe eu. «—Para que o queres saber, quando eu mesma não o sei?—me disse ella com tristeza e lágrimas na voz, accrescentando logo depois com um suspiro: «—Teu pae morreu e o seu nome não só nunca será o teu, como tambem jamais te soará aos ouvidos como sendo o de teu pae.» Entretanto, Senhor, um dia julguei que esse nome me era revelado. Minha mãe estava muito triste e sentada a uma mesa, onde eu estudava as minhas lições, entretinha-se a escrever distrahadamente n'um pedaço de papel. Olhei casualmente para as linhas que ella traçava e li muitas vezes reproduzido o mesmo nome.

—E esse nome era?—inquirio o coronel soffregamente.

—Ernesto Flores—respondeu Felix Modesto com tristeza.

O coronel abafou um grito da sua alma e reprimio um movimento involuntario, que fizera, como si fosse abrir os braços ao mancebo. Fez um esforço sobre si mesmo e perguntou:

—E não era o nome de seu pae?

—Era e não era. Soube-o depois, muitos annos depois. Horas antes de fallecer, minha mãe contou-me a triste historia do meu nascimento, e, entregando-me um maço de cartas de meu pae, pediu-me que as queimasse, autorisando-me a lê-las antes disso. Meu pae nunca lhe dissera o seu verdadeiro nome, e, entretanto, Ernesto Flores era a assignatura dessas cartas.

Felix Modesto calou-se e o coronel não lhe perguntou mais cousa alguma. Havia baixado a cabeça e meditava fundamente. Nenhuma dúvida restava-lhe... era o filho de Marianna, era o seu filho. Via-o, emfim... si o tivesse de imaginar, não o idealisaria tão completo, tão perfeito... O coração pedia-lhe que lhe abrisse os braços e o apertasse louca-

mente ao coração... mas, sabendo a sua historia, tendo visto soffrer sua mãe pelo abandono, pela perfidia, pela infamia de seu pae, querería o rapaz reconhecê-lo? Receberia a sua confissão e os seus abraços ou repellil-os-hia com tedio, e indignado?... Só essa idéa o preocupava por então... De repente pareceu tomar uma resolução. Dirigio-se ao mancebo e perguntou-lhe:

—Que juizo fórma de seu pae?

—E' meu pae—respondeu o rapaz com toda a simplicidade—não posso julgal-o.

—Mas elle perdeu sua mãe... abandonou-a—proseguiu o coronel com certa anciedade.

—Minha mãe nunca o accusou... não sou eu que devo fazel-o.

—Neste caso... si o encontrasse... perdoava-lhe...

—Mais do que isto, Sr. coronel! amal-o-hia com todo o amor que minha mãe legou-me.

—Ah!—exclamou o coronel, sem poder reprimir esse grito de alegria—E's um homem digno, és um coração nobre e elevado, Felix!

E, desvairado pela subita alegria, sem saber o que fazia, sem dar a menor explicação, approximou-se do mancebo com os braços abertos, quasi a pronunciar a palavra suprema e doce, que lhe enchia o coração. Mas, Noemia fez um gesto, e elle vio-a... acudio-lhe de subito o sentimento horrivel da situação, e o coronel, empallidecendo como um espectro, recuou repentinamente, ergueu os braços, estendeu as mãos para a frente, como si quizesse affastar uma visão tremenda, e exclamou com voz medonha:

—Desgraçado! desgraçado!... Tu deshonraste tua irmã! Noemia deu um grito lancinante e cahio sem sentidos no tapete, de onde o doutor correu a levantá-la.

—Minha irmã!—bradou Felix Modesto assombrado—minha irmã?... mas então?...

E fitou o coronel, com um espanto misturado de ternura, n'uma anciosa e muda interrogação.

—Ernesto Flores era eu!—respondeu o velho soturnamente, com lagrimas na voz e um tremor convulso em todo o corpo.

O mancebo precipitou-se para elle com uma alegria delirante...

—Meu pae!... meu pae!—exclamou, estendendo-lhe os braços com aneio—meu pae!

Mas o velho enteiçou o braço e repellio-o com horror. Felix Modesto comprehendeu o gesto e o sentimento que o guiara. Correu á Noemia, que estava desmaiada no sophá, agarrou-lhe a cabeça pallida e fitou-a com ternura. Por um

phenomeno psicologico extraordinario, todo o seu amor se transformara de repente na mais entranhada e excessiva amizade fraternal.

—Minha irmã !—murmurou com infinita meiguice.

Deu-lhe dois beijos rapidos nas faces, voltou a seu pae e, atirando-se-lhe a seus braços, unindo-o ao peito estreitamente, começou a murmurar entre lagrimas e sorrisos, n'uma expansão convulsa e convincente :

—Não ! não fui eu !... eu menti... eu menti... eu menti ! meu pae ! meu pae ! era mentira !... era mentira !

XVII

Duas horas depois Felix Modesto estava sentado no gabinete e, com os cotovellos apoiados na secretaria de seu velho pae, a cabeça entre as mãos, lia attenta e meditadamente a carta anonyma que era a origem de todos os desgostos actuaes, e que, por uma dessas evoluções mysteriosas da Providencia, ao passo que despedaçava os corações de uns, mergulhando-os na dúvida e no odio, alentava a outros, despertando-lhes o amor e dando-lhes a certeza de uma felicidade inesperada.

Passados os primeiros momentos de expansão natural, das explicações mutuas e indispensaveis, durante as quaes o mancebo tivera de referir os inauditos esforços de sua mãe, para creal-o e educal-o nos sãos principios da moral e do trabalho, Felix Modesto, assumindo de repente o seu papel na familia, exigira do pae aquella carta e se retirara ao gabinete, afim de lel-a e estudal-a, de arrancar-lhe, á força de inducção, o segredo da sua origem e o mysterio do seu fim. Antes de dar-lhe a importancia, que lhe haviam dado, era por ahi que deveriam todos ter começado, e começariam sem dúvida, si não fossem de um lado o genio violento, impressionavel, do coronel, e do outro o estado insolito de Noemia, complicado com as circumstancias compromettedoras, adrede preparadas.

O coronel havia partido de um falso principio, fornecido pela sua credulidade na soberana primasia do mal; Felix Modesto firmava-se no principio opposto, e partia da convicção intima, instinctiva, na innocencia de sua irmã. A luz, pois, que deslumbrou o criterio do senhor do engenho, oblitando-lhe a razão e guiando-o erradamente, não era a mesma que ia allumiar as pesquisas do mancebo, pondo-o talvez na pista da verdade. Periodos da carta pareciam-lhe ter sido preparados com estudado machiavelismo, com perfida intenção, e por isso entregava-se elle á sua analyse, procurando penetrar-lhe o sentido occulto, sentido que, como um fio de Ariadne, o pudesse pôr na pista do seu autor, guiando por entre os meandros daquelle labyrintho de intrigas e de infamia.

Os primeiros periodos da carta— especie de prologo ao assumpto principal— tinham sido escriptos evidentemente para prepararem o espirito do coronel, já firmando a competencia e autoridade do seu signatario, já inspirando-lhe confiança e sublevando a sua credulidade. Felix Modesto não lhes deu senão a importancia que mereciam, por lhe descobrirem

o plano bem calculado, intelligente, como que feito por mão de mestre... por mão de quem conhecia a fundo a pessoa a quem se dirigia. A quem pertencia, porém, essa mão? quem é que tinha interesse em fazer aquella revelação, cercando-a, todavia, de conselhos e de cautelas?

O amigo velho e sincero, signatario da carta fatal, affirmava que era autor da desgraça de Noemia *um dos hospedes do coronel que havia abusado da sua confiança, da intimidada que gosava em sua casa e que durante as festas do engenho, em noites seguidas, fôra recebido esse amante no quarto da moça.* Ora, para poder determinar assim o periodo desses encontros, quasi que o momento preciso da desgraça da infeliz menina—*durante as festas e por um dos hospedes, pessoa, portanto, que só naquelles dias estivera no engenho e que só durante ellas, teria podido realisar o seu nefando crime, era-lhe preciso, ou que fosse um confidante do proprio amante, ou que pelo menos tivesse sido testemunha das correrias nocturnas pelo pomar.* Logo, o autor da carta forçosamente só poderia ser alguma das pessoas—alguns dos hospedes—que durante aquelles dias de festa tinham estado no engenho.

Tal foi o primeiro resultado das inducções de Felix Modesto. Mas qual dos hospedes teria sido o denunciante? A letra da carta, apesar de não ter sido disfarçada, o que se tornava uma garantia de sinceridade, empregada adrede por machiavelica intenção, era-lhe absolutamente desconhecida, e por ahí não poderia Felix Modesto obter uma favoravel conclusão.

Mas—pensou elle immediatamente—as correrias nocturnas pelo pomar só haviam sido presentidas e presenciadas por elle proprio de uma vez e de outra por elle e Daniel, além de alguns escravos. Nenhum dos hospedes tinha tido conhecimento dellas... nenhum havia dado indicios de conhecê-las, ou sequer de suspeitá-las. Restava a hypothese da confidencia, que, no caso, seria uma verdadeira cumplicidade. Quanto a essa idéa, o autor da carta ora a destrua, lançando o seu conhecimento dos factos á conta de um informante, aliás bastante indiscreto para tel-os revelado circumstanciadamente, porém discreto de mais, quando se tratava de dizer o nome do criminoso, e ora affirmava-a, quando promettia claramente que *com o tempo talvez elle pudesse dar mais amplos esclarecimentos.*

Essa contradicção calara immediatamente no espirito do mancebo e levara-o, de inducção em inducção, de deducção em deducção, ao resultado logico de que a carta não podia ter sido escripta por hospede algum, a não ser pelo proprio excursionista nocturno, unico que estaria a par das circums-

tancias, a ponto de poder precisal-as, embora lhes dando um alcance que não tinham.

O mancebo estacou de repente ao formular a ultima idéa. Passou de novo os olhos pela carta, fixando-os em certos pontos, e murmurou lentamente, accentuando nas palavras :

—Ou dando-lhes propositalmente o alcance que não tinham.

—Mas com que fim ?—indagou depois de curta pausa.

Volveu de novo os olhos á carta e leu o seguinte periodo com uma attenção profunda e meditada :

« Affirmara'm-me que esse amante já se tem gabado de sua felicidade na roda dos amigos, *mas que tambem está prompto a reparar o mal, si o meu amigo a isto não se oppuzer, e eu cordialmente lhe aconselho que não se opponha.* »

—Mas, si esse amante está prompto a reparar o mal ;— pensou Felix Modesto, forçando o raciocinio—porque razão o praticou ?... A que vem aqui esse *si meu amigo a isto não se oppuzer* ? Pois um pae póde oppôr-se á reparação da falta de uma filha ?... Neste caso, esse pretendido amante reccia uma opposição... De quem ? de Noemia ? porque ? Porque sabe talvez que ella ama a Daniel... ou que o repelle simplesmente. Então essa pretendida deshonra ou é real—o que não creio—e é devida a uma surpresa igual a que eu inventei quando ignorava que ella fosse minha irmã e a quiz salvar da ignominia, ou sendo falsa e calumniosa, só tem por fim impôr-se ao espirito de meu pae e obter d'elle um consentimento, que não poderia ser recusado, para um casamento, que, sem isto, não se póde realisar, para um casamento que se tornou apenas a reparação de um mal.

Fitou de novo os olhos na carta e sublinhou estas palavras : « *E eu cordialmente lhe aconselho que não se opponha.* »

—Porque esse conselho ? qual o interesse que o ditou, quando antes esse miseravel insinúa a meu pae que *proceda com todo o criterio que lhe dão a idade e a experiéncia desta vida* ?

—Naturalmente—respondeu elle proprio—porque deseja que esse casamento se effectue. Mas porque esse e não outro ?

Felix Modesto, estranhou os dedos pelos cabellos e apertou a cabeça fortemente. Operava-se-lhe no espirito um trabalho herculeo de vontade, que forçava-lhe o raciocinio e impunha-lhe a indagação. Entretanto, não esteve assim muito tempo. Respirou por fim n'um hausto prolongado, passou a mão pela frente e ergueu-se da cadeira lentamente. Tinha concluido.

—Informante, amante, autor desta carta, não passam de

uma e a mesma pessoa—disse elle com convicção entremeiada de desdem.

Dobrou a carta cuidadosamente e guardou-a na carteira.

—Agora—murmurou depois, um pouco pensativo—resta-me descobrir quem ella seja... isto é : resta me confirmar as minhas suspeitas.

Foi ter immediatamente com o pae, a quem encontrou extraordinariamente carrancudo, passeiando pela varanda, com as mãos para atraz, nas costas, e o olhar fito no chão, como si estivesse contando os tijolos do ladrilho.

Ao sentil-o approximar-se, o coronel parou e fitou-o interrogativo, modificando desde logo a expressão da physionomia, que assumio um tom de tranquillidade affectuosa, um ar de doce contemplação satisfeita.

—Conservo ainda a carta que me deu, meu pae—disse o mancebo com um respeito misturado de ternura—mas preciso que Vosmêcê me ponha ao facto de todas as occurrencias que se tenham dado comsigo em relação á minha irmã. Apesar da confiança que lhe mereci sempre, da intimidade com que me tratava, devem haver alguns factos particulares relativos á :ua familia...

—Dize nossa, Felix, dize nossa, porque, de hoje em diante, fazes parte della de direito, como já o fazias de facto. Entender-me-hei a este respeito com tua irmã e com o meu advogado, de fórma que possa ou legi imar-te ou adoptar-te... emfim, restituir-te entre nós o logar que te compete e que desde o teu nascimento seria o teu, si circumstancias exceptionaes não o tivessem impedido. Mas, consiga ou não o meu fim, podes desde já contar com a metade da minha fortuna, que ficará te pertencendo exclusivamente.

—Obrigado, meu pae ; mas, não se trata disto, por ora. Como lhe ia dizendo, devem ter se passado relativamente á nossa familia, e especialmente a Noemia, alguns factos, que Vosmêcê talvez não tinha julgado necessario communicar-me, e dos quaes, entretanto, me é necessario saber actualmente, para com mais segurança proseguir nas pesquisas a que me propuz, e obter, afinal, o resultado a que me comprometti.

O velho coronel meditou durante alguns instantes e depois respondeu com seriedade.

De importancia só ha um, isto é : de importancia relativa, porque, quanto ao caso presente, quanto á situação actual da nossa familia, o seu conhecimento de nada te poderá valer. Trata-se de um casamento malogrado de Noemia.

—Um casamento malogrado !—exclamou o rapaz com extraordinario sobresalto.

E accrescentou logo vivamente :

—Ao contrario, meu pae ; talvez valha mais do que sup-
põe.

O coronel sentou-se em um dos bancos, que ornavam a varanda, fez o filho sentar-se a seu lado e referio minuciosamente todo o occorrido por occasião do pedido de Alexandre Horta, sem lhe occultar a sua repugnancia por esse consorcio nem a repugnancia invencivel de Noemia.

Durante a narraçào, por mais de uma vez brilhara o olhar intelligente do mancebo e pelos seus labios errara um sorriso quasi imperceptivel de ironia. Quando o velho terminou, Felix Modesto ergueu a fronte radiante, de onde lhe desapparecera, porfim, a ruga, que alli lhe cavara a concentraçào do pensamento.

—Isto explica muitos pontos obscuros até agora para mim, meu pae. E deste momento em diante posso proceder com mais segurança, quasi com a certeza da victoria.

—Suppões então ?...

Felix Modesto fez um gesto :

—Peço-lhe que me deixe toda a liberdade de acçào, meu pae ; por enquanto não me interrogue, nem se admire do procedimento que eu tiver.

—Faze o que entenderes, meu filho ; si até hoje me receste sempre a mais inteira confiança como meu simples empregado, como de hoje em diante não continuarias a merecel-a como meu filho ? A honra de minha familia é a tua tambem. Queres defendel-a e tornal-a immaculada ; estás no teu direito e cumpres o teu dever. Nada mais tenho a dizer-te ; faze o que quizeres.

Dizendo isto, o velho apertou-lhe a mão com amizade, como confirmando as suas palavras dignas, pausadas, e dirigio-se para o Dr. Pedro Honorio, que vinha entrando com a physionomia grave, com a fronte como que pesada de cuidados.

XVIII

—O delirio passou por emquanto—disse o doutor ao entrar, e antes mesmo que o coronel ou Felix Modesto lhe dirigisse alguma pergunta—mas a febre continúa, tomando um caracter grave e assustador.

O coronel, tornando-se repentinamente muito pallido, deixou-se cahir de novo sobre o banco, exhalando um suspiro que parecia antes um gemido.

Felix Modesto adiantou-se para o medico, surpreso e assustado, exclamando com vivacidade :

—O delirio ! a febre ! de quem se trata, Doutor ?

—De Noemia, meu amigo : de sua irmã.

—Mas, meu Deus !—continuou o rapaz cheio de afflicção—estava, ha pouco, boa ! o que aconteceu então ? o que tem ella ?

O medico não demorou a explicação. As grandes emoções, porque tinha passado, haviam sobreexcitado todo o organismo de Noemia, actuando principalmente sobre os centros nervosos. Era uma especie de terreno adubado para receber qualquer semente morbida, que ali germinaria facilmente. A última commoção que soffreu, como um golpe inesperado e brutal, prostrou-a sem sentidos causando-lhe, pelo horror da situação, pela monstruosidade do facto revelado, um abalo além das suas forças. Fôra como que a gota d'agua, que fizera transbordar o seu calice de angustias. Sem sentidos, desacordada pois, inteiramente, não ouvira, nem poderia ouvir, as explicações que se seguiram ao grito de seu pae. Quando tornou a si do seu desmaio repentino, a febre se havia apoderado della, obliterando-lhe a razão, tirando-lhe o conhecimento, produzindo-lhe o delirio. As explicações, que se lhe puderam dar ficaram incomprehensíveis para ella, e incomprehensíveis seriam emquanto ella estivesse naquelle estado.

Noemia havia sido transportada para o seu quarto ainda desmaiada e ali se manifestara a febre com violencia inconcebível. O doutor acudira logo e começara, com o auxilio da pharmacia do engenho, a prestar-lhe intelligentemente os soccorros necessarios. Felix Modesto ignorava tudo isto, porque, depois da retirada da irmã, entretivera-se expansivamente com o pae e depois se encerrara no gabinete, entregando-se exclusivamente ao estudo e analyse da carta.

—Mas então, doutor ?—perguntou o mancebo apenas o medico terminou a explicação—ha algum perigo ?

—Toda a molestia é perigosa, quando não é combatida a tempo—respondeu Pedro Honorio com certa gravidade.

—Sim ; mas esta resposta não me satisfaz—retorquiu o mancebo—e o Senhor deve comprehender o alcance da minha pergunta, para se limitar a palavras tão vagas e axiomaticas.

—Bem sei e responder-lhe-hei com mais precisão. A febre de Noemia pôde ceder de um momento para outro e desaparecer de todo sem mais serias consequencias, si conseguirmos principalmente eliminar as causas que a determinaram, causas puramente moraes, e si lhe evitarmos igualmente novas commoções. Mas, si não fôr assim, recio muito que meus esforços sejam improficuos.

—Oh ! Doutor ! não nos diga isto !—bradou o mancebo, relanceando os olhos para o pae, que se conservava n'uma attitude abatida, com uma expressão dolorosa e olhar absorvido de quem soffre.

O Dr. Pedro Honorio dirigio-se lentamente para o velho coronel, sentou-se a seu lado e tomou-lhe uma das mãos, fazendo signal a Felix Modesto para sentar-se do outro lado.

—Meu caro amigo—começou elle em tom affectuoso, porém grave—o caso de sua filha é serio e de alguma gravidade ; é um desses casos, para debellar os quaes não basta a sciencia medica com o seu cortejo therapeutico. Necessito que me auxiliem e auxiliem efficaçmente.

—O que é preciso fazer, compadre ?—gemeu o velho coronel, fazendo um esforço.

—Tres causas concorreram para que Noemia chegasse a esse estado : a vergonha da sua deshonra, que ella nega, e sobre a qual, francamente, a dúvida é ainda a realidade, a repulsa de seu pae e o desprezo do escolhido do seu coração ; avultando sobre todas e confundindo-se com a primeira o horror de se suppor offendida pelo proprio irmão.

—Esta causa será eliminada facilmente—lembrou Felix Modesto com presteza—apenas ella melhore, apenas lhe volte a razão, as explicações, por satisfatorias, restituir-lhe-hão a tranquillidade ao espirito, a paz ao coração... e talvez mesmo que um pouco de alegria.

—Mas, as outras ?

—Quanto á sua deshonra... Excuso dizer-lhe, doutor, que não acredito nella... eu me encarrego de tranquillisal-a, assim que possa fallar-lhe sem perigo para ella.

—Quanto a Daniel ..

—O doutor com a sua autoridade pôde influir-lhe no animo para destruir-lhe a prevenção, pôde conseguir desvanecer-lhe as suspeitas...

—Duvido muito que obtenha um bom resultado. Co-

nheço bastante a altivez de character de Daniel, apesar da sua apparente estroinice... Em todo caso tentarei...

—E eu, por minha vez, dir-lhe-hei alguma cousa que facilitará ou completará a sua missão.

—Resta, porém, uma terceira causa, mais poderosa, talvez, que todas as outras, porque, filha de uma injustiça, contém em si uma ingratidão—concluiu o doutor olhando para o coronel.

Eça de Mello ergueu a cabeça e observou com voz so- turna :

—Eu me encarregarei desta, doutor.

—Ah! meu amigo!—exclamou o medico com alegria— não esperava de ti outro procedimento. Perdôas-lhe então ?

—Perdôo.

—Incondicionalmente ?

—Incondicionalmente. Não quero perder uma filha no mesmo dia em que encontrei um filho. Não quero que quando um sorri e me abençôa, a outra chore e amaldiçõe-me.

—Disse o ve ho lentamente e voltando-se para o filho ac- crescentou com ternura desusada :

—Felix, é a primeira concessão que faço ao teu reconhe- cimento.

Mas o mancebo abalou a cabeça e retorquiu-lhe :

—Perdôe embora para salva-a, meu paê ; mas, não era assim que eu queria vel-o perdoar.

—Como ?

—Não queria que perdoasse por concessão ou por pie- dade.

—Como o querias tu então ?

—Por convicção da sua innocencia, por arrependimento da sua propria injustiça.

O velho curvou a cabeça e, depois de um longo silencio, murmurou sumidamente :

— Deus sabe si eu lhe peço a convicção, e si me furtarei ao arrependimento. Em todo caso perdôo.

Neste momento appareceu entre portas a mãe Anna. Os tres ergueram-se de um impeto e correram anciosamente para ella. A boa mulata esboçou, porém, um sorriso anima- dor, que de alguma sorte os tranquillizou.

—O que ha?—perguntou o medico desde logo.

—Sr. Doutor, parece que Sinhazinha está melhor... Está suando muito e perguntou por *sinhô* velho.

Eu vou, eu vou—exclamou o velho coronel, dando um passo para a porta.

Mas Pedro Honorio travou-lhe do braço e fêl o parar im- mediatamente :

—Espere ! nada de imprudencias.

E dirigio-se elle só para o quarto da doente.

Noemia, com effeito, melhorara, sem que, contudo, estivesse salva de perigo... do perigo que lhe poderia causar qualquer nova commoção. A febre não desaparecera de todo, mas declinava progressivamente. O Doutor meditou-a intelligentemente e recommendou-lhe o mais absoluto socego de corpo e de espirito, promettendo-lhe deixal-a ver o pae, apenas a febre passasse de todo e ella lhe pudesse fallar e ouvi-lo sem receio de que esse encontro a prejudicasse. Deramou-lhe no coração algumas gotas do balsamo da esperança e deixou que esse medicamento moral produzisse o seu effeito.

Durante o resto do dia, pois, accentuaram-se as melhoras, sem que, todavia, a febre a abandonasse absolutamente. Tinham-lhe, porém, voltado ao espirito alguma calma e toda a sua lucidez. O doutor julgou que poderia sem perigo levantar a sua prohibição e permittio ao velho coronel a visita á sua filha. Já era tempo, demais. A impaciencia resignada da moça correspondia á soffreguidão mal disfarçada de seu pae. Passava-se no coração alguma cousa de sublime, especie de lucta entre a dignidade, que se queria manter resoluta e impassivel, e a ternura paterna que o impellia para a franqueza e para a expansão. O repentinó incommodo da filha, afigurando-se-lhe motivado unicamente ou, pelo menos, principalmente, pelo rigor do seu procedimento, e ameaçando-o com a perspectiva de um desenlace fatal, conforme as palavras insuspeitas e autorisadas do medico, cahira-lhe sobre o peito como um golpe de macho e abatera-o de chofre, fazendo-o ver toda a responsabilidade, todo o horror, todo o alcance moral e material das violentas manifestações do seu character.

Vira-lhe dahí uma reacção salutar que, si não actuava de todo em seu espirito, varrendo delle a dúbida e a suspeita, impressionava-lhe, contudo, o coração, resuscitando-lhe o affecto, vibrando-lhe as cordas da piedade, tornando-o pae antes de tudo. Durante o tempo que durou a prohibição do doutor, esteve, pois, impaciente, n'uma continua agitação, n'um desassocego inconsciente, porém, por isso mesmo, mais tocante. A cada momento approximava-se, pé ante pé, do quarto de Noemia e applicava o ouvido á porta como si quizesse ouvir o som da sua respiração e aspirar o halito da sua saude, indagando de momento a momento do seu estado, inquirindo do amigo e compadre si não poderia vel a desde logo.

Foi, portanto, com um soffrego alvoroço que transpoz a porta do quarto e, acompanhado pelo Doutor, se approximou do leito de Noemia. Esta, pallida, um pouco febril ain-

da, apoderou-se logo da mão do velho e levando-a aos labios cobrio-a de beijos e de lagrimas sem proferir uma palavra.

—Nada de emoções!—recommendeu o medico com doçura.

O coronel curvou-se um pouco e depositou um beijo longo e animador na fronte da menina.

—Meu pae?—murmurou ella, como renascendo sob a doce pressão daquelles labios, que davam-lhe assim um escudo de paz e de perdão—ainda está muito mal commigo?

O velho sentou-se nas bordas da cama, segurou-lhe em uma das mãos com um carinho cordial, e respondeu-lhe com uma voz, de que ressumbrava a mais sincera benevolencia:

—Não fallemos mais nisso.

A moça olhou-o agradecida e deu um suspiro de allivio, um suspiro de satisfação intima e real. O velho coronel presguiu com doce affecto:

—Recobra toda a lucidez de teu espirito, impõe a maior tranquillidade ao teu coração e prepara-te para receber uma noticia que te deverá alegrar tanto, como me alegrou a mim proprio, que já pensava não ter mais coração para estas cousas.

A moça sorriu suavemente, por entre a sua pallidez:

—Que maior alegria posso eu ter senão a que sinto neste momento?

O coronel retribuio-lhe o sorriso com um sorriso e as doces palavras com um olhar de uma ternura infinita e verdadeira. Curvou-se depois um pouco para ella e fallou-lhe baixinho, como si lhe dissesse algum segredo:

—Tudo aquillo que nos disse o Felix...

Ao ouvir o nome do mancebo, Noemia estremeceu n'um movimento involuntario e um véo livido assombrou-lhe o semblante, até então risonho e socegado.

—Tranquilisa-te—disse o velho immediatamente—é tudo falso.

—Falso?

—Sim. Era uma mentira, inventada pelo pobre rapaz, para pôr um termo final á desgraçada situação de todos nós. Confessou-me tudo, quando soube que era realmente teu irmão.

A moça olhava-o com um olhar mudamente interrogativo, mas tambem meio absorto, como si o espirito si se entregasse a um trabalho penoso de inducção. O coronel comprehendeu-a, sem dúvida, porque continuou a fallar por muito tempo, dando-lhe as mais minuciosas e cabaes explicações. Quando terminou, o olhar da doente tinha perdido a sua expressão curiosa e vaga, e ao seu semblante fôra resti-

tuida a placidez risonha e affectuosa anterior. Sorriu-se para o pae e murmurou com uma suavidade encantadora :

—Meu irmão !...

—Queres vel-o ?—perguntou o velho brandamente.

—Chame-o—respondeu Noemia simplesmente.

Um momento depois, irmão e irmã, estranhos na vespéra entre si, mas ligados já pelos laços mysteriosos de um affecto, que ella suppunha ser apenas sympathia e elle amor ardente, conversavam intimamente, entrelçadas as mãos n'uma ternura concentrada e fraternal.

O Doutor Pedro Honorio approximou-se então e cuidadosamente tomou o pulso de Noemia. A sua physionomia expandio-se n'um sorriso e elle exclamou alegremente :

—Decididamente a medicina é uma tolice, meu caro Sr. Compadre e, quando Deus quer, agua fria é remedio.

—Como ?—interrogou o coronel com alvoroço.

—A febre foi-se !—concluiu o Doutor.

—E eu me encarrego de fazer com que não volte—affirmou Felix Modesto.

Em seguida, chamou o pae e o Doutor para um canto do quarto, um pouco affastado do leito de Noemia, e com elles travou uma conversação, que aliás não durou muito. O resultado immediato foi o coronel e o Doutor despedirem-se da moça por aquella vez e se affastarem do seu quarto.

Ao pé de Noemia só ficaram Felix Modesto, que se sentou-se á sua cabeceira e a mãe Anna, que acocorou-se no tapete, olhando para os dois com uma admiração muda e affectuosa, de envolta com uma ternura solícita e quasi maternal.

XIX

A conferencia dos dois irmãos durou bastante tempo sem que ninguem tentasse interrompê-la, e o seu assumpto ficou sendo um segredo guardado por elles e pela mãe Anna, que nem um só instante deixou de ouvil-os com cuidadosa attenção, tanto maior quanto ella considerava a sua presença como uma prova de confiança, de estima e de benevolencia.

Deveria, porém, ter sido bastante interessante, porque, ao deixar o quarto, já noute alta, Noemia sorria-se tomada quasi de uma alegria delirante, e a pobre mulata chorava commovida, e, tendo acompanhado o rapaz até a porta, segurara-lhe na mão com respeitoso e terno affecto e murmurara com expressão convicta de confiança illimitada :

—Ah, *sinhó* Felix ! quando Vosmecê pôz os pés nesta casa, com Vosmecê entrou tambem a felicidade. Deus o faze bem, porque o merece.

O mancebo sorriu-lhe com meiguice e foi ter com o pae e o Dr. Pedro Honorio, que conversavam intimamente na varanda. A noute adiantava-se, e, quando Felix Modesto, depois do chá, despedio-se do velho para retirar-se, beijando-lhe a mão respeitosamente, este observou-lhe com uma ternura grave, ao passo que retinha entre as suas mãos a mão do filho :

—Mandei preparar o teu quarto aqui, Felix.

—Não, meu pae—retorquiu-lhe o rapaz—peço-lhe que não altere os nossos habitos ; principalmente por enquanto.

—Como quizeres—respondeu o velho conformado.

Abraçou-o ternamente e acompanhou-o até o alto da escadaria, onde o saudou ainda com um gesto amigavel e uma ultima palavra de agrado :

—Até amanhã.

Depois, em companhia do medico, dirigio-se ao quarto de Noemia. Mas á porta, a mãe Anna obistou-lhes a entrada com umas palavras de conforto :

—Está dormindo.

—E o somno ?—inquirio o Doutor.

—Socegadinho como o somno de um passaro, Sr. Pedro.

—Então, vae tudo bem.

O Doutor devia dormir no engenho, para o caso de serem precisos os seus serviços. Mas, felizmente, a noute passou-se toda sem que houvesse necessidade de acordal-o. Noemia dormira-a de um somno só, de um somno doce e calmo, como, ha muitas noutes, não tivera. Si alguém ve-

lou, foi o coronel, entregue aos mais encontrados pensamentos, sempre em lucta comsigo mesmo, sentindo-se afogar n'um mar de d'úvidas cruéis, agitado pela continua lembrança daquelle dia tão cheio de commoções, durante as quaes o seu coração havia percorrido toda a escala dos sentimentos, sem estalar de vez.

A manhã encontrou-o ainda acordado e reservava-lhe uma surpresa. Noemia puzera-se de pé, declarando affertadamente que se achava boa, e viera, como dias antes, saudar o pae na varanda. Apresentava unicamente os signaes de um abatimento physico, modificado, entretanto, por uma expressão physiognomica de alliva confiança, mas de uma confiança séria e grave, sem sombras de tristeza, que impressionou o pae, assim que a viu. O coronel recebeu-a com um modo, que nem era expansivo como dantes, nem glacialmente frio como de quem conservava ainda as suas d'úvidas e suspeitas: Noemia, porém, fez que não percebia o acolhimento e perguntou timidamente:

—Poderei tomar leite?

O Dr. Pedro Honório appareceu neste momento e ao ver a afilhada franziu a fronte com uma expressão contrariada.

—Já estou boa, meu padrinho—affirmou ella sorrindo-lhe, e indo ao seu encontro.

—Mas só deveria sahir do quarto com a minha licença. Vamos, volte, volte... e metta-se na cama.

—Mas, meu padrinho... e o leite?

—No quarto... no quarto; mando levar-o lá. Já... já!

E, empurrando familiar e suavemente a moça pelo hombro, levou-a até a porta do seu quarto...

—Não faça loucuras... olhe que as recahidas são perigosas.

Noemia entrou no quarto e de dentro perguntou-lhe:

—E quando posso sahir, senhor Doutor?

—Amanhã, si durante o dia de hoje não tiver cousa alguma.

Era, porém, um excesso de precaução e nada mais. Elle sabia que, por enquanto, o incommodo de Noemia não voltaria. Pedio, pois, o cavallo e despedio-se do coronel.

—Como? não passas o dia aqui?—exclamou este.

—Não é preciso—respondeu o compadre—ao passo que devo ir a outra parte.

Felix Modesto adiantava-se do jardim, montado já, e veio receber as ordens de seu pae.

—Tambem sahes?—perguntou elle.

—Mas voltarei breve—respondeu o mancebo—antes do almoço talvez. Noemia como passou a noute?

—Já esteve aqui.

—Já ! Então está de todo boa.

—Graças aos seus medicamentos, collega !—sorriu Pedro Honório batendo-lhe no hombro.

E, accrescentou immediatamente, lançando-lhe um olhar de intelligencia :

—Creio que vamos para os mesmos lados ?

—Vamos—respondeu o mancebo simplesmente.

Minutos depois afastavam-se do engenho, conversando, e, com mais meia hora, apeiavam-se á porta da casa de Daniel.

Recebeu-os o mancebo extraordinariamente maravilhado, sem poder furtar-se a uma subita e involuntaria commoção. A junção de Felix Modesto e do Dr. Pedro Honório, depois do que se havia passado, e aquella hora matutina, impressionava-o de véras, sobresaltando-lhe o espirito. A que viriam elles ? de que missão se teriam encarregado ? que noticias lhe traziam ? Fel-os entrar na sala, onde D. Ursula e Rosinha recebeu-os com affecto, mas de um modo que parecia constrangido, não pela presença do Doutor, mas pela de Felix Modesto, que fazia parte da casa do coronel. E' que D. Ursula e a filha ja estavam a par do que se havia passado, com todas as suas circumstancias e minuciosidades.. menos, todavia, as occurrencias posteriores á partida de Daniel. O mancebo, ao voltar para casa, tinha vindo n'um estado de exaltação dolorosa e fóra do commum. Partira de casa com a esperança a inundar-lhe o coração e voltara com o desespero a despedaçal-o cruelmente. Teria conservado comsigo a sua dor e calado o segredo da desgraça de Noemia, si não fosse o motivo que o levava ao engenho de Eça de Mello na manhã anterior. Não podia deixar de communicar á mãe o resultado da sua incumbencia, a resposta da sua carta : era-lhe, por consequencia, impossivel calar as circumstancias que haviam derrubado todos os seus castellos, que haviam feito evaecerem-se todos os seus sonhos. Contou tudo a D. Ursula e a irmã.

Deve-se, porém, fazer uma justiça ás duas senhoras. Não deram credito á calumnia e averbaram de precipitado o procedimento do mancebo. Mas a paixão não calcula, não raciocina... ou, si raciocina, é sempre erradamente. O procedimento de Eça de Mello é que motivara o procedimento de Daniel, como deste tirara aquelle argumento para justificar o seu juizo : um perfeito circulo vicioso, de onde seria difficil sahir-se.

E' dahi que provinha o acanhamento das duas senhoras ; mas, o Dr. Pedro Honório tratou de dissipal-o, encaminhando a conversação sem cerimonia.

—Que desgraça a do nosso amigo o coronel!—suspirou D. Ursula de uma feita.

—Desgraça momentanea e ficticia—replicou o Doutor com convicção e gravidade—penso que tudo aquillo não passa de calumnia... de uma intriga miseravel, que o meu amigo Felix Modesto jurou que havia de desmascarar.

E, aproveitando a opporrtunidade, voltou-se para Daniel e accrescentou :

—E a esse respeito preciso conversar com o Daniel.

—Commigo?—exclamou o bacharel sobresaltado.

—Com o meu amigo mesmo, que espero não me recusará o seu concurso para restituir a saude a uma menina e a tranquillidade a uma familia.

Daniel reprimio um estremecimento, franziu a testa involuntariamente e, curvando-se um pouco, talvez para occultar a subita commoção, respondeu com polidez.

—Estou ás suas ordens, Doutor.

D. Ursula e Rosinha fizeram um movimento para se levantarem.

—Não ! não é preciso sahirem—disse o Doutor, obstando-lhes o movimento—nada, que eu tenha de dizer ou de ouvir, lhes pôde ser estranho. Solicito mesmo a sua presença, minha Senhora.

As duas senhoras tornaram a sentar-se. O Doutor dirigiou-se totalmente a Daniel.

—Fallei em restituir a saúde a uma menina.

Daniel estremeceu de novo, mau grado seu, e balbuciou como que envergonhadamente :

—Noemia está doente ?

—Esteve-o perigosamente, hontem, depois da sua retirada—respondeu o Doutor com toda a gravidade—salvou-a então o perdão incondicional e immediato de seu pae.

—Ah!—exclamou D. Ursula com alegria—o coronel já perdoou-lhe ?

—Já ; mas não é o sufficiente. Persiste nella uma outra agonia moral, a que só o Sr. Dr. Daniel poderia dar alivio. Essa agonia, já o deve ter comprehendido, é o seu abandono, o seu desprezo.

O Doutor fez uma pausa e ficou olhando para Daniel ; este, muito agitado, conservou comtudo o silencio. O medico accrescentou :

—Falta-lhe, pois, o seu .. perdão. Sei que o Senhor a amava... ama-a ainda talvez...

—Tem estado, desde hontem n'um estado lastimavel—bradou Rosinha com um olhar brilhante de bondade.

—Si a amo?—murmurou Daniel com um suspiro—Amo-a muito ! quizera poder arrancar esse amor, essa paixão de

dentro de meu peito e procurar algures a felicidade que sonhei com ella. Mas é impossivel. Amei-a, desde que ella era uma creança ; amei-a como um fanatico, um idolatra ao seu idolo !... por ella daria a minha vida e a minha alma ! Sonhei com ella um futuro de delicias e de venturas... um idyllo do céu sobre a terra !... Minha mãe bem o sabe... muitas vezes o disse a minha irmã, que eram os meus unicos confidentes.

Daniel se havia exaltado. Brillava-lhe o olhar com um fogo desconhecido e a paixão extravasava-se lhe do peito.

—Beber a longos sorvos o prazer casto e puro nos seus olhos !—continuou elle como si fallasse a si proprio—ouvir as musicas de Deus pelos seus labios, viver vida do céu entre os seus braços... Oh ! tudo isto eu sonhei ! Era a minha esperança, a gloria do meu futuro, a conquista do meu presente. Era tudo o que eu queria e tudo o que esperava. Amar e ser amado : ser feliz.

Passou a mão pela frente como para sacudir as idéas, tomou de repente uma expressão sombria e continuou n'um tom cheio de amargura :

—Mas, quando eu ia realizar esse ideal.. veio a realidade esmagadora e terrivel e obrigou-me a recuar cheio de horror. Fôra tudo uma illusão... Ella mentia-me e enganava-me... Jurava-me amor e mentia ! jurava-me pureza e nientia ! E em troca do meu amor tão santo e verdadeiro, tão casto e respeitoso ; em troca das flores da minha alma... das esperanças do meu peito... do meu nome honrado, enfim, o que me deu ella ? o que queria dar-me ?... Os restos de uma virgindade manchada.

—Daniel !—bradou Felix Modesto, muito pallido, n'um tom escandalizado e reprehensivo.

—Amo-a ainda !—proseguio o mancebo sem dar pela interrupção—amo-a sempre, porque esse amor é uma fatalidade... é um inferno que trago na minha alma.

—E perdoa-lhe ?—perguntou o Doutor.

—Não—respondeu Daniel, depois de pausa.

—Não ?!—exclamaram todos a um só tempo, uns com espanto e outros com terror.

Felix Modesto adiantou-se para o bacharel :

—E, si Noemia não fosse culpada ?—disse elle—si estivesse pura e innocente como sempre ?

—Ah !—exclamou Daniel com explosão—si estivesse innocente e pura, si fosse tudo uma calumnia... não competeria a mim o perdoal-a... seria eu quem lhe supplicaria o meu perdão.

—Pois bem—disse Felix Modesto grave e lentamente—já que, para convencil-o dessa innocencia e dessa pureza, não

lhe bastam a minha convicção, a minha palavra, nem a affirmativa della propria... já que o seu amor tão grande é tão pequeno que precisa de outras provas...

—Perdão, Felix—interrompeu-o Daniel com azedume—com que direito vem o Senhor intervir neste negocio?...

—Seu irmão de Noemia—disse o mancebo com orgulho—advogo os interesses da minha familia.

Daniel havia recuado.

—O irmão?

As explicações foram rapidas e precisas. Daniel cumprimento o amigo com sinceridade:

—Perdõe-me as palavras duras e asperas que me ouviu, mas comprehenda a minha posição.

—Tratemos, pois, de esclarecê-la—disse Felix Modesto com a mesma gravidade—ia-lhe dizendo que, já que precisa de provas para eliminar as suas suspeitas, espero que não me recuse o seu concurso para obtel-as.

Não, não recuso.

—Ainda que lhe cause isso algum incommodo?... que lhe importe um sacrificio?

—Soffrirei todos os incommodos, farei todos os sacrificios para isto.

—Bem! eu contava com o Senhor e foi por isso que eu acompaniei o Doutor até aqui. Teria vindo só, si elle não fosse meu companheiro.

—Estou às suas ordens.

Felix Modesto voltou se para D. Ursula e dirigio-se exclusivamente a ella.

—O concurso de Daniel importa o seu tambem, minha Senhora, e espero...

—Comtigo, Sr. Felix, pôde contar sem constrangimento—obtemporou a digna Senhora, interrompendo-o—tudo que for preciso fazer, tudo que estiver ao meu alcance, desde já ponho à sua disposição, para conseguirmos rehabilitar a reputação da nossa pobre Noemia, para fazer brilhar a sua innocencia, sem a minima sombra de suspeita.

—É assim que a quero, e é para isto que o Daniel vae fazer-me um favor—disse Felix Modesto.

E, voltando-se de novo para o bacharel, accrescentou rapidamente:

—Peço-lhe que escreva uma carta, em tom jovial, ao Dr. Cazuzinha...

—Ao Dr. Cazuzinha? — exclamou Daniel admirado — áquelle tolo e pedante...

—A elle mesmo—continuu Felix Modesto com seriedade—convidando-o a passar um dia em seu engenho e exigindo que lhe responda immediatamente si acceita ou não o

convite, afim de, no caso affirmativo, se lhe mandar um cavallo e um portador para a Estação.

—Mas que lembrança é esta sua ?

—Quando receber a resposta—continuou o mancebo com a mesma seriedade—far-me-ha o favor de mandar-m'a levar com a maxima brevidade. E' esta a collaboraçào que lhe peço por enquanto.

—Escreve—disse D. Ursula do seu logar, dirigindo-se ao filho com terna intimativa—o mais que nos póde acontecer é termos de aturar, durante um dia, as tolices daquelle destructavel.

—E rirmo-nos á sua custa—acrescentou Rosinha.

—Nem isto—observou Felix Modesto com um sorriso enigmatico—si vier, eu me encarrego de livral-os delle, minha Senhora.

Minutos depois, Felix Modesto retirava-se com o convite de Daniel dentro do bolço.

A tarde desse mesmo dia, Felix Modesto conversava na varanda com seu pae e sua irmã, quando chegou a galope um portador de Daniel e entregou-lhe um bilhete capeando a resposta do Dr. Cazuzinha. O bacharel lhe escrevia poucas linhas :

« Meu amigo. Como pedio-me, envio-lhe inclusa a resposta do pedante. Accitou o convite e terei, por consequencia, de atural-o durante um dia inteiro; espero por isso que cumpra a promessa que fez a minha irmã, assim como faço votos para que obtenha, por esse meio, as provas que me tranquilisarão o espirito, restituindo-me a esperança. Do amigo *Daniel*.

Um pouco abaixo, Rosinha havia traçado estas palavras :

« Dê por mim um abraço em Noemia e recomende mãe ao coronel. *Rosinha*.»

Felix Modesto sorriu-se e passou a carta a Eça de Mello.

—Tem algumas palavras a seu respeito, meu pae—disse elle.

—De quem é esta carta?—perguntou o velho recebendo-a.

—De Daniel.

Ao ouvir este nome, Noemia baixou a cabeça involuntaria ou conscientemente... seria difficil dizel-o. Mas, ás faces lhe haviam subido um repentino rubor e o seio começara a effegar violentamente.

—D. Rosinha manda-te um abraço—disse-lhe o rapaz com muito affecto.

E, inclinando-se um pouco ao seu lado, segredou-lhe com de çura :

—E Daniel pede me que lhe restitua a tranquillidade e a esperança.

Um sorriso vago e indefinivel, mixto de contentamento e de tristeza, errou por um momento nos labios de Noemia. O coronel havia lido a carta do bacharel e restituiu-a ao filho sem dizer-lhe cousa alguma. Felix Modesto pediu licença e retirou-se apressadamente para o seu chalet. Ahi chegando, abriu a resposta de Cazuzinha e, apenas fitou-lhe os olhos, abâou um grito de alegria. Tirou da gaveta a carta anonyma e confrontou-a com o bilhete do rapaz. Um sorriso triumphante expandio-lhe desde logo todo semblante.

—Não me eng nei.—murmurou elle com satisfação E' admiravel como o pensamento nos serve bem, quando a von-

tade o dirige com energia ! Tenho agora em minhas mãos a ponta da meada e hei de desenrolal-a até o fim.

Dobrou as duas cartas e guardou-as cuidadosamente juntas. Depois deitou-se na cama, fechou os olhos e começou a meditar profundamente.

Quando, á noite, o vieram chamar para o chá, apresentou-se á mesa perfeitamente calmo ; mas, si o pae o observasse melhor teria notado em sua physionomia uma expressão de mascula resolução, accentuada por todos os signaes de uma vontade energica, de ferro. Ao despedir-se do velho, depois, fitou-o com firmeza e disse-lhe n'um tom insinuante e franco, que prevenia qualquer recusa :

—Meu pae, por estes dias hei de precisar de algum dinheiro.

—De quanto ?—perguntou o velho simplesmente.

—Não sei ainda ; mas, devo prevenil-o de que talvez seja quantia um pouco avultada. Mas, meu pae levará a meu credito, sobre a parte da fortuna que disse ficar á minha disposição.

—Pois sim—concordou o coronel com toda a naturalidade—amanhã fallaremos nisto.

No dia seguinte, logo ao despertar, Felix Modesto encontrou o pae vestido como para fazer uma excursão fóra do engenho. Ao vel-o, o coronel lhe ordenou serenamente :

—Vae preparar-te, porque vamos á cidade.

Com effeito, no primeiro trem embarcaram, sem que entre os dois houvesse a minima troca de explicações. Apenas chegaram á cidade, foram á casa do Commendador Martinho, com quem almoçaram cordealmente, apesar de não passar desaperecebido ao mancebo um tal ou qual acanhamento, muito semelhante ao que notara na vespera em casa de D. Ursula. Já teria chegado até ao Commendador e á sua filha o boato infamante da calumnia ? Felix Modesto resolveu verifical-o, dêsse no que dêsse e, para isto, aproveitando depois do almoço um momento em que o pae se entretinha reservadamente com o Commendador sobre negocios, approximou-se de Eugenia e encetou com ella uma conversação a que deu o tom da maior intimidade :

—Acho-a triste hoje e contra os seus habitos, D. Eugenia. Teria accaso sabido de alguma noticia má com relação a qualquer de suas amigas...

Eugenia empallideceu um pouco e interrompeu-o desde logo :

—Noemia como ficou ?

Felix Modesto fitou-a com persistencia e anciedade.

—Fallemos com franqueza e com toda a confiança. Soube de alguma cousa ?

—Soube—respondeu a moça tristemente, porém accrescentou logo com vivacidade—mas não acredito, nem papae tambem.

—E fazem muito bem—retorquiu o mancebo com seriedade—Tudo isto não passa de uma calumnia e espero prova-lo exuberantemente dentro em pouco.

—Ah ! Sr. Felix faça o quanto antes, porque receio muito que se propale esse facto e a reputação de minha amiga venha a soffrer.

—Garanto-lhe que sahirá illesa e immaculada como e foi até hoje. Mas quem foi que lhes disse ..

—Oh ! meu Deus ! não lhe devo fazer mysterio algum. Foi o Dr. Cazuzinha, de uma vez que veio visitar nos ..

—Já o suspeitava, D. Eugenia.

—Quando elle fallou-nos nisso, confesso que fiquei indignada e papae por pouco que o pôe pela porta a fóra. Censurou-o muito, aconselhou-o e elle, mostrando-se arrependido, protestou que seria discreto...

—E' um pouco melhor do que eu pensava.

O coronel se approximava para despedir-se. Felix Modesto accrescentou rapidamente.

—Agora tenho um favor a pedir-lhe em meu nome e em nome de Noemia. Si receber por estes dias um convite para ir ao engenho ou á casa do Dr. Pedro Honório ou a de D. Ursula, supplico-lhe que o accete e não falte em companhia de seu pae. Promette ?

—Prometto.

Eça de Mello approximou-se e totalmente. Elle e Felix Modesto despediram-se e sahiram. Ao ficarem sós, o Commendador voltou-se para a filha :

—Sabes ? o coronel deu-me parte de uma grande novidade.

—A respeito de Noemia ?

—Não me fallou nella, nem tão pouco por delicadeza. A respeito de Felix Modesto.

Eugenia fitou-o com curiosidade apprehensiva ; tratar-se-hia por ventura do casamento do rapaz ? Foi a idéa rápida que atrave sou-lhe o espirito, enchendo-lhe o coração de uma mágoa subita.

—O rapaz é seu filho—concluiu o Commendador—filho natural, e que elle vae legitimar.

Os olhos de Eugenia exprimiram surpresa, ao passo que seus labios se entreabriram n'um sorriso de alegria. O Commendador sorriu-se tambem e accrescentou esfregando as mãos :

—Rapaz feliz ! feliz rapaz !

Entretanto, o coronel e o filho atravessavam as ruas si-

lenciosamente e só pararam no edificio do Banco de Londres, onde o velho fez-se apresentar ao gerente e encetou com elle uma longa conferencia.

Ao finalisal-a, o inglez lhe disse com toda a gravidade britannica, a que, por esta vez, não faltava alguma lhaneza :

—Nada mais facil.

Chamou o guarda-livros e deu-lhe algumas ordens.

—A quantia de, Sr. coronel?...—perguntou elle voltando-se para Eça de Mello.

—Trezentos contos—respondeu o velho promptamente.

—Em conta corrente?—continuou o inglez.

—Em conta corrente.

—O nome do novo possuidor dessa quantia?

—Felix Modesto Eça de Mello— disse o coronel com toda a naturalidade.

E, dirigindo-se ao mancebo, que ficara como extatico e cheio de emoção, accrescentou n'u u tom mais baixo :

—Regulariso a tua fortuna e deixo-a no Banco em teu proprio nome, como já está a de tua irinã. Entendi-me com ella a esse respeito e concordou conmigo em tudo.

Meia hora depois, estavam preenchidas todas as formalidades. Do seu proprio dinheiro, recolhido ao banco, Eça de Mello, traspassara trezentos contos para o filho. O gerente do estabelecimento bancario entregou-lhe um livro de cheques e apertou com cordialidade grave de inglez a mão áquelle novo e respeitabilissimo cliente.

A's 5 horas da tarde o coronel e o filho estavam de volta ao engenho e tinham a surpresa agradavel de encontrarem o Dr. Pedro Honorio em companhia da Sra. D. Anna, que vinha abençoar a afilhada, protestando com a sua presença e seus carinhos de mãe contra as accusações que pesavam sobre ella.

—Compadre—disse a bôa da velha, quando poudo, mais tarde, conversar com o coronel desafogadamente—não lhe perdôo o seu juizo temerario. Noemia não merecia que Você desconfiasse della.

—Mas, comadre, as circumstancias? Creio que o compadre lhe informo de tudo ..

—De tudo, sim ; mas era o caso de Você proceder a indagações minuciosas antes de se deixar levar pelas primeiras impressões... que são sempre ruins. Si assim tivesse feito, evidenciaria desde logo que eram falsas as allegações da tal carta excommungada.

— Como então ?

—A carta não dizia que Noemia recebia um homem todas as noites no seu quarto ?

—Pouco mais ou menos.

—Pois isto é uma calumnia miseravel. Durante as noites, que aqui estive, dormi no quarto da velha mãe Anna, que fica junto ao de minha afilhada, com o qual communica por uma porta, que ficava aberta sempre. Além disso dormiam no quarto de Noemia as outras meninas, entre as quaes a irmã do Daniel e a filha do Commendador... Como é possível, pois, que entrasse nelle um homem, sem ser visto ou pelo menos presentido por todas nós? Você não vê logo que isto é um absurdo? Nem Noemia é menina que faça cousas destas?... Lá porque Você encontrou na sua inocidade uma moça que se esqueceu dos seus deveres e consentia que Você entrasse nos quartos da casa do pae, illudindo ella propria a confiança da familia, isto não é razão para Você ter supposto sua filha capaz da mesma falta.

A bôa da velha estava indignada e esvasiava o coração com toda a competencia da idade e franqueza da confiança. O coronel ouvia-a sem pronunciar uma palavra de justificação, sentindo, sim, a justiça dos seus conceitos e, por consequencia, o aguilhão do remorso remorder-lhe a consciencia.

Depois de fallar por muito tempo, a bôa da velha concluiu por esta fórma:

—Sabe que mais? eu não vim aqui sómente visital-os, não vim dar-lhe juizo nem trazer consolações a minha afilhada, apesar de precisar bastante dellas. Vim buscal-a para minha casa, ouviu?

—Como, comadre?

—E' o que lhe digo. Noemia já esteve doente e pôde recahir de um momento para outro, você quer ter provas da sua innocencia e tel-as ha, confio em Deus e no seu filho. Mas, enquanto estas provas não chegam ou não apparecem, que eu mesmo não sei quaes são os projectos do rapaz, levo Noemia conmigo para distrahir-a, fortalecel-a e principalmente subtrahil-a á espionagem da fabrica, que, não sei como nem por quem, já sabe de tudo que se passou e anda aos cochichos ahí pelas senzalas.

—Que me diz?—exclamou o coronel empallidecendo, sentindo a colera apoderar-se delle totalmente—pois esses miseraveis...

—Quem tem a culpa é Você mesmo, compadre. Lá diz o ditado: quando negro falla, branco já fallou.

—Vou mandar castigar-os severamente.

—Castigue a si primeiro. Os negros não têm culpa... Além disso é preciso que saiba de uma cousa: não é a Noemia que elles sensuram, é a Você... a Você mesmo, cujo procedimento os espanta e enche de natural indignação. Veja só como são as cousas; estão todos do lado de Noemia, e

sendo uns brutos, como são, tiveram mais criterio do que Você...

—Não são paes.

—Mas são reconhecidos... amam a senhora moça que é para elles a bondade em pessoa, e têm o senso commum de todo mundo.

—Quer dizer então que eu...

—Não fallemos mais nisto, compadre. Comprehende agora que é preciso affastar Noemia daqui por alguns dias, não comprehende ?

—Comprehando—respondeu o coronel com um suspiro.

—Então está decidido ; levo-a hoje commigo e, si Você quizer... vá vel-a lá em nossa casa.

Emquanto a Sra. D. Anna catechisava assim o coronel, Felix Modesto e o Dr. Pedro Honorio entregavam-se a uma conversação mysteriosa e animada, durante a qual o velho medico dava inequivocos signaes de approvação.

Nesta mesma tarde, pois, Noemia partio para a casa do padrinho e o coronel, triste e acabrunhado, ficou na sua immensa casa de vivenda, onde, apezar da presença do filho, parecia-lhe estar só e abandonado, como que repellido de todos, entregue a uma saudade dolorosa, mais dolorosa ainda porque o remorso a duplicava.

Passaram-se tres dias e chegou aquelle que Daniel havia designado no convite ao Dr. Cazuzinha. Às oito horas, pouco mais ou menos, passou um portador do bacharel conduzindo á dextra um cavallo para a estação. Felix Modesto, que já o esperava, trocou com elle algumas palavras e poz-se de alcatêa. Pouco antes de nove horas, parou o trem, e o Dr. Cazuzinha, rigorosamente ataviado, desta vez de botas, inglezas e rebenque de prata, montou a cavallo cheio de si e ordenou ao pagem que seguisse na frente para guial-o. Ao chegar á porteira do engenho, o pagem abriu-a e esperou que o rapazola passasse.

—Como ? vamos para o engenho do coronel Eça de Melo ?—perguntou elle admirado, e de alguma sorte dando signaes de contrariedade.

—Passamos só por elle ; o caminho é esse—respondeu o pagem respeitosaente.

—E não tem outro ?

—Não, senhor.

—São bem exquisitos estes mattos ! para se ir a um lugar é preciso passar pela casa dos outros !—observou o Cazuzinha com ares de importancia.—Não achas que cada engenho devia ter a sua estrada especial e privativa ?

O pagem rio-se francamente :

—Eh ! eh ! meu senhor, isso era lá possível ? e o engenho que fica no meio dos outros ?

—Era não fazer engenhos no meio !... Vamos, segue adiante.

O pagem esmoreceu o cavallo e encaminhou-se para os lados do chalet. Apenas approximou se, Felix Modesto sahio ao terreiro e, fingindo que procurava reconhecer os cavalheiros, adiantou-se ao encontro delles.

—Oh !—exclamou, apparentando surpresa e alegria—é o Senhor ?

E accrescentou logo, acercando-se do rapaz e estendendo-lhe a mão cordialmente ;

—Já sei que vem passar o dia connosco.

Cazuzinha ficou um pouco tranquillo com este acolhimento.

—Não, não !—respondeu sorrindo com ar de protecção—vou ao engenho do meu amigo o Dr. Daniel, que fez-me a fineza de convidar-me. Diga-me uma cousa : é algum dia de annos ?

—Não... é apenas um pretexto para fazel-o vir até cá...

Cazuzinha sorriu-se e pareceu meditar alguns segundos. Depois inclinou-se para o mancebo e perguntou-lhe n'um tom confidencial e malicioso :

—Diga-me mais ; elle não tem uma irmã... uma linda rochinchudinha de olhos pretos ?...

—D. Rosinha.

—Esta mesma ; vi-a aqui no engenho naquelles deliciosos dias que estivemos juntos.

E, endireitando o corpo, como si o quizesse fazer crescer mais duas pollegadas ou mesmo dois palmos, accrescentou com um sorriso de fatuidade extrema :

—Já comprehendo o convite do irmão.

Felix Modesto sorriu, piscando-lhe um olho com mysteriosa inclinação de cabeça e pediu-lhe instantemente :

—Mas, apeie-se um pouco...

—Não, já é tarde.

—Ao contrario, são apenas nove horas. Apeie-se um pouco, tome um calice de *cognac*. Para seu governo preciso de lhe dar dois dedos de conversa.

—Então, vá lá.

Cazuzinha apeiou se.

—Olhe, vá entrando sem cerimonia—disse-lhe Felix Modesto com toda a urbanidade—enquanto eu mando amarrar os cavallos na so.ubra. Mas, entre... entre ; isto aqui é casa de rapaz solteiro.

Cazuzinha entrou batendo nas botas com o rebenque e torcendo com a mão esquerda as guias do bigode. Felix Modesto entregou immediatamente ao pagem um bilhete que havia escripto, enquanto esperava pelo Dr. Cazuzinha, e ordenou-lhe que seguisse sem demora para o engenho de Daniel. O pagem guardou o bilhete e, puxando o cavallo do rapazola, poz-se a caminho sem fazer reflexão alguma. No bilhete, Felix Modesto escrevia simplesmente ao seu amigo :

« Daniel. — O cavallo volta sem cavalleiro, confisquei em caminho o nosso homem. Assim creio fazer mais do que cumprir a minha promessa. Tudo vae bem. Do amigo, *Felix Modesto*. »

Despedidos os cavallos, e quando vio que já elles iam longe, o nosso mancebo entrou em casa e foi directamente ao encontro de Cazuzinha, não já com a mesma expressão alegre e expansiva, com que o recebera, mas com um semblante frio e serio, grave e resolutivo.

—Sente-se, Doutor—disse elle convidando-o com um gesto.

—E o *cognac* ?

Felix Modesto foi a uma mesa, onde havia garrafas e co-

pos, encheu um calice e offereceu-lh'o com a mesma gravidade.

—Excellent: *cognac*!—exclamou o rapazola saboreando-o—só bebi igual na Europa. Os engenhos também deviam fabricar *cognac*. Obrigado.

Agora sente-se - tornou a convidal-o o mancebo—temos de conversar sobre assumptos graves e importantes.

—Mas não me demore muito—observou o rapazola, sentando-se commodamente e estirando uma perna para cima de uma cadeira—bem sabe que tenho de ir ao engenho do meu amigo Daniel, onde talvez me espere a felicidade.

—E' inutil essa viagem—disse Felix Modesto com seriedade—já lhe disse que o convite do Dr. Daniel foi um mero pretexto para vir até cá.

—Um mero pretexto, diz o Senhor? retrucou o rapaz com admiração profunda e séria—como se entende isto?

—Eu lhe explico. Eu precisava ter uma conferencia com o Senhor... mas só com o Senhor. Não podia, pois, procural-o na cidade, onde arriscava-me a ser interrompido pelo seu amigo, o Sr. Alexandre Horta; e não lhe escrevi eu proprio, porque suppuz com muitos bons fundamentos que o meu convite não seria accedido.

Cazuzinha recolheu a perna e endireitou-se na cadeira. A cousa não lhe ia cheirando muito bem. Abrio muito os olhos e fitou-os no rapaz. Este proseguiu impassivelmente:

—Pedi então ao meu amigo Daniel que lhe endereçasse o convite em questão e elle a isto se prestou benevolmente. Si duvida, olhe—(e apontou para fóra)—os cavallos foram-se. O Senhor está em meu poder.

Cazuzinha deu um salto, ficando um pouco pallido.

—O que quer comrigo?—exclamou elle meio assustado.

—Vae sabel-o—respondeu Felix Modesto com frieza.

Foi á gaveta, tirou as duas cartas e, mostrando-lhe a resposta ao convite de Daniel, perguntou-lhe com intimativa:

—Foi o Senhor quem escreveu este bilhete?

—Fui—respondeu Cazuzinha com toda a ingenuidade.

—Então o Senhor é também o autor desta carta!—exclamou o mancebo, apresentando-lhe bruscamente a carta anonyma.

O rapazola olhou-a, poz-se a tremer inconscientemente, e tartamudeiou sarapantado:

—Eu?...

—A letra é a mesma—concluiu Felix Modesto com frieza.

E, fitando o rapazola com imperio, pareceu querer dominal-o inteiramente. Este havia perdido de todo o sangue frio e, sentindo-se ameaçado, cheio de medo, não encontrou

outro alvitre senão o de confessar toda a verdade, tentando comtudo attenual-a na parte que lhe dizia respeito.

—E' verdade...—gaguejou elle com os olhos esbugalhados pelo terror, e uns gestos supplicantes, que em outra qualquer occasião fariam rir—a lettra é minha... fui eu mesmo que escrevi... mas... mas para servir ao Alexandre... ao Horta... cuja lettra era conhecida do coronel... e que por isso não se queria comprometter directamente. Bem vê o meu amigo que não sou culpado unicamente... e nunca supuz... que uma ligeira brincadeira...

—Brincadeira!—exclamou Felix Modesto, agarrando-o pelo braço—o Senhor chama a isto brincadeira?... que nome dá então á infamia? que nome dá á calúnia? Acha ligeira brincadeira atacar a reputação de uma moça honesta, conspirar a honra de um pobre velho, perturbar a paz e a tranquillidade de uma familia inteira...

—No pensei que as cousas chegassem a esse ponto, meu amigo...

—Não pensou?... então que diabo de consciencia tem o Senhor? que espirito é o seu que não distingue o bem do mal, que não prevê o alcance dos seus actos?... que...

Cazuzinha interrompeu-o lamuriosamente:

—Mas eu já lhe disse, meu amigo, que só fiz isto para ser agradável ao Alexandre...

—E foi tambem pela mesma razão que se encarregou de propalar as calumnias dessa carta?

—Eu?

—Sim, o Senhor, que em casa do commendador Martinho...

Cazuzinha ficou atterrado: Felix Modesto sabia tudo... O rapazola começou a tremer como varas verdes, phantasando logo as cousas mais terriveis e mais desagradaveis para si. Ouvira contar historias lugubres a respeito da justiça dos engenhos, da crueldade das vindictas, de sujeitos surrados em carros, apodrecidos em troncos, enterrados vivos nas bagaceiras e quejandas barbaridades de tempos remotos. Sentio, portanto, arrepiarem-se-lhe os cabellos e, n'uma visão rapida e medonha, vio-se amarrado, surrado, mutilado, morto e enterrado, com um bando de urubús a voarem-lhe ao redor e os porcos, até os porcos a fossarem-lhe a cova para disputarem entre si os restos do seu cadaver. Agarrou-se então a ultima taboa de salvação que lhe restava: interrompeu o mancebo e contou tudo com a maior franqueza e sinceridade:

—Sim, sim—murmurou elle titubeante, mas apressadamente—mas o commendador chamou-me ao sentimento do meu dever, aconselhou-me, fez-me ver o perigo que eu cor-

ria, e eu não disse a ninguém mais. Olhe, Sr. Felix, não se zangue commigo... eu fui apenas um instrumento... o que me perdeu foi, já não digo a amizade que tenho pelo Alexandre, porque isso de amizade é uma cousa relativa que só deve ir até onde vão os nossos interesses...

—A theoria é digna do Senhor!—observou Felix Modesto com desprezo.

—O que me perdeu foi a necessidade—continuou o Cazuzinha sem fazer caso da observação e muito menos do tom com que foi dita—foi a necessidade que eu tinha de dinheiro... o Senhor bem sabe o rífão latino : *necessitas caret legem* : a necessidade tem cara de herege. Olhe, eu vou contar-lhe todo o plano do Alexandre, plano que revela as suas intenções, aliás honestas, porque elle só tem em vista o casamento, e dizer-lhe francamente a razão por que a elle me associiei.

—Não é preciso—disse-lhe Felix Modesto, com severidade—sei essa razão, que não abona a sua dignidade, e adivinhei esse plano, que attesta a miserabilidade moral do seu amigo.

Dirigio-se à mesa, trancou de novo as duas cartas na gaveta e voltou lentamente para junto de Cazuzinha, dominando o sempre com o olhar frio e severo, com a physionomia grave e resoluta.

—Faça favor de sentar-se—disse elle indicando-lhe uma cadeira—sente-se e conversemos... como dois homens que procuram entender-se.

Cazuzinha sentio-se um pouco animado, e sentou-se immediatamente, ficando n'uma attitude humilde, mas de vaga expectativa.

—Pelo que me tem dito e pelo pouco que sei a seu respeito, Sr. Dr. Cazuzinha—pricipiou Felix Modesto com lentidão e segurança—parece-me que posso fallar-lhe com franqueza e sem rodeios.

—Sem dúvida, e creia que lhe responderei da mesma forma—respondeu confiadamente o rapazola.

—Por consequencia, vamos ao facto. Quanto lhe deu, ou quanto lhe prometeu o seu amigo para que o Senhor o auxiliasse ?

Cazuzinha conheceu que corava levemente, mas sentio sobre si o olhar de fogo do mancebo e, baixando as palpebras com uns restos de vergonha, respondeu-lhe francamente :

—Tem me dado algum dinheiro a titulo de emprestimo e por conta de maior quantia ; mas prometeu-me dez por cento sobre o dote de D. Noemia, apenas se effectuasse o seu casamento.

Pelos labios de Felix Modesto passou um sorriso de asco e de desprezo. Atalhou, porém, sem demorar-se :

—Compreende perfeitamente que es a promessa é illusoria, porque semelhante casamento jamais se effectuará.

—Que me diz !—exclamou Cazuzinha n'um sobresalto repentino, exprimindo logo após um desanimo profundo.

—Bem vê, portanto—continuou Felix Modesto—que o Senhor nada ganhou com a sua collaboração infame... que nada lucrará com o seu amigo...

—E' verdade—suspirou o rapazola com desanimo ainda mais accentuado—o seu plano deu em pantanas e eu é que me vejo mettido em mãos lençóes.

—Está em suas mãos evitar um castigo merecido—continuou Felix Modesto insinuantemente.

E, vendo que o rapazola estremecia, voltando-lhe ao rosto a pallidez do medo, accrescentou dando á voz um tom melifluo de esperança :

—E' servir aos seus interesses, consolidando um pouco a sua fortuna.

Cazuzinha serenou de repente. Approximou um pouco a sua cadeira á de Felix Modesto e, n'um tom de confiança, que se lhe afigurou ser uma garantia de seu arrependimento e de sua sinceridade, interrogou-o vivamente :

—O que é preciso fazer ?... FALLE sem rebufos e póde contar desde já com o meu assentimento.

Felix Modesto pensou durante alguns instantes. Depois, fitou Cazuzinha de face, sempre dominando-o, e começou novamente a lhe fallar :

—O seu amigo prometeu-lhe dez por cento sobre o dote de D. Noemia. Sabe a quanto monta esse dote ?

—Uns trezentos contos... disse-me elle. . .

—Seja essa quantia—concordou Felix Modesto friamente—por consequencia seria de trinta contos a sua porcentagem.

—Justamente...

—Porcentagem que ficará reduzida a zero, porque Noemia nunca será esposa de... do seu amigo...

Cazuzinha curvou a cabeça ainda uma vez, como si aquelle golpe o esmagasse de novo. Felix Modesto proseguio com a mesma calma :

—Offereço-lhe cincoenta contos, para o Senhor destruir tudo o que fez.

—Estou prompto !—bradou o rapazola, quasi erguendo-se da cadeira, e brilhando no olhar a mais decidida cupidez —vou já ao coronel e declaro-lhe tudo... tudo, tim tim por tim tim.

—Não basta—disse Felix Modesto, com o gesto moderando-lhe o entusiasmo repentino.

—Não basta?... o que é preciso mais então?

Neste momento chegaram-se á porta dois lavradores do engenho e pediram licença para entrar. Felix Modesto recebeu-os com a urbanidade, com que tratava a todos e inquirio delles o motivo da visita. Era simples: os dois homens vinham receber um dinheiro de assucar já vendido e que o mancebo, dias antes, mandara lhes dizer que estava á sua disposição. Aproveitavam aquelle domingo, para não interromperem o seu serviço.

Emquanto fallavam, Felix Modesto parecia ouvir-os ab-sorto; quando elles terminaram, o mancebo dirigio-se a um pequeno cofre de ferro, incrustado na parede, abriu-o, tirou de um dos seus compartimentos a quantia necessaria e, deixando-o aberto, veio dal-a aos dois lavradores, aos quaes acompanhou até o terreiro, demorando-se com elles alguns minutos.

Voltou então com calculada lentidão, fechou o cofre, cuja chave guardou no bolço do collete e foi tomar a posição anterior ao lado do rapazola.

—Desculpe a interrupção—disse elle simplesmente—e continuemos a tratar do nosso negocio. Dizia o Senhor?

—Perguntava-lhe o que era preciso fazer para destruir o mal que a minha... inexperiencia havia feito e para...

—E para ganhar... os honorarios do seu trabalho. Lemb-ro-me; é preciso pôr-se inteiramente de accordo commigo, seguir fielmente as minhas instrucções...

Cazuzinha interrompeu-o com despejo:

—E com franqueza, meu amigo; é séria a sua promessa dos cincoenta contos?

Felix Modesto fitou-o com orgulhosa seriedade:

—Eu só tenho uma palavra, Senhor. Si não o conhecesse bastante, teria appellado simplesmente para a sua dignidade; mas, como supponho conhecê-lo de mais, offereci-lhe dinheiro. A questão reduz-se agora a poucos termos. Preciso do seu concurso, do seu auxilio, não para uma infamia com o seu amigo, mas para uma obra meritoria e justa, e por isso lhe faço uma proposta: accêita ou não?... E' o que quero saber por ora.

—Acceito—respondeu Cazuzinha promptamente.

E accrescentou com uma certa timidez:

—Mas o Senhor bem sabe que em todos os negocios se costuma dar garantias...

—Compreendo... Quer alguma cousa por conta...

—Com franqueza... Não posso mais recorrer decentemente á bolça do Alexandre... e vou achar-me em condi-

ções... um pouco precárias, tenho tido muitas despesas... sou obrigado a frequentar a sociedade assiduamente...

Felix Modesto deixava-o fallar, mas fitava-o cada vez com mais desdem. Si não entrasse nos seus planos o utilisar-se do rapazola, com que prazer e promptidão não o poria pela porta a fóra a ponta-pés! Resignava-se, porém, e ouvia-o com paciencia desdenhosa; por fim interrompeu-o:

— Bem, de quanto precisa?

De...—vacillou o Cozuzinha—E' muito um conto de réis?—fartou-se com tímida interrogação.

Felix Modesto inclinou-se um pouco com um gesto de assentimento, ergueu-se de prompto e sahio dizendo-lhe apressado:

— Espere-me; já volto.

XXII

Apezar de tudo, o Dr. Cazuzinha não estava tranquillo, tanto mais quanto não sabia ainda o que Felix Modesto queria d'elle. Tinha sido ameaçado e a ameaça ficara-lhe gravada no espirito, como a ponta de um espinho de titara no sa-bugo de uma unha. Mas tinha tambem recebido uma propo-sta, que era como a cataplasma refrigerante que lhe leni-tivava as dores causadas pelo espinho. E essa proposta era tão deslumbrante que lhe calara dentro d'alma, offerecendo-lhe uma perspectiva seductora.

Mas o que exigiria d'elle Felix Modesto ? que sacrificio seria esse que era cotado por um preço tão elevado, preço que abrangia a paga material em dinheiro de contado e a paga moral do esquecimento do seu proceder e, portanto, do perdão da acção má ?

Vendo o rapaz sahir, Cazuzinha teve impetos de fugir ; mas, duas cousas—dois pensamentos simultaneos—o impedi-am de levar avante essa intenção : a cupidez natural, dis-pertada pelo offercimento espontaneo dos cincoenta contos —uma fortuna—e a ausencia de meios de transporte, pela re-tirada dos cavallos. Em todo caso, correu á janella e obser-vou a direcção que o rapaz tomava. Na realidade, o que vio não concorria em nada para tranquilisal-o, e antes o poz n'um desassocego inexprimivel.

Felix Modesto dirigira-se directamente ao engenho e con-versava com o pae, a quem havia encontrado de botas e es-poras, já prompto para montar.

—Vae sahir, meu pae ?—perguntou elle um pouco admi-rado.

—Vou á casa do compadre Pedro Honorio—respondeu o velho com um certo vexame, apezar da sua natural gravi-dade.

E, accrescentou com voz sentida e profunda, que deixa-va entrever o estado do seu coração :

—Ha tres dias que não vejo... tua irmã.

Não almoça em casa ?

—Não ; vou almoçar com ell... com a comadre—emen-dou elle de repente e accrescentou logo em seguida—não queres ir ?

—Não posso, por ora, estou liquidando um negocio de importancia ; mas apparecerei por lá a tarde.

—Bem ; neste caso, manda vir o cavallo.

—Antes de sabir, porém, meu pae, necessito que me faça um favor.

O velho olhou-o interrogativo, mas sem manifestar a minima surpresa.

—Empreste-me dois contos de réis—pedio o mancebo com serenidade simples e natural.

—Não empresto dinheiro a filhos—respondeu-lhe o coronel com presteza.

E, com Felix Modesto fizesse um movimento de espanto ou de surpresa, elle o deteve com um gesto, sorrio, e metteu em seguida a mão no bolso, de onde saccou um grosso mazzo de notas de diversas côres e valores. Folheou-as por um momento, e separando a quantia pedida, entregou-as ao mancebo com estas palavras benevolas e risonhas :

—Ahi tens os dois contos de réis ; dout'os.

Ninguém admire a promptidão de Eça de Mello em dar ao filho essa quantia, attentos á amizade serodia que lhe dedicava e a confiança profunda que o mancebo lhe merecera sempre. Nem tão pouco estranhe o facto de ter de prompto essa quantia no bolso. Eça de Mello ia sabir para fóra do engenho e é costume dos ricos fazendeiros não irem a essas e quejandas visitas sem levarem as algibeiras recheiadas. Quando não o façam por necessidade ou por ostentação, fazem-n'o, porque succede quasi sempre nos engenhos ou casas a que vão, de condigna importancia, se installam de repente algumas bancas de *lasquet* ou de outros jogos, aos quaes nenhum delles se recusa formando isto um dos mais vulgares entretenimentos das casas de vivenda, o que dá logar, seja dito de passagem, a que muitas fortunas se desbaratem, a receita não dê para as despezas, e hajam agricultores que vivam a lastimar-se calumniando as suas terras e as suas cannas, os seus eitos, o commercio... e até o governo, sem se lembrarem de que só possuem um inimigo, que é o jogo.

Voltemos, porém, á nossa acção. Cinco minutos depois de ter dado o dinheiro, o coronel esquipava galhardamente para a casa do compadre e Felix Modesto voltava a ir ter com o Cazuzinha. Este havia creado alma nova ao ver o velho se affastar sem dar pela sua presença. Verdade é que elle se tinha occultado um pouco á sua passagem.

Felix Modesto veio encontra-lo sentado na mesma cadeira em que o deixara e quasi na mesma posição, como si dalli não se houvesse levantado. Entregou-lhe immediatamente o dinheiro, dizendo-lhe ao mesmo tempo :

—Pedio me um conto de réis ; ahi tem dois.

—Obrigado !—murmurou o rapazola, com os olhos ruti-

lantes, as faces + tremem-lhe de prazer, sumindo em seguida as sedulas no bolso da calça.

—Agora vamos almoçar e depois conversaremos—disse Felix Modesto.

—Mas...—titubeou Cazuzinha com hesitação acompanhada de um gesto de recusa, lembrando-se que ia achar-se em presença de Noemio.

—Nem meu pae nem minha irmã...—disse Felix Modesto distrahidamente.

—Sua irmã?—exclamou Cazuzinha admirado—tem uma irmã aqui?

Era tarde para retroceder. Felix Modesto tomou logo o seu partido.

—Sou filho do coronel...—disse elle simplesmente.

Oh! Cazuzinha comprehendeu o grande perigo que correria... e teve uma pallidez toda retroactiva. Carvou-se, porém, com humildade e murmurou contritivamente:

—Peço-lhe ainda desculpa da parte que tomei...

Felix Modesto interrompeu-o:

—Felizmente para o Senhor, ignoram todos essa parte. Não receie, portanto, coisa alguma; além disso nem meu pae nem minha irmã estão em casa. Almoçaremos sóz.

Cazuzinha tranquilisou-se de todo e começou a pensar que as cousas tomavam para elle um rumo muito favoravel... Dois contos de réis já elle tinha no bolso!

Depois do almoço, installaram-se na varanda e, Felix Modesto, sentando-se em face do rapazola, dirigio-lhe a palavra seccamente, como de superior para inferior, como um homem de bem que dirige-se a um tratante.

—Agora, conversemos; preste-me toda a attenção e compenetre-se das minhas palavras. Vae saber o que quero e o que espero do Senhor.

Cazuzinha inclinou-se um pouco, com uma curiosidade ansiosa e cheia de respeito, e Felix Modesto começou a falar-lhe em voz discreta, a que não faltava contido animação. Cazuzinha prestava-lhe a maior attenção, acabando por manifestar um interesse profundo e progressivo. Ora dava signaes de approvação, ora arriscava alguma tímida observação, que era logo respondida. No fim de quasi duas horas de conversação, quando ella chegava ao seu termo, o Dr. Cazuzinha ergueu-se de subito e bradou com enthusiasmo:

—Conte comigo para tudo!

Em seguida, fitando Felix Modesto com uma ingenua admiração, accrescentou em uma fatuidade inconcebivel:

—Quando eu for ministro diplomatico, não quero outro secretario senão o Senhor!

E repetio ainda com convicção e enthusiasmo:

—Conte commigo... conte commigo para tudo !

A's quatro h'ras da tarde, depois de jantar, seguiu para a estação e Felix Modesto o acompanhou, indo trocar algumas palavras com o estacionario, que aliá lhe dedicava uma grande sympathia, como succedia a todos que tinham a fortuna de conhecê-lo. Este colloquio passou despercebido a Cazuzinha, que, si quasi sempre se occupava mais de si do que de tudo, neste momento se distrahia em apalpar cuidadosamente o dinheiro que tinha no bolso.

Poucos instantes depois, o estacionario aproximou-se d'elle e perguntou-lhe com uma amabilidade fóra do comum, mostrando-lhe uma sedula :

—V. S. tem aliá dinheiro para me fazer o obsequio de trocar quinhentos mil réis ?

—Oh ! pois não ! devo ter—reterquiu Cazuzinha sem demora—nunca ando sem dinheiro.

Metteu a mão no bolso com inaudito pedantismo, tirou o maço de notas, que lhe dera Felix Modesto, e contou o dinheiro murmurando admirativamente :

—Ora esta ! pensei que tivesse mais.

E com uns gestos exaggerados de protecção e urbanidade fez o troco ao chefe da estação. Este ao receber as notas, observou sorrindo e fazendo-as estalar :

—São novinhas em folha.

—São cá da minha fabrica—retrucou Cazuzinha com basofia.

Acendeu um charuto e dirigio-se á plataforma, onde Felix Modesto estava passeiando. Este tirou o relógio e observou-o :

—O trem não tarda—disse elle.

Apoderou-se então do braço de Cazuzinha, levou-o para uma das extremidades e fallou-lhe n'um tom breve e accentuado :

—Quero fazer-lhe uma ultima observação. Não procure trahir-me, nem tente enganar-me. Si o fizer, accusal-o-hei de crime de furto e denunciá-lo-hei como ladrão.

—Ladrão !

—Sim ; durante alguns minutos o Senhor esteve só na minha sala deante do meu cofre totalmente aberto...

—Mas eu não tirei nada !—murmurou o rapazola muito espantado.

—Bem sei ; mas, dois lavradores o viram por esta occasião. Aquí na estação, o chefe viu-o contar a quantia que o Senhor tem no bolso e o Senhor passou-lhe um troco em duas cedulas de duzentos mil réis e uma de cem, novas, cujos numeros possuo. Direi, portanto, que o Senhor roubou-me esse dinheiro, emquanto eu me ausentei da sala...

—Mas isto será uma calúnia!—bradou quasi o rapazola.

Felix Modesto travou-lhe do braço e murmurou-lhe surdamente :

—Quem auxilia e propala uma calúnia absurda, bem póde ser victima de uma outra possível.

Depois de uma pausa, durante a qual gosou do terror do Cazuzinha, accrescentou com insinuante confiança :

—Creio, porém, que não precisarei chegar até lá.

—Não, de certo—protestou Cazuzinha—o que eu disse, está dito : conte comigo, conte comigo para tudo.

O trem approximava-se. Cazuzinha despedio-se do mancebo, mas antes de embarcar, approximou-se-lhe um pouco e segredou-lhe rapidamente :

—Fique descansado que desempenharei amanhã a minha palavra... Mande o cavallo para a estação.

—Amanhã?—insistio Felix Modesto com um certo sobresalto.

—Amanhã ; e, si não for amanhã, escrever-lhe-hei.

O apito do chefe do trem dava o signal para a partida e Cazuzinha embarcou precipitadamente. O trem partio, e Felix Modesto, montando a cavallo, com presteza, tomou a galope a direcção da casa do Dr. Pedro Honorio.

XXIII

Apenas sentio rodar o trem e pelas janellas vio Felix Modesto affastar-se a galope, o Dr. Cazuzinha soltou um suspiro de allivio e murmurou com os seus botões :

—Safa ! escapei de boas !

Apalpou ainda uma vez o bolço em que levava o dinheiro, lançou duas ou tres fumaças de charuto para fóra da janella do wagon, recostou-se commodamente no espaldar do seu assento e entregou-se a uma funda e persistente meditação.

Assim fez toda a viagem, assim chegou á cidade. Quando entrou em casa, passou, á porta da rua, algum dinheiro, que tinha na carteira, para o bolço e depois subio as escadas com passo apressado, azafamado, dando todos os signaes de inquietação e de contrariedade. Estava hospedado, como dissemos já, em casa de Alexandre Horta e este occupava um segundo andar da rua do Brum.

Ao entrar na sala, o engenheiro achava-se commodamente espichado no sopliá, saboreando um charuto e com expressão de quem pensava em cousas alegres. Apenas vio o amigo, sentou-se de um salto, notou logo o ar inquieto e contrariado de Cazuzinha, e em seu rosto debuchou-se a mais viva e anciosa curiosidade.

—Então ?—perguntou-lhe elle, acto continuo—como foste de passeio ?

—Pessimamente.

--Como pessimamente ?

—Porque aconteceu-me uma dos diabos. A proposito, tens algum dinheiro que me emprestes ?...

—Oh ! homem ! é o que te emprestei esta manhã ?

—Foi-se.

Cazuzinha tirou a carteira e mostrou-a toda aberta. Estava completamente vazia.

—Mas, como foi isto ?—inquirio Alexandre Horta, admirado—Cem mil réis que te dei hoje...

—O que queres. Metteram-me n'um joguinho e... perdi tudo, tudo ! quasi tiram-me a camisa.

—Pois, por ora, meu amigo—retrucou o engenheiro meio aborrecido—é chorar na cama que é logar quente. Eu não posso estar assim a botar dinheiro fóra... Tens-me custado mais de quatrocentos mil réis, de oito dias para cá...E, si eu soubesse que aquella carta me custava tão caro...

—Mesquinho !—pensou comsigo o Cazuzinha e, elevando

a voz, exclamou desabridamente—fizestel-a boa com a tal carta !

O engenheiro deu outro salto e poz-se em pé.

—Como ? exclamou elle, se approximando do rapaz.

—Como ? Nem sabes, nem nada ! e receio muito que venhas a perder o teu tempo e o teu latim.

E, assim dizendo, o Cazuzinha sentou-se e começou a tirar as botas.

—Mas com os diabos !—bradou o engenheiro, anciosamente—falla de uma vez ; conta-me o que houve, o que ha.

—Espera, homem.

—Não vês que estou impaciente... Que effeito produziu ella ?

—Um effeito diabolico.

—Isso tudo não passa de palavras vagas. Vamos aos factos.

—Deixa-me despir e tomar folego.

—Então despe-te... despe-te depressa.

O engenheiro poz-se a passeiar impaciente, mordendo os bigodes ou mastigando o charuto com furor... Cazuzinha entrou para o seu quarto, onde o primeiro cuidado que teve foi esconder o dinheiro no fundo da mala, mudou de roupa, e voltou de novo para a sala.

—Então ? então ?—perguntou Alexandre Horta, parando bruscamente em frente d'elle.

Cazuzinha sentou-se.

—Ainda não caibo em mim, meu amigo ; nem avalias a commoção terrivel por que passei... por tua causa.

—Por minha causa ?... desconfia-se que a carta é minha ?

—Nem de leve.

—Mas então ?...

—E' que produziu um effeito que nem tu, nem eu podiamos esperar.

—Não fizeram caso della ?

—Ao contrario ; fizeram de mais. Tu tinhas preparado as circumstancias tão bem, que a verosimilhança foi tomada por uma realidade incontestavel.

—Conheço bem o genio do coronel... Eu sabia a quem me dirigia e como devia dirigir-me. O golpe foi mesmo certo, hein ?—perguntou o Alexandre Horta com orgulho.

—Foi tiro e queda—respondeu o Cazuzinha, apparentando enthusiasmo.

—E d'ahi ?

—D'ahi está tudo em polvorosa lá pelo engenho. Conseguiste, portanto, o teu fim.

—Contava com elle.

—O peor, porém, não é isto. O peor são as consequências que te ameaçam fatalmente.

—Já é a segunda vez que me dás a entender a existencia de um perigo. Qual é elle ?

—Teres preparado a cama para outro.

O engenheiro empallideceu horrivelmente.

—Para outro ?—exclamou elle fóra de si.

—Positivamente, não ; problematicamente, porém—accentuou o Cazuzinha com toda a fatuidade.

—Não te comprehendo, Cazuzza...

—Zinha... zinha, si me faz favor.

—Falla com clareza, pelo amor de Deus !... dize-me de uma vez o que soubeste.

—E' aliás cousa muito simples. A nossa carta... digo noíssa, porque si eu a escrevi, tu a ditaste e, além disso, nosos são os interesses que a ella se ligam : teus pelo dote e meus pela respectiva porcentagem...

—Vamos ao facto, vamos ao facto—interrompeu-o Alexandre com impaciencia mal contida.

—A nossa carta, pois—proseguio o rapazola com impassibilidade—produzio todo o effeito previsto e desejado. A deshonra de Noemia foi por todos acreditada, apesar dos seus protestos e negações, apesar das suas lagrimas e desespero. O excesso da sua dor foi até considerado como uma prova convincente da sua falta.

—Ainda bem ! era isto mesmo o que eu queria.

—Mas o que não querias, o que não contavas nem previsto, é o que se está passando actualmente. Ignorando, como se ignora, quem seja o autor dessa... aventura romanesca, não sabendo a quem de direito deva caber o dever de reparar o mal de sua filha, o coronel trata de casala a todo o transe e seja lá com quem for, afinal, sem dúvida, de evitar que o facto se torne publico e o escandalo envergonhe a sua familia.

—Bravo ! até ahí previa eu... E' o momento psychologico da minha intervenção.

—Sim ?—retrucou o Cazuzinha com ironia—pois sabe que estás muito proximo a perder a occasião... A occasião é calva como a fortuna, e só tem um fio de cabello no alto da cabeça : quando passa por junto de nós, quasi sempre ás carreiras, se não conseguimos fiscal-a pelo fiozinho do tal cabello. adeus fortuna ! nunca mais lhe puremos o olho em cima. Pois a occasião é assim.

—Deixa-te de asneiras e vamos á historia. Porque é que estou proximo a perder a occasião. uma occasião que eu mesmo preparei e da qual estava a espera ?

Porque o coronel trata de arranjar, por qualquer preço,

um marido para a filha. Foi assim que tendo sabida, não sei como, que o Daniel era o apaixonado da menina...

— Ah! era o Daniel? — interrompeu o engenheiro com ironia odienta e amargura rancorosa — era por causa d'elle que ella repellio-me? .. Continúa.

— Tendo sabido desses amores, que já eram velhos, ao que parece, mandou offerecer-lhe a mão da menina, acompanhando o offerecimento de promessas seductoras...

— E elle?... — interrogou o engenheiro com perturbação e ansiedade.

— Recusou *in limine*... o digno rapaz é um homem! respondeu com toda a dignidade e sobranceira. Disse que tinha um titulo scientifico e não u a attestado de artesão... que estudara para direito e não para pedreiro.

— Como soubeste disto?

— Contou-me elle proprio, cheio de indignação e como offendido da proposta. Perdendo as esperanças por este lado, lançaram a rede para outro. A mão de Noemia foi offerecida... advinha a quem?

— Aposto que foi ao Felix?

— Atinaste.

— Oh! diabo! e este accitou... E' um pobre diabo que não tem onde cahir morto, e esse conchavó dá-lhe uma posição no mundo e uma fortuna, que, sem elle, nunca lhe chegaria para os beiços.

— Pois enganás-te. Esse pobre diabo parece que tambem tem brios e dignidade. O Felix Modesto recusou.

— Recusou?!

— Peremptoriamente — respondeu o Cazuzinha com emphase.

Alexandre Herla respirou n'um largo hausto.

— Irra! — suspirou elle — quasi vejo perdidas as minhas esperanças! Era esse rapaz que eu mais temia, mas uma vez que elle é tão parvo que não accitou a fortuna que lhe offereciam... sinto renascer-me o animo.

E, depois, mais calmo, accrescentou com toda a philosophia:

— Com effeito! recusar trezentos contos, que se custa a perder, só porque a mulher que o traz em dote, não possui aquillo que se perde n'um momento... é de veras de uma parvoice sem limites. Felizmente para mim, ainda ha desses no mundo.

Voltou-se totalmente para o Cazuzinha e, fitando-o de uma forma suspeitosa, atirou-lhe estas palavras.

— Não sei como não t'a offereceram tambem.

Cazuzinha torceu as guias do bigode com um gesto de

fatua complacencia, olhou-o de esguelha e respondeu com estudada e misteriosa lentidão :

—Quem sabe si o não fizeram ?

—Que !... fallaram-te nisto ?...

—Um pouco por alto, é certo.

—E... e... recusaste ? tu, que sabes perfeitamente que Noemia está pura como um anjo ?...

E, Alexandre Horta pregava no amigo um olhar desconfiado, através do qual já se percebia as primeiras scintillas de uma colera terrivel.

—Recusci, sim !—respondeu o Cazuzinha com displante—recusei, porque sou um amigo leal e sincero ; recusei, porque não quiz me aproveitar de uma occasião que creaste para ti, de umas circumstancias que são filhas unicamente da tua intelligencia, da tua vontade, da tua ambição e do teu amor.

Alexandre Horta encara-o admirado.

—Fiz por ti, o que tu talvez não fizesses por mim—proseguiu o rapazela com orgulhosa entonação.—Tambem tenho a minha dignidade, Sr. Horta.

O engenheiro correu a elle e abraçou-o.

—Perdôa-me !—exclamou com effusão—cheguei a duvidar de ti, a conceber uma terrivel suspeita...

Cazuzinha retribuiu-lhe o abraço um pouco friamente, affastou-se um pouco e continuou reflectidamente :

—A minha desistencia, porém, não resolve a questão. Continúa-se a procurar um marido a todo o transe, e creio que o coronel, não encontrando gente da sua igualha, descerá até os seus proprios subalternos. Afinal de contas, sempre se achará algum lavrador que feche um pouco os olhos e não tenha escrupulos de ser genro de um tão rico senhor de engenheiro. Tu comprehendes ; antes um genro de pouco mais ou nada, do que uma filha de reputação perdida e deshonrada. Dos males o menor.

—Não ! eu ampararei a sua reputação e restituir-lhe-hei a honra conspurcada !—exclamou Alexandre Horta com resolução entusiastica - amanhã mesmo irei procurar o coronel.

—Estás doudo ?!...—bradou o Cazuzinha—o coronel está de cama... quasi louco... Um compadre e amigo intimo, o tal Dr. Pedro Honorio é que se tem incumbido de todo esse negocio.

—Pois procurarei o Doutor.

—Quando ?

—Amanhã.

—Então, apressa-te meu caro ; apressa te, porque o caso é urgente.

Alexandre Horta poz-se a passeiar, enquanto Cazuzinha o observava de soslaio, cofiando os bigodes para occultar um

riso, quasi imperceptível entretanto, de ironia. De repente parou.

—Não seria melhor escrever-lhe? —reflexionou elle.

—Escrever-lhe? —bradou o Cazuzinho dando um salto— estás doudo?... Quem quer vae e quem não quer manda. Uma carta póde extraviar-se, póde mesmo chegar tarde... e gorogotó galhetas! já se ter encontrado outro marido... Um casamento nestes casos deve ser uma cousa assim como: fogo viste linguça: dito e feito.

—Tens razão.

—No teu caso eu ia pessoalmente.

—Pois irei eu mesmo.

—E eu te acompanharei .. para saber o resultado.

Os dois amigos concordaram na viagem e, como já era noite, separam-se para dormir. Cazuzinha levou toda a noite a sonhar com grandes banquetes, grandes viagens e com uma chuva interminavel de cedulas de todas as cores, tamanhos e padrões, com enormes algarismos de fogo que dançavam ao seu redor e o deslumbavam, a ponto de o fazerem entontecer, cambalear e cair no assoalho como um bebado.

Alexandre Horta, porém, não dormio; passou a noite inteira a reflectir, certo de que no dia seguinte ia decidir-se a sua sorte, pelo alcance de uma esplendida victoria.

XXIV

Vamos ainda uma vez encontrar Felix Modesto, que deixamos galopando em direcção á casa do Dr. Pedro Honorio, depois de ter assistido a partida do Cazuzinha.

Poucos minutos depois, o mancebo apeiava-se á porta de seu velho amigo, e entrava de physionomia alegre e expansiva na sala, onde se achava reunida toda a familia; inclusive seu pae e Noemia. Entre esses dois, porém, notou elle desde logo, senão uma frieza accentuada, o que estava longe de esperar, pelo menos uma tal ou qual reserva, uma especie de resentimento, que fel-o franzir a testa e tomar uma attitude reflectida e curiosa.

Com effeito, sem que tivesse havido entre o pae e a filha motivo algum aparente de novos desgostos, persistia entre elles um momentaneo e fatal antagonismo, motivado pela conversação que se havia travado durante o dia. Não se havia, é certo, tratado uma só vez da accusação calumniosa, que pesava sobre a moça, accusação a que, aliás, afóra o coronel, ninguem dava credito real, mas certas idéas e proposições do velho deixavam perceber claramente as vacillações persistentes do seu espirito, tornando-se quasi que indirectas allusões, revelando nelle uma preocupação constante, que não podia ter por origem senão a crença daquelle facto absurdo, vexatorio e humilhante.

Déra causa involuntaria a essa conversa um dito da Sra. D. Anna, que, mais tarde vendo o rumo que ella tomava, arrependeu-se de veras, mas já sem resultado, o que deu logar a que o acanhamento a abrangesse tambem como a seu marido.

--O que é preciso é casar a Noemia quanto antes—dissera a boa velha, innundando a afilhada com um sorriso de bondade e uns olhares de ternura.

—Não tenho pressa—respondera a moça com um movimento de faceirice, que foi logo corrigido por uma expressão de tristeza que se derramou por todo o seu semblante.

E' que ella lembrara-se de repente do repudio de Daniel e presentia que tão cedo—ou nunca talvez—se reatariam as suas relações. E a idéa de um casamento, sem ser com Daniel, provocava-lhe a mais decidida repugnancia.

O coronel voltara-se para ella e retorquirá-lhe com toda a gravidade :

—Não tem pressa porque ?...

—Mas, papae...

—Acho que a comadre tem toda a razão—continuou o coronel sem dar importancia á sua interrupção—o casamento é o meio de impedir certas situações embaraçosas e de fazer calar murmurações inconvenientes.

Noemia sentio-se ferida no coração e refugiou-se no silencio. O coronel continuou cada vez com mais accentuada gravidade :

—Por muito prazer que sinta um pae em ter uma filha junto a si, por muito que ella lhe suavise a vida, o honre e o estime, chega um momento, em que essa filha—principalmente se já não tem mãe que vele por ella—necessita de procurar um marido que a proteja dos proprios desvios, que complete a sua existencia, que a encaminhe na consecução do seu fim social. Chega um momento mesmo em que essa filha não tem o direito de se demorar na sua escolha...

—Logo Você admite a escolha, compadre?—perguntou o Doutor.

—Sem dúvida.

—E, si nesse momento ella ainda não tiver escolhido?—objectou D. Anna.

—Deve sujeitar-se ao que lhe derem—respondeu o coronel pausadamente.

—Oh! meu Deus!—suspirou Noemia, apertando o seio com as mãos n'um movimento de angustia.

—Tanto mais quanto—continuou o coronel no mesmo tom—não lhe podem dar senão o que for digno e conveniente. Isto mesmo é até uma justa limitação á livre escolha, a que muitas vezes não preside o criterio, e que por isso póde ser infeliz e dar logar a desillusões e a desgostos, muitas vezes prematuros.

A allusão era clara. Noemia comprehendeu-o, bem como o Doutor e sua mulher. Estes fitaram o coronel como para prescrutarem-lhe o pensamento, e aquella curvou a fronte acabrunhada, sentindo a humidade de umas lagrimas nos olhos.

—Cases ha até—proseguiu Eça de Mello—em que a escolha deve ser eliminada e nos quaes a mulher tem o dever de acceitar o primeiro pretendente serio e em condições que lhe appareça. Não só será isto uma garantia para o seu futuro, como é tambem uma garantia do seu passado, além de uma prova exuberante de uma orgulhosa e legitima dignidade.

E si a mulher—essa filha, porque a hypothese começou por uma filha—objectou o Doutor—: recusar esse pretendente?

—Tem o dever de acceital-o.

—Mas se recusar?—insistio Pedro Honorio.

—O pae tem o direito de impol-o—concluiu o coronel com alguma dureza.

Noemia estremeceu. Aquellas palavras eram uma sentença. Daniel a havia despresado, Daniel não podia mais ser esse pretendente; quem seria elle, pois? Quem quer que fosse, seu pae a obrigaría a desposal-o. Noemia havia empalledecido e fazia inauditos esforços para conter os soluços, que estavam prestes a explodir.

O Dr. Pedro Honorio aproximou-se do coronel e falou-lhe muito baixo.

—Si sua filha estivesse nesse caso...—ia elle perguntando.

—A minha opinião seria a mesma—respondeu Eça de Mello, interrompendo-o.

—Então, si apparecesse agora um preteudente... si alguém lhe pedisse a sua mão...

—Casava-a immediatamente. Fosse elle o proprio Alexandre Horta, que já uma vez a pediu... Olhe, compadre, confesso que me arrependo de tel-o despedido... E' que eu tinha então umas idéas... nem sei como.

—Verdade é que o Alexandre Horta não é um mau rapaz.

—Não é um idéal; mas é trabalhador e honesto... Creio mesmo que seria um excellente marido.

Decididamente o espirito do coronel, pelo abalo que soffrera, passava por uma modificação extraordinaria. Já nem sequer lhe lembrava a repugnancia que o engenheiro lhe causava para marido de sua filha, quando pretendeu ter essa honra.

Foi depois dessa conversação, que Felix Modesto entrou. Já era esperado, consoante o que promettera ao pae pela manhã e por isso a sua recepção nada teve de excepcional, tanto mais quanto era sempre com agrado que a Sra. D. Anna via o mancebo e esperou desde logo que a sua presença espancasse a nuvem de tristeza que poisava sobre todos.

Neste ponto, porém, em nada influio a chegada de Felix Modesto. Este, depois de certo tempo de palestra, a que debalde procurou dar um tom alegre e prazenteiro, manobrou de tal fórma que pouda isolar-se com o Dr. Pedro Honorio, com quem encetou uma conversação mysteriosa e prolongada, mas que devia ser de importancia muito grande, porque o medico, além da attenção concentrada que lhe prestava, dava de vez em quando signaes evidentes de admiração, de concordancia e até de um tal ou qual enthusiasmo.

Quando a conversa terminou, já quasi noute, o Doutor entrou para o seu gabinete, acompanhado sempre pelo rapaz, sentou-se a sua secretaria e escreveu uma carta, que, de-

pois de fechada e subscriptada, lhe entregou silenciosamente. Em seguida voltou para a sala, pediu as botas e mandou que lhe sellassem o cavallo.

—Como compadre?—perguntou-lhe o coronel—vae sahir?

—E' verdade, compadre; mas demorar-me-hei pouco. Vou ver um doente... um verdadeiro doente—respondeu olhando com intelligencia para Felix Modesto.

—Mas Você esteve escrevendo, Pedro? indagou a mulher anciosamente.

—Ah! foi uma receita que dei ao Felix para um dos doentes do engenho... Elle mesmo manipulará o medicamento e applical-o ha a tempo e a hora.

As explicações eram razoaveis e por isso nenhuma suspeiça despertaram. O Doutor apromptou-se em breve instantes, tomou o chapéo e despedio-se do coronel com estas palavras:

—Compadre, não se retire sem eu chegar.

—Salvo si Você si demorar muito—respondeu o coronel.

—Demore-me ou não, ao chegar quero encontral-o.

E, voltando-se para Felix Modesto, o Doutor accrescentou naturalmente:

—E Você, meu rapaz, monte logo a cavallo e vá applicar o remedio ao seu doente. Toda a demora é má.

Montou em seguida a cavallo e tomou apressadamente a direcção do engenho de Daniel. Felix Modesto despedio-se de todos, allegando para a sua partida precipitada as ultimas recommendações do Doutor e pedindo ao pae desculpas por não se demorar para acompanhal-o.

—Entretanto, si quizer, poderei voltar—disse elle ao finalizar.

—Não, não. Irei só; por ventura terei medo de andar desacompanhado pelas minhas terras? Era o que faltava... Vae, vae; eu não preciso de guarda-co-tas—accrescentou sorrindo e batendo amigavelmente no hombro do filho.

Felix Modesto beijou-lhe a mão e sahio. Ao montar a cavallo, ouviu que o chamavam baixinho d. Lido do citão da casa, onde havia u nas touceiras de jasinins e uma grande latada de maracujá-assú... Pareceu-lhe reconhecer a voz da irmã; montou de um salto, colheu as redeas e a passo encaminhou-se para o logar de onde a voz havia partido. Era Noemia, com effeito. A pobre moça não pudera esquecer as palavras e os conceitos de seu pae, e desde que vira entrar o irmão, que resolvera contar-lhe tudo, implorando a sua intervenção, a sua influencia no animo do pae, como que se pondo sob a sua protecção. O que a agoniava mais que tudo, neste momento, já não eram as theorias que expendera,

mas sim o que ao Doutor dissera particularmente seu pae, cujas ultimas palavras, com referencia a Alexandre Horta, ella havia ouvido perfeitamente.

Felix Modesto, inclinado para ella sobre o cavallo, ouvia-a attentamente sem dar o minimo signal de espanto ou de censura. Mas, quando Noemia chegou á ultima parte da sua narrativa, elle teve um subito estremecimento, que, sacudindo as redeas bruscamente, quasi faz o cavallo dar um salto. Sorriose depois com amargura e disse tristemente :

—Meu pae persiste ainda no seu erro.. mas não te importes Noemia; tem mais alguma resignação e espera em Deus. Quanto a mim, farei o que estiver nas minhas mãos em teu favor. Não chores nem irrites mais ainda o nosso pae.

—Irrital-o, eu? Si eu pudesse dar-lhe ao espirito a calma antiga, restituir-lhe a confiança de outro tempo...

—Tranquillisa-te; eu lhe fallarei a esse respeito.

—Sim, falla lhe, eu te peço.

—E agora até logo; amanhã virei ver-te e talvez já te traga alguma consolação.

Desviou o cavallo para partir, mas demorou-se ainda um momento e disse á irmã, como si se houvesse recordado de repente.

—Ah! a proposito.

—O que é?—inquirio ella se approximando com presteza.

—Quaes quer que sejam as ordens que o Doutor te dê, obedece-lhe cegamente.

—Porque?

—Porque... é o teu dever. Adeus.

O mancebo esporeou o cavallo e partio como uma setta, antes que a irmã lhe pudesse fazer qualquer pergunta.

Minutos depois apeiava-se á porta do seu chalet e gritava por um molecote, que era o seu pagem ou portador de confiança :

—Catolé?

—Prompto, *sinhó* moço!—respondia o escravo, de uma das casas da senzalla e, em dois saltos, approximava-se d'elle —*sinhó* moço quer que guarde o cavallo?

—Guarda e sellá o alazão, para ires á cidade; isto já.

Emquanto o diabo esfrega os olhos, Catolé havia recolhido á estribaria o cavallo de Felix Modesto e se apresentava á porta do chalet com o outro sellado e enfreado.

—Sabes a casa do Commendador... o correspondente de meu pae...

—*Oxente, sinhó* moço! não tenho ido lá tantas vezes?

Felix Modesto entregou-lhe a carta, que o Dr. Pedro Honório havia escripto e lhe entregou minutos antes.

—Vás correr á desfillada até a cidade...

—Sim, *sinhô*.

—Procura chegar á casa do Commendador o mais cedo possível. Mas chegues a que horas chegares, esteja a porta da casa aberta ou fechada, ouve bem...

—Sim, *sinhô*.

—Entrega-lhe esta carta que o Sr. Dr. Pedro Honorio manda.

—Sim, *sinhô*.

O molecote, guardou a carta e montou de um salto.

—Tem resposta, *sinhô* moço?

—Não.

O pagem curvou-se sobre o pescoço do cavallo, encolheu as pernas, deu um estalo com a lingua e o animal partio como um corisco. Si o Catolé abrio a porteira ou si o cavallo a saltou, é o que seria difficil affirmar, o que é certo é que por instantes se ouvio um tropel desenfreado, vertiginoso pela estrada, e pouco depois nem o echo da carreira chegava aos ouvidos dos moradores do engenho.

Felix Modesto recolheu-se pensativo e começou a passear como um general na vespera de uma batalha decisiva. Só muito tarde deitou-se, mas ainda assim não dormio. Estava agitado, febril... de momento a momento erguia-se para ver o relógio, como si a noute lhe parecesse interminavel.

Pela madrugada ouvio um tropel e o resfolegar cansado de um cavallo. Correu á janella. Era o pagem que voltava da cidade.

—Está entregue a carta, *sinhô* moço.

—Bem, váe deitar-te.

Felix Modesto respirou, mas ainda assim a sua agitação não cessou de todo. Até de manhã esteve acordado, impaciente, febricitante... consultando o relógio e o oriente, como si o sol, por um phenomeno, se demorasse em apparecer.

Raiou finalmente o dia. Felix Modesto tomou ás pressas um copo de leite, deu ordem ao pagem para levar um cavallo sellado á Estação e mandou apparelhar o carro do coronel, em que se fez conduzir para alli immediatamente.

Apenas elle deu as costas, a escravatura, reunida ao apito do feitor, começou a fazer commentarios e supposições. Ha dias que se passavam no engenho cousas anormaes, extraordinarias, que lhe haviam chamado a attenção, e de alguma sorte influido no seu animo, apezar de bronco, ou estiolado pela ausencia de cultura e de liberdade. Aquellas idas e vindas fóra do commum, a ausencia da senhora moça a quem os escravos adoravam, pela bondade e doçura com que os tratava, os tinham impressionado e tornado mais curiosos do que costumam ser habitualmente. Além disso, a mãe Anna havia fallado e o que a Sra. D. Anna adiantara, quando viera buscar Noémia, não passava de uma triste verdade. Os escravos sabiam tudo e, lastimando a moça e o velho, achavam-se todos possuidos de uma indignação justa e legitima.

Naquelle dia, porém, as cousas apuravam-se ainda mais. Catolé, o pagem de confiança—molecote endiabrado e que passava nas senzalas de uma certa influencia, porque na casa de vivenda tinha tambem umas certas regalias—fôra mandado á cidade, de noute e a toda á brida, levar uma carta ao Comendador. Catolé o havia dito. Pela manhã, Felix Modesto levava o carro para estação—dia de semana—e, para cúmulo da admiração, o velho coronel não madrugara na varanda, segundo o seu costume. Os negros presentiam algum acontecimento grave e murmuravam entre si.

Mas, o feitor distribuio-os em turmas e conduzio-os ao trabalho: A moagem, interrompida pelas ferias e pelas festas, já recomeçar. Os escravos espalharam-se, pois, pelos partidos, encetando o côrte, mas mesmo no serviço, enquanto manejavam as foucesinhas, não deixavam de proseguir no fallatorio e nos conseqüentes commentarios, nos quaes o proprio feitor não desdenhava metter de vez em quando a sua colherada.

Entretanto, Felix Modesto installava-se na estação e esperava pelo trem. Passou o primeiro, e contrã a sua expectativa e impaciencia, não saltou pessoa alguma com destino ao engenho de seu pae. Era forçoso esperar pelo segundo e elle o fez, sem poder todavia disfarçar a contrariedade, nem distrahir as apprehensões, não obstante a insistente e persis-

tente palestra do estacionario, que suppunha, coitado, amenizar-lhe assim as horas.

Mas, enfim, o tempo sempre passa. Eram quasi nove horas e o trem approximou-se: era o ultimo da manhã. O coração do pobre mancebo começou a palpar violentamente, quando uns olhos negros que o fitavam, de um dos wagons, o encheram de alegria. Era Eugenia que já de longe o tinha conhecido, e que, ao approximar-se, lhe enviava um sorriso, como si fosse um cumprimento.

Parou o trem e apeiaram-se o Commendador e a filha, ella um pouco risonha, sem todavia estar alegre e elle com um ar grave em que presentia-se uma sombra de tristeza. Estava visivelmente preocupado.

Felix Modesto foi-lhes immediatamente ao encontro, mas enquanto os cumprimentava com respeitosa affabilidade, relanceava pela plataforma olhos inquietos, investigadores, desassocegados. De repente pareceu tranquillisar-se e não pre-tou mais attenção senão a Eugenia e a seu pae. Tinha visto Alexandre Horta e Cazuzinha.

O trem partio.

—Está melhor o meu velho amigo?—perguntou o Commendador com um tom de voz delicado e compassivo.

Felix Modesto sorriu-se e respondeu:

—V. S. o verá.

—É loemia?—perguntou Eugenia, olhando-o fixamente.

—V. Exc. vel-a-ha tambem.

Respondeu o mancebo e acrescentou logo em seguida:

—Temos ahi o carro a sua disposição.

—Como! sabia que nós vinhamos.

Felix e Eugenia trocaram um olhar rapido e alegre.

—O doutor prevenio-me respondeu o rapaz.

—Então vamos—retorquiu o Commendador.

Foram os tres sahindo da estação, quando esbarraram com Alexandre Horta e Cazuzinha. Este cumprimentou o Commendador e a filha com um certo acanhamento, e mo procurando esquivar-se aos seus olhares e dirigio-se de preferência a Felix Modesto. Alexandre Horta, porém, approximou-se ostensivamente do Commendador e o saudou com presumpçosa familiaridade.

—Por aqui, Sr. Horta? já sei que vem ver o coronel.

—Não, commendador: vou um pouco adiante... Talvez que na volta passe pelo engenho...

Felix Modesto, que havia retribuido ao cumprimento do engenheiro com frieza, approximou-se do grupo e dirigio-se à filha do Commendador;

—Quando quizer embarcar, minha Senhora...

—Já,—respondeu ella—até a vista, Sr. Horta.

E Eugenia e o Commendador subiram para o carro.

Neste momento, Alexandre Horta perguntava ao chefe da Estação, que, encostado á porta apreciava a partida dos passageiros :

—Ha por aqui quem alugue cavallos.

— Não,—respondeu o chefe.

—E' uma dos diabos!—murmurou o engenheiro.

Felix Modesto, como si só esperasse por isto, disse algumas palavras ao Commendador, que lhe respondeu com um gesto de assentimento, e voltando á Estação, dirigio-se ao engenheiro :

—Não ha por aqui cavallos de aluguel, mas posso pôr o meu á sua disposição, si a viagem não fôr longa.

—Mas... não sei se deva...—balbuciou Alexandre Horta com hesitação.

—Acceita—disse Cazuzinha com franqueza.

—Entre cavalheiros...—observou Felix Modesto polidamente—são favores que não se recusam.

—Acceito ;—disse o engenheiro depois de alguns segundos de reflexão—mas antes peço-lhe o favor de uma informação.

—Pois não.

—Ha algum caminho para a casa do Dr. Pedro Honorio, a não ser o que passa por dentro do cercado...

—Es-e mesmo está inutilizado, em consequencia de se estar concertando uma das pontes—respondeu Felix Modesto—mas ha o caminho da matta.

—E... é por fóra ou por dentro do engenho?... porque não desejava passar agora pela casa do coronel.

—E' por fóra.

—Difficil.

—Alguma cousa : mas eu mandar-lhe-hei um portador para guial-o.

—Ficar-lhe-hei muito obrigado.

—Unicamente o Senhor terá o incommodo de esperar um pouco, enquanto chego ao engenho e mando vir o portador.

—Pois, não.

—E eu ?—exclamou então o Cazuzinha, voltando-se para o companheiro—combinamos que eu te esperaria em casa do meu amigo o Sr. Felix...

—Oh ! nada mais facil !—retrucou lhe Felix Modesto—o Senhor vai com-escro no carro...

—Com o Commendador ?—repliou o rapazola, meio assustado.

—Ora, venha d'ahi... vai sob a minha protecção... pois o Senhor tem medo do pae de uma moça bonita ? Vamos.

E Felix Modesto tomando-lhe o braço, arrastou o comsigo até o carro, para onde fêl-o subir, depois de duas palavras de explicação ao Commendador. Em seguida entrou tambem, fazendo um signal ao pagem que saltou para a boléa.

Dois minutos depois, o carro parava junto ao portão do jardim, e o Commendador e a filha entravam na casa de vivenda, acompanhados por Felix Modesto unicamente, pois Cazuzinha havia seguido para o chalet, onde se aboletara, cominadamente, como vilão em casa de seu sogro.

Pouco tempo depois reapareceu Felix Modesto e, chamando Catolé, manda-o montar afim de ir ensuiar a Alexandre Horta o caminho da matta para a casa do Doutor.

—O' *Sinhô* moço! — observou o molecote rindo confiadamente—o caminho cá por dentro não é mais perto?

—Mas eu quero justamente que o leves pelo mais longo e, quanto mais o demoraes no caminho, melhor. Comprehendes?

O molecote rio-se e m intelligencia e velhacaria.

—Oxente, *sinhô* moço! Catolé é moleque esperto e ladino.

—E isto de fórma que elle não dê pela cousa.

—Fica a meu cuidado.

—Vae.

O molecote cravou as esporas no cavallo e foi encontrar-se com Alexandre Horta na Estação. Felix Modesto voltou á casa de vivenda e foi ter de novo com o Commendador e com Eugenia.

Deixemol-os, porém, e vamos no encaço do engenheiro.

O pagem havia comprehendido o senhor moço, embora não pudesse penetrar-lhe as intenções. Tomou a deanteira a Alexandre Horta e tantas voltas deu, por tantos atalhos se embrenhou, tantos desvios tomou, que gastou mais de uma hora para percorrer um caminho, que se podia atravessar em vinte minutos, quando muito.

Eram onze horas, quando Alexandre Horta avistou a casa do Doutor. E, si durante o trajecto, por mais de uma vez, dera aos diabos a demora, o que vio sobresaltou-o de uma fórma tal que fêl-o metter o cavallo a galope.

Teria chegado tarde e iria, por causa daquelle maldito caminho, perder todo o seu trabalho, toda a sua intriga tão pacientemente elaborada, tão proficua em seus primeiros resultados? O Dr. Pedro Honorio acabava de sair de casa e montava pavorosamente, quando Alexandre Horta appareceu. Onde iria elle?—pensou logo o engenheiro—iria levar ao coronel a noticia de que achara um marido para Noemia?

Precipitou-se, pois, ao seu encontro, e esbarrou á sua

frente, quando o Doutor estava a poucos passos ainda de casa.

—Oh ! Doutor !—disse elle depois dos primeiros cumprimentos—vejo que ia sahir e sinto immenso, porque desejava fallar-lhe com urgencia.

—Não seja esta a dúvida—disse o medico com toda a urbanidade—ia ao engenho do compadre Eça de Mello...

Alexandre Horta sentio no coração um baque horrivel. Seria real a sua suspeita ? Empallideceu um pouco e fitou o Doutor com anciedade supplicante.

—Mas isto não impede, que o receba—continuou o medico com alguma seriedade desta vez—apeiemo-nos.

Estavam quasi á porta de casa. Apeçaram-se ; e Catolé, que tinha se approximado, tomou conta dos cavallos.

O Doutor convidou o engenheiro a passar-lhe adiante, e antes de entrar em casa foi dizendo :

—Estou hoje só em casa. Minha mulher foi para o engenho do Eça... por isso não repare em qualquer falta que encontrar... Isto de casa sem a dona é sempre um transtorno. Mas, entre, entre. Estaremos a gosto e poderemos fallar mais á vontade. Trata-se de algum incommodo ?

—Eu l'ho direi, Doutor ! trata-se de uma cousa mais séria do que um incommodo... trata-se de uma questão de vida ou de morte para mim !—respondeu-lhe Alexandre Horta com uma expressão sentimental.

—Oh ! homem ! o Sr. me assusta !—observou o doutor—Mas, entre, entre

Entraram. Pedro Honorio sentou-se n'uma cadeira e com o gesto indicou o sophá a Alexandre Horta. Depois, firmando as mãos nos joelhos e tomando uma attitude de attenção, interpellou-o desta fórma :

—Estou ás suas ordens, meu amigo.

Alexandre Horta passou por duas ou tres vezes a mão pela fronte pensativa, como para reunir as suas idéas, e depois de uma pequena pausa, começou com voz molliflua e insinuante.

—Doutor, desde que nos conhecemos, tem-me tratado com tanta benevolencia e consideração.

—Oh! interrompeu-o o medico com um sorriso expansivo de bondade—com a consideração e benevolencia a que o amigo tem direito. Nem podia ser de outra fórma, já por si mesmo, pelas suas excellentes qualidades e já em attenção á casa respeitavel, onde o encontrei pela primeira vez e á pessoa que m'o apresentou com as mais honrosas referencias.

Si bem se recorda, foi o meu amigo Eça de Mello...

Alexandre Horta, curvou-se um pouco em signal de assentimento e proseguio interrompendo o :

—Conservo-lhe por isto a mais entranhavel gratidão.— Mas como lhe ia dizendo, meu caro doutor, a sua nunca desmentida benevolencia é que animou-me a vir incommodal-o...

—O Sr. nunca me incommoda; dá-me sempre satisfação com a sua presença.

—Venho solicitar a sua boa vontade, a sua intervenção, e talvez mesmo que a sua influencia moral para um negocio que me diz respeito e ao qual ligo a mais decidida importancia, sendo que dependem d'elle a tranquillidade da minha alma, a realisação dos meus anhelos, a felicidade, enfim, da minha vida... Talvez até que a minha permanencia nesta parte do Brazil, que acolheu me como a um filho e onde tenho sabido conquistar as mais solidas e respeitaveis amizades. Venho pois, confiado sempre na sua benevolencia, supplicar-lhe que se encarregue de uma missão, não difficil e espinhosa, mas delicada e digna.

—Já lhe disse que estava ás suas ordens, meu amigo: ao principio para ouvir-o e agora para servir-o.

—Doutor,— continuou o engenheiro, agradecendo ao medico com um movimento de cabeça—de certo tempo a esta parte, tenho-me convencido de que a vida de solteiro não é a que mais convém a um rapaz nas minhas condições, bem collocado, ganhando o sufficiente para sustentar uma familia, e, entretanto, obrigado a viver isolado, triste, quasi inutil para o fim principal da humanidade.

—Pelo que, concluo que deseja tomar estado,—sorriolhe o medico com agrado —com effeito, a vida de solteiro é

uma vida insípida, apesar da liberdade de que se... abusa. Não ha nada como a familia, meu amigo, o lar é o verdadeiro ninho da felicidade e uma mulher legitima, amada e amante, é o unico amigo sincero e verdadeiro que o homem tem no mundo.

— Assim penso eu tambem.

— Faz muito bem, portanto.

— Tanto mais, doutor, quanto a esse pensamento, corresponde um amor inveterado... uma paixão reflectida, por muito tempo combatida é certo, mas sempre triumphante e imperecível.

Ah!... está tambem apaixonado?...— exclamou o medico com um sorriso animador e galhofeiro,— não o julgava tão perigosamente enfermo. E' caso serio, mas os medicos nada podem contra essa molestia... até hoje a medicina tem sido inprofficua para cural a.

— Talvez de hoje em diante encontre o especifico,— retorquiu o engenheiro com um sorriso— e o doutor é justamente o medico para o meu caso.

— Sim ?

— Si não pôde cural-o de todo, pôde pelo menos applicar-lhe o remedio, o remedio unico e efficaaz para pôr um termo aos meus soffrimentos.

— Vejamos, vej mos : não me recuso á experiencia.

—O doutor conhece a menina, que inspirou-me essa paixão violenta, é amigo intimo, talvez o unico amigo, pelo menos o maior, do seu pai e pode influir poderosamente no seu animo.

— E é correspondido em seus affectos, Sr. Alexandre Horta ?

— Doutor, ha cousas que nunca se perguntam a uma menina, a quem, sobretudo, se respeita...

— Mas... mas sempre se advinha.

— Desconfia-se e neste caso, creio que não devo ser indifferente. Além de que...

E Alexandre Horta, aproximando-se um pouco mais para o doutor, acrescentou n'um tom confidencial.

— Além disso, para ella... e mesmo para seu pai., para toda a familia, esse casamento é uma fortuna.

São então pobres ?

— Não, são até bastante ricos... mas é que estão em uma situação tal que um marido como eu torna-se um achado.

Pedro Honorio franziu um pouco as sombrancelhas e contrahio os labios n'um sorriso subitito de ironia. Conteve-se, entretanto, e perguntou com serenidade perfeitamente accentuada :

—De quem se trata então ?

—Doutor,—proseguiu o engenheiro se animando—desejo que, em meu nome, peça a mão da filha do coronel Eça de Mello... da gentil Noemia.

O doutor, que havia baixado os olhos para ouvi-lo, ergueu-os de subito e fitou-os em Alexandre, não de todo com espanto, mas com evidente curiosidade. O engenheiro pareceu um pouco perturbado.

—Parece-me—disse lentamente o medico, fitando-o sempre com insistencia—que já uma vez o Senhor fez esse pedido e não foi bem accedido...

—Por ella—gaguejou Alexandre Horta, visivelmente perturbado—mas as circumstancias não eram as mesmas... Hoje Noemia deve dar-se por feliz em encontrar um homem de bem que a queira por esposa e seu pai... fallemos com franqueza, doutor... e seu pai deve estimar que seja eu esse homem. Não julga o meu nome bastante honrado para não envergonhar a um e para acobertar a outra da maledicencia ?

—Então sabe ?..

—Quem o ignora ? Foi isto mesmo que me robusteceu o animo e me fez apressar. Amo a pobre menina e lastimo de sua... desgraça : sou grato ao coronel e seu amigo, compungeo-me o seu desespero. Eis a razão por que lhe peço a sua intervenção.

O Doutor pareceu abysmar-se n'uma profunda cogitação, durante a qual Alexandre Horta passou por todas as torturas da expectativa, mas a que respeitou como deixando que o medico assimilasse os seus argumentos e intenções. Porfim, Pedro Honório ergueu a cabeça e murmurou como que a custo :

—Admiro a grandeza da sua alma... a abnegação e nobreza dos seus sentimentos, Sr. Alexandre Horta. O caso é urgente...

—Urgentissimo !—additou o engenheiro.

—E vou já transmittir ao coronel o seu pedido.

Assim dizendo, o Doutor ia se levantando e dirigindo-se a um consollo, onde, ao entrar, puzera o seu chapéo. Alexandre Horta acompanhou-o.

—Peço-lhe que exerça a sua influencia... empregue o prestigio da sua palavra e da sua amizade...

—Farei o possivel...

Respondeu o medico friamente e accrescentou com uma leve intonação de zombaria :

—E' com effeito uma fortuna para Noemia ! e á vista do que o coronel dizia-me hontem...

—O que lhe dizia elle ?—inquirio soffregamente o engenheiro.

—Que se arrependia de ter-lhe negado a mão da filha.

—Oh ! neste caso é muito facil a sua tarefa.

—Facilima.

O Doutor tomou o chapéo e despedio-se com um gesto.

—Vou ao engenho do coronel e ou voltarei já ou mandar-lhe-hei recado com a resposta decisiva. No entanto, espere com paciencia e resigne-se a ficar sem companhia ; como lhe disse, estou só em casa.

—Oh ! não se incommode por tão pouco. Esperarei so-nhando com a felicidade.

O Doutor sahio, montou a cavallo e partio a toda pressa. Ficando só, Alexandre Horta começou a passeiar engolpado nos seus pensamentos esperançosos, esfregando as mãos de vez em quando n'um movimento febril de satisfação e de alegria.

—Felizmente cheguei a tempo—pensou alto e socegado —não tenho competidor algum e, pelo que me disse o Doutor, posso desde já cantar victoria... Custou-me, safa !

Traçou as mãos nas costas e começou a observar uns quadros de oleographia, que o Doutor tinha na sala. Esta era bastante vasta, com tres janellas de frente, a que correspondiam, no fundo, duas portas nas extremidades e, entre ellas, uma larga vidraça, velada por uma cortina de cassa, toda franzida, o que lhe tirava toda a transparencia. Vidraças e portas abriam directamente para a sala de jantar, e estavam todas fechadas neste momento. Em um dos lados da sala, ficavam outras duas portas, fechadas tambem, que davam para o gabinete do Doutor, onde elle tinha a sua livraria e do qual fizera uma especie de consultorio, e do lado opposto rasgavam se uma janella de parapeito e a porta da entrada.

Alexandre Horta, na sua inspecção forçada pela ecciosidade e pela espera, matava o tempo e illudia a sua impaciencia, notando todas essas circumstancias.

Havia já uma meia hora talvez—muito mais pelo relógio da sua anciedade—que o Doutor havia partido e elle ficara só entregue livremente aos seus pensamentos e desejos, quando chamou-lhe a attenção o tropel apressado de um cavallo que se approximava da casa. Seria o Doutor que já voltava ? Alexandre Horta, sobresaltado de subito, com o coração a dar-lhe pulso, correu á janella pressuroso.

—Cazuzinha !—exclamou elle admirado—que diabo virá elle fazer cá ?

E correu á porta, como para ir ao encontro do amigo.

Cazuzinha apeiou se rapidamente, deixando o cavallo ao desamparo, e precipit n-se para a porta.

—O que ha ? o que ha ?—inquirio Alexandre Horta, com expressão toda assustada.

—Preciso fallar-te !—respondeu-lhe o rapaz todo azafamado.

E, agarrando o amigo pelo braço, entrou com elle para a sala, n'uma agitação febril, com as faces um pouco pallidas, as pernas um pouco trémalas, mas com um quasi desvairado, cheio de energia e resolução.

XXVII

—O que tens tu?—interpellou o Alexandre Horta cada vez mais espantado—pareces-me um homem fóra de si... estás agitado...

—Com effeito, não estou no meu estado normal—respondeu-lhe o rapaz, la convulsivamente—a conversa que tivemos hontem preoccupou-me o espirito toda a noute e deu uma nova orientação ás minhas idéas...

Não te fallei n'í so pela manhã, não só para não te pôr de sobreaviso, como tambem porque, sem ter dinheiro algum, tinha necessidade de que me pagasses a passagem para cá...

—E para que uma semelhante hypocrisia?

—Hypocrisia, não: diplomacia, quando muito.

—Mas, afinal de contas, qual é essa nova orientação do teu espirito e o que tenho eu com ella?

—Tens tudo... e como, apesar d'isso, conservo ainda intacta a minha lealdade de character, vim prevenir-te do passo que vou dar, da resolução inabalavel que tomei.

—E que resolução é essa, si me fazes favor?—exclamou o engenheiro cruzando os braços e procurando intimidar o rapaz, la.

—Vaes saber... Não, meu caro, que eu não sou tão tolo, como pareço! não hei de ver passar a felicidade por junto de mim e deixal-a ir para outra pessoa... não hei de estar ao pé de uma fortuna e deixal-a passar para outras mãos.

Alexandre Horta estremeceu, parecendo adivinhar essas alluções mysteriosas do amigo... mas serenou logo, lembrando-se que o Dr. Pedro Honório já deveria estar no engenho. Em todo caso quiz tirar a limpo as suas suspeitas.

—Não te comprehendo—disse elle com uma calma apparente, porém cheia de curiosidades—explica-te melhor e depressa.

—O Felix Modesto, além d'isto, abriu-me os olhos, e approva totalmente o meu procedimento.

—Mas qual procedimento, homem?

—O de pedir a mão de Noemia...

—Hein?—bradou Alexandre Horta, tornando-se livido, apesar de tudo.

—Sim... Escusas de te indignares. Sei de antemão todas as tuas objecções, mas posso responder-t'as triumphantemente, como deves perceber. Porque diabo havia eu de trabalhar para os outros, quando...

—Quando podes te aproveitar do trabalho d'elles? não é?
—bradou o engenheiro, desta vez fóra si.

—E então? que d'vida ha n'isto? O mundo é dos mais
espertos. Ponhamos as mascaras no chão e fallemos sem re-
buço.

—Pois sim, fallemos sem rebuço. Pois então pensas que
eu teria trabalhado...

—Grande trabalho!—gargalhou Cazuzinha com ironia.

—Achas pouco ter urdido uma intriga... ter accumulado
circumstancias... correndo riscos immediatos...

—Ora que circumstancias e que riscos!...—continuou o
rapazola no mesmo tom—uns passeios nocturnos por um po-
mar!...

—Mas, si me vissem... isto é: ver, viram-me, porque es-
tava n'isto o meu interesse—mas, si me tivessem agarrado
quér de uma quér de outra vez, principalmente quando en-
costei propositalmente a escada de mão á parede, por baixo
da janella de Noemia, para mais tarde justificar a accusação
de que ella recebia o amante no seu quarto... pensas que eu
teria sahido são e salvo? É o risco da carta...

—Ora a carta!...

—Sim a carta que te mandei escrever...

—E que ditaste de fio a pavio.

—Sim e que eu ditei: pen as que eu ficaria incolume, si
se soubesse que era eu o seu autor?...

—Mas nada d'isto aconteceu.

—Felizmente para mim, o que me fez obter unicamente
os resultados moraes que eu desejava...

—Pois é justamente desses resultados, que eu vou agora
aproveitar-me. Estou decidido, e a minha decisão é irrevoga-
vel.

—Cazuzinha!

—Excus s de gritar que não me mettes medo. Tenho to-
da a probabilidade de ser bem succedido... disse-me o Felix
Modesto e eu acredito.

—Tu?—regougou o engenheiro com desdem.

—Eu, sim... Possúo um titulo scientifico, sou de uma fa-
milia respeitavel, branco da gemma, já viagei pela Europa, e,
de um momento para o outro, posso ser um diplomata.

—Um tratante é o que podes ser

—Ah! estás muito orgulhoso porque já fizeste o teu pedi-
do? encontrei o Doutor e elle me disse... é por isso que fiquei
fóra de mim. Mas eu tambem posso desmanchar te a igrej-
inha emquanto o diabo esfrega o olho

—A minha causa está bem patrocinada:—ripostou Alexan-
dre Horta com orgulho.

—Julgas?... E si eu contar tudo ao coronel?...

— Miseravel !

Cazuzinha deu um salto para a porta.

— Ah ! já te assustas ? si eu disser que tudo que se diz de sua filha é uma calúnia inventada e propalada por ti, só por ti, para impôr-lhes a necessidade de acceitarem o teu pedido ?

— Cazuzinha .. meu amigo ! - murmurou o engenheiro atterrado, mas ensaiando um tom conciliatorio.

— Responde ; o que diria, o que faria o coronel ? seria exequível o teu casamento ?... porque, vamos e veuhamos, é ou não é tudo uma calúnia ?

— Tu bem sabes que é — respondeu Alexandre Horta com voz sumida e humilhada.

— Ora, entre o que inventou a calúnia e o que a denuncia, parece-me que a escolha não póde ser nem difficil nem duvidosa.

— Sim, mas esqueces uma circumstancia : Noemia não te ama.

— Nem a ti.

— Mas, si denunciares, si descobrires o fundo de toda essa intriga, que urdi e puz em pratica, terás feito desaparecer os effeitos da minha carta e, por consequencia, a necessidade de casar Noemia a todo o transe. Sabida a verdade, ella te recusará tanto como a mim.

Cazuzinha entranhou os dedos pela basta cabelleira.

— E' verdade — murmurou um pouco desanimado.

Mas, de subito, accrescentou, como si lhe illuminasse um pensamento.

— Terei ao menos praticado uma acção boa.

Alexandre Horta empallideceu mais do que estava.

— E o que ganharias tu com isto ?... Nada. Ao passo que continuando a auxiliar-me com o teu silencio, como me auxiliaste uma vez com a tua lettra...

— Sim, vamos lá — interrompeu-o o Cazuzinha com displante — o que é que eu ganharia ? Umias miseraveis e choradas quantias, a titulo de emprestimo...

— E a porcentagem do dote ? Não t'a prometti eu ?

— Ora, promessas ! Tambem me prometteste adiantar o dinheiro de que eu necessitasse, e ainda hontem não só m'o negaste, como até te enfadaste e começaste a pregar-me um sermão sem pés nem cabeça. Não tenho garantia alguma das tuas promessas.

— Mas vem cá, homem ! que garantias queres tu então ?

— Em primeiro logar uma letra tua ao portador...

— Dar-t'a-hei.

— Já ?

— Oh ! homem ! como queres que te assigne uma letra aqui, quando a não tenho.

—Tenho-a eu—disse Cazuzinha, saccando do bolso a carteira e desta uma letra ao portador, já perfeitamente cheia e estampilhada.

—Já estavas prevenido, hein!

—Desde que pela primeira vez, fizeste-me a promessa.

Cazuzinha relanceou os olhos ao redor da sala e descobriu, sobre uma pequena mesa de voltarête, um tinteiro e uma caixa de papel. Poz-lhe a letra em cima, e disse simplesmente ao engenheiro.

—Assigna.

Alexandre Horta fez um movimento com os hombros, como si aquillo lhe fosse perfeitamente indifferente, aproximou-se da mesa, tomou a penna e assignou sobre a estampilha depois do aceite competente.

—Data de hoje—dissera lhe o rapaz puz-lhe o prazo de quatro mezes, porque naturalmente deves estar casado nestes tres.

Alexandre Horta ia se erguendo.

—Espera—disse lhe ainda o Cazuzinha, pondo-lhe a mão sobre o hombro.

—O que mais?—perguntou o engenheiro impaciente.

—Agora escreve uma declaração circumstanciada de toda a tua intriga—expressou o rapazola com intimativa.

—Estás doudo!—bradou o engenheiro, reagindo.

—... affirmando ser calumnia toda a accusação a respeito da filha do coronel—continuou o Cazuzinha no mesmo tom—data e assigna.

—Isso nunca!

Assim exclamando, Alexandre Horta ergueu-se de subito e affastou-se. Cazuzinha collocou-se energicamente á sua frente.

—Mas é preciso que o faças... ouves?... quero garantias... senão...

—Senão?...

Alexandre Horta tornava-se impaciente.

—Vamos—insistio Cazuzinha com intimativa—acabemos com isto... Escreve a declaração da tua calumnia

—Nunca! nunca confessarei por escrito essa verdade.

—Nem é preciso mais!—retumbou pela sala uma voz grave e ameaçadora.

Alexandre Horta deu um grito, voltou-se e recuou como assombrado. Todas as portas se haviam aberto e por ellas assomavam diversas pessoas, em cujos semblantes se divisava expressões de indignação, de asco e de furor. Eram o coronel, o Commendador, o Dr. Pedro Honorio, Noemia, D. Ursula, Rosinha, Eugenia e a Sra. D. Anna, nas portas e vidraça da sala de jantar, na do gabinete Daniel, muito pallido,

agitado, com os labios e as mãos convulsas pela colera, na de entrada Felix Modesto e até pela janella a cara negra e espantada do pagem Cotelé.

Felix Modesto preparara toda aquella scena muito naturalmente, servindo-se de Cazuzinha como instrumento, só tendo iniciado no segredo o velho e bom Doutor. Queria que a calúmnia fosse destruida pelo proprio calumniador e era essa a prova decisiva que imaginara offerecer ao espirito incredulo e obsecado de seu pæe.

Na vespera, o Doutor tinha ido convidar a D. Ursula com a filha e Daniel para passarem aquelle dia em sua casa, sem dizer lhe positivamente o que devia se passar, mas dando sempre a entender ás duas senhoras que se tratava de rehabilitar a honra da afilada. Ambas ellas, pois, accederam immediatamente e conseguiram de Daniel que as acompanhasse. Na volta, o medico convencera ao coronel que acceitasse a sua hospedagem por aquella noute e, de manhã, não custou obter que passasse o dia em companhia dos outros convidados.

Emquanto, para ganhar tempo, fazia Alexandre Horta tomar o caminho mais extenso, sob o guia do pagem adestrado, Felix Modesto punha o Commendador e D. Eugenia ao facto da situação e os guiava elle proprio para a casa do Doutor, onde occultos todos, á chegada do engenheiro, mas attentos e anciosos, esperavam que se desvendasse o mysterio, com que Felix Modesto impunha lhes silencio. O Doutor, ao deixar Alexandre Horta, para ir ao engenho, fizera apenas um rodeio e voltara para casa, onde penetrou pelas portas de detrás. Pouco depois, por uma tactica igual, mas em sentido inverso, Cazuzinha appareceu e o engenheiro cahio totalmente na armadilha que lhe fôra preparada.

A voz que retumbara na sala partira, pois, do peito indignado e colerico do coronel. Ouvindo-a, e vendo aquella irrupção inesperada, Alexandre Horta comprehendeu immediatamente a sua situação. Como que adivinhou a parte que havia tomá tó nella Cazuzinha e, possuido de um subito furor, de um frenesi indommito e terrivel, partio para elle, cuspidolhe uma injuria :

—Judas!... miseravel.

Mas, Felix Modesto adiantou-se de um salto, travou-lhe do cachaço e levando-o de roldão até junto de Noemia, gritou-lhe com imperio :

—De joelhos, miseravel ! de joelhos e pede-lhe perdão.

O Dr. Pedro Honorio interveio neste momento.

—Nem isto—disse elle com desprezo.

Agarrou então o engenheiro pela gola do casaco, arrastou-o quasi até á porta da entrada, e empurrando-o violenta-

mente para fóra, bradou-lhe n'um tom de indignação e de desprezo :

—Saia !

Quando voltou-se, um espectáculo tocante serenou-lhe o coração e fêl-o sorrir suavemente. Noemia, de pé, extraordinariamente commoída, chorava de alegria, enquanto, de um lado e do outro, seu pae e Daniel ajoelhados osculavam-lhe as mãos como pedindo lhe perdão.

—O que !...—exclamou o Doutor com censura—um pae ajoelhado aos pés da filha?... um noivo ajoelhado aos pés da noiva?... Onde se vio isto ?

Noemia ergueu o pae e Daniel, corando fortemente, unio-os a ambos com um movimento rapido sobre o peito, e com um só e o mesmo abraço confundio os seus dois unicos amores.

XXVIII

Enquanto no interior de casa corriam de quasi todos os olhos doces lagrimas de alegria e se operava uma reconciliação total e sincera, fóra, no terreiro, Alexandre Horta, desvairado pela decepção e pela colera, entregava-se a um furor impotente, cerrando os punhos e rangendo os dentes como um possessivo, soltando imprecações que eram blasphemias. Adivinhava tudo a go-a, comprehendia o procedimento de Cazuzinha, e maldizia o, descompunha-o, invectivava-o como um louco. Si o pillisse então, estrangulal-o-hia com certeza.

Felizmente, porém, o rapaz não sahia de casa, onde recebia as mais calorosas felicitações, a que elle respondia com modestia :

—O que querem ? quiz dar uma pequena amostra das minhas aptidões para a diplomacia.

Porfim, Alexandre Horta decidio-se a se affastar daquella casa odiosa, que fóra a cova das suas esperanças e o pelourinho da sua vergonha, e nesse momento percebeu o pagem que montava a cavallo e dispunha-se a partir. O engenheiro correu a elle.

—Dá-me o cavallo—disse elle desvairado.

—Vá a pé !—gritou-lhe o Catolé com uma voz cheia de desdens e de rancor—quer também sujar a sella de *sinhó*?

—Negro !—bradou o engenheiro furioso.

—Branco safado !—retorquiu-lhe o molecote com energia—os cavallos de meu *sinhó* têm mais vergonha.

E, esporeando o cavallo, partio como uma flecha, deixando Alexandre Horta fóra de si, gesticulando para o ar, como si lhe dirigisse uma ameaça.

Com pouco, o pagem sumio-se na sua carreira vertiginosa e, entrando nas terras propriamente do engenho, embarafustou pelos canaviaes, onde os parceiros proseguiram no corte. Apenas os avistou, foi-lhes gritando com valor :

—Descobrio-se tudo... descobrio-se tudo.

O feitor correu ao seu encontro e os negros, como por um commum accordo, pararam, de subito, o trabalho. Cercaram Catolé e choveram as perguntas.

—O patife do calumniador de *sinhazinha* foi o engenheiro que assentou o engenho, o tal Alexandre Horta...

—Hum !—murmurou um preto velho—aquillo sempre teve cara de ladrão.

—E quem descobrio tudo—concluiu o pagem—foi o amigo delle, aquelle que parece uma carapeta, o Dr. Cazuzinha.

—Ehô !—gritaram os negros n'um impeto espontaneo e

repentino de enthusiasmo—Viva *sinhó* moço *douló* Cazuzinha!

Catolé contou então rapidamente tudo quanto se havia passado e de que fôra elle testemunha. Os negros tripudiavam de alegria... davam grandes risadas de contentamento extraordinario, aclamavam o senhor, a Noemia, a Felix Modesto, embriagando-se com a felicidade d'elles n'um verdadeiro delirio de satisfação. Haviam largado as fouces e o trabalho, o feitor pactuava com elles, e dirigiam-se todos para a estrada. Já embriados de prazer á casa do Doutor... iam fazer uma ovação aos seus senhores. Como lhes viera essa idéa?—Espontaneamente. Quem a tivera em primeiro lugar? Todos.

Ao chegarem ao caminho, divisaram ao longe um vulto que se approximava apressadamente, com uns passos desiguaes.

—Lá vem elle...—bradou o Catolé de cima do cavallo.

—Elle quem?—inquiriram algumas vozes.

—O *miserave!*—respondeu o molecote—o tal Alexandre Horta.

Os negros deram um grito, que foi um uivo selvagem e medonho. Precipitaram-se ao encontro do engenheiro, como uns tigres esfaimados, ruíram sobre elle á semelhança de uma tromba esmagadora e, não obstante os seus gritos de terror, não obstante a intervenção pacificadora do feitor, moeram-no de pancadas, surraram-no sem dó nem compaixão, por entre os mais injuriosos improperios, n'uma furia vingadora, mas selvagem.

Porfim, Alexandre Horta, cansado de lutar e defender-se, moido, com as ventas e as faces a escorrerem sangue, com os dentes despedaçados e o corpo contuso em toda a parte, cahio desanimado, soltando um gemido, que parecia ser o derradeiro.

—Mata logo essa cascavel!—bradou um dos negros mais feroz.

Mas, o feitor e Catolé conseguiram romper o circulo dos negros e tornar efficaz a sua intervenção. Alexandre Horta jazia, no meio da estrada, livido, ensanguentado, com o fato despedaçado, mas apenas em sentidos.

Os negros recuaram e começaram então a pensar no que haviam feito, a pensar na responsabilidade do attentado, sem preverem, contudo, todas as suas consequencias. A reacção vinha tão rapida e tão violenta como viera a acção, e o desanimo se pintava em todos os semblantes... o desanimo, mas não o arrepenimento. Não sabiam o que fizessem, olhavam-se entre si e nenhum se animava a erguer a voz para dar uma opinião. Reanimou-os, porém, o Catolé.

—O que está feito, está feito!—exclamou o molecote de cima do cavallo—e a gente não fez mais do que o que pedia

cá o coração. Cada um lavou seu peito e o *misarave* não teve mais do que o que merecia. Quem não quer se molhar, não vae á chuva.

—E' verdade ! é verdade !—apoiarãem os negros.

—Catolé tem razão.

—Agora—continuou o molccote—o que é *perciso* é safar-se a gente da rascada.

—Isso ! isso !

—Eu cá tenho a minha idéa.

Inclinou-se sobre o pescoço do cavallo e fallou aos companheiros durante alguns instantes. O feitor ouvia-o com attenção e approvava com a cabeça as suas palavras.

Quando elle terminou, quatro negros levantaram Alexandre Horta pelos hombros e pelos pés, embrenharam-se pelo asseiro do cannavial e depuzeram-n'o na entrada da matta, com o corpo encostado ao tronco de uma arvore cujos galhos, cobertos de folhagem, o cobriam com a sua sombra.

Reuniram-se depois aos outros e todos juntos, com o feitor e o Catolé á frente, tomaram o caminho da casa do Doutor. De passagem e por inspiração do pagem, despojaram algumas laranjeiras das suas folhas e flôres, e formaram um grande ramallete, de que se encarregou o mais velho dos escravos, um negro de cabellos e barbas quasi brancas, respeitado entre todos os parceiros e considerado até mesmo pelo proprio coronel, que, menino ainda, já o conhecera homeni na fabrica de seu pae.

Na casa do Doutor reinava a doce tranquillidade que succede ás grandes tempestades. Conversavam todos na maior intimidade e placidez, quando no terreiro estrugio uma acclamação entusiastica e formidavel.

—O que é isto ?—inquirio o coronel estupefacto.

Córreram todos ás janellas e as lagrimas rebentaram espontaneas dos olhos das senhoras. Eram os escravos que haviam chegado. Comprehenderam todos mais ou menos o que se havia passado e tiveram depressa a explicação.

Noemia correu á porta, acompanhada pelo pae e mais pessoas, e sanio para o ter eiro. O preto velho encaminhou-se solemnemente para ella e offereceu-lhe o ramallete, que a moça acceitou com um sorriso ; depois cahio de joelhos e exclamou para o senhor :

—Perdôa a gente, *sinhô*.

—Perdoar o que, meu velho ?—perguntou sorrindo o coronel—ter deixado o trabalho para virem nos saudar. A intenção salva a desobediencia. Eu lhes agradeço por mim e por Noemia.

—Não é isso, *sinhô* ; perdôa o que a gente fez. *

—O que Vocês fizeram ? exclamou o coronel com algum

espanto e lançando a toda a escravatura um olhar investigador—o que foi então ?

Os escravos estavam todos cabisbaixos com um ar contrito e humilhado. O preto velho proseguio :

—*Sinhô*, a gente sabia tudo e Catolé contou a cossa como a cossa foi. A gente vinha p'ra cá, quando encontrou o *miserave* que quiz deshonrar sinhá Sinhazinha e não respeitou a *sinhô* velho. Então a gente correu sobre elle e castigou elle sem piedade.

—Castigaram-n'o ! mas como ?

—A gente só deu uma surra e deixou elle na entrada da matta, sem sentidos.

O coronel empallideceu repentinamente e, revestindo-se de uma gravidade imponente, deu dois passos para os negros, bradando lhes com indignação e com furor :

—Miseraveis !... bandidos !...

Mas, Noemia atirou-se ao pae e enlaçou-o com os braços, ao mesmo tempo que lhe dirigia a palavra n'um tom li crimoso e supplicante :

—Meu pae?... Perdoe lhes ; são ignorantes e não sabem o que fazem.

Ao mesmo tempo, Felix Modesto se approximava do cutrolado e murmurava convencido :

—Deus escreve certo por linhas tortas, meu pae. Eu tambem lhes peço que perdôe lhes.

Eça de Mello contou plou por um instante os seus dois filhos... voltou os olhos ao red' e vio em todos os semblantes a mesma expressão supplicante dos olhos de Noemia. Voltou-se para o preto velho, que estava ainda de joelhos, e lhe disse com toda a gravidade :

—Levanta-te e vem mostrar nos o logar onde deixaram esse individuo.

E, voltando-se para o Dr. Pedro Honorio, acrescentou :

—E' preciso soccorrer a esse desgraçado, Doutor.

Em seguida elle, o medico, Felix Modesto e Daniel sahiram e, acompanhados pelo feitor e pela maioria dos escravos, se encaminharam apressadamente para a matta. Durante o trajecto o feitor poz-lhe ao facto de todo o occorrido, sem omitir circumstancia alguma, completando assim a rapida narração do preto velho.

Atravessaram todos o asseiro do cannavial e avistaram a matta ; mas, ao se approximarem, pararam de subito e deram um grito de terror. Em um dos galhos da arvore, a cujo tronco os quatro escravos tinham encostado o engenheiro, balouçava se um cadaver.

Tornando a si, louco de raiva e de vergonha, Alexandre Horta tirara uma correia, que lhe servia de cinturão, trepara á arvore com esforço e se enforcara.

XXIX

Tres mezes depois dos ultimos acontecimentos que ficam narrados, o engenho de Eça de Mello estava em festas outra vez.

Todos os antigos convivas do anniversario de Noemia estavam reunidos, a excepção do Dr. Cazuzinha que com o dinheiro, que Felix Modesto lhe promettera e religiosamente lhe entregou, tinha partido immediatamente para a Côrte, afim de solicitar a sua nomeação para o corpo diplomatico.

A capella do engenho sumptuosamente adornada, scintillava com a profusa illuminação externa e interna, e os seus sinos, tangidos pelo pagem Catolé, atiravam pelos campos e pelos montes as suas notas vibrantes de uma alegria festiva, ruidosa e cheia de encantos.

Eram sete horas da noute e effectuavam-se alli dois casamentos : o de Noemia com o Dr. Daniel e o de Felix Modesto com Eugenia.

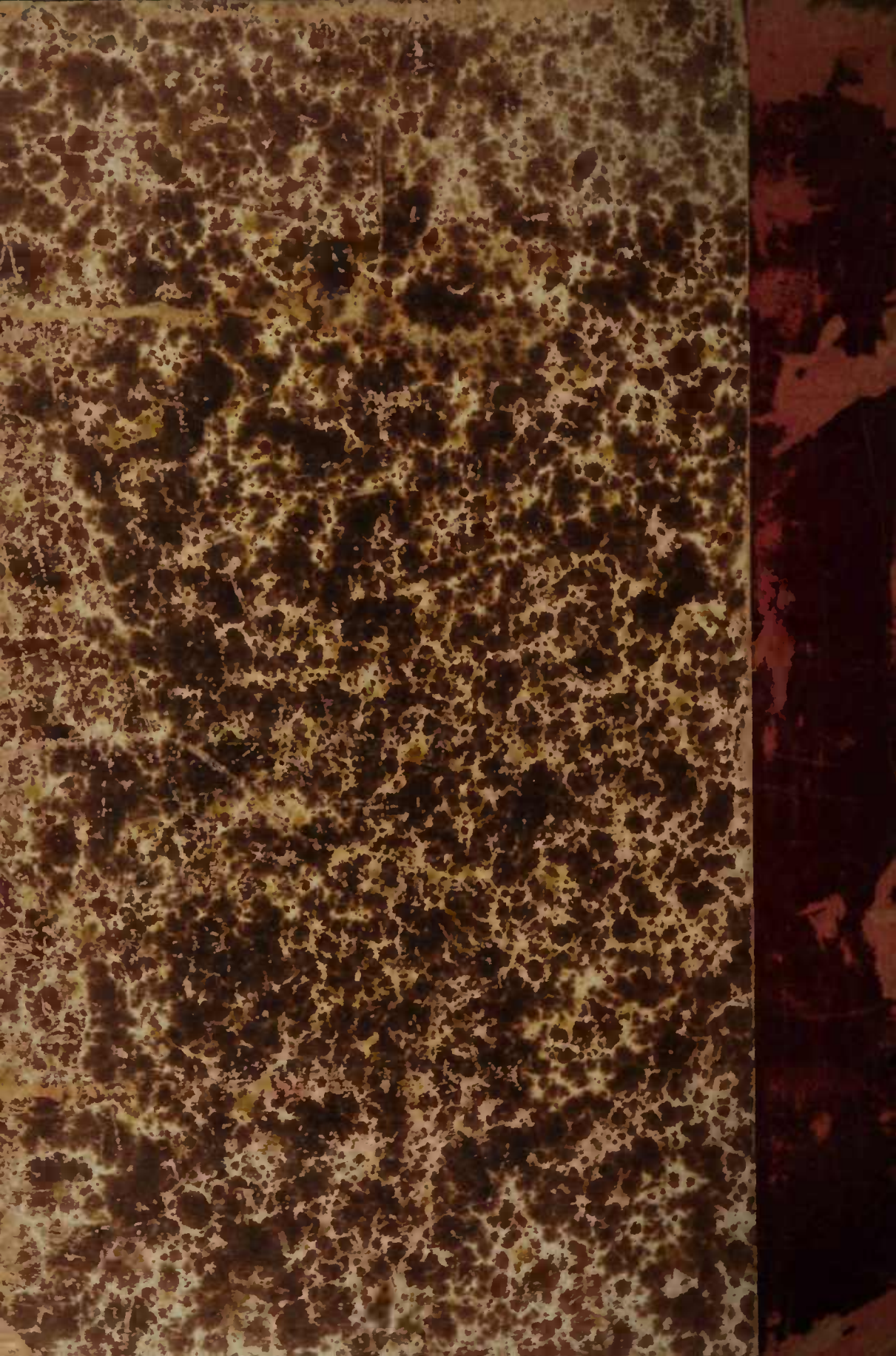
Depois da cerimonia, quando todos, nubentes e convidados, entraram para a casa de vivenda, a mãe Anna atirou-se á sua filha de criação, abraçou-a fortemente e exclamou toda commovida, se dirigindo a Daniel :

—Criei-a com o leite de meus peitos e tenho orgulho disso. Já estou velha, muito velha, mas posso servir ainda de ama secca a seus filhinhos.

Daniel sorriu-lhe com affecto e fitou os olhos amorosos em Noemia, que occultava com o véo o seu rubor. Entraram ambos na sala.

A felicidade illuminava lhes os semblantes, como irradiava nos de Eugenia e Felix Modesto, indo reflectir-se na fronte, agora alegre e expansiva, do coronel Eça de Mello.

F I M



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).